



universität
wien

DISSERTATION/DOCTORAL THESIS

Titel der Dissertation/Title of the Doctoral Thesis

Sobre o conceito de felicidade no Brasil

Uma análise filosófica da categoria da felicidade em autores brasileiros selecionados

Verfasser/ submitted by

Mag.Jorge Lissak

Angestrebter akademischer Grad/ in partial fulfilment of the requirements for the degree of

Doktor der Philosophie (Dr.phil.)

Wien, 2017

Studienkennzahl: 092 296

Dissertationsgebiet: Philosophie

Betreuer: Univ. Prof. Dr.habil Heinz Krumpel

Índice.....	02
Introdução.....	05
Questões inerentes ao tema.....	05
Questões inerentes ao método.....	08
Sobre o objetivo.....	12
Parâmetros básicos	13
Parte 1-O mundo e suas relações.....	19
1.1- Sobre os conceitos.....	19
1.2-Felicidade na história das religiões.....	20
1.2.1-Zoroastro.....	20
1.2.2-Confucionismo.....	22
1.2.3-Daoísmo.....	22
1.2.4-Cristianismo.....	23
1.3-Felicidade na história da filosofia.....	28
1.3.1-Período helenístico.....	28
1.3.2-Resignação como condição para a felicidade.....	29
1.3.3- A felicidade no desapego.....	31
1.3.4-A felicidade pela maximização do desejo.....	33
1.3.5-Anulação da dor como condição básica para a felicidade.....	37
1.3.6-A felicidade como resultado do instante.....	38
1.3.7- A felicidade como projeto social.....	49
1.4- Movimentos europeus e sua influência no desenvolvimento do pensamento humano....	43
1.4.1- O Renascimento.....	43
1.4.2- O Barroco.....	49
Parte 2 - O Brasil e suas relações.....	53
2.1-Considerações históricas a respeito do Brasil.....	53
2.1.1-As ações de colonização no Brasil e suas respectivas consequências na tentativa de delinear um padrão único.....	56

2.2.-A origem da literatura no Brasil.....	63
2.2.1-A literatura de informação à coroa portuguesa.....	64
2.3 Entre o desejo e a culpa.....	66
2.3.1-A evangelização sob qualquer preço.....	71
2.3.2-A conversão pagã como instrumento de sustentação a escravidão e submissão.....	75
2.4- A questão modernista-antecedentes ao Modernismo no Brasil.....	78
2.4.1 - Os movimentos de vanguarda europeias e a renovação do pensamento brasileiro.....	80
2.4.2 -A utopia da libertação.....	85
2.5-A felicidade como transcendência individual pela libertação dos problemas sociais.....	90
2.5.1-A religiosidade popular e sua busca pela resolução dos problemas individuais.....	95
Parte 3 - O Homem e suas ações.....	100
3.1-Considerações sobre ética e identidade nacional e suas relações com a felicidade na literatura.....	100
3.1.1-A satirização do não ser- A felicidade segundo Macunaíma.....	101
3.1.2- A ética de Macunaíma no cotidiano do brasileiro como satisfação individual.....	110
3.1 3-O jeitinho sob o ponto de vista antropológico.....	117
3.2- O niilismo de Jeca Tatu e a aceitação do não ser.....	121
3.3-A inocência da felicidade.....	127
3.3.1- A falsa inocência da felicidade	135
3.3.2-A problematização da felicidade em uma sociedade de consumo.....	137
3.3.3- O consumo como redenção social na liquidez da sociedade brasileira.....	141
3.4- A construção dos símbolos como sentido da vida.....	153
3.4.1- A felicidade como sentido de vida numa visão subjetiva de relações.....	160
3.4.2- O sentido da felicidade na relação ser humano e natureza.....	163
Conclusão.....	167

Literatura.....	172
Abstract.....	189
Deutsche Zusammenfassung.....	189
Englisch Zusammenfassung.....	191
Curriculum Vitae.....	193

Introdução

Questões inerentes ao tema

Realizar uma investigação sobre a temática da felicidade parece em um primeiro momento uma tarefa fácil. Pois se pedirmos a qualquer pessoa, seja criança, adulta, velho, moço, rico, pobre..., que ela nos relate uma passagem de sua vida em que sentiu-se feliz, ela rapidamente saberá a resposta. Ou seja, é fácil perceber o sentimento de felicidade, é fácil relatar um momento de felicidade, mas ao que tudo indica, é muito difícil descrever tal sentimento a partir de uma fórmula racional, lógica e conceitual, pois ela não se encontra no âmbito da razão e da argumentação e sim dos sentimentos.

Pelas ruas da cidade, percebe-se o empenho das pessoas buscando serem felizes, cada um a sua maneira. Alguns a partir do incentivo da propaganda, na posse de objetos de usos pessoais, nas roupas da moda, no reconhecimento público, etc. Do outro extremo estão os denominados ascéticos, que não veem outro caminho para a felicidade a não ser pela prática da ascese, da meditação, do desenvolvimento espiritual, na religião.

As mais variadas formas e ofertas de felicidade em uma determinada sociedade, por mais que prometam ao ser humano a realização individual mostram-se falhas e mentirosas se não levarem em conta em primeiro plano as necessidades básicas do ser humano. É importante aqui elencar que o desenvolvimento das sociedades e as transformações das realidades, desde o nomadismo passando pela formação dos primeiros povoamentos chegando até a constituição das grandes cidades, trouxeram consigo não somente novos desafios na busca pela felicidade, assim como desenharam novos caminhos para se chegar a novas formas de senti-la. Tais caminhos, no entanto, nem sempre são transparentes e honestos, apesar de assim parecerem. É neste ponto que surge as ciências como ajuda na forma de compreensão deste universo de obscuros e distorcidos caminhos.

Pensar e compreender o mundo sob ponto de vista filosófico, não é somente uma das tarefas da filosofia, mas também uma necessidade básica para sua existência de esclarecedora e norteadora destes caminhos sob o ponto de vista da ética e da moral.

Se analisarmos o mundo sob olhar, social ou científico nos deparamos com acontecimentos nunca antes registrados na história da humanidade. Parece que a velocidade dos fatos se aceleraram de tal forma que presente e futuro se fundiram formando um novo elemento. As novas descobertas principalmente no campo científico trazem consigo novas formas de agir, de interagir. Valores éticos e morais tornam-se maleáveis, flexíveis e muitos a serviço do lucro e status quo.

Neste sentido felicidade e ética tornam-se conceitos antagônicos entre si, mas que são vendidos na sociedade atual como formas complementares de alcançar o objetivo final. São conceitos dissociados na qual uma não depende da outra. No entanto não é isso que pensavam os filósofos gregos, principalmente Platão e Aristóteles. Eles diziam, por exemplo, que ética e felicidade são os dois lados de uma mesma moeda, e que naturalmente se complementam entre si através da virtude.

Tais conceitos são retratadas e tratadas atualmente, e isso de maneira nem sempre transparente, como dois elementos desconectados e que levam o ser humano a viver numa espécie de fronteira com o desconhecido. Isso se deixa transparecer principalmente com as novas tecnologias e na rapidez das formas que elas se apresentam, chegam, ficam e tomam conta da vida das pessoas.

As informações, por exemplo, que alguns anos atrás necessitavam dias para serem divulgadas, hoje são transmitidas simultaneamente aos acontecimentos. Isso gera ao mesmo tempo um sentimento de impotência e volubilidade frente à realidade. Apresenta-se uma realidade onde numa primeira impressão, a vida mostra-se mais simples e cômoda, mais fácil de ser vivida, mais prazerosa. Nesta realidade potencializa-se as possibilidades do indivíduo ser feliz.

No entanto a grande quantidade de fatos e acontecimentos, sejam eles de ordem positiva ou negativa a serem compreendidos no mundo contemporâneo abre espaço para um novo olhar sobre a complexidade do conhecimento. Fica assim cada vez mais claro a necessidade de uma profunda reflexão crítica sistemática não somente da natureza da fonte do conhecimento humano assim como suas implicações na vida do ser humano e do planeta.

Nesta busca pela sistematização do conhecimento pergunta-se também pela natureza humana. Apesar dela estar ligada ao desenvolvimento de uma determinada sociedade e cultura, traz consigo uma subjetividade da análise delimitada pela ações individuais e de interação entre o ser humano consigo mesmo, com os outros e com seu meio. É justamente por isso que a pergunta sobre a natureza humana não poder ser desconectada com a realidade. Ao contrário, e aqui adentramo-nos no âmbito da busca por uma resposta, ela revela determinados conceitos de moral e de ética existentes em uma sociedade. Ela é delimitada dentro de um agir concreto e de um determinado tempo e espaço onde as características próprias de cada meio e sociedade influenciam no agir de cada um.

Um dos pressupostos básicos da natureza humana está ligada a suas buscas e aspirações. Algumas destas buscas são vistas e analisadas como algo intrínseco e que tem seu fim em si mesmo. Tais buscas devem não somente estarem ligadas e conectadas com uma realidade, mas também fazerem desta realidade o ponto de projeção, articulação e teoretização do

pensamento que se adeque a ela, para finalmente buscar a transformação social dos elementos geradores de opressão.

A questão da felicidade está situada dentro desta conjuntura. Por mais que se escreva e se teorize, se escreva compêndios sobre tal tema, não se chegará a um denominador comum de seu verdadeiro sentido, se ele não levar primeiro em consideração o sistema em que o ser humano vive e se relaciona.

A pergunta sobre a felicidade no Brasil, por exemplo, não está somente ligada ao seu conceito em si, mas acima de tudo ao seu significado frente a construção da identidade do Brasil. O seu estudo dentro do padrão filosófico de pensar requer muito mais que análises circunstâncias do modo de agir em uma determinada época, ela requer também uma análise da análise do modo de pensar de uma determinada época, ou seja proporcionar o surgimento de novos paradigmas de linhas de pensamento a partir da realidade brasileira.

Por isso tratar do tema da felicidade no Brasil não é somente teorizar sob ângulos abstratos e metafísicos. Tratar de tal tema é levar em conta situações que dizem respeito principalmente a uma realidade que se mostra, se é mostrada e se é vivida. É levar em conta os aspectos cognitivos e corpóreos da pessoa humana. Suas vontades, seus desejos e acima de tudo sua forma de estar no mundo. É analisar as suas relações nas mais diversas formas em que ele se apresenta. É interagir no mito da caverna e dela abstrair a fenomenologia de sua complexidade. No entanto tal forma de interação não se passa de um momento para o outro, ela é fruto de um desenvolvimento humano e suas relações, comparações, inculturações e aculturações, enfim nas diversas formas de contato entre os seres humanos.

A questão da análise do conceito de felicidade na literatura do Brasil, sob o ponto de vista filosófico, leva-nos a uma visão de interdisciplinariedade das ciências tendo como veio norteador a visão filosófica de uma filosofia inserida na realidade latina americana.

Para tanto dois pontos básicos nortearam o trabalho:

- a)** Felicidade e identidade como complemento uma da outra.
- b)** As relações de manipulações históricas e sociais à partir do discurso sobre formação da identidade brasileira e suas implicações práticas.

Questões inerentes ao método

A sociedade brasileira formada por negros, brancos e índios, já não é a mesma aquela que Gilberto Freyre¹ em sua “Casa Grande Senzala”² descreveu. O próprio Freyre tinha consciência disso, visto que no decorrer dos anos escreveu vários prefácios em seu livro, apresentando assim sempre novas facetas que vinham de acordo com as transformações sociais a realidade.

*"Desde o lançamento do livro no Rio de Janeiro, em 1933, até sua 14ª edição, em 1966, o autor escreveu prefácios recolocando Casa-grande e senzala como aposta de valores diferentes em um mesmo jogo. São documentos carregados de representações sobre os diferentes momentos na circulação do livro. Na série escolhida, os prefácios enunciam indícios sobre um conjunto de transformações nas matrizes de classificação do livro, bem como pistas sobre alterações progressivas nos princípios de autoridade, nas comunidades de leitores e nas possibilidades de edição e circulação dos textos escritos transmissores das 'mensagens sobre o Brasil'"*³.

O Brasil também não é mais o mesmo dos pressupostos de Sérgio Buarque de Holanda em seu "Raízes do Brasil"⁴, ou que Caio Prado Júnior⁵ analisa em sua obra. A sociedade brasileira, mudou, evoluiu, criou raízes, alicerçou costumes e criou tradições a tal ponto de se tornar uma espécie de referencial para outras sociedades. Sua forma de ver, estar no mundo e se relacionar consigo mesmo e com os outros serve como paradigma para o desenvolvimento interpessoal de outras culturas. O Brasil já não é mais visto como um país que teria tudo para dar certo, caso não tivesse o povo que tem, mas sim como um país que lentamente está se levantando de seu

1 Freyre tenta em seu livro "Casa Grande Senzala" mostra como surgiu a estrutura patriarcal no Brasil. Seu objetivo principal era entender a formação social e principalmente familiar no Brasil. Ou seja ele busca respostas no que diz respeito ao significado do Brasil em suas relações consigo mesmo e com seu meio.

2 Freyre, Gilberto. Casa Grande & Senzala. São Paulo: Global, 2005.

3 Sora, Gustavo: A construção sociológica de uma posição regionalista, reflexões sobre a edição e recepção de Casa grande senzala de Gilberto Freyre. Rev. bras. Ci. Soc. vol. 13n. 36 São Paulo, Feb.1998. Pag. 3.

4 Sérgio Buarque de Holanda publica o livro "As Raízes do Brasil" no ano de 1936. Sua análise sob ponto de vista sociológico e psicológico tem por base um estudos dos elementos do passado do Brasil e com isso buscar novos elementos para uma visão do futuro. Buarque procura realizar um obra sociológica em que a questão da identidade nacional tem como essência o passado. Neste passado ele projeta o futuro, pois o futuro nada mais é que o fruto de um passado.

5 Caio de Prado Júnior publicou a seu primeiro livro sobre a evolução política do Brasil onde ele procura realizar uma interpretação história política social do Brasil. É contudo em sua obra sobre "A formação do Brasil contemporâneo" que ele consegue uma análise profunda sobre os processos históricos no mundo e sua influência nos traços do presente do Brasil.

berço esplendido e se desenvolvendo como diz o hino nacional do Brasil.

"Ouviram do Ipiranga a margens plácidas, de um povo heroico o brado redundante e o sol da liberdade em raios fulgidos, brilhou no céu da pátria neste instante (...) Deitado eternamente em berço esplendido ao som do mar e luz de um céu profundo, fulguras ó Brasil florão da América, iluminado o sol de um novo mundo".⁶

Porém se esta sociedade não deve ser analisada sob o prisma destes pensadores brasileiros, a pergunta que se faz é se existe outra forma de análise do desenvolvimento histórico, cultural, religioso brasileiro que não esteja conectada a essa ideia? ou ainda seria útil buscar outra via de pensamento? uma vez que os padrões éticos e morais não se diversificaram com o passar dos anos, mas se solidificaram e muitas vezes mostrando-se de forma dissimulada.

Neste trabalho não buscamos, abandonar tais formas de pensar de visões ideológicas, nem tampouco desmistificá-las, mas sim conectá-las umas às outras, formando finalmente uma teoria que venha a clarear um pouco mais a questão da busca pela felicidade do povo brasileiro e sua correlação com o processo da formação de uma identidade.

Com isso o trabalho se estenderá a uma longitude ampla, levando em conta as diversas correntes de pensamentos ligados a religião, filosofia e contexto histórico, que com o passar dos anos tiveram alguma influência no modo de agir e pensar do povo brasileiro.

A análise da felicidade no Brasil sob o aspecto sócio conjuntural delinear-se-á tendo como pano de fundo a seguinte ótica:

a) O Todo

O todo é formada pela junção de todas as pessoas que de forma direta ou indireta fazem parte da sociedade. Nela o ser humano é analisado não em relação a seus bens, formas de pensar ou agir, mas sim seu aspecto simbólico de pertencer a uma determinada sociedade. Aspectos sociais, políticos religiosos ou econômicos deixam de ser parâmetros para análises, passando simplesmente serem parte do elemento pertencente de um todo. Categorias sociais abstratas como riqueza ou pobreza não existem como motivação de análise. Mesmo que dentro do todo exista o duelo entre as forças antagônicas, tais forças não influenciam em nada numa perspectiva de

⁶ Trecho refente ao Hino Nacional Brasileiro eleva o povo brasileiro como heroico mas deitado, acomodado as belezas do País. Ele foi escrito por Franscisco Manuel da Silva, logo depois da independência do Brasil de Portugal.n <https://www.lettras.mus.br/hinos-de-paises/46368/>

análise. Pois o todo transcende o sistema. Usando exemplos de uma sopa que esta sendo cozida, percebemos que o todo é apenas a panela que sustenta a sopa. Os diversos legumes dão-nos a ideia de classe e a água é o ingrediente que faz com que as classes se relacione entre si. O todo não está nem nos legumes, tampouco na água, mas ao mesmo tem um papel preponderante uma vez que ele sustenta a sopa, mas ao mesmo tempo não pode ser definido como sopa.

b) Os extremos

Nas duas extremidades estão os ricos e pobres, os negros e brancos, as mulheres e homens, relação Homem natureza, saudável doentes, opressor oprimido etc. Um categoria é antagônica à outra, sendo assim, eles vivem também em antagônicas condições de vida e de relações. No entanto, tais situações de digladições, nem sempre são consideradas. Elas são a maioria das vezes no Brasil mascaradas. Somente a categoria de vida biológica para ambas adquirem as mesmas necessidades. Ou seja, comer, beber, respirar, dormir, etc. A grande diferença é a forma que tais características se apresentam para os pobres e para os ricos. Aqui o conceito sociológico de viver e sobreviver é visto sob um prisma amplo e ao mesmo tempo particular. No sentido amplo do termo pobres e ricos são vistos como classe que metafisicamente se digladiam entre si. É no entanto no sentido particular que tal antagonismo deixa de ser meramente uma luta metafísica para tornar-se real e concreta. Pois as necessidades que os pobres e ricos sentem, não são necessidades metafísicas ou abstratas, mas sim físicas e concretas. O problema apresentado em um primeiro momento não está somente ligado sob a questão da forma que elas são satisfazíveis para pobres e ricos, mas sob a categoria de desejo e necessidade. Enquanto que para uns as necessidades não são sentidas concretamente, pois são meramente desejos metafísicos, para os outros que estão do outro lado, os desejos ultrapassam a linha metafísica do ser. Eles são necessidades básicas do existir.

c) O meio

Se os pobres e os ricos fazem parte dos extremos, encontramos em seu meio uma gama imensa de diferenças que muitas são usadas somente para manter uma determinada imagem. No meio a massa das diferenças aparecem. Elas também duelam entre si tentando demonstrar uns para com os outros que tais diferenças não são meramente diferenças abstratas. Naturalmente que o meio é formado também por classes em que existem ricos e pobres. No entanto em tais classes, as categorias que se apresentam não as mesmas existentes entre pobres e ricos da classe dos extremos. Nesta os pobres não vivem na extrema miséria, sem terem o que comer ou casa para morar, tampouco os ricos tão ricos que seus desejos tornam-se necessidades. Na classe do meio o

embate que acontece, se sucede por intermédio da ideologia da imagem, pois as diferenças exorbitantes entre os dois extremos não existem. Em um primeiro momento a classe do meio podem parecer-se iguais, embora os que se consideram em tal globo ricos, lutam para não se parecer com os pobres e os pobres tendem a buscar a identificação com os ricos. É na assim denominada classe do meio que a propaganda e marketing usa em abundância do conceito de igualdade através do conceito das marcas. As marcas adquirem aqui um sentido especial de estar presente, de fazer parte de uma mesma sociedade, de ser alguém assim como o outro o é, mesmo que sejam apenas de maneira aparente. A ideologia aqui vendida é uma ideologia hierarquizada, funcional e totalmente direta. Os objetos em si perdem seu valor, dando lugar ao significado de se ter tais objetos. É a ideologia da manipulação dos significados.

Em tal forma de ver a realidade, traz consigo um elemento, que embora seja abstrato e conceitual, não é novidade na história da civilizações, uma vez que todas as religiões usaram e usam a ideia do símbolos para seu desenvolvimento e alicerçamento de suas raízes. A grande novidade que atualmente se apresenta está conectada com sua dimensão. Ela já não está mais ligada a dimensão espiritual e transcendente que a religião promete, mas sim ao consumo de sua espiritualidade que na verdade também traz em si sua dimensão de transcendentalidade e busca por um sentido.

A felicidade sob o aspecto histórico religioso e filosófico geral seguira os seguintes pressupostos:

a) Uma busca pela categorização do conceito de felicidade nas religiões e no pensamento filosófico antigo, que influenciaram de maneira direta ou indireta na formação do processo de identidade do povo brasileiro.

A felicidade sob o aspecto metodológico literário brasileiro será tratada da seguinte forma:

a) A categoria da felicidade a partir do processo da chegada dos primeiros migrantes⁷ no Brasil. Sua forma de pensar e agir e seu processo de desenvolvimento de uma literatura escrita.

b) A base reflexiva literária primeira, trará alguns aspectos de dois movimentos da literatura brasileira. O barroco e o modernismo. Na fase barroquina da literatura brasileira dar-se-á ênfase

⁷ A partir do processo de colonização, ou seja, com a chegada dos primeiros portugueses no Brasil.

ao pensamento de Gregório de Matos Guerra e Padre Antônio Vieira.

c) A fase reflexiva literária segunda, levará em conta personagens de Monteiro Lobato, Mario de Andrade e Clarice Lispector.

A análise filosófica da felicidade e sua relação com a identidade usará as seguintes linhas de pensamento:

a) Uma análise de personagens literários a partir de sua especial função dentro de uma determinada realidade, na qual se transporece o processo de miscigenação cultural e de desenvolvimento de uma identidade.

b) A base reflexiva filosófica levará em conta os seguintes autores brasileiros: Roberto Gomes, Livia Barbosa, Roberto da Matta, Oswald de Andrade e Mário de Andrade.

c) A reflexão socio-filosófica e atual terá como base a Filosofia da Libertação e os autores Zygmund Bauman e Jean Baurillard.

Sobre o objetivo

O objetivo deste trabalho é realizar uma investigação filosófica acerca do tema da felicidade em alguns autores da literatura brasileira e a partir desta investigação, elencar elementos plausíveis para um melhor entendimento da sociedade brasileira e seu desenvolvimento das ações éticas e morais. Tratar de um tema filosófico dentro do universo literário de uma cultura requer também um olhar sob o aspecto de identidade, que nela se apresentam à partir de elementos religiosos, econômicos, históricos e sociais.

Sendo a literatura algo amplo e complexo, tal trabalho delimitar-se-á na análise de autores selecionados, e que apresentam em suas obras substanciais elementos para uma interpretação não somente da realidade dos personagens, mas também para uma análise da realidade do Brasil sob o ponto de vista ético moral no contexto da formação de identidade brasileira e sua relação com a busca de cada um pela felicidade. Tal estudo requer uma faceta enorme de correlação entre as mais diversas formas em que elas se apresentam sob o ponto de vista literário.

Parâmetros básicos

A premissa básica da felicidade como busca primeira de todo o ser humano, é desenvolvida por Aristóteles no âmbito do sentimento e das sensações. Ele trata da felicidade como a realização do indivíduo em si mesmo. A forma natural de se sentir feliz é atingir a plenitude de sua vocação. O restante parece não ser muito importante para ele. Tal forma de análise tem em si uma ideia de ser humano não somente como possibilidade de se desenvolver, mas também uma ideia de desenvolvimento de suas possibilidades. Ao que tudo indica a premissa de Aristóteles não somente é muito bem aceita na sociedade atual mas também é através dela que a felicidade é vendida, comprada, trocada, roubada, venerada como o alfa e o omega de todo o ser humano vivente.

*"Aristóteles, fiel aos princípios de sua filosofia especulativa, e após ter feito uma análise e um estudo da psicologia humana, verifica que em todos os seus atos o homem se orienta necessariamente pela ideia de bem e de felicidade e que nenhum dos bens comumente procurados (a honra, a riqueza, o prazer) preenche esse ideal de felicidade. Daí a sua conclusão: primeiro, a felicidade humana deverá consistir numa atividade, pois o ato é superior a potência; segundo, deverá ser uma atividade relacionada com a faculdade humana mais perfeita que é a inteligência"*⁸

Atualmente a felicidade foi efetivada como a realidade concreta através da propaganda e da massificação do ser humano. Não sabe-se ao certo o que é felicidade, se ela existe ou é apenas uma invenção para manter o sistema, se é um sentimento do momento, se é uma forma de se relacionar com o mundo, ou se é ainda uma criação da mente humana. A verdade, no entanto, é que todos buscamos formas de alcançá-la. Existem por isso na vida, poucos objetivos que não nos levem a essa busca. Desejos como, família, emprego, automóvel ou simplesmente participar de uma festa com amigos tornam-se meios de aquisição da felicidade para alguns. Para outros, no entanto, ela pode ser encontrada na educação da prática da ascese, da meditação, do desapego, na ligação a um ideal altruísta e a consolidação de uma moral e ética. No Brasil a base educacional está ligada a todas essas possibilidades como uma corrente com

⁸ Costa, José S. Tomás de Aquino: a razão a serviço da fé. São Paulo: Moderna, 1993. Pag. 67.

vários e diferentes elos. Nesta corrente existe o elo dos ricos, dos pobres, dos intelectuais, do senso comum, da religião e assim por diante. Embora os elos sejam distintos, eles estão todos ligados entre si, formando a corrente da natureza humana implícita no dia a dia das buscas básicas pela sobrevivência, das necessidades elementares e nas mais confusas formas de relacionamento social e consigo mesmo e com a natureza.

" No decurso da história, constitui-se todo um conjunto de ideias acerca da natureza humana, sobre a importância respectivas de nossas diversas faculdades, sobre o direito e sobre o dever, a sociedade, o indivíduo, o progresso, a ciência, a arte etc. Ideias essas que são a base mesma do espírito nacional, toda e qualquer educação, a do rico e da pobre".⁹

Encontrar conceitos de felicidade neste âmbito de diferentes formas de relacionamento e diferentes visões de mundo, mas que em seu âmago se encontram todas ligadas entre si, não requer apenas uma análise da complexidade de seus elementos visíveis, mas acima de tudo, buscar naquilo que não aparece e no que não se deixa transparecer os elementos para uma possível averiguação.

Nesse sentido o conceito de felicidade perde em si, em seu primeiro momento seus atributos e seus objetivos. Ele se funde a outros conceitos como os de necessidades, do ter, de posse, e do ser visto.

Mesmo sendo ela um conceito abstrato¹⁰, a felicidade não encontra meios de satisfazer-se no universo da abstração. Ele atinge sua plenitude em sua concretização. Somente quando a pessoa sente-se feliz, sabe que está feliz. Ela tende a aproximar-se do cotidiano, enfim do mundo real em que as abstrações devem ser deixadas de lado em nome da sobrevivência ou satisfação interior. Nesse sentido felicidade adquire um âmbito mais concreto, menos utópico e torna-se nem sempre importante para a vida.

Mas como medir a satisfação interior? Pode-se medi-la a partir de bens concretos? Quais seriam os parâmetros para isso? Atualmente a sociedade está totalmente voltada para pesquisa empírica. O ser humano tenta de qualquer forma encontrar resposta para os porquês das coisas. Sejam eles concretos, mutáveis, ou imutáveis. Tratando-se de conceito de felicidade acontece o mesmo. A investigação empírica sobre tal tema tem como objetivo medir o cociente de felicidade

9 Durrkeim, Émile. Educação e sociologia. 10ª ed. Trad. de Lourenço Filho. São Paulo, Melhoramentos, 1975. Pag. 40.

10 Não entraremos aqui na discussão entre concreto e abstrato que se perpetuou nos últimos séculos, levando em conta as diferentes correntes em que de um lado estavam os nominalistas e do outro lado os realistas. Tampouco a ideia medieval e cristã em que concreto e abstrato se distinguem pelo sentido de eternidade e desintegração.

de um determinado povo, país, região, indivíduo, etc. A pesquisa sobre a felicidade, no âmbito econômico, por exemplo, quer empiricamente medir o nível de felicidade das diferentes pessoas, em um determinado país ou sua correspondência do nível de felicidade de um país para com o outro. A influência de idade, a posição social, nível de escolaridade, trabalho, relação homem mulher ou simplesmente o desenvolvimento da felicidade no decorrer do tempo.

A pesquisa sobre a felicidade examina, por exemplo, o que faz com o grau de felicidade de determinada pessoa ou grupo seja mais elevada que outra. Uma das mais importantes tarefa de tal pesquisa é isolar e depois medir quantitativamente a felicidade. Mas como medir algo que aparentemente não pode ser medida. Em alguns países existe uma tentativa de medi-la. A chamada Felicidade Interna Bruta (FIB) usando como analogia o PIB ou Produto interno Bruto, por exemplo é uma delas. Tal forma de análise usa meios econômicos para analisar o bem estar¹¹ das pessoas.

Na análise do FIB, naturalmente que a questão econômica tem uma grande importância. No entanto a importância de tal informação econômica, não se torna suficiente e se requer a busca de outras informações que analisadas em conjunto darão uma resposta mais completa sobre o grau de felicidade de uma determinada sociedade. Essa é a tarefa da pesquisa empírica da felicidade.

Segundo biólogos, neurólogos e recentemente psicólogos aderentes ao novo ramo da psicologia positiva, existe um fator genético que regula mais ou menos o grau de felicidade das pessoas. Isso significa que o ser humano já nasce geneticamente programado para ser mais feliz ou menos feliz. Já dentro da ciência da economia é examinado o grau de felicidade do ser humano quando alguma coisa economicamente inesperada ou às vezes já sabida, acontece ou ligado ao poder aquisitivo de cada um.

No ano de 2001 o então presidente da República do Brasil Fernando Henrique Cardoso inicia seu discurso de final de ano tendo a felicidade como referencial básico para uma postura frente ao futuro do Brasil.

"felicidade é um conceito subjetivo. Cada um de nós há de buscá-la como puder. Quanto mais simples for o anseio por felicidade, mais fácil será alcançá-lo. É difícil saber, realmente, o que significa para cada um felicidade. Não há um conceito geral de felicidade. Certamente, não são os mais poderosos que, necessariamente, são os mais felizes. Dificilmente. Os mais poderosos são talvez

11 Não nos adenteneremos na questão das diferenças filosóficas entre os conceito de felicidade e bem estar.

*aqueles que têm menos condições de ser felizes, porque, no mínimo, seus atos nem sempre tornam os outros felizes. E os atos, às vezes, são necessários, mesmo quando sabemos que não são atos que possam tornar a todos felizes. Isso, naturalmente, dói a quem é obrigado a tomar as decisões que não podem ser as melhores para todos."*¹²

As diversas teorias sobre a felicidade no entanto, diferenciam-se não somente na sua postura frente a realidade, mas também no seu método de analisar tal postura. Uma delas descreve, por exemplo a situação de alguém que acerta na loteria e que tem seu grau de felicidade proporcionalmente elevado, contraindo a outro que perde sua carteira com dinheiro que tem seu grau de felicidade proporcionalmente diminuído, mas que no final de alguns dias ou meses ambos voltarão ao mesmo grau de felicidade que tinham antes de tais acontecimentos. Ou seja a felicidade depende de acontecimentos inesperados ou esperados do cotidiano.

Existem no entanto alguns fatores ou pressupostos básicos que neste trabalho serão levados em consideração quando a busca por uma delimitação e desenvolvimento do tema ¹³ da felicidade no Brasil.

a) A idade

A idade exerce um importante papel no indicativo de felicidade. Para pessoas de boa saúde corpórea e mental e com uma qualidade de vida boa, a felicidade se encontra em um nível mais elevado entre os jovens e velhos.¹⁴ Segundo a visão e o ponto de vista adulto as crianças são felizes. Há de se perguntar, no entanto, quais os parâmetros usados para medir o grau de felicidade das crianças. É correto usar parâmetros adultos para realizar tal investigação, ou deve-se deixar de lado o ponto de vista adulto das coisas e embrenhar-se no universo das crianças para ter-se verdadeiros indicativos para tal?

Pesquisadores da Universidade de Warwick nos Estados Unidos desenvolveram a teoria da felicidade em forma de "U". Segundo essa teoria o "U" significa a curva da felicidade vista de acordo com os ciclos de vida da idade, sendo que o ponto mais alto do "U" está para o início e final de vida e a parte da curva do "U" é quando a pessoa está na meia idade. Luis Felipe Pondé

12 www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/fernando-henrique-cardoso/discursos/20-mandato/2001/84.pdf

13 O tema da felicidade não se restringirá tendo tais bases de investigação como exclusividade a tais elementos. No entanto tais elementos serão citados como possibilidades de análise da realidade e suas formas antagônicas em que ela se apresenta.

14 A pesquisa foi realizada no Município de Erval Seco, ao noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Foram entrevistados aleatoriamente 150 pessoas, sendo 50 jovens entre 15 e 25 anos adultos entre 35 e 55 e velhos com mais de 65 anos. A pergunta não foi realizada diretamente sobre si mesmo, mas sim se o entrevistado ou entrevistada deveria responder se ele ou ela acreditava quem seriam mais felizes. Os jovens, adultos ou velhos.

na "Folha de São Paulo", descreve a teoria de com a ironicidade dos ciclos da vida".¹⁵

b) O estado civil

Que influência exerce estado civil das pessoas no seu grau de satisfação. Ou ainda, tem o estado civil verdadeiro impacto no grau de felicidade das pessoas.

c) Saúde

Qual o significado da saúde para felicidade das pessoas? Significa que as pessoas que gozam de boa saúde mental e corporal tem mais possibilidades de serem felizes que aqueles, os doentes?

d)Nível de escolaridade

Pessoas com maior grau de escolaridade tendem a terem um maior número de possibilidades ou as possibilidade são independentes da escolaridade? A pergunta não está somente ligada ao nível de escolaridade, mas também com o grau de possibilidades que gerariam um nível de conhecimento mais amplo e uma maior capacidade critica- reflexiva. Seriam as pessoas com maior grau de possibilidades mais felizes que aqueles com menores? Quais seriam estas possibilidades que influenciariam no felicidade individual?

e)A religião

Teriam os crentes maior potencial de felicidade que os não crentes? Atualmente percebe-se no mundo ocidental uma crise das religiões institucionalizadas, mas ao mesmo tempo o ser humano sente uma sede enorme de uma espiritualidade, que é substituída através dos deuses do mercado e suas variadas facetas apresentada pelo consumismo desenfreado e solidificado através de seus símbolos, terminologias e analogias.

f)Lar

Seu significado antropológico na vida das pessoas.

g) Economia

Os fatores diretamente ligados à sobrevivência dos seres humanos na sociedade.-moradia -salário -desemprego -divisão de bens (ricos e pobres), mas também poder de compra de cada uma como símbolo de satisfação interior.

15 "Quando nascemos estamos na parte mais alta do U, na sua parede esquerda. Jovens, com saúde plena (na maioria esmagadora dos casos, fora raras exceções médicas), temos todo um futuro pela frente, cheios daquele encantamento que enche nosso coração de disposição para a vida, tudo é novo e interessante, inclusive os outros jovens à nossa volta. As ideias mais absurdas nos parecem possíveis. Enchemos a cara e levantamos no dia seguinte para fazer a prova. O mundo está aberto para nossos sonhos, inclusive porque o mercado trabalha cada vez mais para nós. Então inicia-se nossa descida 'aos infernos'. Lá pelos 40 anos de idade, estamos chegando à parte baixa da parede esquerda do U. Já com alguns amores traídos, talvez a carreira profissional já tenha se revelado na sua possível mediocridade, grana curta, horizonte já mais estreito. Chegando aos 45, até uns 60, estaremos no inferno. Saúde já apresentando limites, casamentos já fracassados, vida 'single' já se revelando na sua face de solidão desinteressante, corpo já fora da forma de plena da beleza a ser consumida no 'mercado do desejo', filhos muitas vezes que se tornaram uns estranhos sem nenhum interesse em nós ou nós neles, enfim, essa fase é a pior de todas. Mas eis que algumas pessoas a partir dos 60 anos de idade relatam uma significativa retomada da felicidade. Pondé, Luis Felipe. O "U" da felicidade,, Folha de São Paulo, 28.03.2016. in <http://avaranda.blogspot.co.at/2016/03/o-u-da-felicidade-luiz-felipe-ponde.html>

h) Diversão

Por fim um último grupo, que ao mesmo tempo pode ser a demonstração da felicidade, como pode ser a forma de a buscá-la. Trata-se do lado expressivo da felicidade através das festas e do esporte.

Parte 1 - O mundo e suas relações

1.1- Sobre os conceitos

Esta é uma época de quebra de tabus¹⁶. Conceitos que algumas décadas, ou anos atrás eram tidos como imutáveis e impossíveis de serem questionados perdem rapidamente seu status quo e muitos são apontados como retrógrados e inadequados à nova realidade. Porém os novos conceitos, que se sobrepõem aos antigos, não trazem consigo as respostas esperadas, tampouco os devidos argumentos aos antigos dilemas da humanidade¹⁷.

No entanto, o nosso processo de pensar não se reside no problema dos conceitos¹⁸ mas sim na sua evolução ao longo da trajetória da humanidade e consequentemente das ciências. Ou seja, não é sobre o conceito em si que nos perguntamos, mas sim a sua postura perante a realidade subjacente. Neste sentido conceito e realidade¹⁹, mesmo tendo ambos a mesma raiz comum adquirem uma postura divergente entre si de análise.

A grande ironia de tudo isso é que paradigmaticamente vivemos numa era das respostas, onde para quase tudo existe uma resposta, um caminho, uma fórmula mágica. O problema da questão, no entanto, não se reside no déficit das respostas mas sim no seu conteúdo e no seu sentido final. Elas tornam-se reféns de particularidades, individualidades e detalhes fornecidos por uma sociedade estufada pela busca da novidade e novas formas de prazer. Neste sentido o ser não

16 Nos referimos aqui a Tabu no sentido idôlatrico e sagrado em que uma sociedade se constitui. Tabus são criados a partir de convenções políticas culturais e religiosas que irão assim ditar várias formas de agir de uma determinada sociedade ou classe de indivíduos.

17 quando a isso nos referimos ao livro de Beirinha sobre os dilemas da humanidade. in Beirinha, Elaine Rossetti e Manegatt Marildo. Dilemas da humanidade, diálogo entre civilizações, Editora Contraponto, 2008.

18 <http://www.opovo.com.br/app/opovo/opiniaio/2015/01/26/noticiasjornalopiniao,3382700/o-problema-dos-conceitos.shtml>.

19 Partimos aqui do pressuposto de que conceito e realidade coexistem simultaneamente. Da mesma forma que uma realidade não pode ser analisada sem um conceito subjacente, um conceito sem uma conexão com a realidade torna-se volúvel, por isso não condizente com seu sujeito de ação.

é mais visto com parte de um todo, mas sim como fragmento independente. E as ciências logicamente que deveriam trabalhar interdisciplinariedade²⁰ digladiam-se entre si em busca de uma resposta única e parcial.

Com a Revolução Científica, iniciada no século XVI, iniciou-se também uma tendência de analisar e teorizar o comportamento humano. Surge com isso o método científico de análise²¹. As investigações empíricas que ocorriam desde a antiguidade alcançam com isso um patamar mais prático através dos experimentos. O método científico atinge uma certa independência prática estrutural, tornando-se assim consequentemente um conhecimento estrutural e prático. Isso naturalmente vai se refletir na forma da análise do comportamento humano assim como na sua teorização. Porém muito antes da chamada revolução científica, e a história da humanidade esta repleta destes casos, houve outras maneiras de teorização do comportamento humano.

1.2-Felicidade na história das religiões

1.2.1-Zoroastro

A tentativa de uma teorização do conceito de felicidade se deu primeiramente através de Zoroastro. Naturalmente que Zoroastro não realizou nenhum tratado sobre felicidade humana nos moldes de hoje tampouco na dos filósofos gregos da Idade Clássica. Ele desenvolveu no entanto um conceito que pode levar a uma interpretação daquilo que ele denominou "Bem Supremo"²². Neste ponto, ele não se diferencia dos filósofos e demais “intelectuais” antigos.

"Existe um dualismo no zoroastrismo: bem e mal, luz e trevas. O zoroastrismo afirmava que no final dos tempos haveria uma conflagração mundial e o bem triunfar ia, os corpos serão ressuscitados, purificados e imortais para servir ao deus do bem Ahura-Mazda. O zoroastrismo influenciou o judaísmo, assim, os fariseus achavam que seus corpos seriam ressuscitados. A ideia da alma que

20 Parthez, Heinrich, Persönliche Interdisziplinarität in der Wissenschaft: Im Walther Umstätter und Karl-Friedrich Wessel: Interdisziplinarität -Herausforderung an die Wissenschaftlerinnen und Wissenschaftler. Kleine Verlag, Bielefeld 1999.

21 Aqui no referimos ao método científico que tem por fim, através de regras alcançar a um conhecimento científico. Tal método está ligado a uma observação sistemática e controlada e que muitas vezes são derivadas de pesquisa de campo.

22 Aristóteles. Ética a Nicômaco. 2.ed. Editora Universidade de Brasília. 1985.

sobreviveria ao corpo foi do zoroastrismo e que passou para os escritos do apóstolo Paulo e para toda a cristandade."²³

O desenvolvimento de sua doutrina escatológica e sua forma de ser no mundo²⁴ adquire um significado de vigilância e de preparação para a grande batalha final entre o Bem e o Mal. Ou seja, o mundo é formada por forças antagônicas e absolutas que se digladiam entre si. Ela é uma forma religiosa de análise do mundo e que tem em seu âmago a preparação do ser humano para o dia do juízo final.

Sua doutrina, que nada mais é que uma forma religiosa de interpretar o "ser e estar" no mundo, e que em um primeiro momento pouco ou quase nada tem em comum com o tema da felicidade do ser humano, definem no entanto um possível futuro deste mesmo ser, pois no caso da vitória do bem, o maior beneficiado seria o ser humano. A eliminação do mal absoluto, daria a ele a possibilidade de finalmente alcançar seu destino. Seus desejos negativos, suas propensões ao mal, já não se personificariam no real. O ser humano estaria finalmente livre para ser feliz. A vitória do bem sobre o mal proporcionaria-lhe uma vida repleta de felicidade.

A filosofia escatológica de Zoroastro dá ao ser humano uma forma fatalista e determinista do desenvolvimento do ser. Conceitos como liberdade, desenvolvimento individual existem de forma determinista. Nela o ser humano é apresentado como uma partícula de ligação entre várias outras partículas. Ou seja, a liberdade do ser humano é limitada por sua linha de ligação com o universo. A partícula, representada pelo ser humano está diretamente ligada a um fio condutor absolutamente poderoso denominado destino.

A liberdade humana, embora tão discutida e aceita como um dos bens maiores do ser humano, não passa de uma artimanha do senhor destino. A imagem de uma garrafa com água nos mostra um pouco a ideia de liberdade humana na concepção da doutrina zoroástrica. Dentro dos limites da garrafa as partículas de água interagem entre si, adquirindo assim o sentimento físico de liberdade. Porém seu destino, de viver dentro da garrafa, foi anteriormente traçado por uma força mais poderosa. Neste caso a vontade humana determinada pela pessoa que colocou a água na garrafa. Por mais fatalistas e deterministas que sejam, as doutrinas zoroastristas com seus temas metafísicos de recompensa humana, bem e o mal, vida pós morte ou sua simbologia do fogo e água, céu e inferno, formam os pilares das religiões atuais, e influenciam no comportamento humano e em sua forma de estar no mundo mesmo que sejamos religiosos ou não.

23 www.pliniotomaz.com.br/downloads/zoroastrismo.

24 Heidegger, Martin. Ser e Tempo (Parte I), Petrópolis, Vozes, 1995.

1.2.2-Confucionismo

Já na China o tema da felicidade é desenvolvido sob o signo do outro. O significado do outro na doutrina filosófica religiosa de Confúcio é a medida pela qual o ser humano tende a se aproximar ou não de sua felicidade. Naturalmente que tal doutrina por ter sua veia religiosa e consequentemente catequética, não se pode afirmar categoricamente que tais conceitos, não foram modificados por seus discípulos. No entanto, a chamada teorização e interpretação dos conceitos confucionistas pelos seus discípulos e seguidores, o conceito do outro e sua relação exerce um papel fundamental na busca pela felicidade. Tal interpretação é similar ao conceito do ser e ter da filosofia de Martin Buber²⁵ e consequentemente da doutrina de Jesus Cristo no Cristianismo.

" Die Welt ist den Menschen zwiefältig nach seiner zwiefältigen Haltung. Die Haltung des Menschen ist zwiefältig nach der Zwiefelt der Grundworte, die er sprechen kann. Die Grundworte sind nicht Einzelneworte, sondern Wortpaare. Das eine Grundwort ist das Wortpaar Ich-Du. Das andere Grundwort ist das Wortpaar Ich- Es ... Somit ist auch das Ich des Menschen zwiefältig. Denn das Ich des Grundworts Ich-Du ist eine andres als des Grundworts Ich- Es"²⁶.

O conceito de o "outro", é tratado por Confúcio como uma relação entre si mesmo e seu semelhante do sentido universal para o particular, levando em conta em um primeiro momento uma visão de universalidade que ele chama de humanidade. É através da lógica da humanidade e sua regra de ouro, de não fazer aos outros o que não gostarias que fizessem a ti, depois reelaborada como núcleo básico da ética de Kant, que Confúcio estabelece a relação de reciprocidade e consequentemente sua ética.

1.2.3-Daoísmo

Tendo na harmonia interior como a palavra chave para alcançar a felicidade, surge, quase ao

25 Buber, Martin, Ich und Du, Reclam, Stuttgart, 2008. Pag 3.

26 Buber, Martin, Ich und Du, Reclam, Stuttgart, 2008. Pag. 3.

mesmo tempo que o Confucionismo o Daoísmo. Seu novo paradigma reside no equilíbrio interior a introspecção de si mesmo, o voltar-se para dentro. Conceitos práticos de valor comunitário ou reciprocidade²⁷ como outro, ficam em segundo plano. Porém tal harmonia interior, mesmo mostrando-se egoísta e individualista tende a uma relação com o universo, o princípio de todas as coisas, o yin e o yang.

O conceito de harmonia do Daoísmo é próxima cosmovisão dos indígenas do Brasil. Ou seja, a felicidade de cada um não é medida a partir da posse de objetos materiais. Tal conceito de posse não existe na cultura indígena do Brasil em sua origem. A relação que existe com a natureza é no entanto uma relação de harmonia. O contato permanente com a natureza em sua forma primitiva leva a essa visão de harmonia e respeito. O índio sabe que se ele cortar hoje a bananeira, amanhã não haverá banana para comer. Conceitos intrínsecos na cultura cristã e ocidental de desenvolvimento linear, riqueza, pobreza e acúmulo são algo estranhos na cultura indígena original. O próprio conceito de ser, traz consigo um caráter de ligação, igualdade e complemento com a natureza.

1.2.4-Cristianismo

O conceito de natureza humana no cristianismo está diretamente ligado a relação entre Deus e os Homens. Relação esta que é relatada na bíblia. Entender porém tal relação, à partir da emblemática leitura da bíblia, passa longe de ser uma tarefa fácil, pois ela não está somente ligada a tradição judaica e seus costumes, mas também com o continuo desenvolvimento do Cristianismo a partir do século I. Tal desenvolvimento que se desencadeou com o chamado "cristianismo primitivo", passou por várias etapas formulações e reformulações.

"O Cristianismo primitivo é o nome dado a uma etapa da história do cristianismo de aproximadamente três séculos (I,II,III e parte do IV) que se inicia após a ressurreição de Jesus (30 d.C.) e termina em 325 com a celebração do Primeiro Concílio de Niceia. É tipicamente dividido em Era Apostólica e Período Anti-Niceno. Desde a Era Apostólica até Niceno. A mensagem inicial do evangelho foi provavelmente espalhada

27 Durkheim, Emile. As Regras do método sociológico, Editorial Presença, Lisboa, 1989.

Um dos pontos mais problemáticos das formulações e reformulações do cristianismo está ligado a pessoa de seu fundador e sua natureza. Tal questão somente vai ser elucidada com o concílio de Nicéia. A partir disso fica prescrito que Jesus Cristo tem duas naturezas em si. A divina, herdada de seu pai e a humana, herdada de sua mãe. Pela divina ele traz a felicidade inerente em si e pela humana ele a busca. Porém, a questão da natureza humana dentro do cristianismo vai mais além da natureza de Jesus Cristo. Ela também é uma espécie de herança maldita recebida dos filhos pelos pais. Ele remete às origens dos primeiros seres humanos, descritos no livro Gênesis como Adão e Eva. Originalmente, diz a bíblia, ambos foram criados livres de todo o mal. O mal somente surge em suas vidas algum tempo depois. A partir daí todos os seus descendentes nasceriam com o mal inerentes em si.

Cientificamente todos têm em suas células o DNA do pecado original. Segundo a teologia cristã, foi somente com a morte inquestionavelmente e imprescindível de Jesus Cristo, que possibilitou a humanidade livrar-se da herança maldita²⁹. O conhecimento da história do Antigo Testamento torna-se indispensável, não somente para se entender tal relacionamento do Homem com Deus mas também o conceito de natureza humana que esta relação proporciona. Literariamente, o Antigo Testamento, é um livro cheio de contradições e complexas formas de expressões e

28 //pt.wikipedia.org/wiki/Cristianismo_primitivo.

29"Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos,Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais.Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás?E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás. E chamou Adão o nome de sua mulher Eva; porquanto era a mãe de todos os viventes. E fez o Senhor Deus a Adão e à sua mulher túnicas de peles, e os vestiu. Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente, O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado. E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida" Gênesis 3,1-24<http://www.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2015/01/26/noticiasjornalopiniao,3382700/o-problema-dos-conceitos.shtml>.

pensamento. São vários contextos que se misturam em um só texto, gerando assim um enorme quebra cabeças para o leitor. O próprio Deus é retratado com as mais variadas características, personalidades e formas. Estando ligada diretamente ao relacionamento com Deus o conceito de natureza humana, torna-se ainda mais emblemático uma vez que um conceito politeísta de Deus é apresentado sob forma monoteísta.

Porém nem tudo é tão complicado como às vezes em um primeiro momento parece. Exegetas, biblistas, teólogos analisando os textos, descobriram que tais textos apresentados em sua estrutura como uma, na verdade podem ser quatro. Ou seja, a estrutura do texto bíblico é única, mas as fontes que o compõem e que irão dar estrutura a tal texto muitas vezes são quatro. Tais fontes não somente são diferentes épocas, assim como distintas naturezas. É como se confeccionássemos uma camisa com tecidos de lã, malha e linho e nylon. O conceito de camisa não se modifica. No entanto sua estrutura mostra que algo não se ajusta. Quando a usamos no verão, uma parte desta camisa é muito quente, quando a usamos no inverno outra parte é muito fria. Enfim existe algo que erra nesta camisa. Os tecidos da camisa são neste contexto as diferentes fontes bíblicas. A javista, a eloísta, deuteronomista e a sacerdotal.

Um dos textos mais importantes da bíblia para o desenvolvimento do conceito de natureza humana e consequentemente de felicidade humana no Cristianismo se encontra nos onze primeiros capítulos da bíblia, no livro do Gênesis. Tais textos foram compostos de acordo com a chamada hipótese documental a partir das fontes javista, sacerdotal e possivelmente eloísta. As fontes, naturalmente apresentam uma imagem de Deus não somente diferenciada entre si, mas com uma imagem de Deus necessário a uma determinada época e contexto social. Enquanto uma apresenta um Deus antropomórfico e ativo na história, como é o caso das descrições do jardim do Éden onde ele procura por Adão e chama-o para conversar. "*E chamou o Senhor Deus a Adão e disse-lhe: Onde estas?*"³⁰.

Um Deus antropomórfico é importante em um momento de tranquilidade e calma. No entanto, quando mudanças profundas estão para acontecer e o perigo está eminente um Deus tranquilo e antropomórfico, que fecha a porta da arca de Noé, torna-se dispensável e em seu lugar surge o Deus transcendental, que não mostra seu rosto. Um Deus de mensageiros.

A sociedade ocidental, e cresceu e se desenvolveu sob a égide do cristianismo³¹. Foi o cristianismo que através primeiramente com sua filosofia e teologia escolástica fincou os alicerces de preceitos morais e éticos na sociedade³². Porém convém elencarmos aqui que o

30 www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3 in Genises 3:9

31 Donat, L.R. El cristiani en una obra reciente. Temas medievales, vol.18, Enero& Diciembre, 2010.

32 Naturalmente que poderíamos nos perguntar até que ponto tais preceitos éticos e morais do cristianismo ajudaram a desenvolver positivamente a sociedade? No entanto tais perguntas não são objetos de nosso estudo.

desenvolvimento do pensamento e da filosofia cristã teve uma influência enorme da filosofia racional grega.

O pensamento grego sobre o ser humano define-o acima de tudo como um animal racional, político e que se define por si só em relação a outros seres³³. Ou seja, em sua relação com a natureza o ser humano é definido como quase um deus, tornando-se a medida para todas as coisas e a forma prima da natureza. A filosofia grega vê o ser humano como ser já definido a priori, e sua meta enquanto ser vivente é alcançar empiricamente essa meta já anteriormente definida pela própria natureza. Para tanto o ser humano deve também aceitar algumas de suas limitações. A limitação do sobrenatural, do inalcançável, por exemplo.

A influência da filosofia grega na teologia cristã se deu especialmente no pensamento de São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, ou seja através da escola Escolástica, mas já anteriormente, também na elaboração do Evangelho de João.³⁴

Tomás de Aquino realizou com o cristianismo uma verdadeira releitura de conceitos à partir da visão aristotélica de ver e pensar o mundo. Com ele o Cristianismo deixa de ser somente cristianismo e torna-se cristianismo aristotélico. É a partir de Tomás de Aquino que a Igreja Católica adquire uma síntese teológica e filosófica baseada na fé e na razão. Segundo ele, fé e razão longe de ser uma contradição uma de outra, elas são unidas uma na outra com uma orientação única. A orientação divina.

Para ele não somente o ser humano, assim como toda a criação é boa, pois parte do plano de Deus para o mundo. Uma vez que Deus criou todas as criaturas, e ele sendo o sumo bem, não poderia criar algo que não fosse bom. O ser humano é visto por Aquino como bom, mas imperfeito. É justamente o conceito de imperfeição do ser humano que vai prepará-lo para a perfeição plena depois de sua morte. Ou seja a perfeição plena leva consequentemente a felicidade plena que somente acontece diante de Deus.

Segundo Aristóteles todo o ser humano tende a ser feliz³⁵ Sua própria existência tende a levá-lo para a felicidade. O conceito de felicidade para Aristóteles, a eudaimonia, é um conceito do ideal de felicidade, que segundo ele, buscá-lo por si só compensa. Aristóteles vê as coisas de

33 Landmann, Michael. *Die Homine. Der Mensch im Spiegel seiner Gedanken*, 1962.

34 "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam. Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio para testemunho, para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele. Não era ele a luz, mas para que testificasse da luz. Ali estava a luz verdadeira, que ilumina a todo o homem que vem ao mundo. Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome; Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" in www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3 in João 1:1-14.

35 Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. 2.ed. Editora Universidade de Brasília. 1985.

acordo com uma ordem determinada. Tudo tem seu sentido. Tal sentido é ordenado de tal forma que cada coisa, cada ser, tenha seu lugar no cosmo. Dessa forma cada ser ou cada coisa em sua atividade atinge sua plenitude. Para ele a felicidade acontece de maneira quase que espontânea, quando os seres se unem com sentido de sua criação com sua atividade. Conceito esse que para o ser humano também é válido. Eudaimon é o Homem que faz aquilo para que foi criado, que desempenha sua função intrínseca. Sua descrição de felicidade leva o ser humano a um equilíbrio entre as virtudes da vida, com liberdade e prazer.

*"Jedes Herstellungswissen (technä) und jedes Wissenschaftliche Vorgehen (methodos) ebenso jedes Handeln (Praxis) und Vorhaben (prohairesis) strebt, so die verbreitete Meinung, nach einem Gut (agathon ti). Deshalb hat man gut zu Recht erklärt als wonach alles strebt."*³⁶

Outro elemento importante na filosofia de Aristóteles é o elemento moral e ético. Para ele o mais alto conceito de bom, se encontrava na moral dos cidadãos atenienses, ou seja o ser significava uma minoria da população.³⁷ Eram os detentores dos direitos, das posses; o restante eram o não ser, as coisas, os escravos, os animais e as mulheres. Dentro dessa ordem, quando reinava a harmonia nesta estrutura, existia a felicidade.

36 Aristoteles. Nikomachische Ethik. Rowohlts Enzyklopädie, Rowo. Hamburg. 4^o Auflage März 2013, I.1094a.

37 O conceito de população dos gregos, na época aristotélica não é o mesmo conceito que hoje temos. Para eles população eram somente os cidadãos livres.

1.3- Felicidade na história da filosofia

1.3.1-Período helenístico

Um dos períodos da história da filosofia em que a discussão sobre o tema da felicidade mais se sobrepõe é no período helenístico. Naturalmente que já anteriormente tal tema fora tratado por outros filósofos, mas é neste período que ela adquire uma amplitude maior e flexível. Tal visão vem justamente ao encontro com as sucessivas mudanças políticas e comportamentais que se sucederam em meados do século IV a.C. no império de Alexandre, o grande.

Com Alexandre, inicia-se também na Grécia uma nova visão de mundo. Uma forma mais aberta de se relacionar. A então Polis, considerada antes como modelo das relações sociais e políticas perde sua hegemonia. Suas fronteiras geográficas já não são delimitadas de acordo com o ideal das fronteiras de cada cidade. Elas adquirem um novo status, um status quase ilimitado. As guerras entre as Polis por exemplo, são com Alexandre exterminadas. Com ele às cidades já não são mais autônomas, elas pertencem desde então a uma só nação, a um só império, o império Macedônico. Com o fim da autonomia das cidades gregas, cria-se também uma nova forma de estar no mundo. As fronteiras já não existem mais, os membros da nova nação no entanto “exportam” e “importam” sua mentalidade na medida que se relacionam com outras regiões do império macedônico.

Com o advento do helenismo as mentalidades se transformam. Não só o mundo geograficamente denominado como grego adquire uma nova forma de se relacionar, a partir do modelo imposto por Alexandre, assim como os outros povos começam a serem gregorizados. A filosofia moral adquire com isso uma nova postura. Aquilo que antes era visto somente através da pequena janela da Polis, passa a ser visto através do portão do imenso império macedônico. A ideia aristotélica de Eudaimonia passa a ser vista como absurda, e sem sentido. A felicidade passa a ser vista como algo do momento, como algo instantâneo, como já argumentava Aristipo. A argumentação dada por Aristóteles de Eudaimonia, de que somente os cidadãos livres e pertencentes a Polis poderiam atingi-la, passa a ser vista pelos filósofos do período helenístico como absurda. A felicidade passa a ser tratada como um sentimento, como algo de momento. Algo que vem e passa, como Ataraxia.

A importante característica deste período é a expansão do Império Macedônico por Alexandre. Este império torna-se em poucos anos enorme, primeiro com Alexandre e logo após com seus generais. Tal império é formado por mundos e culturas que até então não

tinham relações estreitas entre si. Eram culturas, formas de pensar e agir totalmente distintas entre si. Com Alexandre iniciam-se as trocas de pensamentos entre o mundo grego, mundo judaico, mundo indu e egípcio, por exemplo.

Naturalmente que isso abre uma porta enorme para o desenvolvimento de novas formas de se relacionar com as coisas. Por exemplo, neste período se dá a primeira tradução da bíblia, ou seja do Torá, os primeiros cinco livros da bíblia traduzidos ao grego, é também quando os filósofos da Grécia entram em contato com Sidarta, que após a iluminação torna-se o Buda. A vastidão do Império Macedônico proporciona uma certa hibridização entre várias culturas. Existe uma enorme busca, curiosidade em relação a outras culturas, mas acima de tudo uma aceitação das vantagens que tal forma de junção cultural pode trazer.

"Die griechische Welt wurde plötzlich durch Alexanders kurze Laufbahn verändert (...) Das persische Reich, das größte, das die Welt bislang gekannt hatte, wurde in drei Schlachten vernichtet. Das alte Wissen der Babylonier wie auch ihr alter Aberglaube erschlossen sich der griechischen Wißbegier; desgleichen der Dualismus Zoroasters und (in geringem Maße) die religions Indiens, wo der Budismus allmählich an erte stelle rückte".³⁸

Ou seja neste momento a Polis, tida anteriormente com a autonomia por excelência na cultura grega, perde sua sustentação. O ponto de vista de análise dos filósofos também muda de ângulo, ele se torna amplo e suas preocupações não estão mais ligadas a administração da Polis (política), mas sim com a Ataraxia. A Àgora é substituída pelos jardins, não existe mais um local determinado para os debates. O centro das preocupações deixa de ser o debate de ideias da época clássica e passa a ser a arte do bom viver, da amizade, do bem estar.

1.3.2-Resignação como condição para a felicidade

Os dois filósofos que mais alcançaram uma profundidade filosófica são Sêneca e Epicteto. Tais filósofos pregavam uma felicidade intensamente ligada ao destino do ser humano, e consequentemente ligado a sua natureza.

38 Russel, Bertrand. Philosophie des Abendlandes, ihr Zusammenhang mit der politischen und der sozialen Entwicklung, Europa Verlag Zürich, 1° Auflage 2007. Pag. 239.

No entanto o conceito de destino dos estóicos não é algo já preestabelecido pelos astros ou pelos deuses. Destino para eles significava as coisas que decorrem em determinada fase da vida que os Homens não podem evitar. O conceito básico que provem do conceito de destino é a resignação. Aceitar o destino é resignar-se nele mesmo, mas ao mesmo tempo aceitar sua impossibilidade de reverter essa situação. Um exemplo disso é a morte. Nada que o ser humano possa fazer vai mudar a condição de que mais dia ou menos dia a morte é a condição final a vida. A aceitação de tal situação, mesmo com resignação, vai libertar o ser humano de uma preocupação inútil.

Epicteto por exemplo deixa claro que o Homem não deve ser afetado pelos acontecimentos, mas sim pela sua visão daquilo que acontece. Por isso que é importante estar sempre atento aos caminhos e descaminhos que a vida oferece.

"Wenn du zum Beispiel an einem Topf hängst, dann sage dir: 'Es ist ein einfacher Topf, an dem ich hänge.' Dann wirst du dich nämlich nicht aufregen, wenn er zerbricht. Wenn du dein Kind oder deine Frau küßt, dann sage ich dir: 'Es ist ein Mensch, den du küsst'.rst du deine Fassung nicht verlieren, wenn er stirbt".³⁹

Sêneca que no final foi morto por seu discípulo, o imperador romano Nero, tinha como principal ponto de sua filosofia o aprendizado da morte. Pode até ter sido que sua situação tenha influenciado particularmente em sua forma de ver e se relacionar com o mundo. Ainda relativamente jovem, Sêneca foi obrigado a tornar-se o tutor de um jovem menino e futuro imperador de Roma chamado mais tarde de Nero. Seus dissabores e desilusões com tal cargo e quase sempre tendo que enfrentar os perigos da própria vida o leva a escrever um livro sobre a ira, definida por ele com a mais terrível de todas as emoções.

Sêneca possuía uma fórmula fácil de entender o mundo e fazer do mundo um lugar não tão complicado para se viver. A questão para ele residia na idéia que o ser humano tem do mundo e suas relações com o negativo e positivo. Para ele ser otimista em relação ao mundo é aceitar a confrontação natural com o negativo e suas consequências. Ou seja, ser otimista é na verdade esperar as situações que a vida apresenta com pessimismo.

Pois as situações adversas e problemáticas de uma forma ou de outra irão se apresentarem. Um olhar de certa forma pessimista vai permitir então que o indivíduo, não sofra tanto com as adversidades da vida.

39 Epiktet. Stoische Lebenskunst- Sei dir über das Wesen der Dinge im klaren. In Michel Sasha. Glück, ein philosophischer Streifzug. Fischer Taschenbuch, Frankfurt am Main, 2007. Pag. 35.

*"Glücklich ist also ein Leben, das seine natürliche Bestimmung entspricht. Das kann uns aber nur zuteil werden, wenn zuerst der Geist gesund und sich dieser Gesundheit auf Dauer sicher, wenn er ferner tapfer und dynamisch, sodann in edelster Weise lebensfähig und mißlichen Umständen gewachsen ist, wenn er sich um den Leib und was damit zu tun hat, sorgt, doch nicht angstvoll, und wenn er die anderen Dinge, die das Leben angenehmen machen, zu schätzen weiß ohne doch sein Herz an etwas zu hängen, und wenn er bereit ist, die Gaben des Glücks zu genießen, ohne ihnen zu frönen."*⁴⁰

Sêneca traça uma espécie de quadro de critérios humanos entre o querer individual, ou entre os desejos individuais, e sua relação com aquilo que o mundo tem a oferecer, ou com aquilo que os acontecimentos inesperados se apresentam.

Uma grande e imensa vantagem dos Homens é sua razão. Com ela, diz Sêneca, dá-se a possibilidade de entender aquilo que não é plausível de mudança e se adequar a elas. Ou seja a liberdade de conhecer e de perceber a diferença entre estar acorrentado aos acontecimentos, enfim aos ciclos da vida e dele buscar as melhores formas de tirar o melhor proveito para o bom viver.

1.3.3- A felicidade no desapego

Os chamados filósofos cínicos que tem em Diógenes de Sinope seu pensador por excelência, reportam ao viver uma vida da maneira mais simples possível para assim alcançar a felicidade. Sua filosofia tem início com o filósofo Antístenes, discípulo de Sócrates. Depois de Diógenes vagar por muitos lugares, ele chega até Atenas e lá entra em contato com o pensamento de Antístenes⁴¹. Diógenes que foi condenado juntamente com seu pai pela falsificação de moedas

40 Seneca. Fortwährende Heiterkeit. In Michel Sasha. Glück, ein philosophischer Streifzug. Fischer Taschenbuch, Frankfur am Main, 2007. Pag. 28.

41 "Los principios que defendía (scil.Antístenes) son los que siguen. Demostraba que es enseñable la virtud y que los bien nacidos no son sino los virtuosos; que es suficiente por sí sola la virtud para la felicidad, pues no precisa de nada más que de fuerza de voluntad socrática; que la virtud surge de las obras, y no precisa ni de discursos muy largos ni de estudios científicos; que, por otro lado, es autosuficiente el sabio porque todas las cosas de los demás son suyas; que la infamia es un bien en la misma medida que el sufrimiento y que el sabio vivirá en sociedad no conforme a las leyes establecidas sino conforme a la de la virtud.." in Diógenes Laércio II, Máxima Principal.VI 10 s. (SSRV A 134).

em Sinope⁴², percebe em Antístenes uma forma de vida que ele anteriormente buscava, que falava da imortalidade da alma e do conhecimento que se alcançaria na outra vida.

Em um primeiro momento este encontro se dá de maneira difícil para Diógenes, pois ele busca a qualquer custo a aceitação para tornar-se discípulo de Antístenes, que nega-se a tornar-se seu mestre. Apesar de conseguir torna-se discípulo de Antístenes, Diógenes abandona-o em algum tempo depois, pois ele acreditava existir um grande vácuo entre o pensamento filosófico de seu mestre e sua ação. Com isso ele toma uma decisão radical, viver de acordo com seu pensamento, não deixando nenhuma lacuna entre pensar e agir.

Seu pensamento e em sua busca pela felicidade ele elege um caminho de sofrimento prescindindo de todos os desejos e qualquer forma de necessidade.

Naturalmente que tal comportamento muito além das normas e convenções sociais começa a perturbar os cidadãos atenienses, porém ao mesmo tempo ele começa a ser admirado por outros.

Embora não seja um homem que muito tem a dizer, mas muito a mostrar pelos seus atos, Diógenes foi um crítico social, ele não se calou frente aquilo que ele acreditava não levar o Homem à felicidade. Sua crítica, atinge todas as classes e formas de pensar da época.

O desapego a qualquer forma de bens que poderiam vir a comprometer suas convicções e virtudes próprias e consequentemente tornar-se um empecilho na busca pela felicidade.

"Er suchte Tugend und moralische Freiheit in der Wünschlosigkeit: Sein gleichgültig gegenüber Gütern, die das Glück zu verschenken hat und du wirst frei von Furcht sein".⁴³

Com o abandono das preocupações com o material o ser humano torna-se assim livre para viver de acordo com as normas da natureza.

Tal filosofia prega uma vida totalmente livre das convenções sociais e totalmente voltada para si mesmo, mas também com uma visão crítica frente a realidade.

42 "Ein junger Mann aus Sinope am schwarzen Meer, den er (Antisthenes) zuerst nicht aufnehmen wollte; er war der Sohn eines verrufenen Geldwechslers, der wegen Münzfälschung ins Gefängnis gekommen war. Antisthenes schickte den Burschen seines Weges, der aber beachtete die Aufforderung nicht; er schlug ihn mit seinem Stock. Diogenes rühnte sich nicht. Er wollte Weisheit und sah, dass Antisthenes solche zu vergeben hatte" in Russel, Bertrand. Philosophie des Abendlandes, ihr Zusammenhang mit der politischen und der sozialen Entwicklung, Europa Verlag Zürich, 1^o Auflage 2007. Pag. 251.

43 Russel, Bertrand. Philosophie des Abendlandes, ihr Zusammenhang mit der politischen und der sozialen Entwicklung, Europa Verlag Zürich, 1^o Auflage 2007. Pag. 252.

1.3.4-A felicidade pela maximização do desejo

Tratar do conceito de hedonismo atualmente é necessário ter muito cuidado para não cair não somente no erro de falsamente interpretar falsamente a filosofia ética de Epicuro, mas também apresentar uma noção errada do sentido do hedonismo.

Sua filosofia é baseada na disciplina e na ascese. Quase que uma ascese budista. Epicuro buscava-a e para mostrar para seus seguidores uma forma inteligente de administrar não somente os prazeres assim como as dores.

*"Se rejeitares qualquer percepção dos sentidos e não distinguires entre aquilo que supuseste em razão da simples expectativa e aquilo que realmente pudeste perceber, ou seja, entre sensação e imaginação, rejeitarás igualmente, pela tua opinião errônea, todas as outras percepções dos sentidos e perderás, desse modo, todo o critério. Se, por outro lado, aceitares como positivas as mesmas percepções, considerando como duvidosas as noções baseadas nas expectativas e tudo aquilo que não for confirmado pelos sentidos, não serás capaz de controlar qualquer discórdia no teu íntimo, e também a decisão sobre o que estiver certo ou errado."*⁴⁴

Epicuro parte do princípio de que filosofia somente tem sentido se ela ajudar os seres humanos a encontrar a felicidade. Para isso ele desenvolve sua teoria a partir do esclarecimento do papel da filosofia, como orientadora do ser humano em todas as circunstâncias e lugares. Toda sua filosofia está baseado no preceito da vida feliz. Para tanto, ele divide a filosofia em ramos, sendo que o ramo da lógica, da física e da ética são somente meios que estão a disposição dos seres humanos para alcançar seu fim.

Em sua ética Epicuro usa basicamente dois conceitos. O conceito de dor e de prazer, sendo que prazer é visto por ele como bem e dor como mal. No entanto para ele o prazer não está ligado ao imediatismo. Esse somente é desejado pelo homem não sábio, vulgar. Prazer para ele tem um sentido de reflexão, de avaliação de não dominação.

"Quando então dizemos que o prazer é o fim, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas

44 Epicuro. Pensamentos, texto integral. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006. Pag 66.

peçoas que ignoram a nossa doutrina, ou não concordam com ela, ou a interpretam erroneamente, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos no corpo e de perturbações na alma."⁴⁵

Epicuro se aproxima do conceito de não ser e não ter do budismo ao apresentar o prazer com o conceito de ausência, o quase não prazer como verdadeira forma de prazer. O conceito de vazio que o budismo usa para explicar a felicidade é trabalhado por Epicuro como fonte do prazer. Ele dizia que felicidade é algo fácil de se alcançar. Todos os Homens podem ser felizes, pregava ele. O problema, no entanto, é onde procurá-la. Na maioria das vezes a busca pela felicidade inicia e termina nos lugares errados. Ou seja, ânsia pela felicidade torna os indivíduos vulneráveis, inconsequentes, ansiosos e prontos para buscá-la onde dizem que ela se encontra.

*"Alguns corpos são compostos e outros são elementos que dão origem aos compostos. Estes são corpos indivisíveis e imutáveis, uma vez que o todo não pode dissolver-se no nada; eles possuem a capacidade de permanecer imutáveis no curso das dissoluções dos compostos, possuindo natureza compacta e não sendo de modo algum susceptíveis de dissociação."*⁴⁶

Para ele tudo gira em torno do prazer. O prazer é a coisa mais importante na vida dos seres humanos. O conceito de prazer em Epicuro, atravessou décadas sendo usado e interpretado de maneira errônea e falsa. Cunhou-se assim o termo Epicurismo como sinônimo de uma vida devassa e voltada para os prazeres mundanos, como sexo, consumo, gula etc.

Epicuro via a felicidade com algo profundo e embora demonstra-se que ela está ligada ao prazer, seu conceito de prazer ia muito mais além que aquele prazer oferecido pela sociedade das massas. Por ser um tema complexo ele acreditava que somente um filósofo poderia guiar o ser humano em sua busca pela felicidade. Embora afirmasse que o prazer é a coisa mais importante a vida, Epicuro vivia de forma simples e sem nenhum luxo. Se alimentava de pão, azeitona e legumes. Carne ele não comia por achar que era caro demais. Queijo um de seus alimentos prediletos embora pudesse comprar, ele não comia. Certa vez pediu a um amigo seu um pedaço de queijo, para que pudesse as vezes comer um pedaço, como forma de banquete.

A ideia de Epicuro sobre a felicidade tem uma tese simples e fácil de ser entendida. Ele dizia que o problema da felicidade reside na ideia que as pessoas fazem de si mesmas e na falta de

45 Epicuro. Pensamentos, texto integral. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006. Pag 66.

46 Epicuro. Pensamentos, texto integral. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006. Pag. 43.

conhecimento pessoal de suas necessidades e desejos. Para ele as pessoas não sabem o que lhes pode fazer felizes, por isso buscam a felicidade onde ela é prometida. A crença que uma determinada coisa ou produto possa lhes trazer felicidade faz com que tenha-se o desejo de a conquistá-la, de possuí-la. Acreditando que um carro novo por exemplo possa nos fazer felizes, investimos todo nosso tempo, atenção e energia no sentido de adquirirmos um carro novo. No entanto necessidade e desejo, são algo distintos e que na maioria das vezes trabalham de forma contraditória no ser humano.

"Prazer para nós significa: não ter dores no âmbito físico, e não sentir falta de serenidade no âmbito da alma. Pois uma vida cheia de ventura não é formada por uma sequência infinita de bebedeiras e banquetes, pelo gozo de belos mancebos ou de lindas mulheres, nem tampouco pelo saborear de deliciosos peixes ou de tudo aquilo que uma mesa cheia de guloseimas possa oferecer; mas, pelo contrário, somente pelo pensamento claro, que alcança a raiz de todos os desejos e de tudo o que se deve evitar."⁴⁷

São dois conceitos que a reciprocidade entre si é quase nula, pois nem sempre desejamos aquilo que necessitamos e poucas vezes necessitamos aquilo que desejamos. A maior prova disso está no comportamento humano ligado ao consumo. No entanto, dizia Epicuro, a felicidade não está no consumo, nem no dinheiro, ou na sexualização dos desejos.

Epicuro apresenta em sua filosofia três características básicas para ser feliz, sendo que nenhuma delas está ligado aos bens materiais ou prazeres hedonistas apresentados pela sociedade de consumo.

Amizade

Epicuro sustentava a ideia que todos os amigos deveriam viver juntos, para ajudarem-se uns aos outros. Sua forma de pensar levou-o a adquirir nos arredores de Atenas um casarão, e levou seus amigos para morarem com ele. Segundo ele a amizade é um dos principais pilares que sustentam a felicidade. Naturalmente que Epicuro com seus amigos tinha uma relação um tanto hierarquizada, sendo que somente ele era quem conhecia o caminho para ser feliz. Seus amigos e seguidores deveriam aceitar seu guiar. No entanto Epicuro não via nisso uma hierarquia negativa e a amizade era vista por ele como fundamental. Para ele o mais importante que o que comer é saber com quem se come, ou seja ninguém deveria fazer uma refeição sozinho e antes mesmo de saber o que será comido é preciso com quem senta-se ao lado para comer. A

47 Epicuro. Pensamentos, texto integral . São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.Pag. 42.

explicação a aceitação de tal forma de agir estava no significado de filósofo que estava intimamente ligado a libertação das amarguras da alma.

A liberdade

Um outro elemento importante para se alcançar a felicidade segundo a filosofia de Epicuro é a liberdade. Liberdade essa que ele via em relação com a autossuficiência. A autossuficiência é vista por ele como uma forma de poder ir e vir sem necessitar dar satisfação a ninguém. Porém para ele a questão da autossuficiência ia ainda mais além e tinha uma relação de contradição com a forma consumista de viver e ver uma realidade. Ele acreditava que livre era o ser humano que não dependia do que a sociedade lhes oferecia para sobreviver. Sua crítica aqui está ligada a forma consumista de estar na sociedade. A autossuficiência para ele é o mesmo que autossustentação.

A consciência de si mesmo

Ele ainda nominava um terceiro ingrediente na sua receita para a felicidade. Este poderia ser chamado em nossa moderna linguagem de reflexão. Em uma sociedade em que o movimento dita as normas de vida das pessoas. Em uma sociedade em que as coisas são oferecidas de tal maneira que a reflexão não ocupa espaço nem lugar, Epicuro dizia que uma vida em que as ações e atos não são refletidos, torna-se vazia e sem fundamentos. Para tanto é necessário tempo. Ele acreditava que nossos desejos e ansiedades diminuiriam se as pessoas tivessem tempo para pensar sobre eles. Para tanto um dos pressupostos básicos para esta reflexão era o afastamento do mundo consumista e comercial. Com isso ele voltava a questão anteriormente citada. A de que o maior problema na busca pela felicidade é buscá-la onde pensamos ou onde nos dizem que ela se encontra. Por isso muitas pessoas veem no dinheiro a porta de entrada para felicidade, e buscam nos aparentes prazeres que o dinheiro pode dar a felicidade.

O problema da falta de reflexão dos atos leva a uma vida baseada no aquilo que é oferecida. Aqui Epicuro volta novamente a tese das necessidades e desejos. Segundo ele a propaganda trabalha diretamente com as categorias de desejo e necessidade. A propaganda seduz, não somente pela forma que ela é apresentada, mas também porque se baseia em princípios psicológicos desenvolvidos pela moderna psicologia. A propaganda nos faz acreditar em necessidades que anteriormente nem sabíamos que existiam. Neste sentido ideais como liberdade, amizade ou mesmo a solução para problemas são associados pela propaganda a um produto, por exemplo, cigarro, bebida, ou a compra de novas peças de vestuário. Se não refletimos sobre isso, filosofava Epicuro, tornamo-nos refém do consumo e não atingiremos a felicidade.

1.3.5-Anulação da dor como condição básica para a felicidade

Eudoxos de Knidos foi o primeiro filósofo que tratou do tema da felicidade e sua relação com o bem estar físico. Para ele ninguém poderia entrar em um estado de felicidade sentido ao mesmo tempo dores no corpo. Sua filosofia tinha como principal ponto de sustentação a observação dos seres vivos. Em sua observação ele percebeu dois elementos fundamentais que sempre estão presente nos seres vivos. Elementos estes que mesmo opostos entre si, se completam no curto ou longo ciclo da vida. Tal fonte de observação provinha de seu cotidiano e sua profissão. Sendo médico Eudoxos sentia tal paradoxo de dor e prazer em seus pacientes. Sua constatação é simples e direta. Ele dizia que todos os seres vivos, tanto Homens ou animais tem como pressuposto básico para se sentir bem a busca pela anulação da dor e sofrimento. A observação de que nenhum ser vivo sente-se bem enquanto tiver algum tipo de dor, leva Eudoxos a constatar que a dor, embora faça parte da essência dos seres vivos, é algo que traz consigo desconforto e sofrimento. Seguindo a mesma linha de raciocínio é possível concluir que dor e sofrimento, não são fontes de bem estar ou de prazer. É neste ponto, no entanto, que surge um pequeno problema na constatação de Eudoxos. Ele diz que tal constatação é algo livre de qualquer forma de moral ou conceitos éticos. É uma constatação totalmente livre.

Qualquer ser vivo psiquicamente e corporalmente saudável diria que dor e sofrimento, causam desconforto, interferindo assim no bem estar de si mesmo. Tal constatação, entanto, não dá aos seres humanos nenhum juízo de valores. Nela não existe nada ético nada amoral, ou moral. Neste nível os conceitos éticos e morais ainda não foram desenvolvidos. Tal constatação, no entanto, embora seja em um primeiro momento uma constatação sem efeito aparente, vai servir em um segundo momento como base teórica para o desenvolvimento de pressupostos éticos do agir humano⁴⁸.

Naturalmente que a pergunta dos filósofos antigos e aqui em especial os gregos, tinham em si a busca pela resposta sobre bem supremo. No entanto é somente com a filosofia platônica que tal forma de pensamento é melhor elaborada e abertamente abordada. Mais tarde Kant usa os mesmos conceitos platônicos de bom, belo e verdadeiro de forma complementar para elaborar suas perguntas elementais da filosofia da nova era.

48 Aqui usaremos o conceito de dor e sofrimento de Eudoxos exclusivamente no sentido humano de se relacionar consigo mesmo.

1.3.6-A felicidade como resultado do instante

Tal forma de pensar a felicidade parte do princípio filosófico da generalidade humana e seu movimento em direção do particular, do individual, em direção do instante. Somente o instante adquire um significado. Passado o instante, seu significado se perde e o ser humano tende a buscar em outro instante novos significados. Aristipo desenvolve sua tese a partir da pergunta sobre a base geral do ser humano. Não somente o que faz o ser humano humano, assim como a base primitiva de todo o ser como espécie. Ele vê o ser humano como um indivíduo que em si mesmo, fechado em seus sentimentos detêm a possibilidade de, no âmbito pessoal, sentir algo. Em tal ser humano não existe a possibilidade de saber e sentir o que existe fora de seu âmbito pessoal. A existência se faz presente enquanto indivíduo sente, no instante em que ele sente. Tal forma de pensamento e ação formulada por Aristipo aprisiona a felicidade a existência do momento, do instante. Por isso o momento, descrito por Aristipo, deve ser algo agradável e bom. Algo que gera o sentimento de prazer. Que faz com que sua lembrança impulsione o ser humano a buscar novamente tais instantes. Em sua filosofia, todo o bem está ligado ao conhecimento físico do ser humano enquanto forma de prazer. Prazer, é o elemento que movimenta. O prazer em si, é visto por ele como algo que sempre trás em si o bom, o positivo, a felicidade.

Aristipo elabora uma teoria em que as coisas deste mundo são somente uma ideia de convenção, ou seja elas se exprimem unicamente de acordo com a percepção individual de cada um. Ao mesmo tempo tais sensações, que se apresentam de forma única e individual em cada uma, não podem serem comparadas com a de outros, tampouco serem medidas. Já que tais sensações não podem serem medidas por outro indivíduo, pois elas não podem ser sentidas pelo outro, o conhecimento torna-se algo estritamente subjetivo. Dessa forma tudo aquilo que se encontra fora do contexto do eu subjetivo, é visto por ele como o objeto. No entanto, nos objetos não se fazem presentes nenhuma forma de conhecimento. Eles servem apenas como meio de aquisição de conhecimento subjetivo. Apesar das sensações ocorrerem no instante do contato com os objetos, elas não trazem em si nenhum conhecimento sobre o objeto de relação pois elas dizem respeito somente ao sujeito em seu aspecto subjetivo.

Esta concepção está nitidamente ligado ao corpo físico e a um determinado espaço que este corpo físico se apresenta. A felicidade portanto acontece no momento em que o ser humano não somente vivencia os fatos, mas interage com os fatos. A apreciação do momento em que vive-se é traduzido por Aristipo como prazeroso em contradição com o momento não prazeroso relatado como o sentimento de dor. Porém existem momentos em que não existe nem prazer tampouco dor na vida do ser humano. Aristipo chama estes momentos de êxtase, ou seja, um momento de

espera, algo que pode ser definido como uma espécie de sono. No entanto tanto nos momentos de êxtase, assim com nos momentos de dor, não existe felicidade. A felicidade se faz presente somente nos instantes de prazer.

*"O fim último na realidade é o prazer particular; enquanto a felicidade é o somatório dos prazeres particulares, nos quais se incluem também os prazeres passados e os futuros"*⁴⁹

Apesar da filosofia hedonista de Aristipo tratar da felicidade como algo ligado ao prazer físico em detrimento aos prazeres da alma, convém salientar a importância da moderação e do autodomínio do ser humano em relação a estes prazeres. A busca pelo prazer, e consequentemente pela felicidade, não deve escravizar o ser humano. A busca pela harmonia na vida, não passa, segundo Aristipo pela dominação pelos prazeres, mas sim pela dominação dos prazeres. Somente o domínio do prazer dará ao ser a liberdade devida para buscar novos prazeres. Aristipo procura mostrar em sua filosofia que a busca pelo prazer não deve ser algo desordenado e instintivo. Embora ele afirme que o ser humano somente pode encontrar a felicidade nos momentos de prazer, a realização de tais momentos devem ser disciplinados. A busca desordenada leva os Homens a uma escravização de si mesmo. O ser humano escravo, não é logicamente livre para tomar decisões conscientes. Logo ele, mesmo que ele encontre o prazer, não encontrará a felicidade. Aristipo tinha uma visão cosmopolita de ser humano enquanto ser social e político.

1.3.7-A felicidade como projeto social

Já os filósofos a partir do século XVIII, tratam da felicidade como algo que o ser humano deveria merecer e buscar. Eles delineavam-na não apenas como algo a ser absorvido, mas sim como um dever social, como uma espécie de enjangamento comunitário na sociedade em que se vive. Ou seja a felicidade em seu âmbito privado está intrinsecamente ligado ao bem estar do outro. Esta linha de pensamento se desenvolveu e tornou-se assim um tema político.

A questão da virtude⁵⁰, por exemplo, que em Aristóteles tinha como componente básico para

49 Diógenes Laércio II, Máxima Principal, Pag. 94.

50 "Por isto, ser bom não é um intento fácil, pois em tudo não é um intento fácil determinar o meio por exemplo, determinar o meio de um círculo não é para qualquer pessoa, mas para os que sabem; da mesma forma, todos podem encolerizar-se, pois isto é fácil, ou dar ou gastar dinheiro; mas proceder assim em relação a certa pessoa, até o ponto

a busca da felicidade, aparece agora como forma de harmonia com o outro, como uma forma de bem estar do outro. Contrariando a definição de virtude de Aristóteles, que a apresentava como força máxima e máscula, a nova definição de virtude, mostra-se com uma ideia de utilidade. Ou seja o Homem virtuoso é aquele que se torna também útil ao seu semelhante. Com isso os valores do Homem do século XVIII definem-se como uma busca por delimitações a partir da razoabilidade do ser. Questões morais por exemplo não são definidas mais a partir do elemento Deus, e na particularidade do ser humano. A virtude passa a ser secularizada, tornando-se assim pública e distante das relações com Deus.

É a razão universal que dita as regras do Homem iluminista. A felicidade, o entendimento da natureza é dada pela ordenança da razão. A partir dessa razão universal se é possível alcançar a felicidade. A razão era o segredo para todo e qualquer tipo de desenvolvimento, tanto no nível moral, intelectual e industrial. A razão comanda todos os níveis das relações humanas e sociais.

Neste sentido surge o conceito de utilidade, que traz consigo a possibilidade do aumento da felicidade em determinadas pessoas e seu bem estar.

*"o princípio que aprova ou desaprova qual quer ação, segundo a tendência que tem de aumentar ou a diminuir a felicidade da pessoa cujo o interesse está em jogo, ou, o que é a mesma coisa em outros termos, segundo a tendência a promover ou a comprometer referida felicidade."*⁵¹

No entanto em nível público ela se traduzia como as decisões delineadas como medida de felicidade para um número maior ou menor de indivíduos, ou seja um princípio básico de utilitarismo defendido principalmente por Jeremie Bentham e John Stuart Mill.

Os princípios básicos do Utilitarismo estão ligados ao conceito de felicidade já elaborados por outros filósofos anteriores. Ao mesmo tempo tal visão ética e social quer elevar o ser humano a um patamar divergente do até então vigente na sociedade. As diferenças entre o agir e o pensar são elaborados de forma consequente levando em consideração a felicidade não mais como partícula individual, mas sim como um bem geral.

certo, no momento certo, pelo motivo certo e da maneira certa, não é para qualquer um, nem é fácil; portanto, agir bem é raro, louvável e nobilitante. Quem visa o meio termo deve primeiro evitar o extremo mais contrário a ele, de conformidade com a advertência de Calipso: 'Mantém a nau distante desta espuma e turbilhão' in Aristóteles. Ética a Nicómacos. Brasília : Editora UnB, 1985. Pag.11,9,1109 a 39-49.

51 Bentham, Jeremy. Uma introdução aos Princípios da Moral e da Legislação. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1979, pag. 4

Os cinco pontos de maior representatividade dentro do utilitarismo são: A Teleologia, o hedonismo, a questão social, o consequencialismo e finalmente o último, a imparcialidade no agir. Ele tem em seu âmago uma postura crítica à filosofia deontológica de Kant⁵², trazendo assim um resgate a teoria teleológica grega, principalmente aristotélica. Com isso ela destaca como primeiro ponto de avaliação e de partida para uma ação o seu significado ético, o telos, e não como Kant dizia o seu dever. Ao tratar da ética Kant, buscava a resolução do problema ético a partir dos sujeitos autônomos, ao contrário do Utilitarismo que usa o termo geral dos seres. Ou seja todos os seres que sentem, e aqui entra o conceito hedonista, dor ou prazer como princípio básico como padrão de agir. Com isso, não somente os seres humanos entram neste âmbito de presença, mas também todos os seres vivos de origem animal.

*"O problema não consiste em saber se os animais têm
podem raciocinar; tampouco interessa se eles falam ou
não; o verdadeiro problema é este: podem eles sofrer?"*⁵³

No entanto o hedonismo aqui representado pela nova forma da ética utilitarista adquire um âmbito social, da interação entre os seres em uma sociedade. O sentimento individual do hedonismo e sua busca pelo prazer vai com o utilitarismo se refletir na sociedade adquirindo assim um forte símbolo de prazer social, onde o maior número de pessoas serão os beneficiados em detrimento ao individual ou aos grupos menores. Nesta escala, porém estando o ser humano na escala superior de desenvolvimento da vida, o bem para ele, situa-se consequentemente em uma dimensão superior a dos animais o que não o dá no entanto a justificativa de usá-los de acordo com os seus interesses.

A questão importante no utilitarismo são os atos e suas consequências. Por assim dizer se os atos e atitudes de uma determinada pessoa irão gerar ou menos infelicidade para um número maior e ou menor de pessoas, tal ato será justificado através da moral utilitarista.

A ideia de que as normas, as relações e os interesses das pessoas na sociedade, devem ser delineadas pela mesma sociedade, vem em oposição ao pensamento naturalista que diz respeito ao pacto social, que de alguma forma foi realizado e que a partir deste pacto a sociedade se constitui.

Bentham trata do utilitarismo sob dois aspectos principais, o da dor e do prazer. Neste sentido ele não se afasta muito do conceito hedonista de felicidade. No entanto quando ele

52 Kant dizia que não somente as consequências das ações são objetos de juízo de valores. Muitas ações são erradas mesmo antes de se conhecer suas consequências.

53 Bentham, Jeremy. Uma introdução aos Princípios da Moral e da Legislação. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1979, pag. 4.

trata do prazer, ele o realiza sob uma concepção de quantidade de proporção. Ou seja quanto maior o prazer e menor a dor, tanto será melhor para o ser humano. A uma questão importante e que depois é motivo de crítica de Mill, é o não respeito aos direitos individuais.

Mill realiza uma distinção entre os prazeres, que por Bentham são apresentados de forma quantitativa, e por ele de forma qualitativa. Para Mill existem prazeres por ele chamados de elevados e baixos, ou prazeres superiores e inferiores. Tais prazeres se manifestam de maneira distinta no ser humano, sendo que os prazeres superiores são os do intelecto e os inferiores os do corpo. Sua distinção do conceito de Bentham mesmo sendo cuidadosa mostra um certo humanismo ditado não mais pelo quantidade mas sim pelo aspecto da qualidade.

"O credo que aceita a utilidade ou o princípio da maior felicidade como a fundação da moral sustenta que as ações são corretas na medida em que tendem a promover a felicidade e erradas conforme tendam a produzir o contrário da felicidade".⁵⁴

54 Mill, John Stuart. A liberdade- Utilitarismo. Trad. de Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2000 , Pag 187.

1.4-Movimentos europeus e suas influências no desenvolvimento no pensamento humano

1.4.1-O Renascimento

O Renascentismo e isso, pode ser percebido a partir das pinturas de Leonardo da Vinci por exemplo, principalmente na figura do Homem Vitruviano,⁵⁵ retira o Deus medieval e coloca o Homem como o centro de todas as coisas. A religião que neste contexto abrange um enorme canal de possibilidades humanas de contato com Deus, deixa de ser o canal direto de ligação do Homem com o transcendente. Naturalmente que ela, no período renascentista, ainda exerce um enorme poder na delimitação da forma de agir do Homem. No entanto, proporciona, queira ou não, uma certa maleabilidade, não mais como apontadora dos caminhos de forma direta e uniforme. Embora queira ainda ser a detentora dos caminhos e rumos do Homem renascentista, ela já não detém mais tal poder.

" As preocupações intelectuais se sobrepõem às exigências espirituais e dogmáticas , o saber sobre o agir, as veleidades sobre as decisões. O imenso apetite de cultura inverte os limites impostos pela fé dos séculos precedentes. O espírito se abre a todos os domínios do conhecimento humano; os exclusivos recuam. O mundo dos intelectuais começa a se instalar no terreno, com uma retomada de admiração pelas antigas obras pagãs, um desejo de usufruir os bens presentes e um otimismo sorridente para o futuro, que os engenheiros já povoam de

55 "O nome "homem vitruviano" deriva de um trabalho realizado pelo arquiteto romano chamado Marcus Vitruvius Pollio que apresentou um estudo matemático no século I a. C. Nesse estudo Vitruvius descreve, num Tratado de Arquitetura, as proporções ideais do corpo humano. Esse conceito do modelo ideal para o ser humano inspirou Leonardo Da Vinci que em 1490, com base na descrição de Vitruvius fez o famoso desenho. Nele, Da Vinci representou as proporções ideais do corpo humano masculino. As proporções são perfeitas e expressam o ideal clássico da beleza. As posições dos braços e pernas expressam quatro posturas diferentes, inseridas num círculo e num quadrado, ao mesmo tempo. Expressa o conceito da "Divina Proporção" que se fundamenta numa das leis que regem o equilíbrio dos corpos , a harmonia das formas e dos movimentos. E esse conceito pode ser estendido ao Universo como um todo. Isso pode ser observado no mundo que nos cerca. Assim, quando achamos algo bonito, harmonioso , significa que essas formas obedecem a uma regra geométrica especial chamada proporção áurea. Esse estudo demonstra que todas as medidas têm uma proporção exata, podendo ser comprovada. Assim, dentre muitas medidas descritas no estudo, podemos destacar: a altura do corpo humano é igual à largura dos braços abertos. A cabeça de uma pessoa corresponde a 1/8 de sua altura total. A palma da mão (do pulso ao topo do dedo médio) equivale a 1/10 da altura do corpo. O pé representa 1/6 da altura do corpo. A face (do queixo ao topo da testa) equivale a 1/10 da altura do corpo" in <https://isoeunaosabia.wordpress.com/2011/11/16/homem-vitruviano/>

*máquinas fantásticas que tornarão a vida mais agradável.
O Céu não é esquecido, por certo, mas, por enquanto, não
há pressa".⁵⁶*

Existe uma certa liberdade humana, que vem trazer uma certa busca à partir das dimensões humanas, uma busca por um equilíbrio do ser humano consigo mesmo, não levando muito em consideração os rótulos e dogmas da Igreja Católica.

Por exemplo o quadro de Mona Lisa, se for comparado a um quadro da época do Barroco, dá uma visão clara da diversidade da forma de pensar e se relacionar consigo e com o transcendente. Nele o corpo humano ao ser retratado, traz em si a beleza e a leveza do ser interior transparecendo na sua forma exterior. É como uma pluma que flutua levemente numa brisa suave. Ele vai descendo suavemente até pousar em um determinado lugar. Já ao contrário do Renascimento, o Barroco não é suave e leve, mas algo pesado sofrido, barulhento.

Naturalmente que o Renascimento não é uma arte e um pensamento especificamente livre dos ditos da Igreja Católica. Ele torna-se a arte da propaganda católica, que juntamente com a burguesia, as duas principais financiadoras dos artistas da época, estabeleciam as regras para sua publicidade.

O Renascimento surge como uma reação a uma situação da época que à partir de seu sentido histórico pode ser analisando como catastrófica. No final do século 14 e início do século 15 a Europa vê-se em uma situação em que muitas pessoas morrem por causa da peste negra, a guerra dos 100 anos e a grande fome. No entanto, no sentido artístico e principalmente intelectual, as percepções deste tempo se dão de um modo diferente.

A própria palavra Renascimento se refere ao ressurgir, ou renascer de uma possível fonte já esquecida. Tal ressurgimento se dá a partir das fontes clássicas do mundo grego e romano. É a busca por novas roupagens, de elementos que foram perdidos com o fim da alta Idade Média e com as formas de razões teológicas da Igreja Católica de relacionamento entre deus e os homens.

"Havia uma razão e um amor eternos, que eram, ao mesmo tempo, Criador e Fim de todo o esquema cósmico, e com os quais o homem, como ser dotado de razão e amor, tinha uma afinidade essencial. Essa afinidade era revelada na experiência religiosa e tal experiência era, para o pensador medieval, o fato científico culminante. A

56 Minois, G. L'Église et la Science: histoire d'un malentendu. Fayard. Paris, 1990. Pag 291, in <http://dan.unb.br/images/doc/Serie200empdf.pdf>

razão se unira à interiorização mística e ao êxtase; seu momento culminante, a visão transitória, mas irresistivelmente arrebatadora, de Deus, era também o momento em que todo o domínio do conhecimento humano ganhava significado final".⁵⁷

Quase concomitantemente com o início do Renascimento, inicia-se na Igreja Católica o chamado "Humanismo Cristão"⁵⁸. Tal forma de pensar e se relacionar traz consigo uma confrontação com o intuito de aproximação de dois elementos. O teocentrismo e o racionalismo. Neste contexto, principalmente a filosofia de Platão e Aristóteles recebem uma nova revisão levando em conta uma busca por pontos de conexão entre o racional e transcendente. Portanto, é a partir do racionalismo e humanismo cristão que o Renascimento vai se desenvolver e criar raízes na cultura europeia, primeiro na Península Itálica e depois se alastrando pelo resto da Europa. O Renascimento no entanto traz em seu âmago uma profunda disputa de status e poder.

"Damit begann der lange Kampf zwischen Wissenschaft und Dogma, in dem die Traditionalisten dem neuen Wissen gegenüber auf verlorenen posten standen."⁵⁹

Tal disputa que se inicia de certa forma entre a fé e a razão vai se alastrando entre a Igreja Católica e a burguesia que a usam-na como forma de adquirir mais poder, status e influência. São duas classes que se digladiam mas também se complementam; no âmbito da Igreja Católica com seu financiamento de artistas como forma de realizar publicidade por meios da arte, e no âmbito burguês com a busca pelo status social, tentando se aproximar da nobreza, que até então detinha tal status quo.

Naturalmente que a ideia do Homem como centro, não é algo que vem se sobrepor ao teocentrismo. Eles coexistem o mesmo tempo, e se digladiam no campo das ideias até que o antropocentrismo adquira maior poder de influência no Homem renascentista.

Tal antropocentrismo proporcionado pela visão humanista dá ao Homem a possibilidade dele agir por conta própria, "caminhar com suas próprias pernas", dá a ele uma possibilidade de liberdade de ações com seu meio, e finalmente lhe proporciona o argumento necessário

57 Burt, Edwin. Arthur. - As Bases Metafísicas da Ciência Moderna. Editora Universidade de Brasília. Brasília, 1983, pag 113.

58 "Tende essencialmente a tornar o homem mais verdadeiramente homem e manifestar a sua grandeza original fazendo-o participar em tudo o que pode enriquecê-lo na natureza e na história". in Maritan, Jacques. Por um humanismo cristão. Editora Paulus, São Paulo, 1999. Pag 10.

59 Russel, Bertrand. Philosophie des Abendlandes, ihr Zusammenhang mit der politischen und der sozialen Entwicklung, Europa Verlag Zürich, 1^o Auflage 2007. Pag. 500.

para a exploração de novos mundos.

*"A filosofia em sua qualidade de dimensão do espírito, ela se empenha em viver suas crises, suas mudanças e suas transformações. Foi o que ela fez na renascença, participando da angustia interior que atormentava o homem daquele tempo, entregue a conquista da própria autonomia e liberdade."*⁶⁰

Com o declínio da Idade Média, ou da época medieval, o Humanismo surge como um ponto de ligação entre o final da Idade Média com o Renascimento. Seus elementos, como o antropocentrismo faz surgir uma gama imensa de novas formas de relacionamento do Homem consigo mesmo e com o seu meio. No entanto ele é uma fase de processo, de transição. Nele fica marcado no sentido histórico o início das grandes navegações, o mercantilismo e a ascensão da burguesia. Os feudos perdem seu espaço, e as pessoas tendem a viver não mais isolados, mas juntas. É o início da formação das grandes cidades.

Um dos pontos importantes que influencia diretamente no Renascimento é a criação da imprensa, usada como forma de divulgação da cultura. A partir daí, muda-se a visão de formação. Claro que a Igreja Católica ainda possuía os meios e os fatos para coibir tal expansão, mas com ela já não consegue exercer uma total e inquestionável influência ela também mostra uma abertura auxiliando de certa forma na propagação de uma nova visão.

Para fins metodológicos o Renascimento inicia no século 14 e se desenvolve até o século 16. Na verdade tal divisão pode ser estendida um pouco mais. O seu apogeu se dá nos anos de 1500, sendo que neste momento histórico ele se sobressai ao pensamento medieval e torna-se o pensamento por excelência na Europa. Seu rompimento com a ideia medieval de mundo e de se relacionar não se dão no entanto de forma abrupta, mas ele faz parte de um desenvolvimento humano e na busca de soluções para seus problemas à partir de um outro ponto de vista.

"Não houve uma filosofia oficial renascentista. Entretanto, os pensadores renascentistas se identificavam com o chamado humanismo, que eram defensores da visão antropocêntrica. Os humanistas se preocupavam em recuperar obras gregas e romanas antigas que tinham sido esquecidas (...) Os humanistas renascentistas se interessavam pelos valores do individuo de um modo

60 Mondin, Battista. Curso de filosofia: os filósofos. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1981. Pag 14.

Se na Idade Média tudo era visto sob o ponto de vista da Igreja Católica, o Renascimento vem dizer o contrário, ou vem mostrar que existe uma outra possibilidade de desenvolvimento fora dos padrões ordenados pela Igreja. Como um movimento de transição, de ligação entre dois mundos o renascimento retira um certo poder da Igreja e dá aos leigos, a cultura laica e às ciências.

Com o Renascimento a cultura medieval perde seu espaço. Se nela deus era tido como o centro, com ele, o Homem passa a ser definido como centro. Ou seja a postura, o ângulo de definição se modifica. A ruptura com o teocentrismo da Idade Média, torna o Homem na teoria, absolutamente livre para suas escolhas. No entanto é um erro analisar o Renascimento e Idade Média como expoentes opostos um ao outro. Na verdade o que ocorre é uma integração da visão da Idade Média com uma visão voltada para o ser humano. Tal oposição se dá depois com o Iluminismo e com o Racionalismo Clássico.

O Renascimento não tem como fundamento uma busca pela negação de deus. Sua busca se dá em um outro sentido, pela afirmação do Homem, o encontro com deus. O grande interesse pelo Homem completo. Não somente pelo corpo mas também pela alma, ou seja conceitos básicos da filosofia platônica. Ou seja busca-se pela integração do Homem na sua universalidade integrando o transcendente do humano com o seu concreto e visível. O seu corpo. A volta pelo interesse pelo corpo, demonstra que o corpo já não é mais visto como algo portador de pecado, mas sim como uma forma de conhecimento e de beleza. Por outro lado o Homem como alma continua a ser uma fonte de preocupações.

A beleza é um dos temas centrais do Homem renascentista, pois ela seguindo o pensamento platônico pertence ao mundo das ideias, do ideal, do divino, do transcendente.

Atualmente quando se pensa no renascimento o ligasse às artes, às pinturas, as descobertas científicas e assim por diante. No entanto não pode-se deixar de lado que por trás de cada pintura, de cada descoberta científica existe uma concepção de mundo, uma ideia do ser, uma forma de estar no mundo. Ideia essa que de certa forma deixava o ser humano renascentista de certa forma confuso e indeciso frente as novas novidades. Beltrand Russel assim se refere sobre tal forma de emancipação do Homem renascentista:

*"Die Emanzipation von der Autorität der Kirche
vertärkte den Individualismus bis an die grenze de
Anarchie. In der Vorstellung der Renaissancemenschen
war gestige und politische Disziplin von der*

61 Schmid, Mario Furley. Nova história crítica: ensino médio. São Paulo: Nova Geração, 2005. Pag 135.

No campo da filosofia, os filósofos renascentistas buscam uma superação daquilo que os filósofos medievais diziam. Pois se o pensamento renascentista busca uma volta ao pensamento greco-romano, ele precisava ao mesmo tempo uma argumentação do porque deste novo renascimento, uma vez que a filosofia clássica dos gregos, na verdade nunca foi abandonada. O fenômeno da escolástica medieval por exemplo, estudou não somente Platão mas também Aristóteles. Por isso o ideal do renascimento é a volta as origens, o estudo puro da filosofia clássica sem passar pelo pensamento medieval.

O problema que advém do estudo da filosofia clássica da Idade Média vinha de encontro com a base de um pensamento não filosófico. Ou seja não é fazer filosofia buscar algo já sabendo a sua resposta final. É como realizar uma aposta já sabendo de antemão qual o seu resultado. Ou seja não é busca por uma verdade, mas sim a busca por fundamentos para que um argumento seja fundamentado à partir de uma certeza já anteriormente existente. A Igreja como poder máximo, não busca no mundo clássico a descoberta de novas verdades. Ela faz o contrário, busca nele verdades para fundamentar seu pensamento. Neste sentido a leitura de Platão, Aristóteles e outros autores são lidos à partir do embasamento teórico que proporcionará a fundamentação daquilo que já anteriormente foi pensado. Não é uma excursão livre, mas sim com pressupostos já anteriormente traçados.

Com isso o pensamento passa a ser manipulado. A livre interpretação deixa de existir e dá lugar a uma forma pré-determinada onde os pressupostos argumentativos tornam-se reféns de uma conclusão já anteriormente elaborada. Esse era um dos grandes dilemas da Idade Média pois mesmo ela sendo comandada por pressupostos teológicos necessitava argumentar a existência de deus a partir de pressupostos filosóficos. Pois na teologia não existem pressupostos para provar sua existência.

A cultura renascentista percebeu esse dilema da Idade Média e por sua vez buscou novos parâmetros de sustentação desta nova forma de pensar. A volta ao estudo dos clássicos dar-se-á dessa forma não como uma busca por argumentações para certezas fechadas, mas sim como uma abertura para o novo, sem saber qual será o final do caminho. Ela torna-se uma busca em um caminho estabelecido mas sem saber onde este caminho vai findar.

Platão e seu pensamento tornam-se assim a base de todo o pensamento renascentista. Ele se torna um mestre, um guru, quase uma figura religiosa. Um exemplo disso é a imagem de

62 Russel, Bertrand. Philosophie des Abendlandes, ihr Zusammenhang mit der politischen und der sozialen Entwicklung, Europa Verlag Zürich, 1^o Auflage 2007. Pag. 501

Platão e o culto a sua figura que existia na Academia Florentina.

O estereótipo do Homem renascentista, e isso pode-se perceber muito bem em Leonardo da Vinci e seu interesse por todas as coisas da natureza humana. É uma busca pelo conhecimento sem fronteiras, sem limites. Onde existe uma possibilidade de conhecimento, lá está o homem renascentista.

Do progresso tecnológico provinha a certeza do domínio absoluto sob a natureza. Apesar do renascimento europeu ser em princípio artístico, nota-se na filosofia, por exemplo, um retorno, a autoridade de Platão sob Aristóteles. Surgem as ideias de Maquiavel, de Erasmo de Roterdã, Miguel de Cervantes, Luiz Camões e Shakespeare.

O saque de Roma em 1527 marca o início do declínio do pensamento renascentista. A harmonia da vida da forma renascentista de ver o mundo, dá lugar as incertezas e ao medo. A realidade clara e objetiva perde sua clareza e lógica. As certezas tornam-se incertas, o novo indivíduo "oscila entre o espiritualismo religioso dos novos tempos e a vivência humanista do renascimento"⁶³. O ser ou não ser⁶⁴ torna-se a questão, quase tudo vira incertezas. Por fim o ser perde sua identidade, como mostra Hamlet.

É neste desgastante quadro social europeu que o Barroco chega com uma nova proposta. A volta a religiosidade e a eliminação da perspectiva renascentista.

1.4.2- Barroco

O conflito da sociedade do final do século XVI vai influenciar não somente na maneira de agir das pessoas, mas também na sua maneira de se relacionar com a filosofia, com a

63 Gonzaga Sergius: Manual da Literatura brasileira. Editora Mercado Aberto, 14 Edição, Porto Alegre, 1997. Pag. 13.

64 "Ser ou não ser... Eis a questão. Que é mais nobre para a alma: suportar os dardos e arremessos do fado sempre adverso, ou armar-se contra um mar de desventuras e dar-lhes fim tentando resistir-lhes? Morrer... dormir... mais nada... Imaginar que um sono põe remate aos sofrimentos do coração e aos golpes infinitos que constituem a natural herança da carne, é solução para almejar-se. Morrer..., dormir... dormir... Talvez sonhar... É aí que bate o ponto. O não sabermos que sonhos poderá trazer o sono da morte, quando alfim desenrolarmos toda a meada mortal, nos põe suspensos. É essa ideia que torna verdadeira calamidade a vida assim tão longa! Pois quem suportaria o escárnio e os golpes do mundo, as injustiças dos mais fortes, os maus-tratos dos tolos, a agonia do amor não retribuído, as leis amorosas, a implicância dos chefes e o desprezo da inépcia contra o mérito paciente, se estivesse em suas mãos obter sossego com um punhal? Que fardos levaria nesta vida cansada, a suar, gemendo, se não por temer algo após a morte — terra desconhecida de cujo âmbito jamais ninguém voltou — que nos inibe a vontade, fazendo que aceitemos os males conhecidos, sem buscarmos refúgio noutros males ignorados? De todos faz covardes a consciência. Desta arte o natural frescor de nossa resolução define sob a máscara do pensamento, e empresas momentosas se desviam da meta diante dessas reflexões, e até o nome de ação perdem. Mas, silêncio! Aí vem vindo a bela Ofélia. Em tuas orações, ninfa, recorda-te de meus pecados." in Shakespeare, William. The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmark". 1623, tradução de Silva Ramos, Percles Eugênio da. Hamlet Editora Abril, 1976. Ato III, Cena I.

literatura e com as artes em geral. Eram tempos conturbados, de conflitos sociais e finalmente de contrarreforma.

*"Época marcada por contradições que se entre cruzam tanto no palco quanto nos bastidores. Ser e parecer, pompa e despojamento, poder e potência são as constantes antagônicas desse período. Num mundo abalado por conflitos sociais, por lutas religiosas e todo tipo de guerras, o espetáculo gigantesco do teatro do mundo (o Barroco) propunha-se como um esteio."*⁶⁵

O mercantilismo fincava suas raízes, e a economia se estabelecia como lei máxima das relações. O contexto de absolutismo na política, de ideia de lucro econômico e principalmente de vendas de indulgências, ligada ao despreparo do clero, entre outras questões, faziam uma parte da Igreja Católica sentir-se indignada. É neste contexto que se dá o cisma da Igreja Católica.

Surge então com Martin Lutero a reforma da igreja e a criação do Protestantismo. Lutero coloca em cheque alguns dogmas da instituição, seguindo-se assim como consequência uma ruptura com a Igreja Católica. Naturalmente que em um primeiro momento não houve muitas aliuades e tudo se passou dentro do clero, mas seguidamente vem as consequências desta ruptura de Lutero e os católicos perdem um grande número de fiéis.

É num contexto de corrupção da Igreja Católica que parte do clero começa a protestar e a questionar várias posições da Igreja Católica e buscar uma reforma. Tal reforma no entanto não ocorreu e a consequência disso foi a ruptura e a formação de novas igrejas cristãs. Com isso surgem o Luteranismo, o Anglicanismo, o Calvinismo e os Anabatistas. Naturalmente que numa época de crise da Igreja Católica, muitos setores da sociedade em transição se aproveitam do momento para tirar proveito para si mesmo⁶⁶. O enfraquecimento da Igreja a partir das novas ideias do Humanismo e renascentismo proporciona tal ruptura.

No entanto tal ruptura mostra novos caminhos de relacionamento com Deus na sociedade⁶⁷.

A volta a elementos da Idade Média como fundamentos para a contrarreforma, fica claro a partir do concílio de Trento. Nos 18 anos que tal concílio perdurou um dos mais importantes

65 Bornaesser, Bárbara. O Barroco. Königswinter: Konemann, 2004. Pag. 7

66 Como é o caso do surgimento do Anglicanismo na Inglaterra. Uma destes exemplos é do rei Henrique VIII, que não conseguindo o divórcio de Catarina de Aragão para se casar com Anna Bolena, cria uma nova religião.

67 O luteranismo por exemplo abandona a ideia de salvação a partir da caridade e eleva a fé como instrumento fundamental de salvação. Já o calvinismo mostra a ideia de predestinação absoluta, ou seja quando a pessoas nasce, já esta predestinada a ser feliz ou não, ser eleito por deus ou não. A dualidade humana entre o ser e não ser, entre a felicidade e a infelicidade.

elementos dele retirado foi a reativação do tribunal do Santo ofício, ou seja a reativação da inquisição, na qual a Igreja Católica com força total reagiu reprimindo e perseguindo as novas religiões.

Se por um lado existe com as novas igrejas uma busca pela saída definitiva de um pensamento medieval, a Igreja Católica reage a isso, e busca justamente na Idade Média elementos para seu fortalecimento, ou seja sua campanha publicitária deve ser mudada. Se no Renascimento o corpo humano é colocado como centro e muitas vezes mostrando sua nudez, com a perda dos fiéis, a Igreja Católica busca uma nova forma de representação do ser humano.

Ou sejam saem de cena as figuras renascentistas com suas levezas e suas alegrias e entram no cotidiano das pessoas o mundo escuro, o mundo do sofrimento. As feições das pinturas já não se apresentam alegres, mas sim melancólicas. A figura de Jesus e seu sofrimento na cruz ganha espaço e o homem vive a dualidade entre os desejos do corpo e da alma.

Com a criação do catecismo, a Igreja Católica reafirma a importância de seus dogmas, como os dos sete sacramentos e principalmente a negação completa de todas as doutrinas da reforma. Surge com isso uma sociedade em conflito. Se por um lado a visão renascentista de abertura para o novo e da busca por respostas onde quer que elas estejam, com a contrarreforma a sociedade perde seu equilíbrio emocional e mergulha numa época de conflitos e dilemas. A caça às bruxas da Igreja Católica a partir da perseguição daqueles que se mostravam contra sua doutrina traz um medo à sociedade. O ser humano se afunda na dualidade do corpo e da alma sob forma de contraste entre a vida terrena e suas afeições, reapresentada pelo renascimento, e os valores espirituais apresentados pela Igreja Católica através de seus dogmas.

O Barroco atinge uma conotação mística. Ele vem, naturalmente, em sintonia com a contra reforma da Igreja Católica. Com uma linguagem rebuscada e preciosista ele traz uma presença meramente eclesial, mas também aliada ao estado.

As antíteses entre vida eterna, vida terrena, corpo e alma, espírito e carne causam no indivíduo barroquino uma profunda angústia. Ele não sabe se vive plenamente a vida, com seus prazeres e sensualidade ou foge dos gozos humanos buscando alcançar a eternidade, como deixava claro a filosofia da contra reforma da Igreja Católica.

O indivíduo barroquino é um ser antagônico, que agoniza entre dois polos. Ora se entrega aos prazeres mais radicais da carne, ora se ajoelha diante dos altares católicos e cheio de culpa implora e celebra o perdão divino. Mas a presença profana e diabólica é constante no mundo, e ele cai novamente em tentação e se deixa levar pelos desejos da carne. Infeliz e sem amor

próprio ele se ajoelha novamente em frente seu Deus e pede perdão. Assim dilacerado entre dois extremos, o indivíduo assume uma consciência integral da fugacidade da vida humana e aceita-se como infeliz. O transitório da vida e como vivê-la deixa-o infeliz e incerto. Surge a contradição.

Parte 2 - O Brasil e suas relações

2.1-Considerações históricas a respeito do Brasil

Na primeira análise de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal sobre os habitantes da terra descoberta é assim relatada:

*"..A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador..."*⁶⁸

Eles foram considerados no início como os "bons selvagens", mas com o passar do tempo, no entanto, e com sua não aceitação aos trabalhos do dia a dia, tornaram-se um problema para a coroa portuguesa. Mesmo sendo depois mitificados por filósofos europeus como Rousseau ou Montaigne, a imagem dos primeiros habitantes do Brasil continuou sendo como selvagens e bestas comedores de carne humana⁶⁹.

⁶⁸ Cartas Inéditas, (1560). in://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/161/129

⁶⁹ O alemão Hans Staden, que depois de passar cinco anos preso pelos Tupinambás, relata passo a passo todas as etapas do interessante banquete. Segundo ele a vítima era capturada no campo de batalha e pertencia aquele que primeiramente a tocasse. Após agressões a vítima era bem tratada e recebia como companhia uma irmã ou filha de seu captor e podia andar livremente. Na véspera da execução o prisioneiro era depilado e banhado. Depois do ritual da morte o corpo do morto era esquartejado. As crianças comiam os intestinos, os adultos ficavam com a pele do crânio e as mulheres com os órgãos sexuais.

Foi no entanto depois de quarenta e quatro dias de viagens pelo mar até então provavelmente desconhecido, que os primeiros navios portugueses chegam à costa do que depois seria chamado de Brasil. Alguns dias antes da festa que os fervorosos católicos portugueses celebravam a Páscoa. A ideia primeira que se tem sob a nova terra se encontra no "certidão de nascimento do Brasil" elaborado por Pero Vaz de Caminha. Na troca de presentes, os portugueses deram-lhes um gorro vermelho e os índios em troca lhes deram um cocar de plumas e um colar.

*"Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar."*⁷⁰

O primeiro contato se deu com os índios das tribos Tupi Guarani. Os mesmos que, algum tempo depois, se uniriam com os portugueses na guerra contra os Tupinambás Tamoios, então aliados dos franceses. Os primeiros quatro anos foram para os portugueses anos de contato e superficial estabelecimento. A ideia de colonização das terras recém descobertas ainda não fazia do planos de Portugal. A bem da verdade é que Portugal não necessitava no momento das novas terras, pois seu livre comércio de compra e venda de especiarias e tecidos com a Índias Orientais era satisfatório e rentável. Seu interesse se volta para o Brasil somente depois de sua expulsão das Índias.

"É irrelevante saber se o Brasil foi descoberto acidental ou propositadamente, (...) mas a Terra de Vera Cruz,

70 Carta de Pero Vaz de Caminha in [in: //www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/161/129](http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/161/129)

*como foi batizada pelos descobridores, não demorou a se chamar Brasil devido à lucrativa madeira vermelha utilizada para tingir, assim chamada, que foi encontrada em quantidade razoável ao longo do litoral. O empenho no comércio com a Índia, no ouro da Guiné e nas guerras com o Marrocos durante muitos anos impediu a Coroa portuguesa de dedicar atenção à região recentemente descoberta, que não parecia possuir nada melhor além da madeira para tingir, papagaios, macacos e selvagens nus, dos mais primitivos."*⁷¹

Um outro aspecto importante que levou Portugal a desenvolver interesse pelo Brasil foi a novidade lucrativa que seus vizinhos, os espanhóis, haviam feito nas novas terras. A descoberta do ouro e da prata atiçou a cobiça do portugueses que imediatamente iniciaram expedições mato adentro em busca de tal riqueza. Não demorou muito que a busca surtiu efeito e das terras brasileiras toneladas de ouro foram levadas a Portugal. Portugal finalmente havia descoberto o Brasil. Juntamente com a corrida do ouro iniciava-se o processo de colonização e escravidão no Brasil e que oficialmente perpetuará até 1822. A primeira forma de colonização agrária se dá com a introdução do cultivo da cana-de-açúcar. O ouro branco.

Mas onde buscar homens para trabalhar nas lavouras de cana de açúcar? As diferentes guerras, pestes e epidemias deixaram muitas baixas na população portuguesa. O segredo era simples: transportar a ideia escravagista da metrópole para a colônia. Com a chegada dos negros africanos iniciou-se um processo de miscigenação de três raças no Brasil. Roger Bastide citando Gilberto Freyre assim se refere:

"Deixar-se-ia, ademais, esses brancos excitados por um clima mais sensual, e pelo contato com belas jovens nuas, misturam-se com a gente da terra, dando origem a uma multidão de bastardos e mestiços que formariam, entre o colonizador branco e o índio selvagem, uma classe intermediária de maneira a amortecer os choques de civilizações a propagar os valores portugueses no sertão e ajudar ao povoamento do país, graças a uma população mais assimilável que a população indígena às forma

71 Boxer. C R. O Império Marítimo Português. São Paulo Companhia de letra, 2002, Pag.98.

2.1.1-As ações de colonização no Brasil e suas respectivas consequências na tentativa de delinear um padrão único

Um aspecto importante e que ainda gera controvérsias na história do Brasil é o papel dos Jesuítas⁷³ no processo de evangelização dos índios. Se por um lado eles são vistos e até muitas vezes admirados pela sua resistência⁷⁴ e luta ao lado dos índios contra a ganância dos colonizadores, do outro eles aparecem como agentes da coroa portuguesa, domesticadores de índios e escravagistas.

*"Tornar o indígena um cristão, a partir da catequese, e um homem, aos moldes europeus, capaz de viver numa sociedade organizada, desenvolvendo uma atividade produtiva, sistemática e, de forma, tornando-os participantes do Estado europeu"*⁷⁵

Estabelecer um padrão de análise do trabalho dos jesuítas no Brasil, é antes de tudo aceitar a ideia de que eles não foram santos, nem vilões, não foram bons nem maus, mas que no entanto estavam a serviço dos conquistadores.

O primeiros jesuítas desembarcaram no Brasil no ano de 1549 com um objetivo específico⁷⁶. A conversão dos índios. E isso era uma tarefa a ser levada a sério. A esse trabalho, os padres da Companhia de Jesus se dedicaram arduamente. A história do Brasil, não somente o Brasil colonial, mas também o chamado Brasil moderno está nitidamente interligada à catequese jesuítica. É no Brasil colonial que encontra-se uma influência forte dos Jesuítas na maneira de

72 Bastide, Roger. As religiões africanas no Brasil contribuição a uma sociologia de interpretações de civilizações, Livraria pioneira Editora, São Paulo, 1985. Pag.48.

73 A companhia de Jesus foi fundada em Paris no ano de 1534.

74 Uma das passagens que mais chama atenção na história das missões Jesuíticas foi a marcha de mais de 10 mil índios, através da floresta e das cataratas do rio Iguaçu para se salvarem da ameaça dos bandeirantes paulistas. Depois da dispersão causada pela fuga, os índios foram reagrupados e o projeto das missões foram novamente restabelecidos. Foram mais de 100 anos de paz e prosperidade. Em 1750, no entanto, os padres jesuítas e os índios receberam um ultimato dos espanhóis e portugueses para abandonar as missões em seis meses. Como os índios se opuseram a isso, estourou a guerra guaranítica, na qual os guaranis foram massacrados e expulsos de suas terras.

75 Negro, Sandra; Marzal, Manuel. Esclavitud, economia y evangelización. Las haciendas jesuíticas en la América virreinal. 1ª ed. Peru: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Peru, 2005. Pag.562.

76 As primeiras reduções jesuíticas, foram fundadas cem anos depois da chegada dos primeiros portugueses no Brasil. Elas marcam o início da primeira fase das missões guaraníticas, que se estenderiam até o ano de 1641. Com o passar do tempo foram fundadas pelos padres jesuítas mais de 50 reduções no Brasil, Argentina e Paraguai.

agir dos povos. Os Jesuítas defendiam os indígenas da escravidão brutal, mas ao mesmo tempo os desculturavam, tentando destruir seu conjunto de mitos⁷⁷ e crenças. Em troca ofereciam a eles um outro estatuto, o estatuto do deus único, do deus cristão, o deus católico enfim o deus verdadeiro. Ao mesmo tempo que os Jesuítas lutaram contra a escravização dos indígenas, sua forma de agir e sua prática tornaram os índios presas fáceis para ações escravagistas. Os próprios jesuítas tinham escravos, e aristotélicos como eram acreditavam na servidão natural dos povos inferiores.

Com a criação das Capitanias hereditária em 1532, Portugal inicia o processo de tomada definitiva do novo chão. Juntamente com a criação das capitanias hereditárias, um regime feudal adaptado aos trópicos, Portugal começa a trazer os primeiros colonos europeus para cultivar a nova terra.

Porém não eram os imigrantes portugueses que começavam a erguer a nova nação. Era o braço negro dos escravos que faziam isso. Foi no entanto a partir da abolição da escravatura em 1889 que chegaram as primeiras levas de migrantes europeus no Brasil. Foram quase três milhões⁷⁸ de estrangeiros que chegaram ao Brasil em pouco menos de 30 anos, número, no entanto muito inferior aos de africanos escravizados no Brasil.

A complexidade do movimento migratório formou um Brasil, não somente luso africano, mas especialmente no sul, um Brasil altamente europeizado. O processo de miscigenação das raças não foi, como ainda hoje não é, um processo calmo e tranquilo. Longe disso, houve muitos conflitos, que se estenderam por gerações.

Os portugueses e os negros de vários países africanos foram os que vieram em maior número no Brasil. Depois deles foram os imigrantes italianos. Os migrantes italianos que vieram para o Brasil deixam atrás de si uma Itália debilitada pela guerra da unificação italiana e com enorme desemprego.

A ideia de que os brasileiros, justamente por sua miscigenação entre portugueses, escravos e índios, seriam incapazes de atingir um desenvolvimento social começava a tomar lugar no imaginário intelectual. No entanto a ideia do branqueamento do Brasil não foi o único motivo para o incentivo à migração italiana. A falta da mão de obra, nas usinas açucareiras foi talvez o

⁷⁷ Assim surgiam algumas obras interessantes. É o caso da peça teatral do Padre José de Anchieta. Nela o autor procura realizar uma conciliação entre os valores cristãos católicos com símbolos indígenas. O sagrado europeu se misturava com mitos contos e símbolos indígenas. Realizado de uma forma bem elaborado e apelando para a emoção dos índios, tais peças teatrais, deixavam, por seus efeitos especiais com luzes e som, os indígenas fascinados. Era um apelo à consciência mítica dos indígenas. Santos e demônios, Anjos e arcanjos, Guaixará Aimbirés, duelavam entre si. Tudo dentro de uma nevoa apocalíptica, milagrosa, salvadora. Em meio de duelos em que naturalmente os elementos católicos sempre triunfavam, havia pequena pausa para pequenos sermões musicados. Era uma festa para os sentidos e em meio a tanta alegria e felicidade aos corações, os indígenas, claro, vacilavam em suas crenças.

⁷⁸ Dados do IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística in <http://www.ibge.gov.br/home/>

motivo mais forte para a chegada dos primeiros imigrantes no Brasil. Naturalmente que o incentivo a migração italiana era a que mais se acomodava ao contexto brasileiro a época. Pois além do imigrantes italianos serem trabalhadores e fortes, eram brancos e católicos fervorosos.

Atualmente estima-se que 10% da população brasileira⁷⁹ seja de origem alemã. Estimativa essa que pode ser multiplicado por 3 se levarmos em conta somente os estados do sul do Brasil. Neles os traços de tais colonização podem ser vistos, não somente pelos nomes das ruas da cidade, sua arquitetura, mas também pelo desenvolvimento da qualidade de vida dos habitantes de tais regiões.

Os primeiros imigrantes alemães chegaram ao Brasil no ano de 1824. Eles tinham como função principal substituir outros imigrantes, os suíços, que anteriormente haviam abandonado suas terras. Como já fora alguns anos antes com os imigrantes italianos, os imigrantes alemães e austríacos migram para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Deixando para trás uma terra quase que desestruturada pelo fim do regime feudal. A maioria dos imigrantes eram pessoas que com o fim do regime feudal perderam seu direito de viver e cultivar as terras de seus senhores. Diferentemente de outras correntes migratórias, a migração alemã se destaca pela seu longo processo migratório. Foram mais de mais de 100 anos de constante movimento, que podem ser assim divididos.

Primeira leva:

Ida de colonos ou artesões em busca de um futuro melhor para si ou para sua família. Os primeiros movimentos migratórios não eram devidamente planejados, tanto por parte da Alemanha como do Brasil. Eram pessoas que fugiam do processo europeu de industrialização e que vinham para o Brasil com nenhum conhecimento de causa, ou seja, não tinha a menor ideia de localização geográfica do Brasil. Pelo lado do governo brasileiro a intenção era realizar com os imigrantes um povoamento. Era preciso povoar o Brasil e garantir a soberania nacional, recém-conquistada com a independência.

As colônias, assim foram chamadas as regiões de povoamento alemão, ficaram muito tempo isoladas, sem contato com o mundo externo, sendo assim também sem a qualquer possibilidade de receber ajuda do governo que anteriormente os prometera. Muitas vezes eles acabariam sendo hostilizadas pelos brasileiros, que para os migrantes alemães tanto poderiam serem os índios ou não. Muitas das colônias, muito embora, com tantos problemas como o abandono pela falta de estradas e ligações com outras colônias, cidades ou vilas acabaram progredindo dando origem a tantas vilas e depois cidades.

Segunda leva:

⁷⁹ IBGE in <http://www.ibge.gov.br/home/>

A migração como mão de obra para as lavouras de café. Com isso o governo decretava o fim da migração de povoamento. Juntamente com seu fim a política de migração mudava. Tal mudança política não ocorreu somente pelo fracasso da primeira forma de migração, mas principalmente pelo reflexo das mudanças internas que vinham ocorrendo no Brasil. Com a pré-anúnciação da abolição da escravidão⁸⁰, justamente quando as lavouras cafeeiras, estavam em expansão, anunciavam um grande dilema não somente para os cafeiteiros, assim como para o imperador que sentia-se pressionado a arranjar uma solução. Foi assim que o processo migratório que anteriormente era comandado e organizado pelo governo, passa ser livre sob tutela das províncias. Surgia assim as companhias de colonização.

Da miscigenação entre índios negros e brancos surgiu uma forma nova de identidade nacional. Tal identidade antes explorada e buscada por Andrade e celebrada por alguns e tidas como âmagô do subdesenvolvimento por outros, demonstra no entanto uma herança social que ainda não foi analisada em sua profundidade.

Pode-se afirmar que dos negros trazidos da África e dos índios, ajudaram na constituição de uma identidade resignatória e rebelde, mas ao mesmo tempo de deslumbramento perante o estranho. Tal forma de rebeldia é no entanto uma rebeldia pacata e de aceitação. Do branco e conquistador, o brasileiro herdou a tradição ibérica, de um pensamento dilacerado pela busca de novidade e pelo medo do inferno. O branco e conquistador tudo podia fazer se estivesse na teoria de acordo com o pensamento escolástico. Em "História da Ideias no Brasil" Cruz Costa assim escreve:

*“nem o contato e a mistura com as raças aborígenes...fizeram-nos tão diferentes dos nossos avós além mar como gostaríamos de sê-lo. No caso do brasileiro a verdade,por menos sedutora que possa parecer a alguns de nossos patriotas, é que ainda nos associa a península ibérica, e a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir até hoje uma alma comum,a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá veio a forma atual de nossa cultura, o resto foi matéria plástica que se sujeitou mal ou bem a essa forma”*⁸¹

No que se diz respeito a formação do caráter do povo brasileiro, devemos levar em consideração

80 O Brasil foi o último país que aboliu a escravatura.

81 Costa, Cruz. Contribuição à História das ideias no Brasil. Editora civilização brasileira S.A, Rio de Janeiro, 1967. Pag.16.

não somente a relação conquistador conquistado, mas também a visão de mundo que o conquistador trazia consigo. A Europa vivia uma época de medo e incertezas e naturalmente que tal incertezas de alguma forma era trazida junto consigo pelos conquistadores.

O grande mérito de tal forma de pensar e agir do conquistador se tornar hegemônica, coube aos padres jesuítas⁸², ou seja a companhia de Jesus. Dom João VI então rei de Portugal percebeu a influência dos jesuítas em Portugal, coloca-os como mestres e coordenadores da Universidade de Coimbra. Eram os primeiros alicerces de uma futura filosofia no Brasil. Com o início da escolástica em Portugal, inicia-se um afastamento cada vez maior do chamado movimento científico, movimento este que ele mesmo começara com as grandes navegações.

*“ A influência Jesuítica fechara Portugal a renovação científica, que se processara na renascença, e para que ele colaborara com o magnífico movimento dos descobrimentos marítimos ”*⁸³

Os primeiros passos da Filosofia no Brasil se deu por volta dos anos de 1580. Apesar desta data ser registrada como algo significativo para os intelectuais da época, tal forma de se fazer filosofia consistia basicamente na leitura sobre a vida dos santos. Os livros e as leituras eram realizadas somente sobre o monitoramento do padres sendo assim delineadas a um rumo único. Assim escreve Luiz Vita, em Panorama da Filosofia no Brasil:

*“ A mais persistente presença de um tipo de pensamento na filosofia praticada no Brasil é a Escolástica, desde a colônia, passando pelo império o previvendo na República, com os altos e baixos da própria história dessa tendência especulativa. Nos dias atuais essa tradição se apresenta sob a forma de Neotomismo, movimento esse de retorno as doutrinas de Santo tomas de Aquino ”*⁸⁴

A bem verdade é que não se pode pensar na efervescência do Tomismo no Brasil sem que o olhar se resvale para a questão da educação. No início, o Tomismo foi uma forma usada pelo então

82 Passado cinco séculos o papel desempenhado pelos jesuítas na sociedade brasileira colonial ainda permanece polêmico. O que pode-se afirmar que desde o início a ação dos jesuítas no Brasil deu-se de maneira antagônica, pois ao mesmo tempo que eles, por exemplo lutavam contra a escravidão dos indígenas, detinham os índios como escravos, ao mesmo tempo que os protegiam da ação dos bandeirantes, os lançavam em batalhas que não poderiam serem vencidas. Por outro lado, para defender os índios estimulavam o tráfico de africanos. Não obstante, graças ação dos jesuítas a língua e a gramática Tupi foi preservada.

83 Costa, Cruz. Contribuição à História da ideias no Brasil. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1967. Pag.23.

84 Vita, Luis Washisngton. Panorama da filosofia no Brasil, Editora Globo, Porto Alegre 1969. Pag.60.

Dom João VI de buscar uma unificação ideológica da elite política por intermédio de uma educação superior. A classe agrária que, graças ao regime escravocrata havia atingido uma hegemonia nacional, necessitava de educação para continuar reinando. A questão principal era onde buscar essa educação? Na Europa tal busca não era vista com bom olhos pelo monarca, pois ela estava recheada de ideais revolucionários. Ideias essas que não vinham ao encontro a emancipação política desejado pelo então rei.

A partir do segundo império com o a subida ao poder de Dom Pedro I, tem-se início uma nova maneira de analisar e ver o mundo, que nada mais era que uma forma de conciliação de todos os interesses em um Brasil totalmente conturbado e caótico. O Brasil intelectual via-se dividido entre duas correntes filosóficas. O Positivista⁸⁵ de Augusto Comte e o Ecletico de Victor Cousin. Luiz Vita assim define o ecletismo:

*"é o ecletismo uma reunião de teses conciliáveis tomadas de diferentes sistemas de filosofias, e que são justapostas deixando de lado, pura e simplesmente as partes não conciliáveis destes sistemas".*⁸⁶

O Ecletismo foi uma das filosofias que mais receptividade teve no Brasil, justamente por ser algo que mais perto chegava ao caráter⁸⁷ do povo brasileiro. Com a tentativa de tornar-se a filosofia hegemônica no Brasil, durante os anos de 1840 à 1880, o Ecletismo era considerado a filosofia oficial do estado. O programa filosófico era desenvolvido no colégio imperial do Rio de Janeiro e distribuído aos outros centros de ensino. Luiz Vita citando Cousin assim se refere ao Ecletismo:

*"Victor Cousin, faz uma consideração de que ele não é apenas uma simples reunião forçada de teorias de diferentes correntes filosóficas"*⁸⁸

Essa conciliação é reelaborada dando um novo sentido que pode ser usado como critério de verdade para refutar a filosofia anterior. Cousin defende que toda a filosofia é eclética, pois sempre mantém alguma coisa de verdadeira de outras filosofias. Naturalmente Cousin como eclético que era não poderia referi-se diferentemente de sua corrente filosófica.

85 A influência do positivismo no Brasil foi enorme e responsável por grandes mudanças, principalmente na visão política da época. Seus ideais influenciaram na proclamação da república, mas não trouxeram no entanto mudanças nas posturas das relações hierarquizadas da época.

86 Vita, Luis Washisngton. Panorama da Filosofia no Brasil, Editora Globo, Porto Alegre 1969. Pag.61.

87 "o sucesso das ideias ecléticas entre nós explica-se de acordo com Clóvis Beviláqua, pelo fato do ecletismo ter sido a filosofia que mais profundas simpatias despertou na alma brasileira, devido ao ser verbalismo, ao seu lirismo e a sua superficialidade, por sinal três virtudes bem brasileiras" in Vita, Luis Washisngton. Panorama da Filosofia no Brasil, Editora Globo, Porto Alegre 1969. Pag.61.

88 Vita, Luis Washisngton. Panorama da Filosofia no Brasil, Editora Globo, Porto Alegre 1969. Pag.60.

A filosofia eclética que contribuiu para política de conciliação do Brasil estendeu-se por vários outros países da América Latina. Foi, no entanto, no Brasil que ela tomou a forma mais intensa.

É na arquitetura que o ecletismo tende a alcançar no Brasil seu patamar mais elevado. Com ela é colocado em prática de forma concreta a noção abstrata da junção das várias correntes de pensamento. Um destes exemplos é o prédio da estação da luz do metrô de São Paulo. Foram muitos os motivos que fizeram com o Ecletismo tenha alcançado patamares elevados na intelectualidade brasileira. Há porém de se levar em conta seu surgimento em um momento histórico em que a sociedade havia perdido seus valores, vivendo uma completa inércia tanto política como humanista.

*“No império de Pedro II foi o ecletismo recebido com aplausos gerais, graças a inércia política daquela sociedade escravocrata e semipatriarcal, onde os partidos não representavam nada de substancial, sendo manejados displicentemente por um monarca bocejante e onde, o Marquês do Paraná formava o mais heterogêneo e mais amorfo dos governos”.*⁸⁹

89 Vita, Luis Washisngton. Panorama da Filosofia no Brasil, Editora Globo, Porto Alegre 1969. Pag.63-64.

2.2-A origem da literatura no Brasil

Portugal foi um dos países que mais influenciaram na literatura brasileira. Antes da chegada dos portugueses no Brasil, não existe relatos históricos de uma literatura escrita. Olhando sob o ponto de vista da história, o desenvolvimento da literatura no Brasil deu-se à partir da base literária portuguesa. Se por um lado existem aqueles que dizem que a semelhança entre as duas formas literárias foram e são enormes, do outro lado estão aqueles que pelas particularidades de cada país, principalmente por questões ligadas a geografia e a identidade, afirmam que tais semelhanças são frutos apenas de uma época histórica.

No entanto, a felicidade como tema principal e norteador deixa ainda muito a desejar tanto na literatura portuguesa como na literatura brasileira.

É claro que tal tema quase que nas entrelinhas de qualquer obra literária se faz presente. A felicidade, no entanto ao tomar corpo, não se concretiza, como felicidade em si. Quando tal tema é tratado, ele aparece, por assim dizer, na contramão de uma vida feliz. Os personagens dos romances brasileiros são retratados não sob o ponto de vista da felicidade mas sim a infelicidade. Machado de Assis, por exemplo resume bem tal sentimento, quando descreve a situação do pobre Cosme em "A mágoa do infeliz Cosme".

"Imensa e profunda foi a mágoa do infeliz Cosme. Depois de três anos de não interrompida ventura, faleceu-lhe a mulher, ainda na flor da idade, e no esplendor das graças com que a dotara a natureza. Uma rápida moléstia a arrebatou aos carinhos do esposo e à admiração de quantos tiveram a honra e o prazer de praticar com ela. Quinze dias apenas esteve de cama; mas foram quinze séculos para o infeliz Cosme. Por cúmulo de desgraças, expirou longe dos olhos dele; Cosme saiu para ir buscar a solução de um negócio; quando chegou à casa achou um cadáver. Dizer a aflição em que este acontecimento lançou o infeliz Cosme pediria outra pena que não a minha. Cosme chorou logo no primeiro dia todas as suas lágrimas; no dia seguinte tinha os olhos exaustos e secos. Os seus numerosos amigos contemplavam com tristeza o rosto do infeliz e ao lançar a pá de terra sobre o caixão já depositado no fundo da cova, mais de um recordou os dias

que passara ao pé dos dois esposos, tão queridos um do outro, tão venerados e amados dos seus íntimos."⁹⁰

São pessoas tristes magoadas, em conflitos mesquinhos retratados por realidade cheia de sofrimentos de dores de angústia. Uma realidade bem mais perto da infelicidade que da felicidade.

2.2.1-A literatura de informação à coroa portuguesa

Nas primeiras formas de literatura⁹¹ escrita no Brasil são narradas as primeiras impressões da terra recém descoberta. Os relatos de Pero Vaz de Caminha, descrevem os problemas encontrados, os habitantes que possivelmente existissem e acima de tudo uma minuciosa primeira impressão da fauna e da flora, assim como uma exuberante descrição das paisagens paradisíacas.

É fácil de perceber em tais narrações a tradição renascentista permeando tal forma de ver o mundo. O novo chão, é descrito, na visão bíblica como a terra em que jorra o leite e mel⁹². Juntamente com o leite e com o mel, o ouro brota como brotam as árvores na primavera. O paraíso perdido finalmente fora encontrado. O Eldorado seduz e aguça a imaginação. Os nativos aparecem como seres exóticos, fáceis de domesticá-los e amigos. A felicidade fora encontrada, tudo é bom e perfeito.

A medida que os índios começam a opor-se ao tratamento dado pelos conquistadores, a visão do bom selvagem vai se transformando. Eles já não são mais vistos pelos colonizadores sob um prisma multicolorido. O bom selvagem deixa de existir e em seu lugar⁹³ surge um novo ser. O selvagem cruel e boçal. Tal selvagem necessita ser domesticado e convertido.

Dezenas de religiosos acompanhavam as expedições com o intuito de converter os "gentios". Uma das ordens religiosas que mais se destacou, no programa de conversão aos nativos do paraíso recém descoberto, foram os Jesuítas.

É assim que surge a literatura jesuítica. Uma literatura informativa. Informações dos padres a

90 Assis, Machado. A mágoa do infeliz Cosme. in www.eurooscar.com/Machado-de-Assis/Machado-de-Assis-12.htm.

91 Não entraremos aqui no detalhes se os primeiros textos escritos no Brasil podem ser considerados uma produção literária.

92 http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/carta_caminha.htm.

93 Em 1549 o padre Jesuíta Manuel da Nóbrega propôs a lei que deveria ser dada aos índios: 1. defender-lhes comer carne humana e guerrear sem licença do governador, 2. fazer-lhes terem uma só mulher, 3. vestirem-se, pois há muito algodão, 4. Tirar-lhe os feiticeiros, 4. manter-los em justiça entre si e com os cristãos, 5. fazer-los viver quietos, sem se mudarem para outra parte, senão for para entre os cristãos.

seus superiores, a respeito de sua obra catequética e seus problemas com os nativos. Alguns religiosos no entanto, não se satisfaziam com uma literatura meramente informativa e partiam para uma forma pessoal e íntima de se satisfazer espiritualmente. Assim surgiam algumas obras interessantes. É o caso da peça teatral do Padre José de Anchieta. Nela o autor procura realizar uma conciliação entre os valores cristãos católicos com símbolos indígenas.

*"A luta entre o bem e o mal era fundamentada no contexto histórico da Idade Média, onde predominavam os dogmas cristãos e o poder da Igreja. Com essa temática, fica óbvio que o bem eram os preceitos e traços religiosos culturais cristãos, e que o mal eram os costumes e traços culturais indígenas. A luta entre o bem e o mal era, em sua maior parte, travada por anjos ou santos(as), protetores das Igrejas, contra Diabos que recebiam nomes de origem indígena."*⁹⁴

O sagrado europeu se misturava com mitos, contos e símbolos indígenas. Realizado de uma forma bem elaborado e apelando para a emoção dos índios, tais peças teatrais, deixavam, por seus efeitos especiais com luzes e som, os indígenas fascinados. Era um apelo à consciência mítica dos indígenas. Santos e demônios, anjos e arcanjos, guaixarás aimbirés, duelavam entre si numa atmosfera sobrenatural rebuscada de arranjos e mensagens que buscavam penetrar diretamente no inconsciente, subjugando assim a consciência mítica dos índios ao Deus escolástico.

*"Aim: Olha lá esse sujeito que me está ameaçando! Oh! Que será o que vejo? Parece azul Canindé ou uma arara de pé. Gua: É um anjo o que entrevejo, Guarda dos escravos é. Aim: Ai! ele me esmagará! É-me terrível mirá-lo Gua: Oh! sê forte, vamos lá! Vem, ataquemo-lo [sic] já, para logo amedrontá-lo [sic]. Das más flechas escapar! pois nos prostam destruídos [sic]. Aim: Olha, vem-nos açoitar: meus músculos vão ficar de tremor endurecidos."*⁹⁵

94 Furlan, V. Educação e catequese no Teatro Anchietano. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013. Pag. 95.

95 Anchieta, José: Teatro de Anchieta. Obras Completas 3º Volume. Tradução e introdução de notas do Pe. Armando Cardoso, São Paulo Loyola, 1977. Pag. 126-127.

2.3- Entre o desejo e a culpa

O Barroco tem seu início no Brasil no ano de 1601 com o lançamento do poema "Presopopeia" de Bento Teixeira. Quando refere-se ao Barroco no contexto brasileiro deve ser levado em consideração as suas duas vertentes. A vertente Arquitetônica que sucedeu-se no século XVII tendo a Bahia como seu esplendor e a que surgiu em Minas Gerais, algum tempo depois, já no século XVIII chamado de Barroco tardio.

O Barroco surge no Brasil em uma sociedade marcada pelo ciclo da cana de açúcar, ou seja uma sociedade basicamente rural, com preceitos ainda feudalistas. As atividades culturais que existiam neste Brasil se restringiam a dois polos. Um deles era na Bahia e o outro em Pernambuco.

No Brasil o Barroco foi trazido primeiramente pelos Jesuítas que usando a sua rígida disciplina com elemento motivacional, conseguiam colocar nos jovens filhos de senhores ricos a doutrina da Igreja Católica.

"Neste colégios os rapazes aprendiam a desprezar a sexualidade, atormentando-se com os pecados da carne e tentando suprimir com exercícios e penitências os desejos impuros"⁹⁶

Dentro de tais escolas a obstinação pela penitência e o combate à depravação moral mostrava-se aparentemente eficaz, fora dos colégios os jovens eram deparados com uma outra realidade, a de filhos dos senhores de engenho.

Ora tais filhos tinham em casa a disposição o corpo das escravas. Elas, consideradas como coisas e propriedades dos senhores de engenho eram obrigadas a aceitar "o furor sexual" dos seus senhores e seus filhos. A reprodução do dilema entre corpo e alma do continente europeu, se maximiza na "imensidão dos canaviais" em dimensões profundas.

O contexto é outro, as razões são outras, mas o sentimento de consciência pesada, de infelicidade, de vazio, de medo de ir para o inferno é semelhante ao europeu. Em um contexto rico em dramas psicológicos e problemas metafísicos, porém a literatura brasileira não se desenvolveu com aspectos próprios.

A problemática do Barroco no Brasil, no entanto vai muito mais além que uma simples culpa de se deixar levar pelos desejos terrenos. Ela diz respeito a uma forma de estar numa sociedade voltada para os detentores do poder. O Barroco foi no Brasil na verdade uma escola literária de ricos filhos de senhores de engenho. Os senhores de engenho, homens

96 Gonzaga Sergius: Manual da Literatura brasileira. Editora Mercado Aberto, 14 Edição, Porto Alegre, 1997 .Pag. 13.

rudes e de poucas aluades intelectuais não compactuavam com os mesmos sentimentos de culpa de seus filhos. O Barroco reproduz uma forma de aceitação de uma realidade de opressão.

O tormento de não se controlar diante dos desejos aflorados da carne e possuir sexualmente uma escrava, não estava ligado a questão moral da relação do Eu com o Outro, mas sim com uma moral unicamente individual e própria leva o barroquino a um dilema emocional e uma ruptura interna usando elementos morais como forma de sustentação interior ao sistema opressor. A produção literária brasileira está centrada na produção européia. As ideias da cultura europeia tornam-se os ideais dos literários brasileiros.

No campo literário o Barroco brasileiro apresenta dois personagens marcantes. Gregório de Mattos Guerra e o padre Antônio Vieira. Gregório de Matos tornou-se figura marcante, principalmente na Bahia, pela sua forma de tratar com o elementos que faziam parte da cultura da época. Em sua poesia satírica ele atacava comerciantes da época, padres, freiras,.. e também digamos numa parte mais tenebrosa de sua poesia os negros e mulatos.

*"A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar a cabana, e vinha,
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.
Em cada porta um frequentado olheiro,
Que a vida do vizinho, e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,
Para a levar à Praça, e ao Terreiro.
Muitos Mulatos desavergonhados,
Trazidos pelos pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia.
Estupendas usuras nos mercados,
Todos, os que não furtam, muito pobres,
E eis aqui a cidade da Bahia." ⁹⁷*

Gregório de Matos Guerra apresenta em sua poesia três diferentes facetas. Na sua poesia amorosa, ele tem a tendência da idealização da mulher. Ou seja ele elege uma mulher, uma musa, e a partir daí faz seu poema mantendo uma distância entre ele e a musa. É quase com um amor platônico, que ele se refere a sua musa como a idealização de ser. Parece que

⁹⁷ Matos, Gregório de. Crônica do viver baiano seiscentista – obra poética completa (volume 1). Organização: James Amado. 4. ed., Rio de Janeiro: Record, 1999. Pag. 33.

para ele o mais importante é a ideia da musa que a musa em si. No entanto seu caráter, e isso faz parte da ideia do Barroco, faz com que essa idealização adquira corpo. A partir do corpo nasce o desejo sexual, seguindo-se assim a confrontação interna do desejo do corpo com o pecado. No entanto sua poesia amorosa não se atém somente ao idealismo da musa. Ele desce da transcendência espiritual até o corpo físico.

Um segundo elemento da poesia de Gregório está estabelecida à partir de sua veia satírica. Nele se estabelece uma certa visão social empautada numa crítica aos hábitos e costumes da sociedade nordestina da época. No entanto a faceta mais barroca de seus poemas se encontra em sua poesia religiosa. Nela está prescrita dois polos: o pecado e o perdão. Sua constante pergunta é se ele consegue o perdão de seus pecados da noite passada, na manhã seguinte. O pecar torna-se um vício e como todo o vício cometido a noite, na manhã seguinte vem o arrependimento, o peso de consciência, o sentido de infelicidade.

A figura de Cristo, é algo central no Barroco. Não é o Deus transcendente que pode perdoar, mas sim Jesus Cristo, que sentiu no próprio corpo os desejos da carne. É Cristo que sabe o significado das tentações, do sofrimento, da inconformidade e até da infelicidade. O deus do Barroco, é apresentado sob a figura de Cristo e sua via dolorosa. Não é o deus transcendente e Eloísta que traz o perdão, mas sim o deus Javista que conhece o sofrimento do corpo e da alma.

Gregório de Matos apresenta claramente em sua poesia religiosa esta busca de entendimento de cooperação com Cristo. Ou seja seu arrependimento é legítimo e verdadeiro assim com verdadeiro e legítimo é a sua argumentação contra seu pecado. Afinal como ser humano, e isso Cristo, conhece muito bem, ele não pode ser outra coisa, a não ser aquilo que ele é. Em seu soneto ao Nosso Senhor, ele assim escreve:

*"Pequei Senhor, mas não porque hei pecado,
da vossa alta clemência me despido;
porque quanto mais tenho delinquido,
Vós tens a perdoar mais empenhado.
Se basta vós irar todo pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido,
que a mesma culpa que vos há ofendido,
Vós tem para o perdão lisonjeado.
Se uma ovelha perdia e já cobrada,
Glória a tal e prazer tão repentino,
Vos deu, como afirmais na sacra história,*

*E eu , senhor, a ovelha desgarrada,
recobrai-a; e não queirais, pastor divino,
perder na vossa ovelha a vossa glória".⁹⁸*

A própria história da vida de Gregório de Matos Guerra é uma história que lembra a passagem do renascentismo para o Barroco. Ele foi ainda cedo para Portugal, lá estudou e se tornou Juiz. Sua vida era feliz, e ele demonstrava ser um homem aberto as novidades da vida. Sua felicidade no entanto adquire um caráter de pesar, com a morte de sua esposa ainda jovem. Tal fato modifica o ponto de vista e o agir de Gregório. Ele torna-se um " espinho no calcanhar" da coroa portuguesa. Por isso ele é deportado de volta para o Brasil, para a Bahia.

Em Salvador ele leva uma vida errante, caminhado pelo recôncavo baiano, fazendo suas poesias e recitando-as pelas ruas. Ele se torna um boêmio, fato esse que o impede de se efetivar em mais relacionamento. Suas poesias de caráter contraditório, mas quase sempre satíricas e críticas, novamente torna-se um problema para os governantes da Bahia. Ele é novamente deportado, desta vez para a África. Naturalmente que em Angola ele cria novamente problemas para a classe dominante e é deportado novamente. O problema é que agora não existe mais para onde ele poderia ir. Na Bahia não tem lugar para ele, e em Portugal acontece o mesmo. Ele é então mandado para Recife onde ele morre. Sua vida foi uma vida de muitas atribulações, que se identificam de maneira concreta com o pensamento Barroco. Gregório de Matos não foi sempre Barroco, ele tornou-se Barroco por causa dos descaminhos da vida.

Gregório da Mattos Guerra foi o primeiro autor Barroco brasileiro. No entanto ele não publicou nenhum poema enquanto estava vivo. Eles foram passado de "boca em boca" pelo povo até os meados do século XIX. Suas obras completas foram publicadas primeiramente no ano de 1968 por James Amado, irmão de outro escrito baiano Jorge Amado.

No entanto, ler Gregório de Matos Guerra, é primeiramente um exercício de paciência, não somente pela linguagem por ele usada, mas acima de tudo pelo seu momento histórico. A dificuldade em penetrar num mundo de um autor de uma época diferente da atual, delimita-se já uma dificuldade. Ele é um autor que provem de um regime antigo, não somente do antigo estado português, mas também de uma época anterior ao Iluminismo, a Revolução Francesa, que delimitou uma nova forma de pensar, que por assim dizer tornaram-se arcaicos.

⁹⁸ Gonzaga Sergius: Manual da Literatura brasileira. Editora Mercado Aberto, 14 Edição, Porto Alegre, 1997. Pag. 18-19.

Naturalmente que no sentido poético e de linguagem, Gregório de Matos dominava com poucos seu uso, suas conjunções e conceitos. No entanto ler de Matos é realizar uma arqueologia no campo a literatura. Não é somente escavar as diferentes crostas até se chegar ao seu achado. Mas é justamente no momento de escavar o objeto arqueológico, ter o cuidado não somente de não os quebrar, mas sim juntar os diferentes objetos e na junção de todos eles realizar uma hipótese teórica e finalmente buscar a argumentação suficiente para provar tal hipótese.

A busca pela argumentação pode se dar em duas formas: a partir do significado, dos valores, da sua forma de escrever para o poeta, e para seus leitores, no caso ouvintes, do século XVII. uma outra forma, é a não busca por uma exegese e a leitura dos textos tendo como base a atualidade. Neste sentido numa livre e independente interpretação.

Uma interpretação por exemplo livre dos valores da época, mostra uma forma totalmente subjetiva de se relacionar consigo e com os outros. Ou seja o Gregório de Matos, "Eu" é um Eu totalmente voltado a si mesmo. Um "Eu" letrado, aristocrata, branco, católico, livre. Isso significa que tudo aquilo que não está dentro deste âmbito de valores, é considerado por ele inferior. Gregório de Matos é o Pica-pau⁹⁹ malvado que mete o nariz em tudo, que dispensar veneno contra aqueles que não estão, na sua interpretação, de acordo com sua postura.

*"Que me quer o Brasil, que me persegue?
Que me querem pasguates, que me invejam?
Não veem que os entendidos me cortejam,
E que os nobres é gente que me segue?
Com o seu ódio, a canalha o que consegue?
Com sua inveja os néscios que motejam?
Se quando dos néscios por meu mal mourejam,
Fazem os sábios que a meu mal me entregue.
Isto posto, ignorantes e canalha,
Se ficam por canalha, e ignorantes
No rol das bestas a roerem palha.
E se os senhores nobres e elegantes
Não querem que o soneto vá de valha,
Não vá, que tem terríveis consoantes."*¹⁰⁰

Em sua obra estão presentes, como não poderia ser diferente, os elementos contraditórios da

99 Pacheco Dias, Elza. Pica-pau, herói ou vilão? Reprodução social da criança e reprodução da ideologia dominante. São Paulo, Editora Loyola, 1986.

100http://www.cespe.unb.br/interacao/Poemas_Selecionados_%20Gregorio_de_Matos.pdf

época. De um lado o poeta se ajoelha diante de deus prometendo se redimir do pecado, de outro, em seu lirismo amoroso, ele se deixa levar pelos orgias mundanas e alegrias corpóreas.

Ao mesmo tempo em que Gregório de Mattos busca curar as dores e sofrimentos da alma e do corpo na poesia, ele tenta ironizar a sociedade da época. Sua ironia é no entanto falsa e fajuta assim como fajuta e ambivalente é a sociedade em que ele vive. O problema que ele recria e satiriza em seus poemas são frutos de uma decadência econômica dos senhores de engenho. Ele vê uma sociedade totalmente infeliz. Os pobres os ricos os portugueses, os nativos, os escravos, todos são retratados e ridicularizados por Gregório, tornando-o o porta voz de uma situação desesperadora. Em seu poema os Vícios, sua produção satírica é assim sintetizada:

*"Eu sou aquele que nos passados anos cantei na minha
lira maldizente torpezas do Brasil, vícios e enganos. E
bem que os descantei bastante, canto segunda vez
na minha lira o mesmo assunto em plectro diferente. De
quem pode servir calar que cala ? Nunca se há de falar
os que se sente ? sempre há de sentir o que se fala. Qual
homem pode haver tão paciente Que vendo o triste estado
da Bahia, não chore, não suspire, não lamente".¹⁰¹*

2.3.1-A evangelização sob qualquer preço

Um outro literário de profunda importância para o Barroco brasileiro é o padre Antônio Vieira, figura conhecida especialmente pelos seus sermões de grande influência não somente na época, mas também considerado um dos mais importantes pensadores da língua portuguesa.

Geralmente quando se pensa em jesuíta na época do Brasil colônia as primeiras ideias que vem a mente é do padre José de Anchieta e do padre Antônio Vieira. Ambos figuras importantes, cada um a sua maneira, no que diz respeito principalmente na busca pela conversão dos índios.

Viera que foi ainda muito cedo para o Brasil, com seis anos de idade, se tornou no decorrer de sua existência um dos pilares mais importantes da literatura da língua portuguesa.

¹⁰¹Gonzaga Sergius: Manual da Literatura brasileira. Editora Mercado Aberto, 14 Edição, Porto Alegre , 1997.Pag. 20.

No entanto sua importância não deve ser analisada somente a partir de sua literatura, seus sermões e cartas, na qual diz respeito a sua linguagem rebuscada e sofisticada, mas também pela sua influência junto aos vários setores da sociedade portuguesa, tanto em Portugal como na Colônia. Sua formação intelectual se deu no Brasil colonial, precisamente na Bahia, que era a principal sede de Portugal na colônia.

Nesta época convém elencar que em termos administrativos e espirituais o Brasil está dividido em dois centros. Um que se localiza no atual Maranhão e o outro o estado da Bahia. Obviamente que quando Vieira se refere a estes dois estados ele os trata não como o Brasil, mas sim como colônia de Portugal, ou seja um estado de Portugal além mar. Outro fator importante que, mesmo parecendo óbvio, convém elencar, é que Vieira era um Jesuíta. Que na época da Era do Padroado¹⁰² era subordinada a coroa portuguesa. Isto significa que ele teria que obedecer ordens não somente de sua Ordem, mas também de Roma e finalmente da coroa portuguesa.

Neste sentido é bom lembrar que todas as suas ações, não somente nos sermões, nas suas pregações, cartas e envolvimento político, ele aborda-os de acordo com as premissas de Portugal. Ele age em favor da metrópole, do colonizador, para o qual ele exerce as diferentes funções e realiza os projetos.

O processo de colonização e os problemas que se advêm são os temas de suas pregações e diferentes envolvimento que estão basicamente ligados a questão da escravidão africana, da conversão dos índios e naturalmente a problemática da guerra da posse pelos holandeses.

"Os velhos, as mulheres, os meninos, que não têm forças nem armas com que se defender, morrem como ovelhas inocentes às mãos da crueldade herética, e os que podem escapar à morte, desterrando-se a terras estranhas, perdem a casa e a pátria. Posuisti nos opprobrium vicinis nostris, subsannationem et derisum his, qui sunt in circuitu nostro. Não fora tanto para sentir, se, perdidas fazendas e vidas, se salvara ao menos a honra; mas também esta a passos contados se vai perdendo; e aquele nome português, tão celebrado nos anais da fama, já o herege insolente com as vitórias o afronta, e o gentio de que estamos cercados, e que tanto o venerava e temia, já o

¹⁰²O sistema do Padroado foi um arranjo entre a Santa Sé de Roma e a coroa portuguesa. De acordo com o tratado o papa designava a Portugal a exclusividade de realizar o processo de evangelização das novas terras descobertas.

despreza".¹⁰³

No entanto sua visão não se restringe somente na colônia de Portugal nas Américas. Seu horizonte é vasto, assim como vasto é o território de Portugal no mundo todo. Mesmo vivendo no Brasil, sua perspectiva não deixa de ser uma perspectiva portuguesa, de posse e de domínio. Seu pensamento é um típico pensamento europeu, de centralização, de domínio. Mas não um domínio de forma bélica, um domínio somente pelo prazer de expansão, mas um domínio necessário para a conversão dos pagãos.

Portanto dizer que Vieira lutou em favor dos nativos é ir um pouco acima da margem de interpretação histórica de seu agir. Seu agir esteve sempre subordinado ao império português. Ele agia de acordo com as determinações dadas pela coroa. Sua forma de escrever, e linguagem não é uma forma que poderíamos chamar de brasileira, mas sim típica portuguesa de centrada em uma determinada época. No entanto, por viver, por estar na colônia e conviver com seus problemas na América, existem tópicos e referências na sua linguagem sobre a situação do estado em que ele se encontra.

Vieira apesar de se situar historicamente dentro do barroquismo, ele não pensa somente como um Homem Barroco. Sua visão de mundo é uma visão abrangente, de muitos e diferentes interesses. Ele é quase um Homem renascentista. Talvez muito disso se de pela sua formação acadêmica encalcada na visão de expansão e universalidade da Companhia de Jesus.

É na Bahia, no colégio Dom Pedro I, comandado pelos Jesuítas que Vieira inicia seus estudos. Sua formação é uma típica formação nos moldes jesuíticas, ou seja voltada para uma teologia humanista¹⁰⁴.

Diz a história, que no entanto não pode ser comprovada literariamente, que Vieira no início de seus estudos sentia muito dificuldade em aprender, Sua dificuldades se iniciavam ao aprendizado do latim e terminavam na falta de entendimento das obras de Aristóteles. Sua facilidade no entanto se dá com o chamado estalo¹⁰⁵. Onde ele, depois de pedir muito ajuda

103 Vieira, de Padre Antônio Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, de Padre Antônio Vieira. Pag 1-2. in A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>

104A ideia de que a Companhia de Jesus tem uma prática de ideais humanista, vem justamente em ademão a história de sua fundação. Aqui entra a disputa entre os diversos setores da Igreja Católica, novamente em cena. Os Jesuítas buscaram no seu início uma cátedra de teologia na Universidade de Paris. No entanto eles não conseguiram um lugar, porque os dominicanos que detinham o poder sobre a cátedra, não lhes concederam. A consequência disso foi que os Jesuítas se desenvolveram no campo da humanidade. Isso fez naturalmente que a teologia dos jesuítas se desenvolve-se dentro de um contexto humanista.

105"Ninguém deve acreditar nisso, mas dizem que, antes de ser o orador genial dos "Sermões", Antônio Vieira foi burro. É o que conta, com outras palavras, André de Barros, autor de "Vida do apostólico Padre Antônio Vieira da Companhia de Jesus". Na biografia, lançada em 1746, Barros diz que o limitado aluno dos jesuítas tinha uma devoção imensa pela Virgem Maria. Foi rezando certo dia para ela, "inflamado todo em desejos de saber", que lhe veio de repente um estalo, "tão forte que lhe parecia que morria". Esse estalo teria desembotado os sentidos de Vieira, dando-lhe "clareza de entendimento, agudeza de engenho e sagacidade de memória". A expressão "estalo de Vieira" foi de uso popular durante séculos, designando a súbita e miraculosa compreensão de algo até então

a Nossa Senhora recebe finalmente as benções e passa a ter facilidade em todos os sentidos. Ele se torna entre outras qualidades, bom orador e especialista em Aristóteles.

Com isso, ele torna-se professor no seminário católico e depois é convidado a ir a Portugal, prestar apoio da colônia a Portugal que neste meio tempo se achava em meio a guerra contra a Espanha. Chegando em Portugal ele "cai nas graças" do rei. Ele é então convidado a realizar um sermão justamente no dia de aniversário de Dom João IV, então jovem rei de Portugal. A partir daí ele não para mais, ele se envolve nas mais variadas situações, sempre como uma espécie de conselheiro da coroa no que diz respeito a assuntos de relações internacionais.

Sua visão a frente de sua época lhe possibilitava uma análise da conjuntura da época de forma delimitada e clara. No entanto tal análise vinha sempre em prol do benefício da coroa portuguesa.

Tanto em Portugal como na África, assim como no Brasil Vieira sempre esteve envolvido em questões que diziam respeito a temas da época. Sua visão no entanto estava sempre voltada para os desafios da coroa portuguesa. Em Portugal desde a sua chegada, até sua saída definitiva, ele procurou por todos as maneiras buscar soluções para problemas da época. Se por um lado ele tornou-se confiante do rei, e auxiliador nas tarefas difíceis, ele encontrou tanto na aristocracia portuguesa, assim como na própria Companhia de Jesus inimigos, que não mediam esforços para calá-lo.

Seus últimos anos de vida ele passa na Bahia e sempre metido nos mais vários conflitos e situações muitas vezes antagônicas como é o caso de seu voto pela destruição dos quilombo dos Palmares.

*"fortíssima e total, porque sendo rebelados e cativos, estão e perseveram empecado contínuo e atual, de que não podem ser absoltos, nem receber a graça de Deus, nem se restituírem ao serviço e obediência de seus senhores, o que de nenhum modo hão de fazer"*¹⁰⁶

No entanto não é difícil de perceber o processo linear de seu pensamento se for levando em conta sua posição política, na qual tinha como principal veio norteador a obediência a coroa portuguesa e naturalmente a Companhia de Jesus.

A grande dificuldade que se tem ao ler Antônio Vieira, é a sua situação, não em uma

nebuloso, e diz muito sobre um certo ideal de cultura que permeia a civilização brasileira. Para que esforço, estudo, trabalho, dedicação? No fim, tudo se resumirá a um estalo". in CTPS//fabianooliveira.wordpress.com/2005/12/12/sobre-a-expressao-estalo-de-vieira/

106 Vieira, Antônio Carta a Roque Monteiro Paim, 2 de julho de 1691. In: Hansen, João Adolfo(Org.). Cartas do Brasil (1626-1697). São Paulo: Hedra, 2003b. Pag 643.

determinada época histórica, mas sim em uma determinada época literária. Dentro da divisão literária ele é considerado barroco, justamente pela época em que ele viveu, mas dentro de uma concepção filosófica ele parece muito mais renascentista que barroco, seja Antônio Vieira não é barroco ele foi colocado no barroco.

Em suas cartas e nos próprios sermões percebe-se não somente um estilo literário de Vieira, mas vários. Assim como vários outros autores do seu tempo, Vieira tem o domínio de várias técnicas discursivas e literárias. No entanto sua linha de pensamento escolástica, pressupõe naturalmente a retórica grega latina e também como não poderia deixar de ser a metafísica escolástica.

Dessa maneira sua linguagem, seus discursos, têm sempre presente uma forma metafísica de ver e estar no mundo, na qual deus é visto como objeto imanente que sempre está presente aconselhando e ajudando a ação dos Homens.

A leitura de seus sermões trazem presente uma linguagem totalmente diferente da linguagem atual. Capacidade essa própria do século XVIII, que segundo o professor João Adolfo Hansen da Universidade de São Paulo era algo que não somente difere da forma literária da atualidade mas também demonstra uma forma dupla de se relacionar com um tema. É o uso de uma metáfora que possibilitaria duas interpretações simultâneas. Um exemplo disso está na obra de Shakespeare onde ele se despede de Julieta fazendo alusão a escola. Ou seja dois temas que não teria nada em comum, mas que possibilita a aproximação de objetos e coisas que aparentemente são totalmente desprovidas de proximidade.¹⁰⁷

Tal comparação se semelhança analógica é comum no pensamento de Antônio Vieira. São conceitos aparentemente distantes entre si, mas que em si, e em todos eles, sem nenhuma exceção existe uma espécie de fio condutor, que é a graça de Deus.

2.3.2-A conversão pagã como instrumento de sustentação a escravidão e submissão

Um dos temas mais controversos nos sermões de Antônio Vieira, é sua posição frente a escravidão dos negros e índios e consequentemente ligados ao processo de conversão dos mesmos. Sua leitura deve levar em consideração primeira sua posição de homem da Igreja

107"Julieta - Boa noite mil vezes. (retira-se)Romeu- Não. má noite sem tua luz gentil. O amor procura o amor como o estudante que para a escola corre: num instante, mas, ao se afastar dele, o amor parece que se transforma em colegial refece" in Sheakespeare, William. Romeu e Julieta. Editora Ridendo Castigat Mores. Versão para EBooks EBooksBrasil.com. Julho 2000 in <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/romeuejulieta.pdf>

Católica, escolástico, portanto a serviço de Deus e da coroa portuguesa.

Se Vieira tinha como primeiro objetivo no nível espiritual e teológico a conversão dos pagãos, no sentido político e econômico seu primeiro objetivo era estar a serviço da coroa portuguesa. Sua proposta no que diz respeito aos negros e aos índios é meramente pragmática. Sobre o tema da conversão dos negros ele assim se refere.

"Sem dúvida porque neste primeiro etíope tão antecipadamente convertido se representavam todos os homens de sua cor e da sua nação que depois se converteram.(...). E como a natureza gerou os pretos da mesma cor da sua fortuna: Infelix genus hominum, et ad servitutem natum – infeliz gente, nascida para a servidão – quis Deus que nascessem à fé debaixo do signo da sua Paixão e que ela, assim como lhes havia de ser o exemplo para a paciência, lhe fosse também o alívio para o trabalho"¹⁰⁸

Ou seja, Portugal e a Igreja Católica estão fazendo um favor aos índios e negros convertendo-os ao Cristianismo. Pois somente assim eles poderão gozar da felicidade futura eterna. Seu senso utilitarista faz com que ele ignore conceitos que atualmente são considerados, ao menos teoricamente, de igualdade de raças e liberdade.

"Quando Cristo mandou pregar os Apóstolos pelo Mundo, disse-lhes desta maneira: Euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae: «Ide, e pregai a toda a criatura». Como assim, Senhor?! Os animais não são criaturas?! As árvores não são criaturas?! As pedras não são criaturas?! Pois hão os Apóstolos de pregar às pedras?! Hão -de pregar aos troncos?! Hão -de pregar aos animais?! Sim, diz S. Gregório, depois de Santo Agostinho. Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do Mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras. E quando os

108 Vieira, Padre Antônio. Sermões. São Paulo: Ed. das Américas, 1958 v.IX. Pag. 269.

*pregadores evangélicos vão pregar ar a toda a criatura,
que se armem contra eles todas as criaturas?! Grande
desgraça!*"¹⁰⁹

O problema que se sobressai na leitura de seus sermões é sua postura frente a realidade. Vieira não se abstém de tratar de temas considerados difíceis para época. Mas sua postura é sempre algo que busca a justificativa para com os atos da coroa portuguesa. Claro que pode-se dizer que ele não calou-se, não se escondeu perante os temas da época, mas sua postura é quase sempre de um advogado que está defendendo o réu que cometeu o assassinato a sangue frio. Nisso ele é mestre, e deixa a impressão, nos seus sermões que ele sabe muito bem onde quer chegar com suas justificativas e eloquência de conceitos e abstrações.

Outro ponto básico para o entendimento de Vieira, no que diz respeito a sua postura, é seu estabelecimento na sociedade. Ele se coloca sempre ao lado dos brancos e dos detentores do poder, dando a eles a justificação suficiente para continuar realizado aquilo que realizam. Naturalmente que pode-se dizer que Vieira defendeu muitas vezes os índios e o negros, perante os brancos e detentores do poder. No entanto sua defesa, não era uma defesa em que levava em consideração o Homem negro e índio, como sujeito, como possibilidade individual de desenvolvimento. Sua defesa deu-se sempre tendo como principal motivação a conversão dos pagãos. O importante para ele era que os índios e negros fossem batizados e finalmente encontrassem o caminho da salvação eterna.

Naturalmente que Vieira pensava e agia como um Homem do seu tempo. Uma época de contrarreforma, uma época fortemente escolástica.

109 Vieira, Padre Antônio Sermão da Sexagésima. Fonte: Sermões Escolhidos. v.2, São Paulo: Edameris, 1965. Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>

2.4- A questão modernista-antecedentes ao Modernismo no Brasil

Quando se trata do modernismo no Brasil, é necessário considerar alguns pontos importantes que levaram a tal acontecimento. Cronologicamente trata-se dos anos de 1900 até 1922, porém literariamente ele acontece após a semana da Arte Moderna de 1922.

Historicamente esta época inicia-se com a proclamação da República do Brasil e abrange até a era Vargas. A República do Brasil foi proclamada no dia 15 de novembro de 1889. Seguem-se a seguir a república dos coronéis, ou república do café com leite com a chegada ao poder do produtor de café Prudente de Moraes, isso no ano de 1894.

A constituição da República do Brasil se deu principalmente com a constituição de três projetos, que apesar de serem antagônicos no seu meio, se faziam semelhantes pela busca do seu fim. Na primeira fase e antes mesmo de sua proclamação estes três projetos disputavam um posto mais elevados no Brasil. A partir do ano de 1894, com a vitória do Projeto liberal, chegam ao poder os produtores de café.

Porém é a partir do ano de 1889 com a proclamação da república que se inicia no Brasil um novo projeto. Projeto esse que tem por objetivo o desenvolvimento do Brasil. Tendo isso em vista é injetado muito dinheiro na economia, que já desde aquela época, foi parar em outros cofres de maneira obscura. No entanto é importante ressaltar que era uma época de incentivo pela busca por novos horizontes. Uma tentativa de industrialização do Brasil durante o governo provisório de Rui Barbosa. Naturalmente que diante da grande especulação financeira por parte dos produtores de café e banqueiros ingleses tal projeto cai no fracasso. Isso culminou com a constituição de 1891, considerada a segunda¹¹⁰ do Brasil, mas primeira constituição republicana. A partir desta constituição é instalada no Brasil o federalismo, ou seja a partir dela o Brasil é considerado um país federativo, que na prática significa uma maior autonomia econômica e política por parte dos estados. Ao contrario da primeira constituição, que estabelecia o voto censitário, a partir da segunda é estabelecido o voto livre. No entanto não eram todos os que detinham o direito do voto livre. Somente homens maiores de 21 anos e alfabetizados eram delimitados os direitos de voto.

Com a eleição do primeiro cafeicultor no ano de 1894, tem-se novamente o início de um novo ciclo na história do Brasil. A então denominada república oligárquica tinha no coronelismo a sua principal base de sustentação. Ou seja os ricos produtores de café detinham o poder de

¹¹⁰ A primeira constituição brasileira foi outorgada por Dom Pedro I, dois anos após a proclamação da independência no ano de 1822.

manipular as eleições a partir dos currais eleitorais¹¹¹ de acordo com o seu bem entendimento.

É a partir dos currais eleitorais que se definem o voto por cabresto, ou seja, os eleitores livres vão votar em quem o coronel indicar. O coronel nada é mais que aquela pessoas que detêm em si o poder econômico e poder político.

Um segundo nível desta forma de fazer política se dá à partir da política dos governadores. Tal política foi uma elaboração do então rico proprietário Campos Sales, que buscou uma forma de correlação mútua entre os estados e federação.

Também no sentido político pode-se perceber que em todo o território nacional está acontecendo algo que pode ser denominado como marcante. São revoltas urbanas e revoltas rurais, como por exemplo a Revolução de Canudos¹¹², na qual Euclides da Cunha relata em seu livro "Os Sertões". Também aparece a figura dos cangaceiros na literatura brasileira, a revolta do contestado, em Santa Catarina, no sul do Brasil, e o misticismo do Padre Cicero¹¹³, no Ceará, culminando assim com a revolta dos operários, em São Paulo no ano de 1917.

É um contexto, não somente em termos de Brasil mas também no sentido mundial, de transformações, de inseguranças e por si de mudanças. A primeira guerra mundial, que apesar de não ter influenciado diretamente no Brasil e em suas posturas, gerava no mundo inteiro, uma certa insegurança frente ao futuro. Novas fronteiras vinham sendo delimitadas, novas formas de se expressar eram motivadas pelos acontecimentos, traziam também novidades ao Brasil a partir do filhos de fazendeiros de café que estudavam no exterior.

111"O 'curral eleitoral' é uma expressão utilizada por historiadores brasileiros na Republica Velha que indicava uma região onde um político possuía grande influência, é bastante conhecido ou onde é muito bem votado. A origem da expressão vem do tempo em que o voto era aberto no Brasil. Assim, os coronéis mandavam capangas para os locais de votação, com objetivo de intimidar e ganhar votos dos eleitores. As regiões controladas politicamente pelos coronéis que manipulavam votos eram conhecidas como currais eleitorais. Nesses locais o coronel oferecia ao eleitor trabalho, dinheiro, moradia, para em troca votar em seu candidato. Atualmente, ainda se usa essa expressão para definir uma forte intimidação e pressão a eleitores, em geral, de baixa escolaridade e poder aquisitivo. Qualquer recompensa ou ameaça é proibida por lei no artigo 301 do Código eleitoral, com reclusão de até quatro anos". in https://pt.wikipedia.org/wiki/Curral_eleitoral

112"Guerra de Canudos, ou Campanha de Canudos, foi o confronto entre o Exército Brasileiro e os integrantes de um movimento popular de fundo sócio religioso liderado por Antônio Conselheiro, que durou de 1896 a 1897, então na comunidade de Canudos, no interior do estado da Bahia, no nordeste do Brasil. A região, historicamente caracterizada por latifúndios improdutivos, secas cíclicas e desemprego crônico, passava por uma grave crise econômica e social. Milhares de sertanejos partiram para Canudos, cidadela liderada pelo peregrino Antônio Conselheiro, unidos na crença numa salvação milagrosa que pouparia os humildes habitantes do sertão dos flagelos do clima e da exclusão econômica e social." in https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_de_Canudos

113Padre Cicero foi uma das pessoas que mais influenciaram na vida econômica, política social e religiosa do estado do Ceará.

2.4.1 - Os movimentos de vanguarda europeias e a renovação do pensamento no Brasil

A semana da arte moderna do Brasil se insere dentro de uma nova interpretação da realidade. Realidade essa que provem de uma visão europeia de interpretação. A Europa vive no início do século XX uma realidade cheia de conflitos e buscas por novas perspectivas. Surge na Europa com isso os movimentos vanguardistas¹¹⁴, que buscam mostrar na sua forma artística e literária uma liberdade total no modo de fazer arte, levando em conta as diversas perspectivas da realidade.

A disputa por novas terra e mercados aumenta automaticamente a rivalidade entre os vários países, que por si irão tentar de todas as maneiras preservar suas posses. Surge com isso a rivalidade não somente entre países, mas também busca pela congregação entre povos de semelhantes culturas e situações na formação de novos estados.

Os movimentos de vanguardas europeias, são desta forma uma busca por uma delimitação de uma realidade pronta para a explosão, que acontece com a eclosão da primeira guerra mundial em 1914.

Um dos efeitos que vão depois influenciar na burguesia, principalmente francesa, é a crise de valores. A crise moral afeta todos os setores da sociedade burguesa. A filosofia, a moral e a religião não darão mais sustentação e argumentação necessária para o entendimento daquilo que está acontecendo no mundo.

Com as vanguardas e a reinterpretação da realidade, a sociedade burguesa visa não somente trazer algo de novo, mas acima de tudo realizar o rompimento com tudo aquilo que representa o passado e as incertezas trazidas por ele. É por isso que as vanguardas se mostram como movimentos destruidores e de esfacelamento com o passado.

O início do século XX se dá com a ebulição da primeira guerra mundial. Seus reflexos, naturalmente se distanciam do eixo central da grande guerra e refletem também no Brasil.

No entanto os efeitos da guerra, que já se iniciara, bem antes dela começar, trazem agora consigo uma nova forma, mais presente que anteriormente, de perceber e se relacionar com o mundo.

Era um tempo de renovação. Renovação esta não somente no sentido político, sócio geográfico , mas também nas estruturas mentais e espirituais, principalmente do povo europeu e

¹¹⁴Os mais importantes movimentos de vanguarda europeia (cubismo, dadaísmo, futurismo e o surrealismo) não serão tratados como forma específica neste trabalho.

consequentemente daqueles povos que tinham contato com a Europa. No Brasil se dava também o final da cultura do café se alinhando com isso também para o final da estrutura feudal iniciada pouco depois do ciclo da colonização pela coroa portuguesa. O Brasil vivia neste tempo ainda uma certa dicotomia. Não se pode ainda falar de uma autêntica forma brasileira de pensar e agir. Os intelectuais da época, na maioria filhos de senhores feudais, eram os mesmos que, mandados pelos seus pais, iam estudar na Europa e quando voltavam se deparavam com uma estrutura deveras divergente de sua agora nova forma de pensar. A diversidade se dava também no sentido geográfico. Se por um lado o Brasil litorâneo se desenvolvia e se mostrava em seu esplendor e suas luzes, fora do litoral, no sentido centro existia um Brasil obscuro, deixado de lado pela máquina do desenvolvimento. É neste contexto, também já acima citado, que estudantes filhos de fazendeiros voltam da Europa para o Brasil.

Um destes estudantes é Oswald de Andrade, figura central, não somente para a realização da Semana da Arte Moderna, assim como na nova forma de delimitar novos pontos de vistas do Brasil. Tratar de Andrade é de certa forma constrangedora e algo não muito fácil de delimitar por seus inúmeros pontos e encruzilhadas. Suas posições políticas, por exemplo, nem sempre foram muito claras. Ao longo de sua vida ele passa de burguês liberal para marxista e depois volta novamente a ser liberal. No entanto sua presença como intelectual no Brasil não se pode de maneira nenhuma ser questionada. Oswald de Andrade bebeu nas fontes europeias de conhecimento. A América Latina para ele quase que não existia¹¹⁵. Para ele parece que somente existia o Brasil e Europa. E o Brasil ainda somente uma parte, especificamente São Paulo. Aliás esse não é somente um problema de Oswald de Andrade e sua literatura. Tal problema se ramifica em todo o povo brasileiro¹¹⁶.

Oswald de Andrade, em 1928, portanto seis anos após a semana da arte moderna, se separa de sua mulher a burguesa e filha de fazendeiros paulista e junta-se a uma proletária e marxista. Isso faz com aconteça uma guinada em seu pensamento. Ele decide-se filiar-se ao partido comunista brasileiro. Para isso encontra-se em Montevideu, no Uruguai com Luiz Carlos Prestes.¹¹⁷

Após a volta para São Paulo ele cria o jornal o "Homem do Povo", de somente oito edições. Tal jornal, diferentemente de sua "Revista de Antropofagia" tem uma orientação tipicamente

115 Em suas obras ele não faz nenhuma referencia a América Latina.

116 Ser brasileiro na América Latina remete a um questionamento quanto a identidade do povo brasileiro, enquanto latino americano. No Brasil não existe tal identidade latino americana. Talvez pelas suas proporções e pela sua cultura que em si mesmo se sinta autosuficiente, mas também pela questão do idioma. Ou seja o brasileiro faz parte de uma cultura latino americana, mas finge que não.

117 Luis Carlos Prestes foi idealizador da revolta tenentista do Brasil em 1920. Ele foi também secretário geral do Partido Comunista Brasileiro.

marxista delimitando assim seu pensamento para os próximos 10 anos. Com sua filiação ao Partido Comunista e com a fundação do jornal ele se aproxima da imagem do intelectual militante, não como intelectual orgânico no sentido gramsciano¹¹⁸, mas sim como alguém que se afasta de sua classe original.

No entanto, anteriormente a estes acontecimentos, ainda na sua fase liberal burguesa, Oswald de Andrade, não somente organiza, como também é o eixo central da Semana da Arte Moderna. Uma das defesas de Oswald de Andrade é que logo após vai se tornar também um dos principais pontos de sustentação da Semana da Arte Moderna é a questão da escrita, na literatura. Para Oswald e que também vai ser depois usada por Mario de Andrade a linguagem escrita deveria ser mais coloquial chegando, por assim dizer, mais perto da linguagem falada e não ficando acorrentado as regras gramaticais. Seu empenho, em suas obras, queria mostrar o Brasil com seus elementos nacionais como fundamento da literatura como por exemplo do poema vício na fala.

"Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados." ¹¹⁹

O novo paradigma que dela se provem demonstra uma nova forma de ver e interagir com a realidade. A semana da arte moderna que na verdade durou apenas três dias, tinha a direta influência de um pensamento europeu de vanguarda.

Em um primeiro momento tal semana pode ser vista como um movimento sem claros objetivos ou claras ideias. E assim ela foi. É o fruto de tal movimento que mexeu com as raízes da cultura brasileira. Ela estabeleceu uma forma de pensar em que a realidade nacional se encontra em seu centro investigativo. É na segunda fase, no entanto, que ela se torna mais elaborada, consiste e consciente.

" Perguntas sobre a identidade brasileira começavam a serem descobertas como fundamentos ideológicos, como nacionalismo. Como forma de entender mais sobre a identidade do povo brasileiro, o caminho seria através

118Gramsci cria o conceito de "Intelectual orgânico" levando em conta o intelectual que atua como uma espécie de porta voz da classe em que ele provem.

119 Andrade, de Oswald. Pau Brasil. 5a ed. São Paulo: Globo, 1991 Pag. 21.

*das essência do Brasil. Mas qual é a essência do Brasil?
E onde ela se encontra? Não havia outra maneira de
buscar a essência do Brasil, a não ser através de sua
origens"*¹²⁰

No entanto não foi somente a semana da arte moderna que veio trazer uma nova visão de realidade no Brasil. Tais anos eram anos de mudanças e plausíveis de possíveis novas formas e visões de mundo. No mesmo ano aconteceu a revolta dos tenentistas e a fundação do partido comunista brasileiro. Ambos movimentos demonstram uma certa indignação de algumas classes frente a realidade.

A Semana foi o primeiro movimento brasileiro que buscou em sua forma de pensar e agir, embora não muito claras, uma transfiguração da realidade brasileira, buscando em um primeiro momento se assemelhar aos moldes europeus e depois, já na fase adulta " cair em si" voltando-se e perguntando-se sobre a identidade brasileira.

Tais perguntas suscitavam intrinsecamente uma forma de busca por temas brasileiros, deixando de lados preocupações estéticas. João Ribeiro se referindo a Oswald de Andrade assim avalia sua poesia:

*" Ele atacou, com absoluta energia as linhas, os arabescos, os planos, a perspectiva, as cores e a luz. Teve intuição infantil de escangalhar os brinquedos, para ver como eram por dentro. E viu que não eram coisa alguma. E começou a idear sem auxilio da musas, uma arte nova, inconsciente, capaz da máxima trivialidade por oposição, ao estilo erguido e à altiloquência dos mestres (...) Assim nasceu uma poesia nacional, que levantando as tarifas de importação, criou uma indústria brasileira."*¹²¹

Logo após a Semana da Arte Moderna, tida como marco inaugural desta nova fase literária, surge os vários movimentos¹²² modernistas da primeira fase. Ou seja é a literatura, e não a Semana da Arte Moderna em si que vão delinear estes caminhos.

A proposta do Movimento "Pau Brasil" trazia consigo uma arte primitivista, na qual as entranhas

120 Gonzaga Sergius, Manual de Literatura Brasileira, Ed. Mercado Aberto, 14º Edição, Porto Alegre, 1997, pag. 174.

121 Campos, de Haroldo. Uma poética da radicalidade. in Andrade, de Oswald. Pau Brasil. Editora Globo, São Paulo 2003. Pag 29-30.

122 Os quatro movimentos que proveem logo após Semana da Arte Moderna são: Movimento Pau Brasil em 1924, O verde amarelismo em 1926, Movimento Antropofágico em 1928 e a escola da Anta em 1929.

culturais do Brasil seriam mostradas ao mundo. Sua originalidade seria de tal forma tão escomunal e grandiosa que o mundo inteiro ficaria com isso encantado e fascinado.

"Uma única luta - a luta pelo caminho. Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-brasil, de exportação"¹²³.

Naturalmente que isso não sucedeu. Se de tal movimento o mundo não tomou conhecimento, o contrário aconteceu no Brasil. No Brasil ele deu certo e vem romper com antigas formas parnasianas de se relacionar com a literatura. A primeira fase tem em seu elementos essências o combate a arte acadêmica, a destruição do velho.

"A reação contra o assunto invasor, diverso da finalidade. A peça de tese era um arranjo monstruoso. O romance de ideias, uma mistura. O quadro histórico, uma aberração. A escultura eloquente, um pavor sem sentido. Nossa época anuncia a volta ao sentido puro. Um quadro são linhas e cores. A estatuária são volumes sob a luz. A Poesia Pau-brasil é uma sala de jantar das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente".¹²⁴

A busca pela recontagem da história já não aceitava as ideias antigas sérias. Ele deveria ser contada agora de forma engraçada de forma lúdica e porque não de forma debochada. Acontece com isso uma quebra de paradigma entre sujeito e objeto. Se na história oficial o branco e conquistador era mostrada como sujeito, na recontagem da história proposta pelo movimento Pau Brasil, ela não tira do branco do papel protagonista, da função de sujeito, mas coloca também o negro e o índio neste mesmo patamar. Ou seja não existe somente um protagonista como a historia oficial era cotada. Nesta nova visão existe três sujeitos históricos.

A recontagem da história de forma engraçada, não quer porém demonstrar uma maneira falsa de ver a história. Ao contrário, ela busca a verdadeira fonte dos acontecimento e a partir daí gerar o conhecimento crítico, satírico e autêntico.

No entanto, o conhecimento a ser gerado, não é algo desconectado da história e algo sem um ponto de partida. O ponto de partida se dá com o olhar agudo sobre os marginalizados e consequentemente sua valorização. Sua linguagem embora parecendo-se despretensioso, traz em si uma profundidade e um conteúdo, que se apresenta como na valorização da cultura e da

123Andrade, Oswald de. O manifesto antropófago. In <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>

124Andrade, Oswald de. O manifesto antropófago. In <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>

cotidianidade do Brasil. Um destes exemplos é o poema capoeira de Oswald de Andrade.

"— *Qué apanhá sordado?*
— *O quê?*
— *Qué apanhá?*
Pernas e cabeças na calçada."¹²⁵

2.4.3-A utopia da libertação

O início do modernismo no Brasil se deu muito antes de se iniciar a segunda guerra mundial. Em seus manifestos, por exemplo "Pau Brasil" e principalmente no "Antropofágico", Andrade realiza uma crítica a uma visão de mundo linear. O modo de ser, pregado pelo iluminismo representa para ele um fracasso de uma visão utópica demonstrada por ele no seus manifestos de maneira pouco argumentativa, e sim de criticidade.

No entanto isso não acontece na "Marcha da Utopias" e em "A Crise da filosofia Messiânica", que demonstram tanto pelo seu conteúdo, tanto pelo posicionamento frente à realidade uma certa resignação com aquilo que está acontecendo. Quando ele os escreve o mundo está em plena guerra, a insegurança, principalmente na Europa é algo latente, no entanto tais ensaios são frutos de uma reflexão de sua caminhada, de seus posicionamentos políticos e culturais nos últimos anos. Paradoxalmente a isso, seus ensaios mostram uma volta à suas origens de pensamento, no sentido crítico, mas ao mesmo tempo demonstra com sua visão marxista a possibilidade de distanciar-se destes primeiros pensamentos. Ou seja, a sua crítica quando a maneira de escrever a história¹²⁶ continua sendo perspicaz se junta ao seu engajamento social utópico.

Paradoxalmente Andrade escreve seus ensaios logo após seu afastamento do partido Comunista. Seu rompimento, prático, no entanto não se transcreve no campo teórico das ideias. Filosoficamente Andrade continua usando o viés marxista em suas obras e em suas reflexões.

125 Kangussu, Imaculada und Fonseca Jair Tadeu da: Macunaíma, Literatura, cinema e Filosofia. Pag. 144. in http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_11/Macunaíma.pdf>

126 "A crítica contemporânea está começando a formular, sobre os diversos textos que ela estuda, seus textos objeto, uma espécie de combinatória nova. Em vez de reconstituir seu segredo imanente, ela apreende o texto como um conjunto de elementos (palavras, metáforas, formas literárias, narrativas) entre os quais é possível fazer surgir relações absolutamente novas (...). As relações formais que assim se descobrem não estavam presentes na cabeça de ninguém; elas não constituem o conteúdo latente dos enunciados, seu segredo indiscreto; são uma construção, mas uma construção precisa desde que as relações assim descritas possam ser atribuídas realmente aos materiais tratados". in Foucault, M. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (Col. Ditos e escritos II). Pag 69.

Assim como a filosofia da libertação, os antropófagos traziam em seus pensamento um pensamento binário, de contradição. A oposição representada pela cultura da liberdade e da servidão traz consigo a priori uma luta de classes onde dominantes e dominados, onde oprimidos e opressores se digladiam, uns pela busca de sua liberdade personificada pelo direito de ser e os outros pela consumação de seu status quo. Isso demonstra a posição filosófica de Oswald, na qual ele vê a filosofia não como algo autônoma e acima de qualquer acontecimento e sim como uma espécie de produto de um meio e conconetada com as condições sociais de uma determinada sociedade.

Em sua "A Marcha das Utopias", Andrade busca na utopia, na ideologia da utopia, conceitos para estabelecer paradigmas que levam-no ao entendimento das transformações sociais. Ou seja, as transformações sociais ocorridos na sociedade sempre tiveram como ponto de partida uma visão utópica.

"No fundo de cada Utopia não há somente um sonho, há também um protesto."¹²⁷

É a ponte que liga o sonho com a realidade. No entanto isso é apresentado por ele de maneira crítica, levando em conta as manipulações e seus efeitos não somente na vida prática, assim como também no imaginário coletivo. Para tanto já no início de seu ensaio ele apresenta o seu significado de utopia e seu limites históricos.

"Pode-se chamar de Ciclo das Utopias esse que se inicia nos primeiros anos do século XVI, com a divulgação das cartas de Vespúcio, e se encerra com o Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels, em 1848, documento esse que liquida o chamado Socialismo Utópico, aberto com a obra de Morus e que, superado, chega, no entanto, até o século XIX, quando o francês Cabet publica a sua Viagem à Icária, último país onde o puro sonho igualizante encontrou guarida e afago."¹²⁸

No decorrer de sua obra o leitor tem a impressão de que Oswald de Andrade busca nos mais diversos e adversos modelos de subversão social, racial ou intelectual argumentos para comprovar a utopia como sinônimo de busca e transformação, ou sentido de vida. Sua atração pelo subversivo, por aquilo que apresenta possibilidades de mudança, o levam a escolher a

127 Andrade, Oswald. Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias: manifestos, teses de concursos e ensaios .Rio de Janeiro: Obras completas, Civilização brasileira, 1972. Pag 194.

128 Andrade, Oswald. Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias: manifestos, teses de concursos e ensaios .Rio de Janeiro: Obras completas, Civilização brasileira, 1972. Pag 147.

dicotomia como forma de contestação.

Oswald de Andrade é um sonhador, seu sonho é algo utópico, assim com sua interpretação dos fatos citados por ele levam a uma visão utópica. Em alguns momentos ele faz uso da interpretação da interpretação de uma história utópica para fundamentar sua posição. Por exemplo quando ele trata do cristianismo ele assim se refere:

*"O cristianismo foi no seu início uma religião de justicadores. Como toda religião fabricada ela devia seguir certas diretivas psicológicas capazes de atrair para o seu culto um grande número. Quando se forjaram os evangelhos, vinte anos depois da morte do Cristo, eles se fizeram em torno de uma esplêndida ideia, a da parúsia."*¹²⁹

Ou seja a ideia da volta de Cristo como libertador, a ideia utópica do novo testamento toma corpo em Oswald de Andrade como significado, como resistência, como forma de se alcançar a felicidade. Interessante perceber que em sua crítica à civilização, ele divide-a em dois polos ou ângulos em que uma está representado pelo matriarcado e o outro pelo patriarcado.

A filosofia da libertação buscava dar essa resposta a felicidade a partir da mudança da realidade social. Ela dizia que enquanto existir opressor e oprimido, não haveria espaço para a felicidade. Ou seja felicidade é a libertação da manipulação dos símbolos e a transformação da realidade. Não é possível ser feliz com a barriga roncando de fome e numa situação de injustiça e exploração. Dussel coloca como premissa básica desta mudança de postura a uma nova forma de pensar e agir nesta realidade. Ou seja é o contexto social, político, econômico e religioso de uma realidade que proporcionará.

*"O apelo à 'Libertação' significa estabelecer uma relação de diálogo com a 'humanidade', ou seja, com os representantes da 'humanidade' do 'norte'. Para a Filosofia da Libertação, o que importa é o ser do outro, daquele que está fora da totalidade, fora do sistema, como 'excluído', havendo pois, a necessidade do amor; de um amor gratuito, um amor criador que vá além do horizonte ontológico."*¹³⁰

A Filosofia Latino Americana da Libertação tem sua proposta uma libertação não somente no

129 Andrade, Oswald. Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias: manifestos, teses de concursos e ensaios .Rio de Janeiro: Obras completas, Civilização brasileira, 1972. Pag 196

130in <http://filcarlos.com/o-sentido-da-filosofia-da-libertacao/>

sentido intelectual do pensamento eurocêntrico filosófico, mas traz consigo uma libertação da dependência sócio política e econômica dos ricos sob os pobres. A estratégia global de dominação requer primeiro uma conscientização do ser como elemento de uma realidade que interage com ela não somente de uma maneira hierárquica mas essencialmente de equilíbrio entre ambas as partes. Tratar do tema felicidade em Oswald de Andrade é realizar o mesmo que a Filosofia da Libertação realiza: é colocar-se ao lado dos oprimidos do sistema manipulativo e opressor.

No entanto requer primeiramente uma observação crítica da realidade e a distinção daquilo que é apresentado como realidade. É na ação que a observação da realidade toma corpo e encontra a possibilidade de mudança. Tal mudança porém somente acontece tendo uma visão utópica como paradigma central. Do ponto de vista crítico a libertação se eleva ao patamar de análise ao sistema vigente que freia o desenvolvimento e a possibilidade de fertilidade do ser humano. No entanto ela se perdeu com o passar do tempo. A crise utópica e a mudança dos regimes políticos talvez foram um dos dois motivos que mais tiveram influência para sua derrocada. Isso quer dizer que apesar de ser uma época em que muito se fala em libertação, na verdade ela não existe a não ser no seu sentido utópico.

As mudanças políticas na América latina nos últimos 30 anos, por exemplo, e contrariando a tese acima citada são frutos de uma filosofia voltada para a conscientização e de maneira concreta a uma política de libertação.

As várias nuances dos movimentos populares que se iniciaram a partir dos anos 70 se fortaleceram a partir de uma Teologia e uma Filosofia da Libertação. Seus temas e suas buscas tem raízes na busca por uma mudança, mas são nos tratados filosóficos e teológicos que eles buscam os argumentos para uma mudança de atitude. Leonardo Boff em "Jesus Cristo Libertador" assim esclarece a posição da Teologia da Libertação:

"Os anos de 1960-1970 se caracterizaram pela mobilização popular e pela emergência de uma poderosa vontade de mudança social. Não bastavam as reformas. Queria-se uma libertação das opressões históricas que as grandes maiorias secularmente sofreram. Muitos cristãos, inspirados pelo evangelho, comprometeram-se em meios pobres num processo de conscientização e de prática que criava os primeiros acenos de uma sociedade alternativa possível. Sobre todos os que se empenhavam por sacudir as antigas amarras, abateu-se feroz repressão por parte do

*Estado de Segurança Nacional e de seus aliados. A palavra libertação fora oficialmente banida dos meios de comunicação social por efeito de um decreto do ministério da Justiça. Num contexto de vigilância policial, de sequestros, torturas e assassinatos políticos foi escrito Jesus Cristo Libertador."*¹³¹

Os anos 60 até 80 foram os chamados anos de chumbo¹³² na América latina. A instalação de vários regimes ditatoriais davam ainda mais sustentação a luta pela mudança de realidade. A busca por liberdade de expressão se buscava juntamente com uma melhor qualidade de vida do povo sofrido e oprimido pela ditadura. A ditadura simbolizava, mais que uma forma de regime sem liberdade e corrupto. Ela simbolizava uma ordem moral, uma ética desprovida de compromisso social e voltada somente para os detentores do poder. Com isso a Teologia e Filosofia da Libertação encontravam um campo fértil para seu crescimento e expansão. E tal expansão deu frutos. Vivia-se um clima de utopia. Os movimentos populares eram felizes, por ter um motivo concreto para lutar e mesmo tendo muitas dificuldades, por ter a impressão que a utopia iria a qualquer momento se tornar realidade.

A utopia no Brasil, no campo político, torna-se real no ano de 2003. Depois de várias tentativas finalmente chega ao poder máximo do Brasil uma pessoa identificada com os movimentos populares. A chegada de Lula ao poder significava muito mais que o ganho de uma eleição. Seu significado foi muito mais ideológico que político. Era a guinada para a esquerda que o Brasil os movimentos esquerdistas tanto esperavam e lutaram para conseguir. O problema no entanto, se sucedeu que com a concretização da utopia, atingiu-se o clímax, e os movimentos populares juntamente com a Filosofia da Libertação se acomodaram e não buscaram novas alternativas de evolução. Era o momento de felicidade plena atingida. A Eudaimonia de Aristóteles atinge sua plenificação na Polis do governo popular. No entanto as pessoas já não veem o mundo somente através da Polis e sim através do imenso portão do Império Macedônico.

131 Boff, Leonardo. Jesus Cristo Libertador. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008. Pag. 13.

132 Anos de chumbo é a designação dos anos em que a ditadura militar do Brasil teve seu período de mais repressão. Eles iniciaram com o Ato Inconstitucional 5 (AI5) no ano de 1968 e foram até 1974, período em que o presidente foi o general Emílio Médici.

2.5-A felicidade como transcendência individual pela libertação dos problemas sociais

A Filosofia da Libertação chegou ao Brasil a partir dos anos 60 como uma possibilidade de uma unificação do pensamento e agir latino americano. Suas raízes primeiro, na problematização da realidade e por fim na busca pela solução dos problemas, traz consigo, e como forma de expansão, a criação de instituições filosóficas orientadas a partir de seu método.

Porém não se pode entender a Filosofia da Libertação sem um olhar agudo sob a religião do povo latino americano. Se por um lado existe nela uma forma de analisar, compreender e problematizar a situação, é na Teologia da Libertação que essa veia encontra o seu lado místico e espiritual. Uma vem fortalecer a outra. Mesmo que ambas sejam parte da mesma moeda e mesmo que ambas tenham a mesma finalidade e definição, elas se diferenciam pela sua forma de identificação ou melhor pela sua não identificação com a outra.

A grande crítica, por exemplo feita à Teologia da Libertação diz respeito ao seu sociologismo. Segundo a teologia dogmática, ela não pode ser considerada uma teologia por seus conceitos não estarem ligados a conceitos transcendentais, mas sim ligados a uma realidade existencial. Sua utopia de felicidade final não prescinde do grande final com deus, no descanso eterno, mas sim uma utopia meramente sociológica. Galilea esclarece não existir nenhuma novidade em evidenciar que ela usa conceitos de outras ciências, especialmente da filosofia, para sua reflexão.

"Devemos dizer contudo que a teologia sempre utilizou ciências auxiliares em sua reflexão, especialmente a filosofia, embora sem se identificar com nenhuma delas"¹³³

Enquanto a Filosofia da Libertação pertence a um ramo de discussão intelectual e de geração de conhecimento, a Teologia da Libertação é está ligada a forma de agir, de organização e luta pelos direitos de melhoria da qualidade de vida.

A Teologia da Libertação não é algo isolado na Igreja Católica da América Latina. Ela é na verdade uma das formas mais "tradicionais de se fazer teologia".¹³⁴ Aqui Galileo faz uma clara referência a forma antiga descrito no Novo Testamento de como os primeiros cristãos faziam teologia.

¹³³Galilea, Segundo: teologia da Libertação, ensaio da síntese segundo Galilea, Tradução do espanhol por Luis Antonio Miranda: São Paulo, 1978, Pag.22.

¹³⁴Galilea, Segundo: teologia da Libertação, ensaio da síntese segundo Galilea, Tradução do espanhol por Luis Antonio Miranda: São Paulo. 1978. Pag. 23.

"Sabemos que há três maneiras teologizar ou aprofundar a mensagem e fé. Uma delas denomina a teologia como Sabedoria. É muito antiga. Aparece já no novo testamento, nos primeiros escritos cristãos e, através da história na literatura de muitos santos(...)A outra seria a teologia sistemática científica ou dogmática. Esta maneira foi adquirindo crescente importância na vida da Igreja até se tornar predominante nos últimos quatro séculos(...)Logo em seguida está a que podemos chamar de teologia pastoral. Seu ponto de partida é, em essência, a vida da Igreja, a ação pastoral, o compromisso, a realidade humana na qual a Igreja exerce sua missão"¹³⁵.

Galileo descreve a teologia pastoral como principal base para práxis e reflexão¹³⁶ da mensagem de Jesus Cristo¹³⁷. É neste contexto que situa-se a Teologia da Libertação. Ela é uma teologia pastoral¹³⁸.

Os anos 70, 80 e 90 foram anos de grande discussão social e busca por soluções práticas. Seu método baseado no tripé de ver, julgar e agir disseminou-se no Brasil e surgiram muitos institutos de Teologia e de Filosofia de Libertação. Tais instituições eram fomentadas a maioria das vezes por setores progressistas da Igreja Católica e tinham como objetivo claro formar sacerdotes progressistas. Tais objetivos naturalmente também estavam voltados para a formação de leigos e irmãs com visões libertadoras e engajados nos movimentos de transformações sociais. Dessa forma a corrente se fechava entre a Teologia da Libertação e Filosofia da Libertação. Uma vinha em complemento a outra.

Não são apenas os institutos de Filosofia da Libertação e Teologia da Libertação que surgem em todo o País, mas também pequenos cursos de formação para leigos. A CNBB (Conferência Nacional do Bispos do Brasil) assumia assim sua opção preferencial pelos pobres, com isso proporcionava uma abertura a novas formas de formação de padres e leigos.

¹³⁵Galilea, Segundo: Teologia da Libertação, ensaio da síntese segundo Galilea, tradução do espanhol por Luis Antonio Miranda: São Paulo, 1978. Pag.17.

¹³⁶Galilea, Segundo: Teologia da Libertação, ensaio da síntese segundo Galilea, tradução do espanhol por Luis Antonio Miranda: São Paulo, 1978. Pag. 18.

¹³⁷Galilea, Segundo: Teologia da Libertação, ensaio da síntese segundo Galilea, tradução do espanhol por Luis Antonio Miranda: São Paulo, 1978. Pag. 18.

¹³⁸Um dos seus marcos iniciais no Brasil deu-se com a publicação do livro "Teologia da Revolução" de José Comblin. Dois anos depois com o então lançamento do livro "Jesus Cristo Libertador", surge no cenário nacional frei Leonardo Boff.

Surgem com isso milhares de pequenas publicações e novas formas de leitura da bíblia. Uma exegese que tinha como objetivo principal uma mudança de postura política, econômica, social e religiosa.

Foi com a criação das comunidades Eclesiais de base (Cebs) que tal movimento se intensifica ainda mais. Com a Cebs, cria-se uma nova postura e forma de ver a Igreja Católica. Ouve uma certa democratização da Igreja, uma flexibilização de certas doutrinas e uma forma mais divertida de celebração.

As Comunidade Eclesiais de base tiveram seu auge nos anos 80 e 90. Todos os anos havia os chamados encontros nacionais de Cebs do Brasil ou na linguagem da Cebs "A Romaria da Cebs". Os encontros se realizavam durante uma semana em algum lugar do Brasil. Seu último dia era coroado com uma imensa celebração eucarística ao ar livre. Neste dia vinham ainda mais romeiros com suas bandeiras coloridas e músicas que falavam sobre organização social, enjangamento, índios, trabalhadores e de um Deus que fez a opção pelos oprimidos e infelizes do sistema, o Deus Javista. Tais encontros eram considerados o ponto alto de um ano inteiro de lutas nas comunidades. Nestes cinco dias os romeiros trocavam experiências entre si, buscavam incentivos para a luta e celebravam seu misticismo. Seus cantos tratavam de lutas de incentivo e de uma utopia que iria tornar-se em breve realidade.

" Vou convidar os índios que ainda existem, as tribos que ainda insistem no direito de viver, e vamos juntos reunidos na Memória, celebrar nossa vitória que vai ter que acontecer ê ê, convido os negros irmãos no sangue na sina, seu gingado nos ensina a dança da redenção. De braços dados no terreiro da irmandade vamos sambar a vontade enquanto chega a razão, ê ê. Vou convidar Oneide, Rosa, Ana Maria, a mulher que noite e dia luta e faz nascer o amor, e reunidos no altar da liberdade , vamos cantar de verdade, vamos pisar sobre a dor ê ê, vou convidar a criança da juventude, tocadores nos ajudem, vamos cantar por aí".¹³⁹

O Brasil vive, assim como América Latina tempos difíceis. A maioria dos países tem em seus governos ditaduras militares, que através de sua força coercitiva, proíbem qualquer forma de manifestação pública. Livros são queimados, pessoas são presas, ou desaparecem de momento para outro, tudo leva a uma certa inquietação social.

139 in <https://www.letras.mus.br/ze-vicente/905011/>

As dificuldades desta conjuntura social e política levam a sociedade a procura de novos horizontes, novas possibilidades de buscar um futuro melhor.

Assim como a Teologia da Libertação a Filosofia da Libertação é também um movimento de mudança de postura política econômica e social, mas com bases filosóficas e não teológicas, algo que na América Latina é difícil de separar. Dentro deste mesmo contexto de mudanças surge também a "Pedagogia do Oprimido"¹⁴⁰, de Paulo Freire e "Teatro do Oprimido"¹⁴¹ de Augusto Boal.

Enrique Dussel ao elaborar as devidas postulações, questionamento e esclarecimentos sobre a Filosofia da Libertação centrava seu objetivo na libertação do Homem do seu pensar do caráter dominador e inferiorizado e também na relação de alteridade com o outro.

*" Considerar a palavra do outro outro como semelhante às do meu mundo., conservando a 'dis-tinção' meta-física que se apoia nele como outro, é respeitar a ana-logia da revelação, é dever comprometer-se com a humildade e mansidão na aprendizagem pedagógica que a palavra do outro como mestra vai traçando no dia a dia"*¹⁴²

Dussel traçara em sua filosofia o rompimento com formas de pensar alheias a situação do povo latino americano, que segundo ele impostas pelo opressor. A crítica de Dussel ao pensamento europeu é algo relacionado a todos os setores de pensamento. Segundo ele não somente os filósofos expoentes da visão filosófica tradicional, como Kant e Hegel, mas também seus críticos como Marx e Feuerbach não serviriam de base filosófica na América Latina. Neste sentido seu pensamento se aproxima ao de Roberto Gomes, sem no entanto haver uma proporcionalidade concreta entre ambas.

"Eles são a pré história da filosofia latino americana e o antecedente imediato do nosso pensar latino americano. Não podemos contar nem com o pensar do europeu preponderante (de Kant, Hegel ou Heidegger), por que nos excluem como 'objeto' ou 'coisa' em seu mundo; não podíamos partir daqueles que os imitaram

¹⁴⁰Escrito no ano de 1968, foi somente no ano de 1974 lançado no Brasil.

¹⁴¹O "Teatro do Oprimido" foi um desenvolvimento de uma forma de fazer teatro dos anos 60. Inicialmente Boal realizava com seu grupo de teatro chamado "Teatro da Arena" apresentações em todo o Brasil. Foi a partir do ano de 1971 que desenvolveu-se as primeiras ideias de um teatro voltada para o diálogo e problematização dos problemas sociais.

¹⁴²Galilea, Segundo: Teologia da Libertação, ensaio da síntese segundo Galilea, tradução do espanhol por Luis Antonio Miranda: São Paulo, 1978, Pag.22.

na América Latina, porque é uma filosofia inautêntica. Tampouco poderíamos partir dos imitadores latino-americanas dos críticos de Hegel, porque igualmente eram inautênticos".¹⁴³

O eixo regulador de sua filosofia era a libertação do Homem enquanto Homem. Não somente uma libertação abstrata, mas de carne e osso, uma libertação histórica. Ao pensar uma Filosofia Latino Americana com bases na Filosofia Clássica Europeia, Dussel percebeu nesta filosofia elementos opressores e que impossibilitava uma identidade entre ela e a realidade do povo latino americano. Naturalmente que ele utiliza-se de conceitos da Filosofia Clássica, como a questão do "ser e ente" de Heidegger, e principalmente do pensamento crítico de Levinas, crítico de Heidegger como "panos de fundo" para a evolução de seu pensamento. Os conceitos de ser e ente são usados por Dussel como uma forma de efetivação, do eixo central de sua crítica política, econômica e social da América Latina.

"Como totalidade espacial, o mundo sempre situa o eu, o homem ou o sujeito como centro; a partir de tal centro se organizam espacialmente os entes, desde os mais próximos até os mais distantes e como o menor sentido".¹⁴⁴

No final da década de 80 e nos anos 90 a Renovação Carismática iniciou a tomar corpo na Igreja Católica do Brasil. Ela era uma contraposição as comunidades eclesiais de base, que cresciam cada vez mais. Era um movimento voltada para a classe média e sem nenhum engajamento político. Se pelos frequentadores da Cebs ela era tida como um movimento alienado e distante da realidade, pelos carismáticos ela era um movimento que mostrava como a Igreja Católica deveria ser. Apartidária e voltada somente para os apelos do espírito. Ele era um movimento de conversão de exaltação. Pessoas que anteriormente não frequentavam a Igreja Católica dão-se conta através da Renovação Carismática de uma nova forma de expiar seus problemas privados. Elas dançam, cantam, pulam, gritam, choram... tudo numa forma de louvor a Deus, mas sem nenhum empenhamento político e social.

"Durante o trabalho de campo a temática da sexualidade foi ganhando também mais importância, na medida em que as próprias mulheres iam tornando mais visíveis a relação entre opção religiosa e problemas

143 Galilea, Segundo: Teologia da Libertação, ensaio da síntese segundo Galilea, tradução do espanhol por Luis Antonio Miranda: São Paulo, 1978, Pag.22.

144 Dussel, Enrique, Filosofia da Libertação, São Paulo, Loyola -Unimed, 1976. Pag.30.

Um dos patamares fortes da Renovação Carismática é a devoção a Maria e a busca pela santificação através do Espírito Santo, que derramou suas graças no Pentecostes. Santa essa venerada no Brasil de norte a sul não somente pelos adeptos da Renovação Carismática assim como por, católicos e não católicos.

2.5.1-A religiosidade popular e sua busca pela resolução dos problemas individuais

O brasileiro tem na sua essência de ser um forte misticismo impregnado de diferentes crenças que aparentemente incompatíveis, formam uma cosmologia de crendices aceitáveis na sua busca por uma espiritualidade. Uma forma muito peculiar de sentir e ver a realidade levando em conta antigas crêndices e misticismos regionais dão a ele possibilidade de locomover-se sem nenhum peso de consciência entre as diferentes regras de cada religião e depois falar mal delas. A maleabilidade que cada um traz em si demonstra que sua religiosidade é algo totalmente independente de dogmas ou fundamentos teológicos que amparam uma religião. Uma flexibilidade inerente em seu ser vem de encontro a sua flexibilidade de sentir e aceitar as coisas como elas se apresentam, mas ao mesmo tempo buscar por detrás das aparências formas de transformar uma realidade. Tal maneira de viver sua religiosidade e espiritualidade eleva-se a uma certa aparente tolerância sobre outros ritos religiosos.

No entanto tal tolerância não mostra-se como algo puro e altruísta, mas vem de acordo com interesses próprios. Ela vem a favor de si mesmo e na busca pela vantagem em todos os momentos da vida e relações interpessoais. Na verdade uma falsa tolerância, e feita somente de aparências. Uma ilusão vendida como se fosse algo positivo, mas que em sua forma de se apresentar, demonstra a grande ambiguidade da identidade do brasileiro. Ambiguidade essa que vem deste os tempos do Brasil colônia onde os negros faziam de conta que acreditavam no Deus dos brancos e os brancos faziam de conta que não sabiam fechando os olhos para as celebrações africanas dos negros dos quilombos.

Cria-se assim uma imagem, um espelho onde o que nele se reflete não é a imagem da

145 das Dores Campos Machado, Maria. Carismáticos e pentecostais, adesão religiosa na esfera familiar, Editora Ampocs, São Paulo. Pag.2.

realidade, mas sim de uma realidade que se quer apresentar. Ver essa realidade distorcida apresenta uma imagem de brasileiro simpático, agradável, amável e sempre pronto para entender o problema dos outros é uma ilusão, uma falácia.

*"A imagem mítica do brasileiro simpático existe só no samba. Na relação entre as pessoas sempre foi violento. A sociedade não é simpática, é uma sociedade que se mata."*¹⁴⁶

A mistura de crenças numa mesma pessoa, não impede no entanto os devaneios e divisões de valores de cada religião. Os mesmos católicos fervorosos e que vão a missa todos os domingos de manhã podem muito bem ser os mesmo que criticam o candomblé e a tarde frequentam os centros espiritistas e no outro dia vão as sessões de Umbanda.

*" Ihre Toleranz gehe soweit, dass viele Brasilianer sowohl fromme Katholiken als auch Adepten afrikanischer Kulte in einer Person sind- und vielleicht noch spiritistisch angehaucht dazu. An Wunder glauben so gut wie alle."*¹⁴⁷

A comunidade espiritista do Brasil é uma das maiores do mundo. Segundo relatos do IBGE existe cerca de 20 milhões de pessoas que se dizem espiritistas em um país de 200 milhões de habitantes¹⁴⁸. Se engana quem imagina que fazem parte desta comunidade somente os pobres ou aqueles com menor grau de estudo. Ela se dá em todas classes sociais da sociedade brasileira. Os oráculos, as visitas em cartomante, perpassam por quase todas as pessoas de diferentes classes sociais sem que elas mudem sua estrutura mítica. O ecletismo filosófico alicerçado sob forma de religião.

Um destes exemplos encontra-se no mais famoso cantor brasileiro que em todos os finais de ano tem seu show reproduzido para todo o Brasil. Tal cantor veste-se sempre com roupas brancas, ou do ex-presidente José Sarney que nunca usa roupa marrom ou que ainda antes de agendar um compromisso consulta os astros para saber se o dia e horário são apropriadas para seu determinado objetivo.

" Präsident José Sarney trug keine braune Anzug und ging niemals durch eine andere Tür heraus als durch die er hereingekommen war, er legte seine Termine nach

146das Dores Campos Machado, Maria. Carismáticos e pentecostais, adesão religiosa na esfera familiar, Editora Ampocs, São Paulo, S.2.

147Goerdeler, Carl D. Kulturschock Brasilien, Reise Know-how Verlag peter Rump GmbH, Bielefeld, 2012. Pag.55.

148<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-06-29/ibge-com-maior-rendimento-e-instrucao-espiritas-crescem-65-no-pais-em-10-anos.html>

*astrologische Beratung fest. Leda Collor beauftragte den deutschen Padre Joseph als exorzisten gegen den bösen Einfluss der Politischen Feinde..."*¹⁴⁹

Nenhuma crença popular mostra-se tão forte no Brasil como a Macumba, Candomblé e Umbanda¹⁵⁰. Naturalmente que tais religiões perderam muitos de seu apelo popular no últimos anos com o advento das seitas. Há porém de se dizer que tais seitas, apesar de serem de uma ordem Cristã, apresentam em seus rituais elementos idênticos e soluções do Candomblé, Macumba ou Umbanda.

Tais religiões que tem em seu âmago formas africanas de xamanismo e alguma influência indígena estão espalhados por todo o Brasil. No entanto é nas regiões, do sudeste (Rio de Janeiro) e no nordeste do Brasil (especial Bahia) que elas tem sua maior força, obviamente ligado ao processo de colonização do Brasil pelos escravos africanos. Em cada cidade do Brasil, sem nenhuma exceção encontra-se devotos e casas de culto. Muitas vezes tais centros de cultos acontecem na sala de estar ou pequenos quartos. É comum serem encontrados em especiais encruzilhadas de estradas, objetos de culto ou sacrifícios devocionais como galinha preta, garrafas de cachaça ou até pratos cheios de comida.

*"...des Figur des Alten Negers, dazu Kerzen Perlenketten, Muscheln...und niemand in Brasilien ist überrascht, an einer beliebigen Straßen Ecke, unter einem Baum eine Opferschale vorzufinden..."*¹⁵¹

O encontro com tais objetos não causa espanto em nenhum brasileiro, mas é visto como algo quase que perigoso e que deve ser tratado com respeito. Não se deve olhar e especialmente não tocar. Naturalmente alguns mais "corajosos" até roubam as ofertas aos Orixás e as levam para casa. A galinha que seria doada aos Orixás torna-se assim parte do almoço para o próximo dia e a cachaça juntamente com limão vai ser a caipirinha.

Tal forma mágica e misteriosa de sentir-se e estar no mundo pertence ao lado secreto de cada uma das pessoas que são atraídos por tais rituais. Elas oferecem uma oferta aos Orixás com os mais variados intuitos. Existem aquelas que pedem ajuda para reencontrar um amor perdido, outro desejo felicidade para si ou ainda aqueles que buscam ajuda para que seus inimigos sofram alguma forma de mal na vida ou nos negócios.

De acordo com os objetos, comidas, bebidas e outros elementos que encontram nas

149Goerdeler, Carl D. Kulturschock Brasilien, Reise Know- how Verlag peter Rump GmbH, Bielefeld, 2012.Pag.64

150 Umbanda, Candomblé e Macumba embora pertencentes ao mesmo ramo, cada uma tem suas particularidade e formas peculiares de realizar suas sessões e ritos. No entanto não especificaremos os detalhes de cada um, pois este não faz parte do objeto deste estudo.

151Goerdeler, Carl D. Kulturschock Brasilien, Reise Know- how Verlag peter Rump GmbH, Bielefeld, 2012. Pag.64.

encruzilhados pode-se traçar um perfil socioeconômico do oferendo ou oferenda. Os mais pobres oferecem normalmente um prato de feijão com arroz e farofa, já os mais "abastados" economicamente trazem muitas vezes em suas ofertas bebidas consideradas caras ou até caviar. Estas encruzilhadas são disputadas pelos "ladrões de Umbanda". Diante disso pode-se perceber que em tais rituais de Umbanda e Candomblé pessoas de todas as classes econômicas e sociais do Brasil se sentem atraídas.

Naturalmente que em um culto ou sessões como é correto se referir, não se compõem apenas de oferendas. As sessões trazem consigo um forte caráter psicológico e descarrego de problemas espirituais. Em um terreiro bem organizados, com estatutos próprios, a ordem do dia é desenvolvida a partir de sessões que são geralmente divididas em duas partes. Uma de consulta espiritual e a outra de desenvolvimento pessoal. Nelas as pessoas conversam com caboclos, pretos, Exús, baianos e ciganos. As entidades dão o devido acompanhamento espirituais e o devido esclarecimento sobre acontecimentos de ordem privada ou pública. Segue os passes e os descarregos, momento crucial em uma sessão de Umbanda.

Estes são uma espécie de reorganização da harmonia das pessoas através da retirada da energia negativa. Tais rituais tornam-se às vezes complexos de acordo com a carga e a profundidade dos problemas de cada um. Quando a concentração de energia negativa é muito forte em uma pessoa, o ritual torna-se mais intenso e requer-se a presença de um Orixá ou entidade¹⁵². Em tal ritual o Mèdium incorporado tem a função de mediar a energia negativa para o mundo astral em seus diferentes níveis.

A origem dos terreiros de Umbanda estão intrinsecamente ligados aos processos de escravidão dos negros no Brasil. Terreiro, na linguagem coloquial da língua portuguesa, diz respeito a um local, geralmente próximo da casa em que as pessoas se reúnem para conversar ou se refrescar do calor, geralmente no dias quentes. Ou seja, é um espaço, geralmente de chão batido, sem cobertura, rodeado geralmente por árvores.

Se por um lado tais formas populares de manifestações religiosas se apresentam sem uma determinada teologia dogmática ou oficial, é na Igreja Católica que os dogmas se sobrepõem formando uma corrente de sustentação hierárquica oficialmente aceita, não somente por seus adeptos assim como por aqueles denominados não adeptos.

Ao lado das várias correntes teológicas que existem na Igreja Católica¹⁵³, e que dão sustentação de não somente a hierarquização, mas também a um modelo de igreja em que promete a felicidade aos fiéis depois da morte, encontra-se a Teologia da Libertação como forma

¹⁵²Na cosmologia da Umbanda existe sete Orixás. Cada um com seus temperamentos e sua forma de analisar o mundo. Assim pessoas calmas, intuitivas, rebeldes... vão condizer com o temperamento de um devido Orixá.

¹⁵³Não nos atenderemos a descrição destas teologias.

antagônica de se relacionar com a busca da felicidade.

Parte 3 - O Homem e suas ações

3.1-Considerações sobre ética e identidade nacional e suas relações com a felicidade na literatura

A busca por uma identidade cultural faz surgir heróis. Em um determinado tempo e espaço eles passam uma noção de identidade e identificação. Na linguagem cotidiana heróis são aqueles pessoas detentores de um poder sobrenatural e possuidores de capacidades especiais ou míticas. Tais capacidades proporcionam os chamados trabalhos heroicos¹⁵⁴, ou seja a realização de tarefas não possíveis às pessoas comuns.

É especialmente na literatura de uma determinada cultura que surgem os maiores heróis. Ou seja os heróis surgem e desaparecem de acordo com a necessidade sócio cultural de uma determinada região, cultura ou raça. Atualmente ao adjetivo herói foi se agregado o substantivo super. Ou seja os heróis que já se sobressaíam à massa, tornam-se ainda mais fortes, eles são os super heróis.

A literatura brasileira, não é rica em heróis e heroínas, ela tem no entanto alguns personagens marcantes¹⁵⁵ e que por sua postura ou complexidade perante a sociedade ou perante ela

154 Schmidt Joel. Dicionário de Mitologia Grega e Romana. Edições 70 Lisboa, 2002 .Pag.141.

155"Capitu- Mesmo que você tenha pegado birra de Machado de Assis, por ser obrigado a lê-lo, chegou a hora da reconciliação. Capitu é uma mulher sedutora, complexa, sobre quem temos mais dúvidas do que certezas. Ou seja,fascinante. Emília- Para muitos, a principal personagem feminina da literatura brasileira. Uma boneca que ganha vida. E nunca mais a desperdiça. Monteiro Lobato conseguiu construir o mais humano dos brinquedos. João Grilo- Embora originário do teatro, não dá pra não classificar a obra de Ariano Suassuna de literária. João Grilo é o malandro que conquista, o sobrevivente que sempre cria artimanhas para se dar bem. Poderia ser o autor da frase "Não contavam com a minha astúcia"Brás Cubas- Qualquer um que perde as amarras sociais e fala aquilo que realmente pensa e sente, já daria um ótimo personagem. Nas mãos do Machado de Assis, só poderia resultar em obra-prima. O Analista de Bagé- Personagem criado por Luis Fernando Veríssimo. Um psicanalista que usa métodos pouco ortodoxos com seus pacientes. Ogro, machista, sempre engraçado. Diadorim- Junto com Riobaldo, uma das criações inesquecíveis de Guimarães Rosa. Nunca um jagunço foi tão fascinante quanto Diadorim.Menino Maluquinho. O Ziraldo é um dos gênios do Brasil. E o Menino Maluquinho é prova disso. Debaixo de um chapéu-

mesma tornam-na inesquecíveis ou são lembrados em algum momento do desenvolvimento da sociedade e entram finalmente para o imaginário popular como forma de conceito.

No decorrer da história do Brasil, muitos escritores, alguns desejando, outros não, criaram tais personagens. São homens e mulheres que idealizaram um estereótipo de identificação cultural de algo inexistente muito além de uma realidade histórica, algo de sentido ambíguo, mas que no entanto ajudaram para entender um pouco mais o sentido das relações e buscas da sociedade brasileira.

3.1.1-A satirização do não ser - A felicidade segundo Macunaíma

Macunaíma é um herói. Não, Macunaíma é um super herói. Somente um super herói é sujeito as peripécias dele. Ele um daqueles heróis legendários, que vivem se transformando. Ao se banhar em determinadas águas ele que antes era preto, torna-se branco e bonito, descrição dada por ele mesmo.

"O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do peção do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco loiro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele."¹⁵⁶

Naturalmente que toda a transformação de Macunaíma traz inerente em si uma crítica à realidade. Macunaíma não é branco, ele está branco. Mario de Andrade relata em sua obra um Odisseu em busca de sua pátria, um Proteu¹⁵⁷ em constantes transformações. Mas um Proteu totalmente livre das noções de moral e ética. Macunaíma não se prende a nenhuma forma de pensar ou reflexão. Ele é o exemplo da não reflexão, o exemplo do não raciocínio lógico e formal. Ele é herói que traz em si o segredo da boa vida e da felicidade no aqui e agora, na

panela está sintetizada a infância de todos nós. Paulo Honório- Personagem do livro São Bernardo. Como alguém pode ser tão frio, tão mau, tão humano? Policarpo Quaresma- Figuraça. Nacionalista radical. Bem intencionado e ignorante, ou seja, um perigo". in <http://www.blogpretexto.com.br/10-personagens-marcantes-da-literatura-brasileira/>

156Andrade, Mario. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. 29ª Edição, Villa Rica Editoras Reunidas Limitada, Belo Horizonte 1993. Pag. 29-30.

157 Kangussu, Imaculada und Fonseca Jair Tadeu da: Macunaíma, Literatura, cinema e Filosofia. Pag 144.in http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_11/Macunaíma.pdf>

anarquia da vida e na não logicidade do viver, mas também de alguém sempre em busca de algo, do novo, da identidade, da felicidade.

"Macunaíma é completamente anárquico, o herói de nossa gente não se prende a lógica ou a lealdades, não se prende sequer ao poder das potências cósmicas".¹⁵⁸

Em seu relato Mario de Andrade usa as tradições dos índios com as dos caboclos e misturando-os com aspectos mágicos e lendários, traça o perfil de seu personagem. Dele surge então o "Macunaíma, o herói brasileiro sem caráter". Ele é metafisicamente o retrato da identidade do Brasil. Tal sentença traz consigo a delimitação clara do caráter do povo brasileiro e sua evolução. Dos índios Macunaíma herdou culto pelo ócio, dos negros a irreverência e a sensualidade, traços de personalidade tipicamente brasileiros. Saindo da selva Macunaíma torna-se branco e vai viver na cidade grande. Porém, sua consciência ingênua não sobrevive na cidade e ele volta para a selva, lugar em que ele também não mais se encontra.

Ela mostra o homem a procura de soluções para seu dilema fora de si. A epopeia de Macunaíma a procura de sua identidade e consequentemente sua felicidade é algo sem fim, algo que ele até o seu final não encontra. Ele é um Odisseu ao contrário, que abandona sua Ítaca e parte para a guerra. No entanto, se Odisseu nunca se esquece de sua terra e sua identidade, Macunaíma faz questão de a esquecer. Antes de partir para a cidade grande ele deixa sua consciência pendurada em uma estaca. No entanto assim como Odisseu, ele não se encontra em lugar nenhum, é um errante a procura de algo, e aqui novamente contrariando ao legendário herói grego, que ele não sabe o que é. Andrade satiriza a situação que apresenta uma realidade de não ser. Ele finalmente busca a solução para o dilema da falta de identidade, não na afirmação de uma identidade própria, mas sim na dissolução da mesma, pois no final Macunaíma transforma-se em constelação, naturalmente com a ajuda da feitiçaria.

"Então Pauí-Pódole teve dó de Macunaíma. Fez uma feitiçaria. Agarrou três pauzinhos jogou pro alto fez em encruzilhada e virou Macunaíma com todo o estenderete dele, galo galinha gaiola revólver relógio, numa constelação nova. É a constelação da Ursa Maior."¹⁵⁹

Mario de Andrade escreveu no ano de 1926 o livro Macunaíma em seis dias. Na verdade

158 Kangussu, Imaculada und Fonseca Jair Tadeu da: Macunaíma, Literatura, cinema e Filosofia. Pag 144. in http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_11/Macunaíma.pdf

159 Andrade, Mario. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. 29ª Edição, Villa Rica Editoras Reunidas Limitada, Belo Horizonte 1993. Pag. 133.

não se sabe se foi mesmo em seis dias, ou isso é uma alusão ao mito da criação, em que segundo a bíblia deus criou o mundo em seis dias e no sétimo descansou.

Quando o livro aparece quase do nada, quase como um milagre, como uma epifania do intelecto de Mario de Andrade, ele traz consigo na verdade uma gama imensa de anos de pesquisa e dedicação pela pesquisa da cultura brasileira. Macunaíma não saiu do nada, de uma elucubração momentânea de Andrade. Ele é fruto de reflexão de pesquisa popular de forma de linguagem e também de reflexões sobre a realidade brasileira.

Mario de Andrade depara, no decorrer de suas buscas por elementos culturais que poderiam estar ligada a situação do Brasil, com os relatos do etnógrafo alemão Theodor Koch Gruenberg, que havia realizado pesquisas no norte do Brasil com os índios Arecuná e Taulipangue. Gruenberg relatava as suas narrativas onde mitos e lendas humanas se misturavam com elementos de animais e outros seres. Em um destes mitos, existiam um personagem chamado Macunaíma.

Eram figuras mitológicas em que neles se viam narrativas primordiais de tais nações indígenas. A história de Macunaíma foi escrita por ele tendo em vista a narrativa de um papagaio que conta história ao narrador. Ou seja Mario de Andrade cria uma grande colcha de retalhos, onde se misturam não somente vários tecidos, mas também tecidos de várias cores e tamanhos convergindo assim numa mesma história. Ela não é uma obra a ser lida sob o ponto de vista fictício, embora ela seja uma ficção. Ela é na verdade, o ponto de conversão entre o antagonismo e a ambivalência do agir do povo brasileiro. Sua narração oral procura romper principalmente com a tradição da lacuna existente entre a classe intelectual e povo.

"No outro dia a arraiada inda estava acabando de trepar nas árvores, Macunaíma acordou todos, fazendo um bué medonho, que fossem! que fossem no bebedouro buscar a bicha que ele caçara!... Porém ninguém não acreditou e todos principiaram o trabalho do dia."¹⁶⁰

Andrade busca na verdade realizar em seu livro o mesmo que Paulo Prado em seu "Retrato do Brasil"¹⁶¹ buscou. Prado que quase alguns anos antes havia lançado seu livro apresentando uma fotografia do Brasil baseado em três elementos essenciais: A cobiça a luxúria e a

160 Andrade, Mario de. Macunaíma o herói sem caráter. Edição crítica de Tele Porto Ancora Lopes, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e científicos, 1978. Pag. 3.

161 Prado, Paulo. Retrato do Brasil: Ensaio sobre a tristeza brasileira. Livraria José Olympio: Rio de Janeiro. 1962.

tristeza.

*"Numa terra radiosa vive um povo triste. Legaram-lhe essa melancolia os descobridores que a revelaram ao mundo e a povoaram. O esplêndido dinamismo dessa gente rude obedecia a dois grandes impulsos que dominam toda a psicologia da descoberta e nunca foram geradores de alegria: a ambição do ouro e a sensualidade livre e infrene que, como culto, a Renascença fizera ressuscitar"*¹⁶²

De certa forma Andrade segue esta mesma linha de raciocínio, mostrando um certo pessimismo e uma certa infelicidade em relação ao desenvolvimento da identidade da cultura brasileira.

Sob esse mesmo ponto de vista escreve Darci Ribeiro em seu livro sobre as configurações dos povos Americanos que os povos novos¹⁶³, ou seja os africanos os indígenas e os próprios portugueses, que viviam fora de seu contexto natural, não reproduziam no Brasil sua forma de socialização. No Brasil a mistura, sob a égide da hibridização natural vai se formar uma nova cultura onde os negros, índios e portugueses deixam de lado sua cultura original e se hibridam em um nova. Os elementos culturais se misturam entre si e os sujeitos desta hibridação cultural perdem os elementos primordiais de sua cultura. A desculturação e a aculturação proveniente desta junção sincrética de diferentes culturas forma uma nova forma de agir, mas sem o elemento de formal da identidade.

O livro Macunaíma é de alguma forma o retrato desta hibridização das diferentes culturas. Ele não representa, no entanto caracterização de uma identidade nacional, embora seja visto com sendo. Seu ponto de vista apresenta outrossim a hibridização de uma não identidade nacional, mas que a partir desta não identidade quer demonstrar a busca por uma identidade.

Quase que contrariando a ideia de Andrade, Gilberto Freire, apresenta uma forma positiva desta hibridização cultural. Para ele a originalidade que se advêm desta mistura de raças seria uma espécie de remédio para os males negativos de cada cultura. Contrariando assim a ideia de Paulo Padro Junior que elenca tais elementos contraditórios da miscigenação cultural como um

162 Prado, Paulo. Retrato do Brasil: Ensaio sobre a tristeza brasileira. Livraria José Olympio: Rio de Janeiro. 1962. Pag. 39.

163 "Nesse sentido, os Povos-Novos são produto, tanto da deculturação redutora de seus patrimônios tribais indígenas africanos, quanto da aculturação seletiva desses patrimônios e da sua própria criatividade face ao novo meio". in Ribeiro, Darcy. As Américas e a Civilização: Formação histórica e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos. Petrópolis: Vozes, 1983. Pag. 94.

veneno.

O homem cordial¹⁶⁴ de Sérgio Buarque de Holanda, demonstra a ambivalência da mistura. Uma espécie de antídoto e veneno ao mesmo Tempo. O Homem Cordial na verdade é uma farsa, uma faca de dois gumes, uma forma corrupta¹⁶⁵ de ser. Pois se de um lado apresenta o brasileiro como bom, cordial e afável, do outro demonstra que todas esses elementos positivos da personalidade do brasileiro, somente diz respeito às pessoas que pensam assim como ele. Ou seja somente é válido para com seus amigos. Ao contrario, com seus não amigos, com o estranho, o brasileiro é brutal, violento e mau. Holanda apresenta esse brasileiro como um ser que se relaciona onde as relações pessoais e afetivas detêm um caráter muito mais forte que as leis. Naturalmente que isto é algo presente na cultura brasileira. Ele é visto também como uma espécie de proteção entre si. Uma proteção que deixava forte os oprimidos em relação aos opressores, como por exemplo no caso da escravidão.

"Já disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade daremos ao mundo o 'homem cordial'. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar 'boas maneiras', civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante".¹⁶⁶

164 O conceito de homem cordial é desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda em "As raízes do Brasil" em 1936.

165 "O "homem cordial" relaciona-se com o social por meio de uma ética de fundo afetivo, confunde respeito com o desejo de estabelecer intimidade, pensa o Estado como a amplificação ou ramificação do círculo familiar e escolhe os homens públicos por confiança pessoal e à margem de suas efetivas capacidades. O "homem cordial" que habita o modelo mental de todos nós, brasileiros, é fruto de uma sociedade estruturada em um tipo primitivo de família patriarcal, incapaz de distinguir os domínios do público e do privado, e de entender que o Estado prorrompe a ruptura com as vontades particularistas e com os círculos fechados. A corrupção é uma cepa de bactérias bastante resistente e que grassa em ambiente favorável, como reconhecidamente se apresenta o mundo habitado pelo "homem cordial", deveras propício ao patrimonialismo, ao clientelismo e ao aulicismo. Eu mesmo, confesso, no exercício de meus papéis sociais, deparo-me com uma refrega titânica entre minha consciência republicana e o "homem cordial" que em mim viceja e irradia seu magnetismo atávico (...)." in http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/opiniao/46,97,43,74/2017/03/07/interna_opiniao,164451/o-homem-cordial-e-a-corruptao.shtml

166 Holanda, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Pag. 146

Mario de Andrade apresenta seu herói através de uma busca. Uma busca que no entanto não se sabe bem onde vai terminar. Assim como Aristóteles escreve que todo o ser humano busca a felicidade, o herói Macunaíma também a busca. No entanto ele não sabe o que busca. Ela é uma busca que o modifica, que o transforma, mas que não apresenta a solução para seu dilema da busca. Quando mais ele busca algo, mais insatisfeito ele se mostra com o resultado desta busca.

A forma crítica em que Macunaíma é apresentada, traz não somente a contradição, mas também uma provocação do o que é ser brasileiro. Para isso no entanto, o resgate das crenças e dos costumes era algo inerente e imprescindível. A semana da Arte Moderna resgata isso e busca a inovação de uma nova arte de representar o Brasil e também na forma de apresentar seu personagem deste o início.

*“No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um tempo que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhunas pariu a criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.”*¹⁶⁷

Ele é aquele ser que não conhece os limites para suas ações. Seu egoísmo e centrismo em si mesmo vai além das compreensões de respeitabilidade e convenções. Por não ter pai, ou não ser em nenhuma parte do livro, mencionado a figura do pai, Macunaíma é apresentado como filho do nada, do cosmo do universo. Suas contradições são enormes. Se por um lado ele é preguiçoso para o trabalho, por outro ele mostra-se esperto quando a questão esta relacionada ao dinheiro e principalmente as mulheres. Os homens ele odeia.

“Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaiamuns diz-que habitando a água-doce por lá. No mocambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela,

167 Andrade, Mario de. Macunaíma o herói sem caráter. Edição crítica de Tele Porto Ancora Lopes, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e científicos, 1978. Pag. 3.

cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara."¹⁶⁸

Ele traz em si as contradições da cultura, da falta de identidade, do raciocínio. Ele é mais sentimento que razão. Macunaíma é um autista. Especialmente em algumas coisas, extremamente inteligente e astuto e totalmente insensível e inconsequente à outras.

Sua relação com o mundo se dá de forma hedonista, onde o prazer, é estabelecido com princípio único da satisfação individual. Tudo aquilo que pode gerar um não prazer ou alguma forma de dor é banido por Macunaíma. Para ele o importante é a satisfação imediata, o prazer imediato. Outras questões ligados a realidade e as convenções elaboradas pela moral e ética são para ele secundárias ou não existem.

*"Quando era pra dormir trepava no macuru pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava por debaixo do berço, o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia sonhando palavras feias, imoralidades estrambólicas e dava patadas no ar."*¹⁶⁹

O retrato de felicidade de Macunaíma o eleva para muito perto da realidade dos seres humanos e suas buscas. A não consolidação da felicidade, a busca sempre por novidades fazem dele um ser trágico e insatisfeito. Para ele a felicidade não está na eudaimonia, tampouco na Ataraxia. Macunaíma é um ser plenamente infeliz, por não, pois sua falta de identidade o leva a isso. Ele é o Sísifo condenado a rolar a pedra ladeira acima todos os dias. Mas ao mesmo tempo um Sísifo lúdico que não percebe que esta rolando a pedra. Que somente percebe o ponto onde se encontra. Não o antes tampouco o depois. Nesta sua busca pela identidade e consequentemente sua felicidade Macunaíma não percebe a realidade dos outros, somente a sua.

*"Macunaíma assuntou o deserto e sentiu que ia chorar. Mas não tinha ninguém por ali, não chorou não"*¹⁷⁰.

Ele é a alienação do seu próprio egoísmo frente aos outros. Macunaíma não se relaciona com as pessoas de igual para igual. Em seu modo de agir existe somente uma possibilidade. A sua satisfação individual apresentada através do egoísmo e da malandragem de seus atos e ações,

168Andrade, Mario. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. 29º Edição, Villa Rica Editoras Reunidas Limitada, Belo Horizonte 1993. Pag. 9.

169Andrade, Mario. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. 29º Edição, Villa Rica Editoras Reunidas Limitada, Belo Horizonte 1993. Pag. 9.

170Andrade, Mario. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. 29º Edição, Villa Rica Editoras Reunidas Limitada, Belo Horizonte 1993. Pag. 15.

retrato claro da sociedade brasileira.

*"Foram. A margem estava traiçoeira e nem se achava bem o que era terra o que era rio entre as mamoranas copadas. Maanape e Jiguê procuravam procuravam enlameados até os dentes, degradingolando juque! nos barreiros ocultos pela inundação. E pulapulavam se livrando dos buracos, a os berros, com as mãos pra trás por causa dos candirus safadinhos querendo entrar por eles. Macunaíma ria por dentro vendo as micagens dos manos campeando timbó. Fingia campear também mas não dava passo não, bem enxutinho no firme. Quando os manos passavam perto dele, se agachava e gemia de fadiga."*¹⁷¹

A mesma identidade é buscada por Roberto Gomes na sua "Critica da Razão Tupiniquim" Seu ponto de ponto de partida é o estudo da razão brasileira, que na visão do autor pode ser que não exista, esteja *"adormecida ou pulverizada em mil manifestações que seria problemático reunir num único nó com a virtude da análise"*.¹⁷²

Já no início de seu texto Gomes tenta demonstrar aquilo que ele deseja elucidar, mesmo que tal desejo se apresenta um tanto abstrato e pouco concreto. Ele se pergunta como poderá escrever *"sobre algo que só existe caso seja inventado"*¹⁷³. Ele sai a procura da razão, da consciência que Macunaíma deixou pendurada na estaca. Não sabendo ao certo se existe ou não uma razão brasileira, Roberto Campos inicia uma análise de uma manifestação corriqueira na vida dos brasileiros, ou seja, sua forma de lidar com problemas, sua forma de reagir em determinados momentos, sejam eles momentos de felicidade, de diversão ou de tristeza. Macunaíma soluciona assim seu dilema.

*"Então Macunaíma quis se divertir um pouco. Falou pros manos que inda tinha muita piaba muito jeju muito matrinxão e jatuaranas, todos esses peixes do rio, fossem bater timbó!"*¹⁷⁴

A possibilidade de ver tudo e em qualquer momento com um significado piadista não significa

171Andrade, Mario. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. 29º Edição, Villa Rica Editoras Reunidas Limitada, Belo Horizonte 1993. Pag. 13-14.

172 Gomes, Roberto. Critica da Razão tupiniquim. Editora Cortez, 5. ed. São Paulo, 1982.P.9

173 Gomes, Roberto. Critica da Razão tupiniquim. Editora Cortez, 5. ed. São Paulo, 1982.P.9

174Andrade, Mario. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. 29º Edição, Villa Rica Editoras Reunidas Limitada, Belo Horizonte 1993. Pag. 13.

no entanto uma situação de felicidade ou de estar de bem consigo mesmo. O brasileiro é um cínico que através de seu cinismo busca se desfazer de uma situação embaraçosa e triste. Isso pode significar que ele não seja capaz de lidar com sentimento de insatisfação e tristeza. No momento em que tais sentimentos afloram é na piada e no seu próprio cinismo que ele encontra forças para continuar.

*“Há todo um espírito brasileiro que se delicia com a própria agilidade mental, essa capacidade de ver o avesso das coisas revelado numa só palavra, frase, fato. Somos, os brasileiros muito bem humorados. Conseguimos rir de tudo. Do governo que cai e do governo que sobe. Das instituições que deveriam estar a nosso serviço, dos dirigentes que deveriam representar nossos direito. E não é só. Conseguimos fazer piada sobre nossa capacidade de fazer piada”.*¹⁷⁵

Seria o jeito piadista do brasileiro uma forma de suportar as dificuldades do dia a dia ou seria somente um mecanismo de defesa criado a partir do seu complexo de inferioridade? de buscar a felicidade no instante? O lado existencialista de viver e estar na realidade mostra a fuga da realidade para um niilismo distorcido sob forma de piada. Uma maleabilidade frente a realidade demonstrando que a vida afinal contas, não vale nada.

*“(...)Como é linda a liberdade sobre o lombo do cavalo e ouvir o canto do galo anunciando a madrugada, dormir na beira da estrada num sono largo e sereno e ver que o mundo é pequeno e que a vida não vale nada.(...)”*¹⁷⁶

Uma forma de pensar a realidade mais ampla, dando pouco valor a mesquinhez do dia a dia? A forma piadista de reagir do brasileiro é uma maneira existencialista de viver a sua realidade. Tal forma piadista de reagir frente a uma determinada ação somente encontrará respaldo no momento em que outros também a aceitem como reação a uma ação. Ele está diretamente ligado com o conceito de identidade, demonstrada a partir de uma ética, uma moral e um conceito de felicidade enquanto ser vivente no espaço geográfico e físico do Brasil.

175 Gomes, Roberto. *Crítica da Ração tupiniquim*. Editora Cortez, 5. ed. São Paulo, 1982. Pag.10.

176 Do Poema "Deixando o pago" do poeta João de Cunha Vargas. in www.paginadogaucha.com.br/poes/jcv-dp.htm

3.1.2- A ética de Macunaíma no cotidiano do jeitinho brasileiro como satisfação individual

No Brasil um sim, pode muito bem não significar um sim, ao mesmo tempo em que o não pode não ser considerado como tal, ou seja as palavras adquirem um sentido duplo e ambíguo. Tudo depende do ponto de vista em que ela é pronunciado. Às vezes um não nada mais é que um convite para um bate papo. A partir daí, uma conversa puxa a outra, uma piada dá lugar a outra subsequente e assim vai se seguindo. No final se encontra a solução para problemas aparentemente sem solução.

O jeito brasileiro de ser, soluciona problemas onde as leis de estado ou as normas éticas e morais não soluciona. Barreiras de comportamentos morais ou éticos não existem de forma consistente e duradouras onde o jeitinho brasileiro é usado. A maleabilidade, a cordialidade e o disfarce do homem cordial se junta as traquendices de Macunaíma e daí surge o jeitinho brasileiro. Ele está acima de todas as formas éticas morais, principalmente quando estas estão ligados a terceiros ou pessoas que não fazem parte da discussão.

As diferenças entre os traços culturais dos indígenas dos negros e dos europeus eram tamanhas que as formas comportamentais e éticas entre si não levavam a uma harmonia em seu conjunto, mas sim uma constante digladição e confrontação entre ambas as visões e formas de ver o mundo, mostravam tais estudos.

Os estudiosos de comportamento social, sociólogos, enfim os intelectuais do final do século XIX viam tal diversidade como algo negativo e obstáculos que impediriam o Brasil vir a ser um país desenvolvido nos moldes europeus. Toda a análise feita do Brasil tinha como referência a Europa e seu modelo de desenvolvimento. A miscigenação das raças não somente retardaria o desenvolvimento assim como impediria o Brasil de formar uma identidade nacional própria.

"Na maneira de pensar dos intelectuais de então, a identidade nacional não podia existir sem certa homogeneidade de traços culturais, e, como encontravam na sua cultura grandes disparidade, o pessimismo era dominante em seus trabalhos. Somente podiam conceber uma identidade cultural da maneira que julgavam ser a ocidental - branca, educada e refinada"¹⁷⁷

¹⁷⁷Queiroz, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, Identidade Nacional do Brasil. Tempo Social, Revista Sociologia da USP, São Paulo, 1989.Pag.21.

Tal forma de pensar, foi no entanto, se modificando. A palavra sincretismo cultural adquire um aspecto mais positivo. Se ele já não é visto como algo totalmente negativo, não pode-se, de outra forma, afirmar que seu lado positivo torna-se mais forte, mas ao menos o desprezo pelos traços peculiares da mistura de raças não é mais visto como negativo pelos intelectuais.

"Se continuassem a se apresentar como europeus, e, -pior ainda,- como europeus de qualidade inferior porque possuidores de uma cultura mestiça, recheada de traços bárbaros- continuariam negando a existência da identidade nacional. A única forma de lidar com isso era dando ênfase e atribuindo maior valor à heterogeneidade da civilização nacional".¹⁷⁸

Bem da verdade, os estudos iniciais sobre o jeitinho brasileiro traziam consigo algo mais profundo e carente de investigação. A busca por respostas sobre a identidade nacional envolvia aspectos que definissem uma certa característica comum dentro da coletividade.

A mesma busca, já iniciada pelos europeus chega finalmente nos trópicos do Brasil. Não se buscava somente uma análise geocêntrica ou sociológica, mas também de origem psicológica e social. Há porém de elencar que o lado psicológico, assim como na Europa¹⁷⁹ acontecia, influenciava de antemão esse precedente.

"Quando os estudiosos brasileiros, na segunda metade do século XIX, iniciaram debates sobre a existência ou não de sua identidade, questão similar já estava sendo discutida por mais de um século por intelectuais europeus. Haviam estes tentado identificar as qualidades específicas de grupos étnicos e culturais — catalães, bretões, napolitanos, etc. — tanto no que dizia respeito a qualidades físicas, quanto a peculiaridades psicológicas. Nascera destas preocupações uma nova ciência na segunda metade do século XIX, ou mais precisamente em 1859 — a 'Völkerpsychologie', na Alemanha; a 'Folk Psychology', na Inglaterra; a 'Psychologie des Peuples', na França."¹⁸⁰

178 Queiroz, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, Identidade Nacional do Brasil. Tempo Social, Revista Sociologia da USP, São Paulo, 1989. Pag. 26.

179 Alltagspsychologie, Folk Psychology und Psychologie des Peuples.

180 Queiroz, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, Identidade Nacional do Brasil. Tempo Social, Revista Sociologia da USP, São Paulo, 1989. Pag. 27.

Nina Rodrigues, foi segundo Queiroz, o primeiro que usou o método para analisar o Brasil sobre o aspecto etnográfico e social, usando sempre a psicologia como base e tendo a visão europeia como precedente. No entanto, Rodrigues abrangeu um pouco mais sua visão de estudo. Se a Europa usava precedentes teóricos e abstratos para a realização de seus estudos, ele a buscava na pesquisa de campo e de observação. Não demorou muito para ele perceber que os conceitos teóricos europeus não eram adequados para os parâmetros de estudos no Brasil.

*“Raymundo Nina Rodrigues foi o grande iniciador dos estudos de etnografia e de psicologia social no país. Aliás, foi ele também, na Europa e mais especialmente na França, um dos fundadores da Psicologia das Multidões, ao lado dos Sighele, dos Rossi, dos Tarde e dos Le Bon. Mas enquanto os europeus efetuavam estudos teóricos, partia ele para estudos de campo sobre material diretamente observado e colhido na Bahia, contrapondo-se a seus colegas europeus, mostrando que conceitos e definições destes não se adequavam a casos brasileiros”.*¹⁸¹

Tais estudos de Nina Rodrigues, no entanto, que se hoje analisados mostram-se racistas, foram para a época ideias avançadas. Nina dá a entender que a possibilidade de miscigenação entre as diferentes culturas no Brasil era algo apenas teórico e que na prática não acontecia. Em 1889, ano em que abolição da escravatura aconteceu ele escrevia que a igualdade pregada a partir da abolição era algo falso e que somente na teoria poderia ser visto como eficaz. Em sua obra "Os Africanos no Brasil"¹⁸² ele escreve sobre a inferioridade dos negros perante os brancos como algo natural e como produto do desenvolvimento genético, ou seja, sua análise mesmo mostrando-se ambivalente, exercita uma certa criticidade perante a realidade.

"A civilização ariana está representada no Brasil por uma fraca minoria de raça branca a quem ficou o encargo de defendê-la dos atos antissociais das raças inferiores, sejam estes verdadeiros crimes no conceito dessas raças, sejam, ao contrário, manifestação do conflito, da luta pela existência entre a civilização superior da raça branca e os esboços de civilização das

181 Queiroz, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, Identidade Nacional do Brasil. Tempo Social, Revista Sociologia da USP, São Paulo, 1989. Pag. 19.

182 Rodrigues, Nina. Os Africanos no Brasil. 6.ed. São Paulo: Ed.Nacional Ed. Universidade de Brasília, 1982.

raças conquistadas ou submetidas"¹⁸³

A verdade é que o trabalho de Nina Rodrigues não deve ser estudado pelo seu lado de análises, mas sim pela sua enorme coletânea de dados relacionados principalmente as religiões afro-brasileiras.

" O racismo estava presente nos trabalhos destes pesquisadores do século XIX, envolto, em doses variadas, com o pessimismo pelo futuro econômico e cultural do país, assim como pela negação da existência de características especificamente brasileiras, até mesma da possibilidade de formação de uma identidade nacional um dia"¹⁸⁴

Foram necessários muitos anos até que Oswald de Andrade apresentou em seu " Manifesto Antropofágico" uma ideia contrária a tudo aquilo que vinha sido dito e apresentado como solução para a discussão da identidade nacional. Já no seu prefácio ela já demonstra sua insatisfação com a realidade.

"O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional. Realizada essa etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época. O estado de inocência substituindo o estado de graça que pode ser uma atitude do espírito. O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica. A reação contra todas as indigestões de sabedoria. O melhor de nossa tradição lírica. O melhor de nossa demonstração moderna. Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de química, de mecânica, de economia e de balística. Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem ontologia. Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o

183 Reflexão sobre Marxismo e questão racial. Revista espaço acadêmico, Número 51, Agosto 2005.

184 Queiroz, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, Identidade Nacional do Brasil. Tempo Social, Revista Sociologia da USP, São Paulo, 1989, Pag. 19.

Andrade realiza uma fusão dos elementos culturais do Brasil, e os usa como uma espécie de destruidor de outros elementos. A partir dessa destruição, da devoração cultural, suceder-se-ia a germinação de uma nova cultura, de uma nova identidade, específica de uma totalidade nova e diferente das culturas anteriores. Aquilo que anteriormente era visto como negativo e inferior adquire, a partir dessa nova visão, uma configuração distinta. Valores heterogêneos agora são visto a partir de sua originalidade e beleza. O exótico torna-se original. A incongruência dos traços, torna-se o congruente e assim vai se formando uma identidade nacional, ao menos na teoreticidade da argumentação.

A diversidade de tais elementos, dão assim formas a uma nova instância de agir e pensar. A criatividade, nas mais variadas situações, é apresentada como forma elementar para solução dos diversos problemas.

*"Supõe-se que, quanto mais dispares os componentes, maior será a criatividade da resultante, o que poderia explicar uma das vertentes do jeitinho brasileiro, a saber a enorme criatividade associada à brasilianidade"*¹⁸⁶

Surge então da incongruidade de elementos o jeitinho como símbolo máximo da identidade cultural de um povo. A mistura dos vários povos cria uma nova forma de interação entre si.

O fato é que para existir a possibilidade do jeitinho entrar em cena, necessita-se pelo menos duas pessoas estabelecidas em diferentes patamares. Ou seja aquele que deseja algo e o outro aquele que tem algo a oferecer.

O jeitinho se estabelece numa situação de não aceitação. Não aceitação daquilo que poderia vir a ser¹⁸⁷ mas que ainda não é. É uma possibilidade dentro das possibilidades das relações. Ou seja um não, não é simplesmente aceitado como um não. Ele deve ser problematizado. Mas não uma problematização direta, de confrontação, de disputa, mas sim de busca por elementos conciliáveis entre os dois polos. Nesse sentido um não tem várias conotações.

Segundo Livia Barbosa, o jeitinho tem em si o poder de transformação e de harmonização de situações que tendem a serem caóticas. A visão antropológica do jeitinho transforma o não ser em ser e traz para si a potencialidade de interação com o outro. O individuo que antes era visto como massa, adquire com o jeitinho forma, e passa a ser pessoa.

" O jeitinho é um ritual que transforma indivíduos em

185 Andrade, Oswald. Manifesto antropofago e Manifesto da poesia Pau Brasil, publicado no jornal Correio da Manhã, 18 de março 1924. in <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>.

186 <http://each.uspnet.usp.br/rgpp/index.php/rgpp/article/viewFile/109/135wetter>.

187 Barbosa, Livia. O jeitinho brasileiro. A arte de ser mais igual que os outros. Editora Elservier, Rio de Janeiro, 2006. Pag.116.

peças e que o 'você sabe com que está falando?' indica a necessidade de um tratamento personalizado, não submetido às leis universalizantes e impessoais, é possível formular uma hipótese de que a origem destes traços a ascensão social dos recém chegados e seus descendentes."¹⁸⁸

Tal premissa já fora explorada por da Matta dando ênfase ao conflito indivíduo pessoa¹⁸⁹ que o jeitinho proporcionaria. Mais recentemente com Livia Barbosa tal tese ganhou contornos mais específicos e aprofundados. Barbosa abrange o leque de possibilidade já antes apresentado por da Matta e amplia tal forma de análise destacando o jeitinho como algo característico de descrição da brasilianidade. Ou seja um elemento específico da identidade nacional do Brasil.

"A partir de uma revisão dos cinco estudos conhecidos até 1996, Barbosa conclui que o que havia em comum entre todos eles era o elemento adaptativo que permeia a identidade social brasileira, se comparando o Brasil com outros países."¹⁹⁰

A questão antropológica fundamentada por Barbosa, dizia respeito também a ideia de evolução da humanidade e suas transformações. Em tais transformações ela via a possibilidade de uma evolução gradativa e contínua. Ou seja, costumes e tradições não somente mudariam, mas também trariam consigo uma ideia de modernidade. O jeitinho brasileiro assim perderia seu parâmetro básico de existência. A visão evolutiva do jeitinho, seria por si só a causa de seu esfacelamento e seu desaparecimento.

Barbosa não analisa o jeitinho tendo em vista somente sua conotação negativa, mas também como uma continuação, algo que esta entre o elo de ligação entre dois polos, uma aliança entre o favor e corrupção. Tal visão no entanto se analisado no sentido particular não transgride normas de convivência. No entanto numa visão de pluralidade de ideias e convenções o jeitinho situa-se numa encruzilhada entre ética e não ética, entre moral e imoral, entre aceitação das regras e sua transgressão. Naturalmente que o jeitinho tem seu charme, assim como todo o malandro o tem. Sua forma de agir e não se dar por vencido em nenhuma circunstância da vida demonstra uma forma explícita de não aceitação de um sistema.

O jeitinho pode ser romantizado mas finalmente analisado em sua profundidade ele não se

188 Barlach, Lisete. Revista Gestão e Políticas públicas. O jeitinho brasileiro: Traços de uma identidade nacional? são Paulo. Pag. 232.

189 da Matta, Roberto, Canaviais malandros e heróis, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1997.

190 Barlach, Lisete. Revista Gestão e Políticas públicas. O jeitinho brasileiro: Traços de uma identidade nacional? são Paulo. Pag.233.

mostra como uma forma ética e moral de relacionamento. Ele é uma forma corrupta de relacionamento em sociedade.

*" O jeitinho não é apenas conotado negativamente, mas deve ser situado num continuum entre favor e a corrupção, favor esse que não envolve a transgressão de qualquer norma ou regra."*¹⁹¹

É comum ouvir de outro a frase de que esse ou aquele não é ético nas suas relações¹⁹². A ética do jeitinho brasileiro mostra-se de forma não somente dupla, mas também ambígua entre si. A partir de tais relações a ética se estabelece como uma forma maleável e elástica de resolver os problemas. Aquilo que serve para mim e vem me fazer feliz deve ser por mim usado, pois somente diz respeito a minha pessoa e se necessário for, serve também a aquela em que tenho relação. A troca de favores. A ética do jeitinho é uma ética da felicidade imediatista, da malandragem, do herói sem caráter, que serve em um determinado momento, mas que possivelmente em um próximo já não seja mais adequado a ocasião.

*" Já falei pra você, que malandro não vacila, malandro não cai nem escorrega, malandro não dorme nem cochila. Malandro não carrega embrulho e também não entra em fila..."*¹⁹³

A ética da ocasião, da esperteza, da malandragem. A forma de agir às escondidas, sem deixar ser percebido. Tal forma de agir do brasileiro não é algo novo. Ele já vem dos tempos dos escravos. Quando os negros faziam seus rituais religiosos escondidos, ou misturando seus rituais com os dos senhores do engenho.

A incapacidade do brasileiro de respeitar seus limites, de realizar algo às escondidas faz do jeitinho uma negação ao contrato social¹⁹⁴. Os limites servem somente para os outros. Tal forma de agir se automatizou no brasileiro, fazendo quase parte de sua genética. Desde criança o brasileiro aprende que é necessário reagir contra algumas regras formais. A quebra de tais regras é a porta de entrada para a corrupção. Por isso existe hoje no Brasil uma gama de políticos que não aprenderam respeitar seus limites e os limites dos outros. A questão ética é hoje no Brasil um dos temas mais expoentes. Políticos que usam cargos públicos para usos pessoais e que ao mesmo tempo vão as ruas pedir mais ética e que defendem a moralidade no

191Barbosa, Livia. O jeitinho brasileiro. A arte de ser mais igual que os outros. Editora Elsevier, Rio de Janeiro, 2006, P.42.

192 Tais questionamento não nos diz respeito nesta averiguação.

193 Bezerra da Silva, Musica Malandro não vacila. in <https://www.lettras.com/bezerra-da-silva/44559>.

194 Rosseau, Jean-Jacques. Do contrato social. Ridendo Castigat Mores, Ebook libris 2002. in <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/contratosocial.html>

Brasil.

A ética do jeitinho brasileiro e da malandragem, coexistem não somente de forma ambígua com a ética oficial, mas muitas vezes como complemento e com uma aparentemente incompatibilidade entre o honesto e a malandragem. Ela é a ética do dia a dia, do jogo de cintura, da luta pela sobrevivência, da capoeira. Naturalmente que a desonestidade e a corrupção não são "qualidades" meramente brasileira. No entanto elas adquiriam no Brasil uma conotação, quase uma qualificação quando aliadas ao jeitinho e a malandragem brasileira.

*"No nosso país, curiosamente, exaltam-se, ao mesmo tempo dois tipos aparentemente incompatíveis: O honesto e o malandro(...) a cultura brasileira é permeada por uma ambiguidade ética em que os termos como 'honesto', 'corrupto', 'esperto', 'otário', 'malandro' e 'mané', se misturam num confuso caldeirão cultural."*¹⁹⁵

O lamaçal ético em que o Brasil se encontra vem por consequentemente apoiada a um entranhamento não somente de ideias mas principalmente de agir obscuro. As relações cotidianas são apresentadas de maneira dissimulada. Mostra-se aquilo que não é fingindo ser que é. O jeitinho é usado como um todo em uma característica utilitária, dando assim a identidade nacional uma conotação negativa mesmo promovendo uma homogenização cultural positiva.

3.1.3-O jeitinho brasileiro sob o ponto de vista antropológico

Naturalmente que análise do jeitinho brasileiro vai depender sob qual ângulo que se quer vê-lo. A lente de análise dar-lhe-á as devidas premissas. Por exemplo, uma análise sob a ponto de vista antropológico, o jeitinho brasileiro é algo meramente espetacular. Ele une as pessoas, chama para a conversa, para a discussão. É simplesmente uma forma de interação pessoal. Sua forma de resolver os problemas tem a ver com as relações interpessoais de convívio. É uma forma de rebelião contra as normas estabelecidas pelo estado e pelos outros. Neste sentido o outro, o ser estranho, o estrangeiro, o que gera medo, torna-se interlocutor, conhecido e fonte de conhecimento. Um não ser, mas com possibilidade de vir a ser em uma próxima edição do jeitinho. A mão que hoje te lava pode ser amanhã lavada pela a outra e assim por diante. Nada é mais que uma forma criativa de resolver um problema. Criatividade essa que não tem a

195 Neto, João E. A genealogia do malandro. Revista Filosofia .ESFI Edições. Pag. 37.

ver com norma e regras sociais. Muito menos com comportamento éticos e morais. O favor não é transgressão, favor não é falta de educação, favor é ao contrário uma forma de ajuda, de boa convivência. O problema é quando o favor vem juntamente com uma outra gama de elementos que por si só demonstram um certo antagonismo entre si. E isso é típico do jeitinho brasileiro.

O jeitinho caracteriza-se por si só como uma ferramenta a mais contra a ingratidão das leis impessoais ditadas pelo estado. É uma atitude, uma não aceitação, uma voz, uma busca. Por mais poético que se possa parecer, no entanto o jeitinho, mostra o que é, a partir do que deveria não ser. Ele é uma transgressão de si mesmo através do que parece. A ideia de encontrar um jeito para tudo, ou dar um jeito em tudo, mostra um universo de dualidade onde a transparência nas relações interpessoais acontecem de forma fajuta.

Barbosa afirma que a presença dos múltiplos eixos ideológicos fariam do Brasil uma sociedade especial, onde a hierarquia e o individualismo se complementariam.

*" O Brasil seria uma sociedade sui generis, de que apresentaria múltiplos eixos ideológicos - no caso a hierarquia e o individualismo- sem que nenhum dos dois fosse hegemônico nem competitivo."*¹⁹⁶

O jeitinho, assim como a identidade do brasileiro é algo emblemático. Sua forma de ver a realidade é formada pela ação de várias visões conjuntas e de cosmovisões totalmente distintas entre si. Com base nestes alicerces, ele faz uma homogenização, das diversas diferenças internas.

Ele tem consigo uma sabedoria quase que budista do controle das emoções. A pessoa que se exalta frente uma dificuldade, ou que irrita a partir do primeiro não, nunca conseguira algo através do jeitinho. O jeitinho necessita de controle mental e nervoso. Para usá-lo necessita-se o poder da observação do ambiente, pois uma mobília, uma bandeira ou mesmo uma forma de se locomover mostrará a possibilidade para o uso do jeitinho. Existe uma forte não verbal comunicação e emocional¹⁹⁷ interação que pode ser usada para dar-se um jeitinho. O jeitinho

196 Barlach, Lisete. Revista Gestão e Políticas públicas. O jeitinho brasileiro: Traços de uma identidade nacional? são Paulo. Pag. 115 .

197"Vinda de um congresso, estava eu em uma fila para compra de passagens em uma rodoviária, quando uma moça esbaforida chegou até mim dizendo que acabara de chegar de uma longa viagem e que o próximo ônibus que ela precisava pegar saía em poucos minutos, e, se não pegasse esse ônibus, precisaria esperar horas na rodoviária, solicitando então às pessoas da fila, entre elas eu, que a deixassem passar na frente de todos para comprar o seu bilhete. Ela convenceu todos com o seu jeito humilde, aparentemente sincero nas suas atribulações, e todos cedemos o lugar: concedemos um jeitinho. Poucos minutos depois, outra mulher chegou até mim com outro jeito: ela me olhava de cima para baixo e, demonstrando superioridade, contou uma história muito parecida com a da moça anterior solicitando passar na minha frente. O que ela ouviu foi um redundante “não, o lugar na fila é por ordem de chegada”. Não concedi a ela um jeitinho. Por que concedi um jeitinho para a primeira e não para a segunda mulher? Em primeiro lugar, a primeira moça me tocou emocionalmente com um jeito específico: aparentava humildade,

torna o brasileiro um cientista, um espião, enfim um 007.

Roberto Gomes em "Crítica da Razão Tupiniquim" (Gomes 1982) trata do tema do jeitinho sob uma visão da seriedade. Segundo ele, o jeitinho vem em contrapartida ao formalismo, a burocracia, a tirania da máquina.

*"Essa lamentável coisa exigida pela máquina que hoje nos utiliza, exerce uma tirania quase completa. O princípio da burocracia no entanto, não é apenas a mecanização, fator inerente ao seu processo- mas algo anterior. A desconfiança."*¹⁹⁸

Para ele o jeitinho nada mais é que uma resposta ao formalismo do social. É quase uma lei das relações interpessoais. Tais relações interpessoais que não se apresentam somente no campo do objeto em si, mas principalmente na objetivação do objeto. No campo dos sentimentos e nas relações consigo mesmo o jeitinho também encontrou um lugar especial. *"Damos um jeito em tudo, do existencial ao político, do físico ao metafísico"*¹⁹⁹, escreve Gomes. A forma de confrontar-se com os problemas não faz parte da vida cotidiana do brasileiro de uma forma profunda e reflexiva. Em geral o brasileiro não gosta de refletir sobre sua condição de sofrimento e tristeza. A frase a vida continua é muitas vezes usada para encobrir uma situação de infelicidade. Os momentos de tristeza são tidos como momentos de um não aprendizado de um tempo perdido.

Para tudo existe um jeitinho, especialmente para encobrir um momento triste. Neste sentido o jeitinho não se apresenta como uma forma de resignação consigo mesmo, mas sim uma forma de não se deixar abater pelas malezas e pelas circunstâncias que a vida muitas vezes de forma inesperada se apresenta. A combinação do elemento metafísico com o físico do jeitinho brasileiro proporciona um leque enorme de possibilidade psicológicas. Um dos casos típicos do uso do jeitinho brasileiro no sentido metafísico é a morte inesperada em família. Os sentimentos são aflorados naturalmente primeiro por tristeza e perguntas sobre o porquê da tragédia. Suas implicações decorrentes, no entanto fazem que as pessoas não entrem em desespero, mas sim busquem na mesma situação de tristeza forças para continuar a vida. Não se busca a otimização para tal desastre, mas sim se busca no próprio desastre as forças para a continuação da vida de maneira mais otimista que possa parecer. E isso deve acontecer o mais

parecia sincera e realmente envolvida em uma situação difícil que não pôde antecipar. Assim, foi tratada como pessoa à qual foi concedido o jeitinho como exceção à regra. O jeito da segunda mulher dizia o contrário: ela parecia se sentir superior e com a intenção de tirar proveito da boa vontade de todos. Portanto, foi tratada como indivíduo e igualada pelo trato impessoal no respeito às regras" (Borges, 2011, Pag. 135).

198Gomes Roberto. Crítica da razão tupiniquim, São Paulo, Editora Cortez, 5º Edição, 1982. Pag. 44.

199Gomes Roberto. Crítica da razão tupiniquim, São Paulo, Editora Cortez, 5º Edição, 1982. Pag. 42.

rápido possível, porque para "os que ficam" a "vida continua".

Naturalmente que o jeitinho em todas as suas mais diversas formas de manifestações traz consigo o ideal de resolução. Existe um problema e o problema deve ser resolvido. Para isso não necessita de reflexão sobre o assunto. Todo o discurso argumentativa tende a ir em único sentido. A resolução imediata do problema.

O exemplo mais congruente desta situação encontramos no estado romântico do brasileiro. Neste campo também não existe tempo para sofrimento. Se um amor se vai, não é com choros e lágrimas, e muito sofrimento que isso vai passar, mas sim com a busca por um outro amor.

O jeitinho tem muito a ver com uma sociedade que não quer refletir seus problemas, e sim que busca por solução, demonstrando assim seu fatalismo e pragmaticismo por meio da ambiguidade de suas relações. Apesar do Brasil ser conhecido e admirado no mundo todo pela amistosa forma de interagir, é no jeitinho brasileiro que esta forma se apresenta na sua mais elementar adequação. Uma adequação que vai muito além de valores éticos morais.

3.2 -O nilismo de Jeca Tatu e a aceitação do não ser

Em 1950 o Brasil perdeu a final para o Uruguai jogando em pleno estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. O mais recente trauma aconteceu na última edição da Copa do Mundo em que o Brasil não somente perdeu, mas também foi goleado, por sete a um, desta vez pela Alemanha. Esses dois fatos são o que mais marcam na memória do povo brasileiro.

Com o primeiro trauma criou-se a expressão complexo de vira latas²⁰⁰, que originalmente se referia ao futebol mas que com o passar do tempo foi se expandindo e atualmente tal termo é usado para definir um certo complexo de inferioridade do povo brasileiro no que diz respeito ao seu relacionamento com o resto do mundo.

Tal forma de estar no mundo posiciona o brasileiro em uma contradição histórica que vem desde os tempo da escravidão e que nunca foi profundamente refletida como forma desenvolvimento da sociedade. Assim tudo o que vem de fora e principalmente da Europa, ou dos Estados Unidos é a priori interessante e de melhor qualidade.

A sociedade brasileira não é uma sociedade que reflete sobre seu passado, ao contrário no Brasil o passado deve ser esquecido, pois é necessário olhar para o futuro. A sociedade brasileira é autenticamente superficial e com poucas possibilidades de se desenvolver em outros sentidos. Tal superficialidade de sentimento nas relações interpessoais e de trabalho ditam as normas éticas e morais. No ano de 1970, logo após o Brasil tornar-se tri campeão mundial no México, através de uma propaganda de televisão cunhou-se uma nova expressão na sociedade brasileira. Foi a chamada lei de Gerson²⁰¹. A propaganda televisiva feito pelo então jogador de futebol dizia que estava na hora de levar vantagem em tudo, ou seja para conseguir algo, tudo era possível, legal e moralmente aceito. Tal forma de pensar e agir foi depois criticado e estigmatizada, no entanto ela faz parte da mentalidade brasileira e descreve

200 O termo complexo de vira-latas foi publicado no ano de 1958, antes da estréia do Brasil na copa do mundo da Suécia. Nela Nelson Rodrigues realiza uma avaliação da seleção brasileira, sob um aspecto de pessimismo e uma possível esperança de tornar-se pela primeira vez campeão do mundo e apagar um pouco o trauma da derrota para o Uruguai.

201 "Estávamos na década de 70, na recém conquista da copa pela seleção encantadora dos nossos sonhos, estávamos também ainda vivenciando a ditadura e dentro das propagandas perniciosas que se faziam era também permitida a de cigarros, que para dizer a verdade, na dita época: "fumar era chique, fumar estava na moda". Entretanto, o infeliz vídeo/comercial gravado por uma empresa de propagandas e apresentado nas redes televisivas e radiofônicas iria mudar para sempre a trajetória moral do notável Gerson. O dito filme propaganda é iniciado associando – a justiça – a imagem de Gerson como "Cérebro do time campeão do mundo da Copa do mundo de 70" sendo narrado pelo entrevistador de terno e microfone em mão. Tal cena se passa em um sofá de uma sala de visitas, oportunidade em que o entrevistador pergunta ao herói atleta o porquê da sua escolha pela marca Vila Rica, recebe um cigarro de Gerson e o acende enquanto ouve a resposta, que é finalizada com a frase que "fulminou" para sempre a sua moralidade: "Por que pagar mais caro se o Vila me dá tudo aquilo que eu quero de um bom cigarro? Gosto de levar vantagem em tudo, certo? Leve vantagem você também, leve Vila Rica!" in <https://eduardocabette.jusbrasil.com.br/artigos/121938034/a-hipocrisia-e-o-estigma-da-lei-de-gerson-archimedes-marques>

uma certa moral e ética maleável e flexível. Essa visão individualista e egoísta está presente em todos os setores da sociedade brasileira mesmo que em um primeiro momento ela se mostra o contrário.

O complexo de inferioridade do povo brasileiro foi amplamente debatido principalmente nos anos 20. Vários autores como Monteiro Lobato²⁰² ou Nina Rodrigues defendiam a tese de que através da miscigenação desencadeou-se uma raça inferior. A busca por uma resposta sobre o complexo de inferioridade deu-se basicamente em duas frentes. Uma tratava como um problema racial e a outra como um problema de ignorância. Monteiro Lobato descreve assim Brasil :

*" O Brasil, filho de pais inferiores - destituídos desses caracteres fortíssimos que imprimem - um cunho inconfundível em certos indivíduos , como acontece com o alemão, com o inglês, cresceu tristemente, dando como resultado um tipo imprestável, incapaz de continuar e desenvolver sem o concurso vivificador do sangue de alguma raça original."*²⁰³

Os anos dourados da procura por uma explicação para o complexo de inferioridade do brasileiro foram naturalmente no início da década de 20, mas ainda hoje ressoam na linguagem literária e na forma do brasileiro se relacionar com o mundo e entre si. Foi Monteiro Lobato que criou um dos personagens mais famosos do Brasil.

Jeca Tatu perpassou várias gerações e ainda hoje é sinônimo de preguiça, falta de vontade e de uma vida infeliz. Lobato é de certa forma o Jeca Tatu, que herda uma fazenda mas que não tem condições de nela trabalhar. e Jeca Tatu é o exemplo típico do brasileiro, que herda uma identidade chamuscada e dilacerada pelo saudosismo, ambivalência, e sofrimento.

"Criou-se com Jeca Tatu um simbolo do caboclo - preguiçoso na primeira versão -, doentio e subnutrido

202 "José Bento Renato Monteiro Lobato foi um dos mais renomados e influentes escritor e intelectual do Brasil. Ele nasceu em Taubaté no dia 18 de abril de 1882. Ele ficou conhecido principalmente por sua obra infantil que se constitui pelo menos metade de sua produção literária. A outra parte é constituída basicamente por crônicas, artigos, críticas sobre temas relevantes da época. Em uma época em que os livros brasileiros eram editados em Paris ou Lisboa Monteiro Lobato tornou-se também editor, passando a editar livros também no Brasil. Com isso, ele implantou uma série de renovações nos livros didáticos e infantis. Este notável escritor é bastante conhecido entre as crianças, pois se dedicou a um estilo de escrita com linguagem simples onde realidade e fantasia estão lado a lado. Pode-se dizer que ele foi o precursor da literatura infantil no Brasil. Fora os livros infantis, Lobato escreveu outras obras literárias, tais como: O choque das raças, Urupês, A Barca de Gleyre e O Escândalo do Petróleo. Neste último livro, demonstra todo seu nacionalismo, posicionando-se totalmente favorável a exploração do petróleo, no Brasil, apenas por empresas brasileiras", in [/pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro_Lobato](http://pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro_Lobato)

203 Lobato, Monteiro. A todo o transe in " Literatura do Minarete, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1959. Pag. 28.

*nas demais versões - ao ponto de se tornar o
personagem literário mais famoso em todo o país.*"²⁰⁴

No entanto com o passar do tempo a figura do Jeca Tatu foi se modificado e aquilo que era tratado como preguiça tornou-se doença. Depois de se tratar e ser medicado, ele torna-se rico e forte. Juntamente com a mudança de perspectiva e comportamento de Jeca surge o Biotônico Fontoura, o elixir da felicidade.

O papel do Biotônico Fontoura na sociedade brasileira tem uma função primeiro de reavaliação do comportamento humano e segundo de cura. Aqui a literatura e a realidade se completam. O Biotônico Fontoura é o elixir da fortaleza, da força, da vontade. O brasileiro que bebê-lo vai também tornar-se forte e livre o complexo de inferioridade que até então o acompanhava. Uma vez livre disso e ciente de sua condição e de suas possibilidades ele torna-se uma pessoa feliz.

Lobato cria com seu personagem uma nova dimensão de realidade literária. Ela vem de encontro as transformações da época como por exemplo, a chegada dos novos imigrantes e o processo de industrialização do país. Sua literatura regionalista busca uma identidade que leva o individuo a tornar-se pessoa dentro de seu meio específico e regional. O nacionalismo exacerbado de Lobato cria uma valorização das coisas brasileiras em deterioramento as ideias da cultura europeia. Sua reação contra a Semana da Arte Moderna, vem de encontro a tal nacionalismo e valorização as coisas nacionais. Mesmo que ambos buscassem elementos de valorização nacional e tivessem objetivos idênticos no seu ponto de partida e objetivo final, os caminhos a percorrer de ambas as partes eram completamente antagônicas entre si.

Seu enjungamento em mostrar um Brasil como ele era, deformado e sem forças, inicia-se com Urupês, onde ele focaliza a questão da cidade e do campo tendo como premissa principal uma crítica a realidade de conformismo e aceitação. Em Urupês e sua crítica a um Brasil irreal que segue os moldes europeus ele mostra, sem visões distorcidas os problemas do Brasil.

Se a Semana da Arte Moderna é tido como marco inicial de uma nova concepção literária brasileira, é no entanto com Lobato que essa nova filosofia tem suas primeiras raízes. Anos depois o próprio Oswald de Andrade escreve que o livro Urupês fora o marco zero da semana do movimento de renovação literária²⁰⁵

204Gonzaga, Sergius. Manual de Literatura Brasileira. Livraria Mercado Aberto, 14 Edição, Porto Alegre, 1997
Pag.151.

205 Coutinho Afranio, A literatura no Brasil, era realistica era de transição, São Paulo, Global, 1997, vol. 4.
Pag.297.

A história do Biotônico Fontoura esta intrinsecamente ligada a história do Jeca Tatu de Monteiro Lobato. Ele apresentava uma fórmula fácil para atingir para a felicidade e para as curas dos males do corpo e da alma. Com a junção com Jeca Tatu, o Biotônico Fontoura tornou-se a publicidade de maior sucesso na história do Brasil²⁰⁶ Ele tornava assim muitos anos antes de Astérix e Obélix o primeiro elixir com superpoderes. A História do Jeca Tatu é meramente descritiva em sem comentários. Já nas primeiras palavras Lobato deixa claro quem era, onde e como vivia Jeca.

*" Jeca era um pobre Caboclo que morava no mato.
Vivia na maior pobreza em companhia da mulher muito
magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes.
Passava o dia de cócoras pitando enormes cigarrões
de palha, sem animo para fazer coisa nenhuma."*²⁰⁷

Lobato retrata um personagem totalmente desacreditado. Alguém detentor de possibilidades, detentor de fertilidade, mas que por falta de ânimo sente-se desiludido e em um estado de depressão profunda. Seus vizinhos e conhecidos chamavam-no de preguiçoso. "*Todos os que passavam por ali murmuravam: - Que grandíssimo preguiçoso*"²⁰⁸. A descrição das fraquezas do Jeca é ao mesmo tempo uma descrição daquilo que ele poderia tornar-se. Jeca é um ser em estagnação esperando por uma transição, um niilista. Ele sabe que sua vida poderia ser diferente, porém "nada paga a pena"²⁰⁹

*" Perguntaram-lhe um dia. Jeca Tatu cortou a barbicha
rala e respondeu: -Não paga a pena. Tudo para ele não
pagava a pena. Não pagava a pena consertar a casa,
nem fazer um horta, nem plantar árvores de fruta, nem
remendar a roupa"*²¹⁰

Lobato usa e abusa dos estereótipos de racismo, de pobreza, machismo e acima de tudo da vida no campo. O conto Jeca Tatu na verdade faz parte do livro de contos Urupês. Jeca Tatu é o último de todos os contos. Nele fica implícita uma certa crítica de Lobato ao Estado brasileiro que pouco se importava com a vida do caboclo do campo. Ao mesmo tempo Lobato

206in Lobato.Globo. com. Misc.jeca.asp

207in Lobato.Globo. com. Misc.jeca.asp

208 Lobato, Monteiro, Jeca Tatuzinho, Edição especial do Instituto Medicamento Fontoura&Serpe, 1924, São Paulo Brasil.

209 Lobato, Monteiro, Jeca Tatuzinho, Edição especial do Instituto Medicamento Fontoura&Serpe, 1924, São Paulo Brasil. Parte 1.

210 Lobato, Monteiro, Jeca Tatuzinho, Edição especial do Instituto Medicamento Fontoura&Serpe, 1924, São Paulo Brasil. Parte 2.

diferencia-se do efumenismo lançado por José de Alencar. Alencar demonstrava em sua literatura uma visão em que a mistura de raças entre índios, brancos e negros formaria uma nação forte onde os brasileiros são sujeitos de sua própria história. Já Lobato deixava claro o contrário. A mistura das raças forma um sujeito fraco e doente. Com Lobato o romântico herói indígena é desmistificado e em seu lugar surge a figura do anti-herói caboclo.

"Morreu Peri, incomparável idealização dum homem natural como o sonhava Rousseau, protótipo de tantas perfeições humanas que no romance, ombro a ombro com os altos tipos civilizados, a todos sobreleva em beleza d'alma e corpo".²¹¹

Mais adiante complementa Lobato seu relato demonstrando o lado inerte da vida sem sentido, sem que se demonstre uma forma de auxiliar nas mazelas da vida que consequentemente irão levar o personagem a uma forma depressiva de se relacionar consigo mesmo e com seu ambiente. A imagem do caipira elencada por Lobato é a mesma imagem do caipira real que vive sem ter as mínimas condições de sair da situação precária, de pobreza em que encontra. O caipira é a figura do anti humano do ser degenerado pela falta de opções de motivações de conseguir sair da situação de miséria em que se encontra. Ele é o retrato perfeito do homem do interior, que não teve condições de ir a escola e sem as mínimas condições de desenvolvimento sócio econômico.

"O cocar de penas de arara passou a chapéu de palha rebatido à testa; a oca virou rancho de sapé (...); a tanga ascendeu a camisa aberta no peito. A passividade e a inércia do caipira"²¹²

Personagem esse que alguns anos depois é revisto pelo próprio autor. O anti herói sem forças e preguiçoso torna-se forte e capaz de realizar feitos quase que inumanos. A partir desse momento Jeca adquire uma outra identidade consigo mesmo em com seu meio ambiente. Ele se torna o símbolo de nacionalismo, um símbolo para o desenvolvimento.

" Ele que antigamente quando lenhava só trazia três pauzinhos, carregava agora cada feixe que metia medo. E carregava sorrindo como se o enorme peso não passasse de brincadeira: - Amigo Jeca, você arreventa!"

211 Lobato, José Bento Monteiro. Urupês. 16.ed. São Paulo: Brasiliense, 1971. Pag. 145.

212 Lobato, José Bento Monteiro. Urupês. 16.ed. São Paulo: Brasiliense, 1971. P. 146.

*- Diziam-lhe. Onde já se viu carregar tanto pau em uma só vez? ; Já não sou o mesmo de dantes! Isto para mim agora é canja...respondia o caboclo sorrindo."*²¹³

O Jeca que através de seu desleixo com a aparência e com o meio em que vive representava toda uma cultura de atraso econômico e social do Brasil, e que anteriormente era vítima do descaso do Estado torna-se senhor de sua própria história. Atinge sua autossuficiência e torna-se não somente rico, mas respeitado.

*"A fazenda Biotônico tornou-se famosa no Brasil inteiro. Tudo ali era por meio de rádio e eletricidade. Jeca de dentro do escritório tocava num botão e o cocho do chiqueiro se enchia automaticamente de rações muito bem dosadas...Chegou a mandar buscar dos Estados Unidos um aparelho de televisão. ; Quero ver aqui da minha varanda tudo aquilo que se passa em minha fazenda."*²¹⁴

No entanto as peripécias do herói não param por aí. Ele resolve ajudar aqueles que continuam vivendo sem saúde e na pobreza. Por fim, Jeca morre feliz aos 89 anos. Muitos anos se passaram deste o nascimento e morte do Jeca. Embora poucos conheçam sua verdadeira, tal personagem tornou-se parte da linguagem falada no Brasil. Jeca tornou-se sinônimo de pobreza de falta de vontade e de desleixo. A personificação do Jeca Tatu na figura do caboclo brasileiro mostra como forma de caricatura a situação do povo do interior no início do século XX, mas ainda muito atual em sua relação consigo mesmo e com o Estado. Demonstra acima de tudo o retrato de um país de desigualdades sociais econômicas gritantes e que logo depois da abolição da escravidão se engatinhava rumo a modernidade e o desenvolvimento econômico e social.

A figura do Jeca Tatu trouxe consigo um divisor de águas no sentido de como eram tratados os personagens camponeses na literatura. Antes do Jeca, eles eram elevados a um patamar de romantismo com exaltação da sua figura, sua religiosidade e contato com a natureza.

213 Lobato, Monteiro, Jeca Tatuzinho, Edição especial do Instituto Medicamento Fontoura&Serpe, 1924, São Paulo Brasil. Parte 11

214 Lobato, Monteiro, Jeca Tatuzinho, Edição especial do Instituto Medicamento Fontoura&Serpe, 1924, São Paulo Brasil. Parte 16.

3.3-A inocência da felicidade

A escritora brasileira Clarice Lispector²¹⁵ em seu livro "A felicidade Clandestina" é uma unanimidade dentro da literatura brasileira no que diz respeito ao tema da felicidade individual. Em seu conto que leva o mesmo nome do livro, ela relata a felicidade privada, onde a própria literatura exerce um papel importante. A interação entre a personagem e a literatura é uma relação de interação onde o papel da literatura serve com meio e ao mesmo tempo objeto de felicidade.

Lispector conta, juntamente com outras, a história de duas meninas que vivem em ambientes diferentes. Uma vive em uma mansão e gosta de ler. Em contraste com a outra menina que mora em uma casa qualquer. O conto se desenvolve sob o prisma da narradora, nela ela sente-se como vítima da outra menina que não a deixava obter um dos livros²¹⁶ que ela gostaria de ler. Um dia no entanto ela toma posse do livro e então o lê. A sensação de felicidade é narrada por Lispector de duas formas. Sob o ângulo da posse do livro e sobre o ângulo da felicidade que a história do livro a proporciona.

" Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada e recebi o livro na mão. Acho que não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei para chegar em casa também pouco importa. Meu peito estava quente meu coração pensativo. Chegando em casa não comecei a ler. Fingia que não o tinha. Só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-lo, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, adiei-o ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para

215 Lispector se insere na chamada geração de 45, também conhecida como a terceira geração do modernismo brasileiro. Seus romances são sempre ambientados em centros urbanos. Um dos elementos mais importantes de sua literatura é a forma introspectiva em que ela ambienta e trabalha com seus personagens. Ou seja ela é mais voltada para o a interiorização dos personagens que sua ambientação e sua relação com o meio em que ele vive.

216 O livro em que a autora se refere é a obra "As Reinações de Narizinho" do escritor brasileiro Monteiro Lobato.

aquela coisa clandestina que era a felicidade"²¹⁷

A relação sujeito-objeto apresentado em que coloca-se a menina como sujeito e o objeto, o livro, é uma relação diferenciada pois ao mesmo tempo que o livro lhe dá o sentimento de felicidade, primeiramente por ela ser a detentora de sua posse e depois através da leitura, demonstra uma dialética do medo. Linspector procura dar em sua obra uma vasão mais interna que externa, ligado ao sujeito, em sua subjetividade, suas buscas seus medos e naturalmente suas alegrias. Nela existe um conflito "clandestino" entre o mundo subjetivo e o objeto. Ao mesmo tempo em que a menina tem a posse do livro e sente-se feliz com isso, ela tem o sentimento que esta felicidade é algo que não durará por muito tempo. A felicidade é tratada como um momento, como uma situação já predestinada a acabar. Algo do momento, do instante, como Aristipo assim a tratava.

*"A menina se sente tão feliz como se o livro fosse dela e que poderia aproveitar e demorar o quanto quisesse, mas ela sabe que em um momento iria ter que devolver o livro, por isso o nome do conto se refere a uma felicidade clandestina, pois é como se fosse uma felicidade falsa, porque ela age como se o livro fosse dela mas não era ."*²¹⁸

Por isso, ela faz de conta e cria um ambiente clandestino de imaginação, de conto de fadas, de engano. Em um primeiro momento ela se mostra feliz somente pela posse do objeto e seu significado. A longa espera finalmente alcança seu objetivo e ela sente-se feliz com isso. No entanto ela sabe que a felicidade pela posse não é algo que durará para sempre, é algo passageiro, e que um dia destes o livro deverá ser devolvido. O importante porém é prolongar o máximo possível tal sentimento. Dentro do contexto da obra, a menina busca os mais variados métodos de prolongar a felicidade pela posse do objeto. A leitura da história fica para uma próxima etapa da felicidade. Primeiramente experimenta-se o sentimento da posse do objeto e seu símbolo, para depois numa segunda etapa consumir seu conteúdo. A questão que delineá-se no decorrer da leitura não é levada em conta no conto. O mais importante é a detenção do objeto.

As formas de prazer que o mundo pós-moderno apresenta através dos símbolos está basicamente ligado a posse de objetos. Tais objetos possuem em sua natureza a possibilidade não somente de satisfação, mas também de elevação do desejo de buscar um que lhe dê ainda

217 Linspector, Clarice. "Felicidade clandestina" in *Felicidade clandestina*, Rio de Janeiro Editora Rocco, 1998, Pag. 7.

218 www.escoladavila.com.br/blogs/analisesliterarias/

mais prazer. Naturalmente a relação sujeito objeto é uma relação de submissão, em que o sujeito torna-se submisso ao objeto.

A posse torna-se a consumação de um desejo, elevando prazer ao nível de satisfação. Não se faz necessário usar o telefone celular, mas é necessário estar com ele em todos os momentos da vida. Na felicidade clandestina, a menina já era feliz somente por ter o livro em suas mãos regozijando-se de seu significado.

"criava-se as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre seria clandestina para mim. Parece que eu pressentia. Como demorei! As vezes sentava-se na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo".²¹⁹

"As Reinações de Narizinho" citado por Linspector é um livro típico para crianças que remete a uma vida pacata no interior, mas, no entanto, nem tão pacata pelas aventuras que lá de se desenrolam. Narizinho é uma menina que vive com sua avó, Dona Benta que também a dona do sítio onde eles vivem. Quem vive juntamente com elas é a Dona Anastácia e a boneca Emília que foi costurada por tia Anastácia.

Já no início de seu livro Monteiro Lobato descreve dona Benta como a velha mais feliz que existe.

"Lá no sítio do Pica-pau amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos, chama-se dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê, com cestinha de costura no colo, e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando. Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto! Mas engana-se, dona Benta é mais feliz das vovós".²²⁰

Lobato quer deixar claro que, o sítio do Pica-pau amarelo é um lugar para ser feliz, onde mesmo que a primeira vista, a imagem seja de um local vazio e triste a realidade mostra o contrário. A história se desenrola sendo contada sob o prisma de Narizinho embora não seja ela a narradora. Lobato a seguir demonstra por que todos são felizes no sítio do Pica-pau amarelo. Lá existe água limpa, peixes que nadam no rio e são amigos de Narizinho e muitas árvores para dar sombra no verão e apaziguar o vento no inverno. A questão da poluição

219 Linspector, Clarice. "Felicidade clandestina" in *Felicidade clandestina*, Rio de Janeiro Editora Rocco, 1998, in www.escoladavila.com.br/blogs/analisesliterarias/?

220 Lobato, Monteiro. "As Reinações de Narizinho", Editora Monteiro Lobato e Cia, São Paulo 1931, Pag. 2.

ambiental não vem a ser tratado em sua obra, mas no entanto é retratada pela imagem do " *ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas pedras muito apressadinhas e mexericas correm entre pedras negras de limo*"²²¹ e que deixa a sua visão de felicidade, família, contato com a natureza e amizade.

O sítio de Lobato é um lugar onde as crianças aprendem a ter respeito pelos outros mas acima de tudo aprender a viver como crianças em mundo em que personagens infantis do mundo inteiro interagem de forma real. Os acontecimentos narrados por Lobato apesar de fazerem parte do itinerário dos sonhos e contos de fada, sucedem-se de maneira real e concreta. Pelo sítio do Pica pau amarelo, uma clara alusão ao nome do Brasil e a madeira que lhe deu nome, passam não somente vários personagens infantis entre eles Peter Pan e Pinóquio mas também existe uma interação entre o ser humano e a natureza, precisamente com os animais. No sítio os animais tem contato às vezes íntimo com as pessoas, principalmente com as crianças.

*" Uma vez depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesado de sono. Deitou-se na grama com a boneca nos braços e ficou seguindo as nuvens que passeavam no céu formando ora castelos ora camelos. E já ia dormindo embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz".*²²²

A figura da boneca Emília e sua relação com os acontecimentos de maneira questionadora e incansável de buscar respostas para os problemas, está conectado a própria figura do autor, incansável questionador da realidade brasileira.

Neste paraíso vivem no entanto mais personagens que vão se tornar o âmago das narrativas de Lobato. Através do sítio e suas histórias Lobato inova no que diz respeito as perspectivas da literatura. Ele cria a literatura infanto-juvenil, onde da liberdade total para as crianças terem o prazer, a ousadia e a felicidade de sonhar como criança e agir como criança. Ou seja para eles tudo é um jogo cuja resultado final não é o mais importante. O importante é sentir feliz durante o jogo.

Gilberto Gil em sua música Sítio do Pica-pau amarelo faz um relato claro de como é a vida no campo e suas artimanhas que o cotidiano mostra.

"Marmelada de banana, bananada de goiaba ,goiabada

221 Lobato, Monteiro. " As Reinações de Narizinho", Editora Monteiro Lobato e Cia, São Paulo 1931, Pag.2.

222 Lobato, Monteiro. " As Reinações de Narizinho", Editora Monteiro Lobato e Cia, São Paulo 1931, Pag.3.

de marmelo, Sítio do Pica-pau amarelo Sítio do Pica-pau amarelo, Boneca de pano é gente, sabugo de milho é gente o sol nascente é tão belo Sítio do Pica pau amarelo Sítio do Pica-pau amarelo, Rios de prata, pirata voo sideral na mata, universo paralelo Sítio do pica-pau amarelo Sítio do Pica-pau amarelo, No país da fantasia, num estado de euforia cidade polichinelo Sítio do Pica-pau amarelo ²²³

Nas "Reinações de Narizinho" tudo é mágico, mas não uma magia distante da realidade. Lobato consegue colocar o mundo sonhos e distantes da realidade sob forma concreta e localizadas em um espaço e tempo que interagem-se entre si. Dentro deste aspecto a boneca de pano, costura por dona Anastácia se torna pessoa falante depois de tomar uma pílula ganhada pelo doutor Caramujo. Emília assume assim a função da fada que nos contos infantis vive distante da realidade e somente aparece para a realização de fatos impossíveis. Emília é uma quase Pipi Langstrumpf abaixo da linha do Equador. A mesma Pipi que faz somente aquilo que ela gosta. Emília é entretanto a inspiração da criança que vê em seu bichinho de pelúcia um companheiro para as aventuras. Ela torna-se assim a antítese de Pipi Langstrumpf. Langstrumpf já nasce pronta sem a possibilidade de se desenvolver em suas potencialidades. Emília no entanto é primeiramente uma boneca de pano que somente no decorrer da história vai ganhar vida e a partir de uma pílula começa a falar ou seja algo como um elixir de vida um Biotônico Fontoura sólido.

" Veio a boneca. O doutor escolher uma pílula falante e pôs na sua boca. Engula de uma vez, disse Narizinho, ensinado Emília como se engole uma pílula. E não faça careta que arreventa o olho. Emília engoliu a pílula muito bem engolida começou a falar no mesmo instante. 'estou com um gosto horrível de sapo na boca!' e falou, falou mais de uma hora sem parar. Falou tanto que Narizinho disse ao doutor que Narizinho atordoada disse ao doutor que era melhor fazê-la vomitar aquela pílula e engolir outra mais fraca". ²²⁴

223 Música composta e cantada por Gilberto Gil é baseada na obra de Monteiro Lobato. Seu ritmo forte e a batida entre Rock e Reggae tem uma forte influência da musica popular da Bahia. A música foi gravada no ano de 1984. in/ www.letras.mus.br/sitio-do-picapau-amarelo/sitio-do-picapau-amarelo-gilberto-gil/

224 Lobato, Monteiro. "As Reinações de Narizinho", Editora Monteiro Lobato e Cia, São Paulo 1931. Pag .17.

O mágico e o real se encontram, e a magia fica presente na realidade, uma realidade que não é feita de sonhos, mas em que os sonhos são feitos de realidade. As transformações dos personagens levam ao reino da fantasia, descritos como real. Não como uma Matrix em que existem dois mundos distintos. O mundo real e o virtual, ou no caso do conto de fadas e onde a felicidade em uma é uma ilusão e no outro, no real é onde as coisas realmente acontecem. No Sítio do Pica-pau amarelo é tudo real. A felicidade é real proporcionada pelo apetite pela vida, pela fertilidade que tal apetite proporciona, e pela vida que brota das aventuras.

No Sítio, a felicidade é retratada pelas aventuras e pelos contatos sejam entre pessoas, figuras de contos de fadas ou ainda animais. Uma amizade que vai muito além das fronteiras do real, embora seja retratada por Lobato como real.

No entanto Lobato dá alguma resvalada em seu juízo no que diz respeito a descrição de Tia Anastácia²²⁵ e demonstra uma visão racista bem presente na sociedade brasileira desde a chegada dos primeiros brancos no Brasil. A negra tia Anastácia é a única que trabalha na casa. Ela faz os deliciosos bolinhos de chuva que a criançada tanto gosta. No entanto a obra prima de tia Anastácia foi a criação da boneca Emília e do Visconde de Sabugosa, um pedaço de sabugo que se transformou em pessoa humana. A figura do negro em toda a obra de Monteiro Lobato é controversa. A tia Anastácia é uma prova disso. Ele representa a opressão do negro pela família branca. Anastácia apesar de fazer parte da sociedade do Sítio, é alguém a parte, que somente encontra seu verdadeiro lugar na cozinha. É uma clara forma de mostrar que o lugar de negro e mulher é na cozinha fazendo comida para que os outros se sintam satisfeitos. Emília assim se refere a ela:

*" Pois cá comigo, disse Emília- só aturo estas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum, não são engraçadas, não tem humorismo. Parecem-se muito grosseiras e até bárbaras. - coisa mesmo de negra beijuda como tia Anastácia. Não gosto, não gosto, não gosto. - Bem se vê que é preta e beijuda! não tem a menor filosofia essa diaba. Sina é o seu nariz sabe. Todos os viventes tem o mesmo direito a vida..."*²²⁶

Ela demonstra a situação de subalternidade, a empregada doméstica que faz de tudo um pouco para a família rica e branca. Nas novelas de televisão tal cena em que toda a família rica e

225 Lobato, Monteiro " Histórias de tia Anastácia". Ed Brasiliense, São Paulo, 6 Edição, 1957.

226 Lobato, Monteiro. "As Reinações de Narizinho", São Paulo, Editora Brasiliense 1956 . Pag. 132.

branca possui uma empregada doméstica negra ou mulata reitera a posição de Lobato dos anos 30.

A questão do racismo no Brasil é um tema que ainda deve ser muito estudado. Apesar dos brasileiros se gabarem de dizer que o Brasil não é um país racista, na prática tudo funciona de outra maneira. O racismo está de tal maneira estruturada na sociedade brasileira que as pessoas nem percebem que estão sendo racistas. Ele já faz parte da cultura do povo brasileiro de tal forma que piadas não são vistas como racistas, mas como forma de fazer graça sem ferir ninguém. Os mais de quinhentos anos de colonização branca com a miscigenação das diferentes raças, não trouxe desenvolvimento suficiente no que diz respeito ao modo de agir entre às pessoas de diferentes raças. A questão do racismo, porém não está ligada somente ao negro, mas também com as relações com os índios. Esses são considerados numa escala racista de acordo com a raça e cor, abaixo do negros.

Todos os anos são mortos dezenas de índios por mando de fazendeiros que têm o intuito de se apossarem de suas terras. Segundo relatório do Cimi²²⁷ 137 indígenas foram mortos no ano de 2015 por assassinato sendo que na maioria deles por causa de conflito de terra. No entanto tal estatística não pode ser sustentado com clareza.

*“Desde que a gente está trabalhando nesse modelo de sistematização, sempre a maior parte dos assassinatos foi em Mato Grosso do Sul, do grupo Guarani-MG. Há um processo, de cinquenta anos, que tem constituído uma força de pressão muito grande sobre os indígenas”.*²²⁸

A questão indígena no Brasil assim como a escravidão são conceitos que no Brasil ainda não foram trabalhados na sua profundidade nem por sociólogos, historiadores tampouco por filósofos. Naturalmente que existe muitas obras que dizem respeito a isso, mas elas deixam desejar pela sua forma superficial de tratar o tema no seu conjunto sistemático. Tais questões aos serem tratadas caem no conformismo da verificação somente pela lente de apenas uma ciência. Falta uma visão conjunta e sistemática de onde se quer chegar e onde é seu ponto de partida.

No que diz respeito ao entendimento da felicidade através da linguagem literária é também algo que merece ser debatida. Vive-se uma era de carência de criação, não somente no campo literário, assim como no setor tecnológico. Embora a impressão que perpassa pela sociedade é que vivemos na era da evolução tecnológica e que tal evolução vem trazer ou

227 Conselho Indígena Missionário

228 <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/09/relatorio-contabiliza-137-assassinatos-de-indios-no-brasil-em-2015>

ajudar no conforto e bem estar do ser humano, percebe-se por um outro lado cada vez mais um desconforto espiritual, uma busca por algo que não se sabe o que é, mas uma busca que gera uma infelicidade.

Quando Monteiro Lobato escreveu sua obra "as Reinações de Narizinho" era uma época em que tinha-se no rádio como o principal veículo divulgador de notícias. Atualmente são inúmeras as formas de se divulgar algo. No entanto a gama de informações que o ser humano da atualidade recebe todos os momentos, longe de o fazer feliz trazem consigo o medo, a preocupação a insegurança e o desejo.

*"Os enunciados (veiculados na forma de informação jornalística e na publicidade, por exemplo) que circulam na mídia brasileira naturalizam a existência da homogeneidade de posições, seja na manifestação cotidiana dos sujeitos sobre a máxima popular de que 'a felicidade não tem preço' até os anúncios que alardeiam novos estudos e pesquisas que prometem desvendar e dar dicas de como viver melhor e ser mais feliz."*²²⁹

Isso refere a uma análise sobre a questão das imagens e o processo de ser feliz, ou seja em que âmbito psicológico as imagens interferem no processo de satisfação de prazer, alegria e propriamente de felicidade. A felicidade analisada a partir de um estado de espírito demonstra-se na sua forma concreta a partir do sentimento de corpo. Ou seja a linguagem corporal de cada um pode demonstrar o sentimento de felicidade ou não. Em seu livro a "Filosofia do Jeito", a filósofa Fernanda Carlos Borges realiza uma investigação sobre "o modo do brasileiro pensar com o corpo"²³⁰, ou seja o corpo como instrumento falante nas relações com os outros e consigo mesmo.

"Nem toda a força é apreendida como um dado específico, caracterizado. O sistema biomecânico humano é ambíguo demais, de uma ambiguidade que se define na ação. As atitudes do corpo, que são uma preparação para a ação, são ambíguas. Uma só atitude pode servir para avançar ou correr, para agarrar ou empurrar. Essa ambiguidade é resolvida na ação, quando

229 Souza de Medeiros, Caciane: Imagem e subjetividade, O conceito de felicidade na mídia e a incentivo ao consumo permanente: a felicidade não tem preço. FAMECOS PUCRS, Porto Alegre, Agosto 2009. Pag 35.

230 Barbosa. L. O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

finalmente corremos ou agarramos por exemplo."²³¹

A felicidade é vista sob uma perspectiva em que o corpo é sujeito de si mesmo e onde a manipulação do corpo a partir de ideais estranhos não leva a felicidade.

Naturalmente que a sociedade atual é uma sociedade mais de imagens que conceitos. Costuma-se dizer que uma imagem vale mais que mil palavras. Tal premissa é levada ao "pé da letra" nos tempos atuais. Toda a mídia e a propaganda é alicerçada no poder das imagens. A venda da felicidade através da imagem, não é explorada na literatura. Aliás o tema felicidade é um tema em que na literatura quase não existe. Na literatura brasileira por exemplo não existe nenhum romance em que a felicidade seja a temática que o perpassa de forma concreta. Naturalmente é mais fácil tratar da infelicidade que da felicidade.

O tema felicidade é um tema aborrecido e que não apresenta nuances de possibilidade de mudanças. No entanto tal tema perpassa de uma forma ou outra em qualquer obra literária onde situações de guerra, morte, perda de um amor, riqueza etc. existem.

3.3.1-A falsa inocência da felicidade

Na conjuntura da sociedade atual a felicidade se apresenta como um estado e uma essência. Ou seja um estar feliz, e ser feliz. Nela o ter é tido como uma forma de apresentar a felicidade como uma situação estática por conseguinte apresentada por uma ideologia que leva o ser humano a atitudes e pensamentos consumistas. Tais pensamentos são impulsionados pela mídia e sua imparcialidade. Nos anos 60 Criou-se na mídia brasileira o mito da imparcialidade, que na verdade foi uma forma de se mostrar a parcialidade da mídia frente a acontecimentos atos atitudes e desejos obscuros a população. Dentro deste contexto de parcialidade da mídia se vende o produto desejado pelos donos do poder. A ilusão da imparcialidade é também vendida na mídia como principal expoente de confiança. Ou seja a população é levada a acreditar que aquilo que mídia diz e oferece condiz com a realidade. Por isso ouve-se muitas vezes uma conversa em que uma das pessoas se referindo a um determinado tema diz: "é verdade eu li no jornal"! A verdade torna-se refém da mídia e de seus interesses de poder e dinheiro. A manipulação se dá em todos os setores, desde a venda de um produto, até a venda de um sonho. Na maioria das vezes por trás do objeto de venda está um conceito distorcido de felicidade.

²³¹ Borges, Fernanda Carlos. A filosofia do jeito, Um moo brasileiro de pensar com o corpo. Editora Summus, São Paulo, 2006. Pag 39.

Aquilo que a mídia se predispõe a vender tem por si a busca de atingir os sentidos humanos sem no entanto chegar ao processo reflexivo. Um dos sentidos mais importantes na atualidade é a visão, a sua linguagem não é transparente mas que nem por isso deixa de atingir seu alvo que é manipulação dos sentidos.

"O imaginário coletivo da felicidade tem na mídia uma das suas instâncias mais significativas de constituição de sentido. O conjunto de material jornalístico caracterizado pelo discurso prescritivo publicado em revistas (...) é um indício da relevância que o tema assume na chamada comunicação de massa. Caracterizada por oferecer orientações, conselhos, fórmulas e modelos para variadas situações da vida cotidiana dos sujeitos, tanto as do plano subjetivo como as constitutivas dos aspectos práticos da vida, essa 'imprensa conselheira' constituiria um repertório de enunciação de uma 'técnica de bem viver'"²³².

A mídia no Brasil está inserida dentro de uma organização capitalista ditada consequentemente pelas regras do mercado, onde o ser humano nada mais é que uma mercadoria de venda e troca. Através dela se chega a um determinado objetivo que é o ter mais para poder mostrar-se mais. Ou seja a regra é muito clara e ela somente funciona porque existe uma cadeia onde as mesmas regras funcionam em todos os níveis de cadeia humana. O deus do mercado, é o deus da compra e venda e para isso um deus produtor de símbolos de massificação.

O papel da filosofia neste cenário não é somente analisar, mas sim fertilizar, e fazer da mesma, uma filosofia que gera a felicidade. Assim como a menina do conto "A Felicidade Clandestina" que sentiu-se feliz, não somente por ter o livro e fazer de conta que era seu, mas também pelo seu conteúdo literário. Analisar a sociedade sob o ponto de vista filosófico é ao mesmo buscar respostas as questões que interagem no cotidiano da vidas do ser humano. É a partir das respostas elaborar uma forma prática para esta nova visão crítica tornar-se real. A filosofia deve mais uma vez, como já fez no passado não se apoderar da pílula do conhecimento, mas divulgá-la e retornar as suas origens abordando temas que dizem respeito à vida concreta das pessoas.

A questão da felicidade, por exemplo deixou de ser a muito tempo objeto de especulação

232 Souza de Medeiros Caciene: Imagem e subjetividade, O conceito de felicidade na mídia e a incentivo ao consumo permanente: a felicidade não tem preço. Famecos Pucrs, Porto Alegre, Agosto 2009 . Pag. 38.

dentro da filosofia, mas não por ser um tema já esgotado e corroído pelo tempo, mas por ser um tema que foi assumida como sua, pelo mundo capitalista e consumista. Criou-se a ciência do consumismo, com seus teóricos, suas teses e suas argumentações. Um dos temas abraçados pela ciência do consumismo é a felicidade, ou o caminho para ser feliz, que consequentemente perpassa pela imagem pelo sentimento imediato e não somente pela posse de objetos, mas sim pela posse de seus símbolos e significados. O espaço antes tido pela filosofia em dar respostas ao ser humano, é agora apossada pela ciência do consumo e a filosofia que outrora tinha a função de orientadora e mestra, é atualmente tida quase como ridícula, pois suas respostas são desconectadas com a realidade atual.

3.3.2-A problematização da felicidade em uma sociedade de consumo

Na era da informação²³³ e do domínio da razão somos levados a viver em universos paralelos, uma espécie de dimensão real e virtual que não somente confundem-se, mas também dissimulam-se entre si. Diferentemente do mito da caverna de Platão em que o mundo real e verdadeiro é o mundo das ideias e não o mundo das imagens e sombras, a dissimulação nos leva uma impossibilidade de distinção destes dois universos. Tal dimensão simbólica da realidade é analisada pelo filósofo francês Jean Baudrillard. A substituição do mundo real pelo virtual, é denominada por ele como domínio do Simulacro.

*"Hoje a abstração já não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação não é assimilação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade"*²³⁴.

Tais dimensões são retratadas também no filme Matrix²³⁵. Na dimensão real os seres humanos são mantidos por máquinas em cova desde o seu nascimento. Neles é criada ilusão de viver em um mundo completamente diferente. A partir da descoberta da nova realidade como verdadeira, acontece o processo de mudança da forma de pensar e sentir esta nova realidade. Quando Eva decide comer a fruta percebe que está nua. Até aquele momento ela vivia num mundo irreal, no

²³³Daniel Bell foi o primeiro a usar os termos sobre a transição do capitalismo industrial para o capitalismo de consumo.

²³⁴ Baudrillard, Jean. Simulacro e simulação, Editora Relógio d'água, Lisboa, 1991 Pag. 8.

²³⁵ Filme lançado no ano de 1999.

mundo de ilusão, no mundo da caverna onde a sombras dão a ilusão do real.

No entanto, sair da ignorância para atingir o verdadeiro conhecimento, como dizia Platão, não é algo que acontece rapidamente. A ilusão da realidade é a ilusão de si mesmo, é a a ilusão de ser feliz, é gostar de acreditar naquilo que através do meios de comunicação de massa, como, internet, rádio, televisão, revistas e jornais, vendem como importante para o bem estar da vida. No entanto, tal ilusão que acontece em um macrossistema, somente torna-se possível através da personificação de símbolos em um microssistema. Ou seja, ao mesmo tempo que os símbolos são desenvolvidos para uma massa, eles trazem consigo uma individualidade mas também uma afinidade. Porém tal massa, mesmo que seja uniforme no que diz respeito ao consumo, adquire enorme efeito em sua fragmentação nos através dos segmentos sociais e chegando finalmente no indivíduo.

Em seu outro livro “A Sociedade de Consumo”, Baudrillard analisa a relação entre consumo e felicidade sob a perspectiva da acumulação de bens e riquezas. Segundo ele, em uma sociedade onde a acumulação de bens e riquezas são tidos como essenciais para se alcançar a felicidade, consumo e felicidade tornam-se associadas em uma mesmo ideal, o ideal da necessidade racional.

"Em que o desperdício, longe de figurar como resíduo irracional, recebe uma função positiva, substituindo a utilidade racional numa funcionalidade social superior, que se revela, no limite, como a função essencial – torna-se o aumento da despesa, o supérfluo, a inutilidade ritual do 'gasto para nada', um lugar de produção de valores, das diferenças e do sentido – tanto no plano individual como no plano social"²³⁶.

Nos filmes, telenovelas, ou mesmo nas propagandas as pessoas são incentivadas a pensar e sentir felicidade de acordo com uma postura materialista de bem estar. Tal forma de apresentar a realidade toma primeiramente conta do espírito, depois do corpo. O ser humano deve estar sempre na moda, estar dentro dos padrões. Neste sentido a felicidade passa a ser padronizada tendo como ideal, ou objeto final a compra, o consumo. O consumismo torna-se assim algo positivo, um sistema de mercado, uma forma de lazer, um desejo do espírito, um ideal. É necessário estar sempre atualizado com as novidades geradoras de felicidade que a sociedade oferece. Por isso usar a roupa da moda, comprar o carro novo, comprar o celular com maiores recursos tecnológicos, representa fazer parte da sociedade como um membro oficial. Com isso o

236 Baudrillard, Jean. A Sociedade de Consumo. Lisboa. Edições 70, 1968. Pag.39

"Eu", como parte reflexivo do ser humano deixa de existir, dando lugar a um "Nós" como ambiente coletivo de busca pelo consumo.

A arte de comprar, o que não se necessita, tornou-se uma necessidade. Alimentada pela propaganda massiva, o ser humano é levado a não reflexão do ser em si mesmo. Naturalmente que tudo ocorre muito rápido e numa velocidade difícil de ser controlada. O não controle das informações recebidas é uma estratégia usada pela propaganda para o ser humano deixar de refletir. A não reflexão leva a alienação. Alienação é crença, uma religião a serviço do capitalismo²³⁷. O uso de tal método pelos meios de comunicação de massa torna as pessoas vulneráveis a qualquer forma de informação, seja ela falsa ou verdadeira. Valores²³⁸ como a preservação da vida, o respeito pelo outro, tornam-se prisioneiros de tal método de alienação. Tal forma de agir torna-se uma religião com seus deuses seus teólogos e suas teologias. É uma religião idolátrica centrada em deuses opressores "e inculcada por um poder opressor"²³⁹, que vendem uma felicidade a preço de sangue do oprimido. A sociedade torna-se assim idolátrica. Por isso discutir o conceito de felicidade em um mundo dividido entre opressores e oprimidos, pobres e ricos, famintos e fartos é antes de tudo uma análise das formas idolátricas existentes na sociedade atual. Pablo Richard assim escreveu no ano de 1980.

*"Nós estamos vivendo em um mundo profundamente idolátrico, nos aspectos econômico, social, político, cultural ideológico e religioso. Vivemos esmagados pelos ídolos de um sistema opressor e injusto"*²⁴⁰

Naturalmente que os anos 80 apresentavam, no que diz respeito ao Brasil e América Latina uma conjuntura política um pouco distinta da atual. O Brasil e vários outros países latino americanos eram governados por ditaduras militares ou recém tinham saído de uma delas. No Brasil por exemplo a ditadura militar acabou no ano de 1984. No entanto, se no âmbito militar a conjuntura do Brasil transformou-se, no âmbito econômico não percebe-se grande mudança. Os pobres continuam sendo oprimidos pelos ricos. Mesmo que tais conceitos de opressor e oprimido não sejam usados com a mesma veemência que nos anos 80 e 90 e

237 De acordo com o teólogo Pablo Richard, o capitalismo moderno torna-se cada vez mais um sistema religioso e piedoso. A elevada produção científica e técnica faz-se acompanhar de uma produção ainda maior de deuses, cultos, templos, símbolos religiosos e teologias.

238 A crise dos valores éticos, atualmente não se deve pelo fim de que eles tornaram-se mutáveis dia após dia, mas sim pelo fato que hoje em dia eles continuam mutáveis e estão a serviço de aquilo que a Teologia da Libertação chama de ídolos da morte, como forma de fazer as pessoas acreditarem que tais valores são importantes desde que estejam a serviço da felicidade que pode ser vendida ou comprada.

239 Richard, Pablo, A luta dos deuses. Os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador. Edições Paulinas, 2. ed. São Paulo, 1985, Pag 23.

240 Richard, Pablo, A luta dos deuses. Os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador. Edições Paulinas, 2. ed. São Paulo, 1985, Pag. 37.

mesmo que a Teologia da Libertação não tenha o mesmo espaço no altar da Igreja Católica Romana, a conjuntura econômica e social quase que não se modificou no espaço de quarenta anos. Criou-se no entanto uma ilusão de que a situação melhorou e discrepância entre ricos e pobres, entre negros e brancos, entre mulheres e homens etc. já não existe mais ou se ainda existe basta ter a força de vontade para atingir sua meta, pois a sucesso está ao alcance de todos. Ou seja somente é pobre que não gosta de trabalhar.

Através do capitalismo criou-se a falsa ilusão de que o sucesso está ao alcance de todos. Para isso o esforço e a crença em si mesmo desempenham um papel bem mais importante que as condições que o meio impõe. Os padrões de comportamento hoje são ditados pelo mundo da moda e pelo propaganda. "Estar na moda" tornou-se símbolo de uma geração. Tal visão de felicidade como mercadoria é fruto de um pensamento secularizado e racionalista que se iniciou com a revolução industrial e após a segunda guerra mundial ganhou ainda mais força. Ser feliz tornou-se dentro do sistema capitalista um busca doentia baseada no tripé "ver, trabalhar e comprar"²⁴¹. Ser feliz na atualidade é definido pelos padrões de beleza, de bem vestir e de sucesso profissional. A felicidade como questão ontológica e metafísica passou a ser problema de alguns intelectuais e ascéticos. Ela tornou-se materialista e instrumentalizada. Criou-se o mercado da ilusão de ser feliz. A busca a todo o custo pela felicidade, que já segundo Aristóteles é algo inerente do ser humano, adquire na modernidade uma nova conotação. A compra a todo custo da felicidade através do consumo.

*"Nos dias de hoje, há uma 'ordem' social implícita para ser feliz, como se apenas nesse estado de espírito fosse possível viver a vida. Uma obrigatoriedade para que o cidadão busque a felicidade a qualquer preço"*²⁴²

Kant é também contra esse tido de felicidade. Para ele felicidade não é algo que deve se buscada a qualquer custo, da mesma forma que ele não apresenta felicidade como o bem maior. Kant demonstra que o ser humano não está preparado para isso, pois ele não é "naturalmente vocacionado"²⁴³ para ser feliz. O problema que ele insere nesta situação é a questão da reflexão humana. Capacidade essa que por mais que por ele elogiada, vem a atrapalhar na busca pela felicidade.

241 Silva, Gonçalves Valdeci, Artigos de Opinião. A felicidade como imperativo de consumo, http://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0313

242 Silva, Gonçalves Valdeci, Artigos de Opinião. A felicidade como imperativo de consumo in www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0313

243 Clovis de Barros Filho in www.youtube.com/watch?v=wAUA9wQZcas

3.3.3-Consumo como redenção social na liquidez da sociedade brasileira

De todas as teorias que anteriormente foram elencadas por filósofos, sociólogos etc., algumas de maneira mais profunda, outras com alguma superficialidade, não auxiliaram a sociedade brasileira atual na busca elementos positivos para sua reflexão sob o ponto de vista da felicidade. Ela finalmente atingiu seu ponto máximo com um consumo nunca antes experimentado.

O consumo é tido neste sentido como elemento que dá a redenção a sociedade que busca a felicidade. Ela é obtida na possibilidade de comprar, ter dinheiro para comprar, trabalhar para poder comprar. Ou seja a compra se tornou o meio pelo qual se faz algo e finalmente na compra encontra a felicidade.

A inclusão e exclusão social são atualmente comandadas pela possibilidade de consumo de cada um. Dentro deste aspecto a análise da sociedade, dos padrões de mudanças de paradigma de buscas e necessidades se tornam algo ligado ao status que o indivíduo que reaperceber. Uma mudança de paradigma pode ser percebido no que diz relação aos crimes que hoje tanto permeiam a sociedade brasileira. Se outrora o ladrão roubava por necessidade de sobrevivência, ou seja pela busca das necessidades básicas de sobrevivência, atualmente os crimes se dão também por um outro motivo que vão desde a aquisição do iPhone e pela busca da ostentação pelo que o símbolo representa.

Naturalmente que a questão da miséria e das milhares de pessoas que sentem fome continua a ser uma das mais gritantes formas de exclusão social da sociedade brasileira. A questão no entanto que requer uma reflexão é as relações entre furto e significado, ou seja o ladrão da sociedade atual busca no status que o produto do seu roubo simboliza para sentir no mesmo patamar de status quo daquele que possuiu o objeto que ele não possuía. A representação do ser humano se dá a partir daquilo que ele se mostra, a partir daquilo que ele consegue apresentar a si mesmo. Para conseguir tal status tudo torna-se possível.

O consumo tornou-se a grande religião do sistema capitalista que possui os mesmos desejos e que apresentam idênticas formas de relacionamento, mas que trazem em si uma forma diferente de apresentarem seus sacrifícios. Se por um lado as religiões apresentam deuses como seres transcendentais que a partir de seus símbolos demonstram um significado, o consumismo, tido como deus, necessita também de símbolos que elevam o indivíduo partir de sua posse a um patamar mais alto na busca por sua transcendência que se dá pela compra.

Dentro desse ponto de partida se dá uma inversão no sentido das buscas para se conseguir algo. O ser humano torna-se ao mesmo tempo um objeto de compra e também um objeto de propaganda para os outros. Ou seja a pessoa que usa aquela determinada roupa com a determinada marca está pagando para fazer a propaganda.

Um dos sociólogos mais conhecidos no Brasil é atualmente o polonês Zygmund Bauman, que além de uma crítica a sociedade de consumo realiza com maestria uma reflexão sobre as relações cotidianas entre as pessoas. Ele diz que a sociedade atual é uma sociedade líquida, ou seja uma sociedade em que as relações não se estabelecem dentro de um patamar de solidez. O contrário de sólido é o líquido, ou seja as relações se escorregam como líquido pelo vão das mãos.

*"O que todas essas características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas "por um momento". Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora seria um grave erro. Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datada."*²⁴⁴

Não somente as relações entre os seres humanos não são feitas para durar, mas os objetos também assumem a mesma função. Por exemplo, as roupas são concebidas somente para serem usadas em uma estação, pois na próxima, a moda já será outra e a roupa de seis meses atrás já não deverá ser usada.

É no entanto no campo das relações afetivas que se encontra a maior dificuldade de se lidar

244 Bauman, Zygmund: "Modernidade Líquida", Editora Zahar, tradução Plínio Dentzien, São Paulo 2008. Pag 8.

com os problemas do cotidiano. Tudo tornar-se muito volúvel e sem pontos de equilíbrio. O permanente torna-se passageiro e o importante nas relações é viver o momento. As situações conflituosas típicas de qualquer relacionamento, por exemplo, são vistos na atualidade não como capacidade de evolução e conhecimento mútuo, mas sim como forma de mostrar que tal relacionamento não dará certo.

As relações do mundo virtual são levados ao mundo concreto de uma maneira que relativiza a natureza de tais relações. A capacidade de conectar-se e desconectar-se no mundo virtual é levado para o mundo real nas suas mesmas características e formas.

A ligação no cotidiano com o mundo virtual é tão intensa que as pessoas já não percebem, ou não fazem distinção de um ou de outro. Tudo é uma questão de conectar-se ou desconectar-se. As várias páginas de relacionamentos existentes dão uma visão do significado do mundo virtual no mundo real. Adolescentes e adultos quando saem em algum lugar, não buscam a interação com o outro de maneira real. Primeiramente entram no site de relacionamentos e veem qual pessoa possivelmente compatível que se encontra por perto. Ao verificar isso inicia-se uma troca de mensagens escritas que podem durar muito tempo. Muitas vezes as pessoas com que as trocas de mensagens acontecem, sentam-se na mesa ao lado, mas isso é apenas um detalhe, pois no caso de incompatibilidade, não existe a necessidade de se despedir e explicar o porquê do não. Basta se desconectar e ambos sabem o significado de tal ação.

As mesmas relações de compra e venda, de objeto e sujeito²⁴⁵, de mercadoria e mercador são atualizadas no cotidiano. Os relacionamentos e as pessoas dentro de tais, são tratados como objetos que levam a um consumo. Se tal relacionamento não está de acordo com a exigências de um determinado "sujeito", ele vem a ser descartado ou atualizado por um programa compatível.

O amor desta atual sociedade é o amor compatível, não em forma de alteridade²⁴⁶, de crescimento em sua relação com o outro, mas sim como possibilidade de tirar proveito de uma relação que já antes de se iniciar está fadada ao fim. As pessoas tratam uma às outras como algo descartável, que somente serve para um determinado fim. É o copo de plástico descartável que depois de usado para beber cerveja, não serve para tomar água, por isso dever ser jogado no lixo.

O amor tornou-se algo relativo e descompromissado com o outro. O importante é uma boa noite de sexo, o ficar, e no outro dia nenhuma responsabilidade com outro. A emblematicidade

245 No sentido de quem realiza a ação no em um determinado momento, ou seja como termo essencial da oração sintática.

246 Alteridade é tratada como a interação que todo o indivíduo que na sua ação interdepende do outro, ou seja a existência do eu individual só existe no contato com o outro.

do amor perde lugar para o fugaz da perda da fantasia. Não existe mais espaço para as paixões, pois antes de existir o olho no olho, o sentimento de "da borboleta na barriga" existe a busca pela compatibilidade que iniciará com um App e terminará com uma noite de sexo. Em sonhos de uma noite de verão assim escreve Willian Shakespeare:

*"Die Liebe sieht Phantasie, Nicht durch die Augen, und deswegen wird, Der goldbeschwingte Amor blind gemalt. Geflügelt ohne Augen deutet er, Der Liebe Hastigkeit im Wählen an; Und weil sie leicht verlässt was sie erkohr, So stellt man ihn als einen Knaben vor; Wie Knaben oft beym Spiel meineydig werden, So scherzt des Knaben Amors Leichtsinn auch Mit seinen Schwüren."*²⁴⁷

A forma interessante dos relacionamento na atual sociedade brasileira, tem suas raízes fixadas numa profunda crise de valores morais e éticos, que se mostram de modo paradigmático e escondidos numa incongruente visão de realidade apresentada. A falsa moral do jeitinho juntamente com uma visão moralista é algo presente principalmente em instituições e instâncias que se dizem detentoras da moral.

A crise de moralidade e dignidade em que a sociedade atual se encontra pode ser claramente vista pela televisão. São os "Big brothers" e as "Fazendas" que elevam a pessoa ao patamar de ídolo de uma hora para outra, mas que no próximo momento torna-se descartáveis pois devem dar lugar ao próximo. Dessa forma o que se vê é uma perda total da dignidade e do amor próprio para dar lugar a dignidade aos olhos dos outros. Pessoas se deixam passar por provas, não somente ridículas, mas que ridicularizam sua dignidade para no final receber o prêmio da fama, ostentando assim em sua forma mais decadente a filosofia de Descartes²⁴⁸ ao avesso, onde o "cogito ergo sum" dá lugar ao "surge ergo sum". Um exemplo deste é um talkshow em que uma mulher sem roupas deve entrar por um túnel escuro. Dentro do túnel encontra-se variados insetos e répteis que caminham pela sua pele nua. Seu objetivo final é encontrar três moedas de metal amarelo que se encontram no ninho ou de cobras, aranhas ou outros répteis. Uma câmara de luz infra vermelha filma todos os seus movimentos e ações, que por medo urina e defeta sem controle sob seus atos. No final ela sai de dentro do túnel toda lambuzada e festeja com as duas moedas que ela conseguiu encontrar. A felicidade está intrinsecamente ligado ao poder de compra, ou seja para haver o poder de compra e fama, outro produto que mostra essencial na sociedade consumista, "para ser feliz", as pessoas se

247 Aufzug, 1. Szene. Übersetzung von Christoph Martin Wieland, in [de.wikipedia.org/wiki/Amor_\(Mythologie\)](http://de.wikipedia.org/wiki/Amor_(Mythologie))

248 René Descartes prega em sua "Meditations de prima philosophia" que o ser humano somente é quando ele tem noção de sua existência. Ela se dá pelo conhecimento que se adquire através do pensar.

submetem a toda e qualquer forma de decapitação do amor próprio.

É a destruição da dignidade própria para parecer digno aos olhos das outras pessoas. Isso gera uma profunda insegurança, pois aquilo que hoje é mostrado como fama amanhã com naturalidade será visto pelos outros como algo descartável. Uma das possibilidades desta descartabilidade ser anulada, segundo Bauman é através das redes sociais que dão ao usuário a possibilidade de se comunicar com o mundo e mostrar para todos a vida brilhante que não se tem.

Nas redes sociais as pessoas mostram-se no seu sentido utópico do não ser. É utópico porque corresponde a uma imagem que está relacionada com aquilo que se deseja ser, mas que não se é. O ser torna-se assim refém de uma realidade onde a ilusão da imagem dá lugar ao real. Já não se vive, mas sim o significado daquilo que se gostaria de viver, como imagem da expressão de uma realidade per si inexistente. O importante não se justifica por aquilo que se é, mas por aquilo que se imagina que as outras pessoas pensam que é. Dentro deste antagonismo de ser e não ser, desejar e se mostrar, a felicidade fica subjugada a interesses meramente enganosos e manipulativos. As pessoas tornam-se viciadas ao falso sentimento que a falsa felicidade proporciona. Por si só se chega a um amaranhado de pseudos significados e pseudos respostas, pois ao mesmo tempo que se esconde por detrás de uma falsa realidade, mesmo tendo consciência de sua falsidade, também procura-se dar importância a um possível significado de uma imagem aos olhos de uma terceira pessoa. Sendo assim, já não é mais o sentimento do "Eu" como ser, mas sim a imagem que os outros recebem do "Eu" que possibilitará um sentimento de felicidade. A falta de amor próprio juntamente com uma propaganda acelerada faz com que as pessoas não tenham tempo para refletir as particularidades de seus atos.

No entanto fica em tudo isso a pergunta: Será que a imagem transmitida pelas redes sociais geram a segurança e felicidade como ela é desejada? Atualmente não se existe mais a certeza de que os antigos tinham. Mesmo em tempo de guerra havia algumas certezas que não se mostravam imutáveis. Atualmente as certezas são diluídas e evaporadas pelo mundo líquido. Bauman se refere ao mundo líquido sem forma definida e que como a água define-se a partir de outros elementos.

Quando se refere a dúvida, no entanto convém que se faça uma ressalva ao seu papel e função ao longo da história da filosofia. Tal dúvida que orienta a sociedade atual não é a dúvida cartesiana e filosófica do existir a partir do pensar, tampouco a dúvida apresentada por Sócrates e seu questionamento conceitual a partir da não aceitação de premissas preliminares, mas sim de se poder duvidar de tudo. Naturalmente que a dúvida é um princípio básico da filosofia, mas que nem por isso pode-se afirmar que a sociedade atual é

uma sociedade com bases filosóficas. Como princípio, ela se apresenta como uma possibilidade de aprendizado e desenvolvimento de si mesmo e suas aptidões.

Juntamente com o conceito de dúvida chega-se ao conceito da diluição de autoridade e de tradição. Hannah Arendt assim descreve essa mudança de cosmovisão em que a desconfiança dá lugar a confiança, uma possível ruptura com a tradição em nome de uma nova forma de se adquirir o conhecimento.

*"Desde o surgimento das ciências, cujo espírito se traduz na filosofia cartesiana da dúvida e da desconfiança, o quadro conceptual da tradição deixou de estar seguro. (...) Uma vez desaparecida a confiança em que a realidade se nos mostrava tal como é, o conceito de verdade como revelação tornou-se duvidoso, e com ele a fé inquestionável num Deus objecto de revelação."*²⁴⁹

É no exato momento em que a negação do conceito de tradição e autoridade perdem seu sentido original, abre-se uma lacuna que deve ser preenchida com alguma coisa. No entanto a ideia da perda da autoridade não significa uma forma de anti autoridade e sim como uma possibilidade desta autoridade ser dividida por todos. É uma volta ao estado de natureza humana, em que não existem comandados nem comandantes, fazendo de todos os seres humanos iguais nas suas formas egoístas de se relacionar²⁵⁰. Os relacionamentos se dão a partir do pressuposto da auto preservação e da satisfação de seus desejos.

Com isso a nova forma de se relacionar com o outro se dá principalmente através das redes virtuais ou Whatsapp. Tal forma de relacionamento porém não pode ser vista como negativa, pois ela proporciona relações que antes não eram possíveis de existirem. Tais relacionamentos apresentam-se, no entanto ambivalentes, pois a presença não é representada como algo concreto e sim virtual. Ou seja o encontro entre as pessoas acontece com maior grau de intensidade pelas redes sociais. Casais se comunicam através do Whatsapp, com mais facilidade que pessoalmente.

O sentido da vida e da felicidade proporcionada pelas redes sociais estão intrinsecamente conectados com a possibilidade de ser visto e receber um like. Ou seja através da postagem o postador receberá os likes como símbolo de ser visto. O like da curtida substituiu a noção clássica e aristotélica da felicidade (eudemonia) e a pessoa se sente bem quando recebe muitas curtidas pela foto postada.

²⁴⁹ Arendt, Hannah, Entre o Passado e o Futuro, Relógio D'Água, 2006. Pag.53.

²⁵⁰ Thomas Hobbes descreve em "O Leviatã" este estado em que "o Homem é lobo do Homem".

Em uma sociedade edificada com base no consumo, tem-se a impressão de que o sujeito, com suas decisões e ações consome os objetos. Ou seja, pelo o ato de comprar, de se sentir querido, quando se recebe muitos likes etc. Bauman refletindo sobre isso mostra uma visão de que não é o sujeito que consome os objetos mas sim os objetos são quem consomem o sujeito. O calendário de festas anuais, por exemplo, mostra claro o significado deste consumo. Ou seja é nos produtos e na sua opção pela compra que se percebe os objetos que coordenam a ação do ser humano. A relação sujeito e objeto se dá de tal forma que o sujeito é levado a decidir sobre a compra, mas sem ao menos perceber que está decisão é produto de uma manipulação do objeto.

"No mundo pós-moderno de estilos e padrões de vida livremente concorrentes, há ainda um severo teste de pureza que se requer seja transposto por todo aquele que solicite ser ali admitido: tem de mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida na caça interminável de cada vez mais intensas sensações. E cada vez mais inebriante experiência." ²⁵¹

Ou seja por meio da propaganda o objeto torna-se sujeito e o sujeito torna-se objeto. Com isso o sujeito original perde sua noção de ser e mergulha no mundo do objeto. A identidade do sujeito passa a ser dependente daquilo que objeto pode lhe proporcionar. A definição do sujeito pelo objeto, eleva o objeto ao patamar de orientação de auto ajuda²⁵², criando assim um

251 Bauman, Zygmund. O mal estar da pós-modernidade, Rio de Janeiro, Zahar, 1998. Pag. 23.

252" Como fazer amigos e influenciar pessoas, livro escrito pelo autor estadunidense Dale Carnegie foi escrito em 1936. Seu pensamento é assim sintetizado:

"Técnicas Fundamentais em Lidar com as Pessoas: Não critique, Não condene, não se queixe. Dê apreciação honesta e sincera. Desperte na outra pessoa um desejo ardente. **Seis Formas de Fazer com que Gostem de Si:** Torne-se genuinamente interessado em outras pessoas. Sorria. Lembre-se que o nome de uma pessoa é, para essa pessoa, o som mais doce e importante em qualquer língua. Seja um bom ouvinte. Encoraje os outros a falarem deles próprios. Fale em termos de interesse da outra pessoa. Faça a outra pessoa sentir-se importante – e faça-o sinceramente. seja humilde. Não menospreze ninguém. **Doze Formas de Atrair Pessoas à Sua Forma de Pensar:**A única forma de receber o melhor de um argumento é evita-lo. Mostre respeito pelas opiniões da outra pessoa. Nunca diga "Está Incorrecto." Se está incorrecto, admita-o rapidamente e com empatia. Comece de uma forma amigável. Inicie com perguntas a que a outra pessoa irá responder sim. Deixe a outra pessoa fazer uma grande parte do falar. Deixe a outra pessoa sentir que a ideia é dele ou dela. Tente honestamente ver as coisas do ponto de vista da outra pessoa. Seja compreensivo com as ideias e desejos da outra pessoa. Apele aos motivos mais nobres. Dramatize as suas ideias. Coloque um desafio. Seja um Líder: **Como Mudar Pessoas Sem Causar Ofensa ou Ressentimento:** Comece com louvor e apreciação honesta. Chame atenção aos erros das pessoas indirectamente. Fale dos seus próprios erros antes de criticar a outra pessoa. Faça perguntas em vez de dar ordens directas. Permita à outra pessoa manter-se bem vista. Dê louvor a todas as melhorias. Dê à pessoa uma boa reputação para assegurar. Use encorajamento. Faça a falha parecer fácil de corrigir. Faça a outra pessoa feliz em fazer aquilo que está a sugerir." in pt.wikipedia.org/wiki/Como_Fazer_Amigos_e_Influenciar_Pessoas

vazio preenchido somente com a posse de determinado objeto. Aparentemente a questão da felicidade e a sua busca esta ligada a inteligência. Ou seja, já contrariando o pensamento de Epicuro, aquelas pessoas que mais pensam e refletem sobre sua existência encontram maiores dificuldade para serem felizes.

A inteligência questiona padrões de felicidade que por si só não leva a um final feliz. No entanto a felicidade não está ligada a fórmulas preestabelecidas como dois mais dois são quatro. Neste nível de felicidade, o romantismo tem uma função especial. Eles trabalham juntos na busca pelo ideal. Ou seja tudo aquilo que é realizado de uma maneira que dá prazer, com um sentimento quase infantil possibilita um caminho mais abrangente para ser feliz. Ou seja a felicidade é algo que infantil é viver o agora e o momento.

O escritor Mihay Csikszentmihalyi denomina tal momento, de sentimento de Flow²⁵³. Ou seja um momento de profunda concentração mental em que não se percebe as coisas que estão ao seu redor, tampouco o tempo. É a satisfação de realizar tal ação que por si só eleva o espírito a um nível superior de satisfação e felicidade. O autor demonstra algumas condições que podem se mostrar favoráveis e que podem estar presentes para acontecer o sentimento de Flow. Ou seja na realização de qualquer trabalho, tarefa ou qualquer arte de ação faz-se necessário o envolvimento, estar focado e concentrado naquilo que se faz. Tal forma de concentração proporciona uma estado de êxtase, que o joga para fora da realidade. Neste momento não existe importância com o mundo em redor. Cria-se uma ruptura entre a vida cotidiana com aquilo que se está realizado e o sentimento da perda da noção de tempo.

Tal momento, no entanto, não é um momento de euforia, mas de autoconhecimento como possibilidade não para ser feliz, mas sim como capacidade de interpretação dos momentos de felicidade e os separá-los de outros sentimentos menos densos como o da euforia.

Felicidade segundo Cortella é muito diferente do sentimento de euforia. Para defender sua posição ele cita os vários métodos que podem induzir uma pessoa ao estado de euforia. No entanto, o estado de euforia não é um estado de vibração, de fertilidade. Ser feliz, ao contrário, é um estado de vibração da fertilização, onde a vida desperta e gera frutos e fazem outras pessoas também felizes.

A fertilidade que tem a mesma raiz latina que felicidade, gerada pela felicidade não está reclusa somente ao ser humano e suas relações, mas também com o seu meio ambiente em que ele interage de alguma forma. Já Dalai Lama em "The Art of Happiness"²⁵⁴, declara os minutos como preciosíssimos para ser feliz. A utilização do tempo é algo importante pois

253Csikszentmihalyi, Mihaly. Flow - Das Geheimnis des Glücks. J.G. Cotta' Buchadlung, Stuttgart, 1992.

254 Dalailama e Cutler C. Howard: A Arte para a felicidade, um manual para a vida. Tradução Valdá Barcelos, São Paulo, Martins Fontes 2000.

ela vai gerar a felicidade, vem encher o ser humano de algo que muitas vezes é difícil de se explicar.

Há alguns anos atrás após a morte de meu irmão conversando com meu pai sobre o sofrimento da perda e das dificuldades de aceitar tal catástrofe, ele falou uma frase que poderia ser redimensionada ao sentimento de felicidade. "Somente sente, que tem a dor", disse ele. Isso vale também para a felicidade. Somente sabe-se que está feliz quem sente-se feliz. Por isso é que Dalai Lama diz que a utilização adequada do tempo é algo importante para ser feliz. Olhando foto antigas ou reencontrado velhos amigos depois de muito tempo ausente, leva-nos a perceber o valor do tempo. Na maioria das vezes envelhecemos sem nos darmos conta. De repente percebemos que aquela pessoa que antes era criança, já tornou-se adulta e notamos como o tempo passa. A passagem do tempo é mais fácil de se perceber no rosto dos outros que no rosto de nós mesmo. No Budismo um dos principais objetivos é viver plenamente o agora. Viver o agora é estar consciente do já, do presente, é o "Carpe Diem" vivido de modo consciente mas não irresponsável.

Viver o momento presente não significa viver o sociedade do imediato, de aceitação das coisas como elas parecem ser. Isso seria uma alienação e uma forma de deixar-se ser manipulado. A sociedade da atualidade é uma sociedade imediatista, onde aquilo que vale para hoje, amanhã não terá mais o mesmo sentido, ou amanhã já será substituído por algo novo. Dentro dessa visão o Carpe Diem se encaixa claramente. Viver o agora, pois quem sabe como será o amanhã. As grandes possíveis catástrofes da humanidade que nos são confrontadas todos os dias levam a uma ilusão do máximo proveito do aqui e do agora. No entanto, o aproveitar o aqui e agora não significa viver o momento de modo consciente. Viver o momento de modo consciente é não aceitar que não existe alternativas para o futuro, somente ver o mundo por um olhar negativo, um olhar pessimista. Claro que existe suficiente motivos para ver o mundo de forma pessimista.

A possibilidade da terra ser exterminada por uma bomba atômica é uma destas. Os arsenais nucleares já existentes nos oitos países do mundo poderia destruir a terra mais de 100 vezes. A alarmante possibilidade vem se juntar ao desequilíbrio ambiental, a corrupção dilacerada e ao empobrecimento da população mundial, deixam qualquer pessoa pensativa no seu futuro e de seus filhos. No entanto passar o dia pensando nisso é não deixar as possibilidades positivas aflorcerem. A mídia realiza isso com grande perfeição: mostra os problemas e depois a solução. Paradoxalmente a solução demonstrada pela mídia não está no enjangamento e na visão de que existe muitos exemplos positivos de uma sociedade ética e que respeita o meio ambiente como um todo. A solução da mídia está no imediato, na aquisição de um carro novo,

na possibilidade de férias em ambientes paradisíacos. Para os homens são apresentados lugares onde desfilam mulheres bonitas geralmente com poucas roupas e para as mulheres são apresentados ambientes de moda, onde a pessoa pode fazer suas férias comprando roupas e indo em institutos cosméticos para tratar da beleza da pele, dos cabelos etc.

Atualmente numa sociedade capitalista somos levados o tempo todo a invocar o deus consumo. Franz Hinkelammert chama isso de metafísica do empresariado²⁵⁵. Segundo ele, ela é divulgada camuflada em todos os sentidos no mundo da atualidade. Ela aparece não como algo estático mas sim em seu conjunto alegórico de imagens que nada mais são que formas alegóricas de encobrir uma outra busca. A busca pelo consumo de bens.

*"O empresário capitalista é devoto desta metafísica, tratando-se como esqueleto de sua religiosidade. Mesmo quando ele presume não ter nenhuma religiosidade, continua tendo esta metafísica"*²⁵⁶

Tal metafísica se define pelo uso da mercadoria e do dinheiro, ou seja ela é dividida entre mercado e capital. A presença constante desta metafísica é expressada nos meios de comunicação de massa, ou mídia. Seu esforço é gigantesco para que " *com o objetivo de transformar constantemente essa metafísica empresarial no sentido comum de toda a população*".²⁵⁷

Naturalmente que a metafísica empresarial não é divulgada somente pela mídia. Já anteriormente de chegar a mídia, ela é trabalhada e teorizada por teóricos do capitalismo dentro de uma perspectiva empresarial. Neste sentido aquilo que mídia vende como algo espetacular, de uma forma que não haverá amanhã, encontra em seu lema Carpe Diem a sustentação para isso.

Foi Horácio o pensador Romano que escreveu em um dos seus poemas, no ano de 65 a.C. o Carpe Diem como uma forma de aproveitar o máximo do presente, pois o futuro era incerto. Naturalmente que na época o aproveitar o máximo da vida vinha de encontro com o esfacelamento do império romano. Os romanos não vinham perspectivas em seu futuro. O significado desta postura na atualidade leva a uma reflexão sobre a história, com seu passado presente e futuro. O medo que permeia a sociedade de hoje, é um medo semeado juntamente com a possibilidade de não haver futuro. Dessa forma é quase impossível não se

255 Hinkelammert Franz: Raízes econômicas da idolatria in a luta dos deuses os ídolos da opressão em busca do Deus libertador, edições paulinas, 2º edição, São Paulo, 1995. Pag.227.

256 Hinkelammert Franz: Raízes econômicas da idolatria in a luta dos deuses os ídolos da opressão em busca do Deus libertador, edições paulinas, 2º edição, São Paulo, 1995. Pag.227.

257 Hinkelammert Franz: Raízes econômicas da idolatria in a luta dos deuses os ídolos da opressão em busca do Deus libertador, edições paulinas, 2º edição, São Paulo, 1995. Pag.227.

apegar aquilo que se é oferecido como uma perspectiva. Viver intensamente a vida presente torna-se quase uma imposição social. Tal ideologia é incutida na cabeça das pessoas. Não somente os jovens veem tal perspectiva como a única, mas também crianças, velhos e adultos. A visão de uma sociedade apocalíptica em que decreta o fim das utopias gera uma frustração interior e tal frustração necessita ser alimentada no viver o dia sem pensar no amanhã.

A questão que requer ser analisada dentro deste conceito é a lógica da história. As pessoas não sabem ser felizes por si só, elas necessitam o auxílio que vem do aproveitar a vida o máximo, é a maximização do prazer imediato. Juntamente com maximização do prazer vem o sentimento de frustração de não conseguir aproveitar o máximo do momento. No momento de frustração surge um auxílio que o ajudará a elevar ao máximo seu sentimento de prazer. Dá-se o encontro com as drogas. São medicamentos para dormir, para acordar, para se deixar em estado de alerta etc. O corpo humano não encontra tempo para descansar, está a todo o momento em constante movimento destrutivo. No Brasil, nos últimos anos aumentou quantidade de pessoas que morrem em decorrência de ataque cardíaco. Segundo dados do Ministério da Saúde²⁵⁸ do Brasil 70 mil pessoas morrem por ano em decorrência de infarto. Isso seriam quase 30% das mortes no Brasil.

Já elencamos várias vezes que a felicidade não é algo que pode ser comprada e buscada a qualquer custo. Não se encontra a felicidade quando se busca por ele por si só. A felicidade não é um Oásis repleto de riquezas e tudo mais que um Oásis pode proporcionar.

A estória do homem rico que possuía milhões de hectares de terra, apartamentos em várias capitais do mundo e bilhões de euros investidos na bolsa de valores, elenca um pouco dessa visão. Tal homem no entanto não se sentia feliz, tudo aquilo que ele fazia, suas viagens, seus cruzeiros marítimos, suas festas de quinze dias, não lhe traziam satisfação; ele tampouco sentia-se feliz. Um determinado dia ele resolve vender toda a sua fortuna e sair em busca da felicidade. Ele vai de um lugar para outro, lá lhe informam que a felicidade pode ser encontrada em um determinado lugar, em um determinado país. Ele pega toda a sua fortuna em formas de joias e sai em busca de seu objetivo que é a compra da felicidade. Já no início sua viagem ele encontra um homem pobre sentado na rua pedindo esmola. Por algum motivo estranho o homem rico se aproxima do mendigo e pergunta se ele é feliz, pois é impossível viver na pobreza e ser feliz. O homem pobre diz que às vezes sim e às vezes não. O homem pobre diz que quando ele volta para casa com alguns trocados que ganhou das pessoas, sente-se feliz em poder comprar com tal dinheiro comida para seus filhos. O homem rico viaja então até a Índia, pois alguém lhe disse que lá existe um sábio, um velho monge que poderia lhe

258 in <http://www.brasil.gov.br/>

informar onde a felicidade poderia ser comprada. O sábio não entende muito bem sua pergunta, pois o viajante falava em compra da felicidade. Com certa dificuldade o sábio lhe explica que a felicidade não pode ser comprada ou vendida, mas sim algo que precisa ser cultivada dentro de cada um.

Naturalmente que o homem rico não se dá por satisfeito e continua sua viagem. Antes porém da despedida o velho sábio indiano lhe diz que ouviu dizer que no deserto do Saara existe um lugar onde está escrito " Aqui temos felicidade para vender". Talvez lá seja possível encontrar a felicidade, disse o sábio. O homem rico vende seus caminhões cheios de joias e compra milhares de camelos para transportar sua riqueza no meio do deserto. Ao chegar ao local informado, ele lê uma faixa escrita: " Temos felicidade para vender". Sem muito perda de tempo o homem rico desce de seu camelo e se adentra a tenda. Dentro ele encontra um balcão e atrás do balcão está uma jovem moça. Ele pergunta: "É aqui que se compra a felicidade"? Sim nós temos felicidade para vender, responde a jovem. O homem explica que passou por quase todos os lugares do mundo em busca da compra da felicidade e que finalmente encontrou-a e quer comprá-la, não importa o preço que for. A jovem vai até uma salinha ao lado, e traz consigo uma pequena caixa, mais ou menos como uma caixa de fósforos onde esta escrita. " Felicidade"! O homem rico a abre e vê nela algumas sementinhas pretas. Ele olha para elas, olha para a jovem e diz não entender a brincadeira, pois somente vê pequenas sementes dentro da caixa. A jovem lhe responde. Meu senhor aqui estão as sementes da felicidade. Leve-as e cultive, cuide delas, que elas lhe darão o que o senhor tanto busca. As semente são de bondade, amizade, de mansidão, de justiça.

3.4-A construção dos símbolos como sentido da vida

A ideia que perpassa através da relação pós modernidade e consumismo é de que as relações do ser humano estão mais voltadas ao ser que com o ter. Muito embora em uma primeira análise essa premissa pareça ser um tanto paradoxal, tal forma de ver e agir na sociedade demonstra um forte significado de busca pelo sentido da vida. A busca pelo sentido é sempre uma busca pelo ser, o problema reside, no entanto, nos meios utilizados.

O homem pós moderno não consome os objetos, porém seu o significado²⁵⁹ (Baudrillard Simulacros e simulações 1992), os objetos são apenas meios encontrados para alcançar seu significado. A propaganda, as grandes indústrias cinematográficas descobriram há muito tempo esse desejo pelo transcendente racional e sem mais inseriram personalidade aos objetos. Tal descoberta perpassa naturalmente pela descoberta dos desejos humanos, seus hábitos, gostos e necessidades. Criou-se a indústria da manipulação dos sentimentos do ser humano. O triunfo do significado das coisas perante o objeto em si revela uma sociedade totalmente voltada para os conceitos, para o abstrato em detrimento ao material. O material é somente um meio usado para se chegar ao imaterial atingível, palpável e próximo. De que adianta a religião ensinar que o deus transcendente é também imanente se não pode-se senti-lo? O ser humano pós-moderno necessita deste transcendente que se manifesta em sua imanência. O crer em um conceito de transcendente não basta é preciso senti-lo. É necessário carregá-lo consigo em seu bolso ou em sua sacola de mão. É estar disponível a todo o momento na busca pelo deus transcendente do mundo virtual.

A distinção entre significado e objeto no sentido real é porém, complexo e difícil de se concretizar, pois um é dependente do outro. A lei do consumo faz com que o significado abstrato das coisas estejam intimamente ligados com o objeto material e o contrário. O consumidor somente adquire seu significado a partir de sua posse. Contexto os bens de consumo tornam-se subordinados a um conceito de marketing. É o marketing que dará personalidade a tal objeto, que para tanto necessita de um conceito que traga em si desejos inconscientes do ser humano.

Assim a publicidade cria um mundo ilusório, um mundo de faz de conta, um mundo em que a imagem, é mais importante que o real. O mundo irreal definido por Platão como sombras nas paredes da caverna da ilusão, torna-se real. Baudrillard assim define as estruturas do novo mundo.

"Nesta passagem cuja curvatura já não é a do real, nem

259 Baudrillard, Jean. Simulacro e simulações, Editora Relógio d' água, Lisboa 1991.

a da verdade, a era da simulação inicia-se, pois, com a liquidação de todos os referenciais – pior: com a sua ressurreição artificial no sistema dos signos, material mais dúctil que o sentido, na medida em que se oferece a todos os sistemas de equivalência, a todas as oposições binárias, a toda álgebra combinatória." ²⁶⁰

O processo de concretização do mundo ilusório e irreal é fomentado pelo marketing e propaganda.²⁶¹ Estes dois elementos são essências para o sentido que os significados adquirem na vida do ser humano. Embasados em estudos psicológicos sobre o ser humano, o marketing e a propaganda conseguem atingir seu centro vital, o ponto crucial do ser humano: o desejo pelo transcendente. Dessa forma eles conseguem criar no ser humano desejos e vontades que normalmente o indivíduo nem sabe que existe dentro dele. Para responder tal questão aparece o marketing e sua gama de informações e benevolências. No entanto tais informações aparentemente oferecidas gratuitamente e apresentadas como portadoras da felicidade trazem consigo elementos geradores de uma forma ilusória de felicidade.

Um dos principais elementos é o conceito de identificação. A forma mais casual de identificação é aquela em que uma pessoa se vê através do outro. Ela se olha no espelho, embora o espelho reflita sua imagem de volta, não é sua própria imagem que o receptor recebe, mas sim a imagem do objeto ou pessoa com que ele se identifica. Neste momento o referencial, que deveria ser o eu, o concreto, adquire o sentido do outro, mas não do outro como forma de interação e sim como forma de imagem abstrata e ilusória. O sentido de não existência, do não ser, de irreal. A realidade passa a ser então uma realidade simulada por si mesmo. O real deixando de existir torna tudo aparente. A imagem torna-se objeto de desejo, e o significado dita as normas. O consumismo torna-se necessidade básica. Contrariando assim a pirâmide²⁶² de Maslow.

"o homem as necessidades fisiológicas são básicas para a sobrevivência, e fazem parte da base do desejo humano. Os outros estímulos são percebidos somente depois de supridas estas primeiras necessidades. As necessidades de segurança estão relacionadas com a

260 Baudrillard, Jean. Simulacro e simulações, Editora Relógio d'água, Lisboa 1991. Pag.9.

261 As diferenças e as semelhanças entre estes dois conceitos, embora nem sempre vistos como distintos entre si, traçam um perfil de consumidor, de marca, e de objetivos como atingir a meta final, que é o interesse do consumidor pela marca.

262 Maslow hierarquiza as necessidades partir das quais as que estão no nível mais baixo da pirâmide devem ser primeiramente solucionadas para depois partir para as que estão no nível mais elevado da pirâmide. Sendo assim as necessidades fisiológicas como comer e beber devem primeiro serem saciadas para depois partir rumo a escalada da pirâmide da felicidade

segurança física e psíquica- significam a necessidade de abrigo, agasalho e proteção que é provocado pelo temor ao desconhecido, ao novo, ao não familiar à mudança, à instabilidade, etc. As necessidades de afeto estão ligadas aos sentimentos afetuosos e emocionais, de amor e de pertinência as pessoas com as quais se relaciona intimamente. Já as necessidades de status e estima ocorrem apenas quando se apresenta alimentado e seguro. Por último, existem as necessidades de autorrealização; nesta fase o indivíduo tem a necessidade de desenvolver as suas potencialidades, de conhecer, estudar, sistematizar, organizar, filosofar".²⁶³

A aparência torna-se tudo. O pacote de presente torna-se mais importante que o objeto a ser presenteado, o livro torna-se mais importante que seu conteúdo. Assim acontece também a mudança dos conceitos em relação ao corpo. O corpo humano não é visto como um todo. O importante é o que pode ser apresentado. O que pode ser escondido se esconde, tudo pode ser dissimulado. Dissimula-se o que tem assim como o que não se tem. As cirurgias plásticas estéticas são exemplos marcantes da simulação.

O aumento significativo das academias de ginástica dá um pouco a entender a estética do corpo e conseqüentemente da imagem corpórea como uma forma de mostrar-se aos outros. Nos últimos anos o culto ao corpo adquiriu um espaço significativo como objeto de fetiche na sociedade. Se por um lado o culto ao corpo adquiriu um status enorme na sociedade cresce também o sentimento da insatisfação com seu próprio corpo, pois não se consegue seguir a perfeição do corpo mostrada pela propaganda.

"Um estudo, inquérito epidemiológico, em 1.183 alunos, faixa etária de 6 a 18 anos, em escolas públicas e particulares de Belo Horizonte, Minas Gerais, mostrou que a maioria dos alunos (62,6%) estava insatisfeita com seu corpo. Do total, 33,7% gostariam de ser mais magros, 28,9% gostariam de ser mais gordos e 37,4% sentiam-se bem com o corpo. Os resultados mostraram percentual elevado de alunos com insatisfação corporal, iniciando

263 Serrano, Climene Maria Lopes. Educação Ambiental e Consumismo em Unidades de Ensino Fundamental de Viçosa - MG. Viçosa. UFV 2003. Pag. 33.

numa idade precoce e sujeita a riscos pela associação possível com transtornos alimentares, baixa autoestima, limitações no desenvolvimento psicossocial, depressão, manutenção de obesidade e outros riscos." ²⁶⁴

Ao que tudo indica o conceito de felicidade no Brasil passa naturalmente pelo conceito de estética e de beleza. Talvez a beleza não seja o fator mais importante de influência na vida das pessoas, no entanto há de se considerar que os padrões de beleza, queira-se ou não fazem parte de vida das pessoas já anteriormente ao seu nascimento. No entanto comparada ao específico da luta pela sobrevivência, a beleza não desempenha um papel importante, mas secundário, e estabelecida, depois que outros significados já não significam mais. No entanto o contrário também é verdadeiro, beleza está intrínseco na vida das pessoas de tal maneira que quase sempre sem ao menos perceber elas fazem uso de tais padrões.

"Im Alltag stellt Schönheit einen Wert dar, der von der Geburt (dem 'schönen' Baby) bis zum Tod (der 'schönen' Leich) präsent ist. Schönheit bestimmt in hohem Maße Erotik und Sexualität (der 'schöne' Körper, 'schöner' Sex), Schönheit grundiert die Ziele und Wunschvorstellungen unserer Lebenspraxis (die 'schöne' Wohnung, der 'schöne' Urlaub, das 'schöne' Haus, ein 'schöner' Abend)". ²⁶⁵

O belo está presente já desde o início da vida até morte. Mas isso tudo não passa de valores secundários pois se perguntarmos aos pais se preferem um filho belo ou sadio, naturalmente que a beleza já ocupará um lugar secundário na escala de valores. No cotidiano a beleza está relacionado com episódios esporádicos da vida e sua relação ambígua entre belo e não belo. É sem dúvida uma relação de comparação automática. Nesta fase as pessoas não veem o belo através do elo simétrico entre as partes, mas como forma de comparação com a ideia de não belo e belo. Uma pessoa obesa por exemplo, não deixa de ser bela em si, pela simples razão dela ser obesa, mas sim pela comparação com a ideia de magreza. Nesta primeira fase não existe ainda a reflexão em cima do significado do belo em si. Os critérios, são apresentados por fatores externos e assimilados sem que ao menos percebam-se.

Nesta primeira fase do conceito de beleza, ou a pergunta sobre a natureza do conceito de beleza ainda não existe. Se existem critérios objetivos ou subjetivos para se analisar o belo, eles porém

264 Riberio, Paulo César Pinho, Oliveira, Pietro Romanelli Burgareli: Culto ao corpo, beleza ou doença, Revista oficial do núcleo de saúde do adolescente, UERJ, Vol 8, Nº 3 jul/Set 2011.

265 Liessmann, Konrad Paul. Schönheit. Facultas verlag, Wien, 2009. Pag. 7.

não desempenham nenhuma função reflexiva. As relações entre o eu e o objeto identificado se dá de forma superficial e livre de qualquer forma de contato emocional. Tal objeto é visto e a conclusão acontece. Apesar de não existir nenhuma forma de ligação emocional, tal ação acontece somente no nível dos sentidos. Os olhos veem e ao mesmo tempo concluem. No entanto por mais superficial que essa forma de contato se pareça, ela não está livre de pressupostos. Um dos primeiros e mais importante pressupostos é a comparação com do "Eu" como imagem refletora, ou como os outros o veem. Na sociedade atual a preocupação com aquilo que os outros dizem ou pensam tornou-se mais importante que aquilo que se é pensado sobre si próprio.

Atualmente o conceito de prazer é usado para diferenciadas maneiras do ser humano se corresponder consigo, com os outros e com objetos em seu redor. O prazer tornou-se símbolo de uma sociedade voltada para o consumo e consequentemente símbolo de felicidade. Em seu nome o ser humano realiza grandes feitos, tem desenvolvido novas formas tecnológicas, sofisticando e aumentando cada vez mais suas possibilidades de atingi-lo em um grau de maior intensidade. Do lado obscuro do prazer, o ser humano depara-se com o sofrimento, com o medo, com a perda a liberdade e com uma vida comandada por terceiros.

No seu " Brave New World"²⁶⁶ Adolf Huxley retrata um mundo dilacerado pelo medo de ser infeliz. O seu futuro hipotético narrado por Huxley mostra um ser humano biologicamente e psicologicamente condicionado a viver de acordo com as regras sociais estabelecidas por uma elite. No " Admirável Mundo Novo" não existe a possibilidade de se desenvolver fora das normas vigentes da sociedade.

"No momento em que o director da Incubação e do Condicionamento entrou na sala, trezentos fecundadores, curvados sobre os seus instrumentos, estavam mergulhados naquele silêncio em que apenas se ousa respirar, naquela cantilena ou assobio inconsciente com que se traduz a mais profunda concentração. Um grupo de estudantes recém-chegados, muito novos, rosados e imberbes, comprimiam-se, possuídos de uma certa apreensão e talvez de alguma humildade, atrás do director. Cada um deles levava um caderno de notas, no qual, cada vez que o grande homem falava, rabiscavam desesperadamente. Bebiam a sua sabedoria na própria

266 Publicado em 1932.

*fonte, o que era um raro privilégio. O DIC de Londres-Central empenhava-se sempre em conduzir pessoalmente a visita dos seus novos alunos aos diversos serviços."*²⁶⁷

Nele se encontra a chamada "felicidade artificial" e condicionada que tanto é conhecida na atualidade. Apesar de ser uma obra distópica publicado na Inglaterra no ano de 1932 e no Brasil nove anos depois ela remete a uma categoria que atualmente é aceita na sociedade. Basta ler algumas páginas que se terá a ideia de que história se passa na atualidade, pois grande são as coincidências que elas são apresentadas. A história que ocorre em um futuro distante na chamada era Fordiana, mais precisamente no ano de 600 desta era, ou 2500 na nossa era, é uma história futurista em que, em muitos pontos podem ser associadas. Nesta sociedade vários conceitos e valores que para o Homem são tidos como sua essência, não existem. Por exemplo o conceito de amor e felicidade são deixados de lado para dar lugar uma vida orientada para a produção e a segurança.

A ideia de Huxley foi explorada também no filme "Superman, the Man of steel" na qual a sociedade é estabelecida de acordo com sua organização de castas. As pessoas já não nascem a partir de uma relação sexual entre homem e mulher mas sim são embriões que são separados de acordo com uma tabela de necessidades. No entanto, deixando de lado os fatos e decorrências no que dizem respeito ao livro, o importante neste contexto é o significado que ele tem para a nossa sociedade atual.

Um dos destaques de seu livro que na análise da sociedade sobre o ponto de vista da felicidade interessa é a questão das possibilidades. Num mundo automatizado e comandado por pessoas criadas a partir de um mesmo molde, não existe lugar para a flexibilidade e para a fertilidade, tampouco para o acaso. Perde-se assim a razão de viver²⁶⁸ que Mercedes Sosa, a já falecida cantora Argentina tão bem compõe. A razão de viver torna-se refém de uma situação de uma forma preestabelecida de pensar e agir. O ser humano já não tem mais liberdade de decidir por si próprio. As regras estabelecidas pela sociedade de consumo levam a essa forma de pensar e mesmo sem perceber sua situação, ele se torna uma máquina, onde

267 Huxley, Adouls. 'Brav New World'. Tradução Mario Henrique Leiria, São Paulo, Editora Antígona, 2013. Pag.1.

268 "Para decidir si sigo poniendo, Esta sangre en tierra, Este corazon que bate su parche, Sol y tinieblas, Para continuar caminando al sol, Por estos desiertos, Para recalcar que estoy vivo, En medio de tantos muertos, Para decidir, Para continuar, Para recalcar y considerar, Solo me hace, falta que estes aqui, Con tus ojos claros, Ay! fogata de amor y guia, Razon de vivir mi vida, Para aligerar este duro peso, De nuestros dias, Esta soledad que llevamos todos, Islas perdidas, Para descartar esta sensacion, De perderlo todo, Para analizar por donde seguir, Y elegir el modo, Para aligerar, Para descartar, Para analizar y considerar, Solo me hace falta que estes aqui, Con tus, ojos claros, Ay! fogata de amor y guia, Razon de vivir mi vida, Para combinar lo bello y la luz, Sin, perder distancia, Para estar con vos sin perder el angel, De la nostalgia, Para descubrir que la vida va, Sin pedirnos nada, Y considerar que todo es hermoso, Y no cuesta nada, Para combinar, Para estar con vos, Para descubrir y considerar, Solo me hace falta que estes aqui, Con tus ojos claros, Ay! fogata de amor y guia, Razon de vivir mi vida". in www.letras.mus.br/mercedes-sosa/200727/traducao.html

o importante é estar em constante movimento ou inerte dentro de suas possibilidades já anteriormente estabelecidas. Essa visão de ser humano não leva ao sentido da vida e a busca pelo auto conhecimento.

No mesmo sentido o filme Matrix, que já foi também anteriormente citado apresenta um mundo onde as máquinas são quem comandam o humano. Ela traz em si um ceticismo inerente de que o futuro, onde o materialismo e a ideia de progresso possa levar a humanidade a tornar-se escrava de si mesmo em nome uma segurança. Ou seja para se chegar ao conforto exterior, faz-se necessário abrir mão das possibilidade de evolução interior, da possibilidade de ser feliz. É uma luta interior que quando tal realidade é aceita pelo ser humano ela já não mais existe mais. O Homem se torna refém de um planejamento onde a ordem é substituída pela liberdade e a felicidade pela uniformidade.

Quando se analisa a sociedade atual e a descrição de Huxley percebe-se uma grande afinidade entre ambas que deixa qualquer um espantado. Sua atualidade é exorbitante. O Homem moderno não é, em sua forma mecânica comandada por máquinas, mas basta caminhar pela cidade ou mesmo observar as pessoas no trem para perceber tal proximidade. As pessoas perderem o sentido de percepção um dos outros em detrimento a máquina do seu smarfone. Em observação superficial²⁶⁹, percebe-se que a 30% das pessoas que estão dentro trem em São Paulo, estão olhando para seu smartfone. Na maioria destas pessoas tal forma de agir se automatizou e eles agem assim, sem ao menos perceber o que estão fazendo. Tal ação faz com que o ator perda sua noção de protagonista, passando a ser mero coadjuvante de cena. Os acontecimento que se passam ao seu redor passam-se despercebidas no do seu mundo (ir)real.

Tal forma de agir não está restrita somente a uma faixa etária da sociedade, são velhos, adultos e até mesmo crianças que já vivem mais tempo em um mundo virtual, na linguagem de Huxley, comandada pelas máquinas, que em mundo real. É o universo dos Pokemons, dos emoticons enfim do jogos virtuais e dos encontros virtuais quem comandam a vida das pessoas. Quase ninguém sai para fora de casa sem levar consigo seu celular. Ele torna-se o melhor amigo o confidente das horas amargas e a porta para a divulgação dos momentos alegres e "felizes". Tudo aquilo que acontece em determinados momentos necessitam com isso serem compartilhados, pois a premissa de Descartes "penso, logo sou", foi substituída pelo posting, logo sou. Ou seja o ser humano só se torna alguém quando é visto pelos outros e recebe um like ou uma emoticon.

Os emoticons aliás tem uma uma função especial no mundo virtual, ela substitui os conceito da

²⁶⁹Tal observação não tem fins estatísticos de pesquisa. Ela somente diz respeito a maneira de como as pessoas se interagem entre si quando estão por exemplo no trem.

língua escrita e falada. Ou seja quando a pessoa não sabe o que escrever, clica nos emoticons e elas dão a resposta que não é nem sim nem não, nem bom nem mau, ela é um emoticons, uma forma de não comprometer-se, de não compreensão. Eles são a ausência dos conceitos, a imagem do vazio da compreensão do ser.

3.4.1- A felicidade como sentido da vida numa visão subjetiva e de relações

Tomas de Aquino diz que em tudo o que o ser humano faz, até na prática do mal, ele busca a felicidade. Isso é válido para todos os seres vivos. Ou seja não há nada que se faça que não seja uma busca pela própria felicidade.

No entanto, existem muitas formas de se expressar sobre o termo de felicidade. Frei Betto faz uma distinção entre prazer, alegria e felicidade. Para ele prazer significa, se encontrar com alguém, tomar um bom vinho, um bom bate papo, ver um bom filme ou até uma noite bem dormida. A alegria se transpõe em um bom filme, o time do coração vence o campeonato etc. Felicidade no entanto, é algo mais amplo. É um estado de espírito. É algo que impregna mesmo que a pessoa esteja em uma situação de sofrimento.

Um exemplo claro disso são pessoas que trabalham em situações extremas, ajudando pessoas em doenças terminais. Essas pessoas mesmo em contato com momentos extremos da vida, são felizes. Dessa forma felicidade e sentido a vida são dois lados da mesma moeda.

A felicidade de uma pessoa está concomitantemente ligado a outra, é difícil ser feliz sozinho. Aristóteles coloca como princípio básico para felicidade a amizade. Juntamente com o conceito de amizade surge o conceito de gratuidade. Uma amizade é sempre gratuita, se ela deixar de ser gratuita, já não é mais amizade, mas sim uma forma de se tirar proveito.

Aristóteles não atém-se somente na amizade. Uma segunda condição de felicidade elencado por ele é a autoestima. A autoestima leva o ser humano a ter ideais de vida. Naturalmente que tais ideais de vida citados por ele são ideais altruístas, que levam em conta o outro, pois afinal ninguém é feliz sozinho. Mas o que significa autoestima? Uma positiva autoestima não é determinada pelo meio, mas sim do bem estar consigo mesmo, pela aceitação dos seus limites e suas capacidades. Dessa forma a autoestima vem contra os valores do capitalismo que procura vender-lá como formas de ter e ver. Ela não está apegada a determinado status ou cargos públicos. Atualmente se vê uma crise de autoestima no Brasil. As pessoas não são vistas e apresentadas como seres humanos com valores em si, mas sim como objetos de uma devida

profissão ou cargo em que ocupam. A função ocupada por estas pessoas lhes dão a autoestima que eles não possuem.

A questão do poder é algo que está intrinsecamente ligado a autoestima e a felicidade. Costuma-se muitas vezes ouvir "de uma certa pessoa era uma pessoa boa, engajada e solidária, mas bastou subir na vida, adquirir poder que se transformou". Partindo do pressuposto de que o poder não corrompe ninguém, mas sim potencializa aquilo que a pessoa já possuía, é possível fazer a partir de tal pressuposto uma análise da classe política do Brasil na atualidade.

Macunaíma, o herói sem caráter de Mario de Andrade procura-a primeiramente pela mudança de cor. Por Macunaíma ser uma mistura de negros e índios, ele vivia infeliz em sua realidade. Ele busca em outra realidade não somente respostas a sua vida, mas também funções que poderiam aos olhos dos outros lhe dar força e poder. Primeiramente ao encontrar uma vertente de água que transforma as pessoas negras em brancas e depois indo para a cidade e finalmente retornar novamente para selva.

Ou seja Macunaíma não se dá por conta que a felicidade não está na busca pelo externo. Mas sim na aceitação de sua condição interna. Aceitação de sua condição não significa no entanto, a aceitação de sua condição de explorado e manipulado, mas sim na condição interna de ser, é buscar a felicidade dentro do ser inerente.

Frei Betto em seu livro "Felicidade foi-se embora", editado em conjunto com Leonardo Boff e o filósofo brasileiro Mario Sergio Cortella conta a história de uma velhinha que na feira de Calcutá na Índia procurava por uma agulha. Passando o tempo e a velhinha sempre a procura da agulha alguém lhe perguntou o que ela procurava. Ela diz: perdi minha agulha e estou procurando-a. O desconhecido chama-a de louca e fora de si, pois encontrar uma agulha na feira de Calcutá, onde existe mais de mil barracas espalhadas e onde o lixo está acumulado em quase todos os lados, é quase impossível.

A velhinha explica que a agulha é uma agulha para costurar tendas para elefantes, ou seja uma enorme agulha. Ela diz ainda que a agulha é de ouro. Naturalmente que isso atice os desejos e fantasias dos presentes. Uma agulha de ouro e para costurar tendas para para elefantes; só pode ser enorme, de quase um metro de comprimento e ainda mais de ouro puro, pensava um, dizia outro, escutavam todos.

A notícia da perda de uma agulha de ouro para costurar tendas de elefantes se espalha rapidamente na feira de Calcutá. Todos procuram pela agulha. Horas depois, sem sucesso nas buscas alguém pergunta a velhinha se ela não tem por acaso uma ideia de onde ela perdeu sua agulha. A velhinha diz que sim, que ela sabe onde perdeu-a, e foi em sua casa, mais ou

menos duas horas a pé da feira. Todos ficam atordoados, com aquela informação, afinal perderam quase quatro horas procurando na feira uma agulha que na verdade foi perdida quase no outro lado da cidade.

Por mais que as pessoas procurem a felicidade fora de si mesmos e que as vezes tenham a impressão de a encontrá-la por meio de ilusões como posse ou poder, não é aí que ela se encontra. Ela está dentro de cada um. Naturalmente que existe alguns pressupostos básicos externos para se encontrar a felicidade em si mesmo. Por exemplo é impossível ter o sentimento de felicidade e estar com fome ao mesmo tempo, pois a fome significa que o corpo está padecendo da falta de alguma coisa, no caso de comida. Quando tratamos da fome como sensação, de que juntamente com ela não se encontra a felicidade, não queremos assim tratar a fome como um sentimento momentâneo, mas sim a fome da desnutrição, a fome da desilusão, a fome da amargura, a fome do ódio e naturalmente a fome da comida, do estômago vazio.

O sentido da vida é o aspecto fundamental para ser feliz. O sentido da vida dá valores aos atos dos seres humanos. Frei Betto²⁷⁰ citando os anos em que ele ficou na prisão por causa do seu engajamento político durante a ditadura militar do Brasil, elenca alguns importantes fatores que o ajudaram naqueles anos difíceis. Além da fé em Deus e oração, ele cita a meditação como regra de ouro para acalmar os gritos das alma. A função da meditação é por ele elevada aos patamares mais altos na busca pela felicidade. Pois ao mesmo tempo em que ela ensina a ter uma postura de paciência perante as coisas negativas do mundo, ela ajuda a acalmar as vozes negativas dos momentos de frustrações do dia a dia.

A teologia católica diz que a felicidade nada mais é que a infinita saudade das origens do ser humano e também do futuro. Ora essa forma de pensar teológico deixa clara uma visão de felicidade plena impossível de ser alcançada no nível terrestre, ou seja enquanto vivemos. Ela se plenifica somente depois da morte onde o ser encontra a plenitude do amor. Nada no mundo deixa o ser humano mais feliz e cheio que o amor, e o amor e felicidade andam juntos e vão no mesmo sentido.

A felicidade, que na sua natureza, na sua raiz tem o sentido de irradiar. Assim como a luz irradia o nascer do dia, essa é a função de felicidade. Nascer de dentro da pessoa e irradiar os

270 Adepto da Teologia da Libertação, é militante de movimentos pastorais e sociais, tendo ocupado a função de assessor especial do presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva entre 2003 e 2004. Foi coordenador de Mobilização Social do programa Fome Zero. Em 1962, foi escolhido como dirigente nacional da Juventude Estudantil Católica. Esteve preso por duas vezes sob a ditadura militar: em 1964, por 15 dias; e entre 1969-1973. Após cumprir quatro anos de prisão, teve sua sentença reduzida pelo STF para dois anos. Sua experiência na prisão está relatada nos livros "Cartas da Prisão", "Diário de Fernando - nos cárceres da ditadura militar brasileira" e Batismo de Sangue. in// pt.wikipedia.org/wiki/Frei_Betto

outros. Pois assim como acima já foi citado, ela não nasce de status ou profissão ou ainda mais de um título. Ela se apresenta como uma qualidade inerente do coração e que irradia os outros.

3.4.2- O sentido de felicidade na relação ser humano e natureza

Leonardo Boff aborda o tema da felicidade sobre um ângulo de relação do ser humano com o planeta terra. Sua postura e pensamento vão ao encontro a temas ecológicos e que dizem respeito a mãe terra. Ele se pergunta se é possível ser feliz numa terra infeliz, em uma sociedade conturbada e que dilacera a natureza ser levar em conta que com isso está dilacerando com a própria vida? Naturalmente que ele responde a essa pergunta de maneira positiva. Ou seja ele diz que mesmo numa situação em que a terra e a sociedade vem sendo dilacerada e a maioria das pessoas se sentem-se incapazes de realizar algo positivo é possível ser feliz.

*"O IBGE (Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia) diz que no Brasil são produzidos cerca de 220 mil toneladas de lixo, sendo o lixo popular equivalente 125 mil toneladas, responsável por mais da metade. Do total, apenas quatro mil toneladas são encaminhadas para as coletas seletivas. Interessante notar que cerca de cinquenta mil toneladas de resíduos ficam em céu aberto, prejudicando a saúde de indivíduos e do ambiente."*²⁷¹

Segundo ele, o importante é a atitude de cada um que deve ser levada em conta. Os fatos dramáticos se apresentam a cada dia mais dramáticos, mas o importante em tudo isso, é a atitude de cada um frente a realidade.

Teologicamente falando a terra se encontra crucificada. Isso escreve também o papa Francisco em sua encíclica "Laudato si", colocando toda sua preocupação com a questão da exploração sem limites da terra. Nela o papa coloca toda a sua preocupação com aquilo que ele chama de "nossa casa". Não somente no sentido de uma boa relação com a terra em si, mas levando em conta a visão de que a terra é um organismo vivo, com suas peculiaridades e seus sofrimentos. A ideia aceita atualmente em todas as comunidades científicas é de que a terra, não somente

²⁷¹ in <http://meioambiente.culturamix.com/poluicao/a-poluicao-no-brasil-contemporaneo>

abriga a vida, mas também que ela é vida. Os indígenas do Peru chamam a terra de Pachamama, ou seja a terra como mãe, como ser vivente e geradora. A terra é um organismo físico, químico e ecológico e faz com o que o clima esteja em constante movimento, mantendo, criando e sendo vida.

"si el agua que tomo se pudre, se pudre me pudro por dentro tambien si el aire que respiro se pudre ,se pudre se pudre mi forma de ser.. agoniza montaña vacia de su mineral de su corazon, la represa que linda energia se muere otro rio se muere la vida... Pachamama Madre Tierra madre de todos los colores Pachamama Madre Tierra madre de todos los sabores... hay bosques que daban oxigeno y sombra y ahora ya ni se ven, La Tierra se retuerse por dentro y hay tantas flores que ya no crecen...Pachamama Madre Tierra madre de todos los colores Pachamama Madre Tierra madre de todos los sabores...Algunos te pedimos perdon!!!"²⁷²

Os seres humanos são uma parte da terra que num momento de sua evolução começou a pensar, começou a refletir e por conseguinte começou a destruí-la. A ideia de destruição própria, não é somente ligada aos seres humanos, mas também esta ligada neste sentido a relação que o ser humano tem com a terra e demonstra em si uma situação de infelicidade consigo e em suas relações. Nesta relação do ser humano com a terra ambos tem uma tarefa, um dever, de um fazer ou outro feliz. Algo que atualmente não está acontecendo. O ser humano como em nenhuma outra época de sua história vem agredindo de tal maneira a terra como na atualidade. Ou seja, o ser humano esta fazendo a terra infeliz. E tal infelicidade da terra se percebe por exemplo a partir das suas reações de mudanças climáticas abruptas. Luiz Gonzaga canta o problema da natureza assim:

"Não posso respirar, não posso mais nadar A terra está morrendo, não dá mais pra plantar E se plantar não nasce, se nascer não dá Até pinga da boa é difícil de encontrar Não posso respirar, não posso mais nadar A terra está morrendo, não dá mais pra plantar E se plantar não nasce, se nascer não dá Até pinga da boa é difícil de encontrar Cadê a flor que estava

272 Música Pachamama de Arbolito. in <https://www.letras.com/arbolito/1902314/>

*aqui? Poluição comeu, E o peixe que é do mar? Poluição
comeu E o verde onde é que está? Poluição comeu Nem o
Chico Mendes sobreviveu".²⁷³*

Para se ter uma ideia concreta e visível de como se é tratada a natureza no Brasil, basta dar uma volta em São Paulo e visitar o rio Tietê. Nele são largados todos só dias toneladas de lixo, que vão desde carros velhos, animais mortos e até lixos tóxicos. Lá não se pode dizer que existe água. O que se vê é uma mistura de produtos tóxicos com sujeira. Mesmo assim, o rio ainda existe e produz vida. Apesar de toda a poluição é possível encontrar peixes no rio Tietê. Ou seja a terra, ou a natureza mesmo sendo acuada pelo ser humana, produz vida nos locais menos esperados. O mesmo se pode dizer daquela pequena florzinha que de repente rompe com o asfalto e mostra-se exalando a vida.

Atualmente no Brasil, um dos maiores produtores de soja no mundo, são despejados milhões de toneladas de veneno no solo. Existe um agrotóxico²⁷⁴ para todos os momentos do cultivo da planta. Desde antes da plantação até o final da colheita. Antes do agricultor plantar necessita passar o agrotóxico secante para acabar com as ervas daninhas. O próprio soja, já vem preparado para ser plantado com veneno. Caso isso não aconteça não haverá a colheita. Ou seja o veneno se encontra em todas as fases da vida das plantas, passando assim concomitantemente a todas as fases da alimentação humana. Pois o alimento que a vaca come, já não é mais uma alimentação pura e saudável. Ela é produto de uma cadeia de alimentação já desde seu início completamente envenenada. Assim o leite da vaca que a criança toma já é um leite comprometido, é um leite envenenado.

A Monsanto empresa de agrotóxicos comprada a alguns meses através da alemã Bayer por 66 miliarden de dólares, tem no Brasil a hegemonia na venda de produtos transgênicos e agrotóxicos. Pela lei brasileira é proibido plantar soja que não seja adquirido nos locais especializados de venda, ou seja o agricultor não tem o direito de plantar uma semente que não seja anteriormente verificada. É proibido plantar soja com sementes não transgênicas. A soja ecológica foi proibida, pela lei feita a partir de propinas e de grandes empresas aos deputados e senadores. O absurdo é tamanho que o agricultor não é mais dono do seu capital, não tem a liberdade de decidir o tipo de semente que ira plantar.

Naturalmente que tal semente adquirida da empresa Monsanto é uma semente manipulada e

273 A música "Xote ecológico" foi lançado por Luiz Gonzaga no ano de 1989 e traz uma crítica a situação de poluição em que o Brasil se encontrava. in <https://www.letras.com/luizgornzaga/295406/>

274 O Brasil é o país do mundo em que mais agrotóxico usa, 750 bilhões de litros de agratóxicos são despejados por ano no solo.

que necessita também de determinados agrotóxicos para ela desenvolver-se. O ser humano vai acumulando dentro de si todos esses venenos. É uma infelicidade que repentinamente não pode ser medida, mas que o acúmulo destas toxinas vai levando-o a um patamar destrutivo global e de destruição própria.

O conceito de "guerra total" criado pelos nazistas na segunda guerra mundial pode ser usado num sentido quase que idêntico. Se para os nazistas guerra total significava a destruição de tudo aquilo que era contra não somente sua forma de pensar mas contra seu status quo de raça superior, o semelhante está acontecendo nas relações do ser humano com a terra. A terceira guerra mundial se desenvolve a partir do conflito do ser humano contra a terra. Uma guerra totalmente inútil e sem sentido, pois a terra não necessita do ser humano para viver, é o ser humano que necessita dela para viver. O ser humano ataca a terra em todas as frentes, pelo ar, pela terra e pela água. Enormes escavações no subsolo, bombas atômicas sendo testadas no mar ou explosões de foguetes no ar, ou ainda o continuo despejar do dióxido de carbono no ar por meio das grandes fábricas.

O grande desafio citado pelo frei Leonardo Boff é cuidar da terra para o ser humano poder ser feliz. Cuidar da terra significa cuidar de nós mesmo e aproveitar aquilo que ela dá em troca. O ar puro, a beleza das cidades com seus parques os rios limpos, e uma alimentação saudável e ecológica²⁷⁵.

O papa Francisco em sua encíclica trata da natureza como um todo. Ao se referir ao tema ecologia, ele não somente se resume a um tipo de ecologia. Sua visão ecológica é ampla e perpassa a ecologia social, a ecologia, mental, econômica, enfim a ecologia integral.

275 Não temos aqui o intuito de nos adentrarmos na questão ecológica. Buscamos neste exemplo no entanto elencarmos alguns tópicos que dizem respeito a felicidade e sua relação de interação com o meio ambiente e ser humano como produto de agente causador da felicidade ou infelicidade em si e em seu ambiente socio economico em que ele vive.

Conclusão

Existem momentos na história da humanidade que silenciar é tornar-se cúmplice. A regra de ouro muitas vezes aprendida nas escolas de que "falar é prata e silenciar é ouro" nem sempre pode ser usada ao pé da letra e não serve em todas as situações. Um exemplo disto é a mídia e também os centros acadêmicos que deveriam ser a vanguarda de análise de uma realidade e que se calam perante o fatos. Isso demonstra uma cumplicidade com uma situação de exploração de manipulação e de sofrimento. Ou seja em uma situação de sofrimento onde a manipulação existe não há espaço para a felicidade.

A sociedade brasileira é nos moldes oficiais uma sociedade pacífica. Nela não existe terrorismo, um dos grandes medos da humanidade atual, principalmente europeia. No entanto, mesmo que tal forma de violência não exista no Brasil, existe outras formas de violência que tem o mesmo efeito ou maior que o terrorismo. Não falamos aqui na clássica forma de violência brasileira como as guerras de quadrilhas por pontos de venda de drogas das cidades e que já chegaram a interior do Brasil. A forma de violência que aqui queremos elencar é aquela invisível e que não é tratada na mídia e os brasileiros se calam perante isso. Quem cala conscente, ou seja, tal violência é aceita. Não existe , ou se existe, são pouquíssimas as vozes que não se calam.

A violência vem contra a ideia de fraternidade e humanidade, portanto de felicidade. Publio Terencio trata em uma das suas peças sobre o homem que puniu a si mesmo ou seja o homem que em sua humanidade se fere, se machuca, não encontra o sentido para a vida e torna-se vítima de si mesmo, ou seja um Homem infeliz.

Machado de Assis, refere-se a felicidade em "Memórias póstumas de Brás Cubas" como algo niílista e diz que nela sempre existe uma "baba de Caim". Ou seja não se pode confiar na sua presença, pois a medida que ela se faz presente, já está também de saída. Ela deixa sempre um gosto amargo na boca. Já o poeta brasileiro, Mario Quintana compara-a as borboletas e o ser humano ao jardim. Cultivar o jardim é indispensável para que as borboletas venham .

Outro grande escritor brasileiro, Guimarães Rosa, escreve em seu " Grande sertão Veredas" assim: "*Passarinho que se debruça - o vôo já está pronto.*"²⁷⁶ Ou seja é necessário preparar-se e ir buscá-la, pois por si só, a felicidade não vem ao encontro do ser humano.

Mesmo assim a felicidade não é algo que sendo alcançada, ora atingida, chega ao seu ponto

276 Guimarães Rosa, João. Grande sertão: Veredas. 19º Edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001. Pag. 29.

culminante e pronto. Felicidade não é um lugar para se repousar, mas sim uma circunstância eventual. A felicidade contínua nada mais seria que uma forma estática de felicidade, uma sensação deste tipo levaria o ser humano a uma situação enfadosa. Alegoricamente é como se alguém comesse todos os dias a mesma refeição que mais gosta. Nos primeiros dias será naturalmente bom e a pessoa vai se sentir bem, mas com o passar do tempo a comida passará a perder seu gosto original, mas como não existe outra comida para se comer a pessoa continuará comendo o mesmo até a eternidade.

Aqui se encontra um outro conceito que faz parte do cotidiano da vida das pessoas, mas que não se é percebida. A questão da percepção pela carência. A fome nada mais que a carência de comida no estômago. É no vazio do estômago que percebemos que estamos com fome. A felicidade como estado constante na vida das pessoas não seria percebida, tornar-se-ia enfadosa, sem sentido e por isso algo que não daria o sabor especial no dia a dia e na busca por objetivos. Uma felicidade constante seria a ausência de objetivos e buscas.

Beber um bom vinho ou uma cerveja por exemplo dá um sentido de prazer e satisfação, mas somente se não for bebido ao extremo e todos os dias. Isso geraria uma outra categoria que é a categoria da dependência. Ser dependente não gera nenhuma satisfação, pelo contrário é uma insatisfação interna que tem que ser alimentada todos os dias de maneira não saudável, por isso doentia. O dependente, não somente químico, mas qualquer tipo de dependência é gerado por uma frustração interior. Não existe espaço para o prazer e a degustação. É uma insatisfação interior que somente será anulada com a busca pelo objeto de dependência.

Aristóteles ensina que a felicidade é daqueles que se bastam a si próprios. Ou seja não é na procura desvariada em fontes externas e de natureza permeáveis e inseguras. A dependência seja ela de qualquer tipo dentro deste conceito, não leva a felicidade. A própria frase "levar a felicidade" deve ser objeto de uma elucidação teórica, pois a medida que nos referimos a felicidade como algo a ser alcançada pode muito bem dar-se a entender a felicidade como algo estática e sem movimento. Aliás felicidade é movimento. Somente no movimento da vida, na busca pelos objetivos é que é possível ser feliz. No entanto o ser feliz pertence a uma gama de possibilidades que a realidade apresenta. Se faz necessário realizar aquilo que Guimarães Rosa escreveu em seu livro. É necessário se "agachar e levantar voo"

A felicidade está incluído no cotidiano do ser humano, mas não como algo certo, ou seja como algo que irá acontecer. Ela está presente no cotidiano das pessoas como possibilidade de vir a ser. A possibilidade de vir a ser vai decorrer não somente dos atos e ações das pessoas mas também da visão de mundo e da realidade de cada um. Portanto a frase "

um dia vou ser feliz", não é algo que imite uma possibilidade mas sim uma utopia irreal e falsa.

A questão da felicidade naturalmente pode ser analisado nos mais diferentes pontos de vista das sensações humanas e que por ser algo impossível de ser medida, claramente conceituada e argumenta , muitas vezes é confundida com algum outro sentimento. Uma das grandes confusões realizadas com o sentimento de felicidade está na sua forma de se expressar. A expressão de alegria ou euforia por exemplo, podem ser frutos de um sentimento de felicidade assim como podem não ser.

Tratar do tema da felicidade no Brasil e na literatura brasileira é muito mais que dissertar sobre a felicidade em si. É realizar uma análise da situação social econômica e principalmente ética da sociedade. É ter em mente que a felicidade depende de cada um e de seu ponto de vista sob a realidade, mas também ter presente que ela não consiste em acomodar-se frente as novas situações da vida.

A questão da felicidade no Brasil é porém mais complexa que a busca por conceitos em livros e materiais bibliográficos. Se na literatura ela é vista sob o nível de ficção é na vida real e cotidiana de cada um, que ela é buscada, é sentida e é perdida.

Neste trabalho não tivemos a pretensão de maneira nenhuma de alcançar o status de especialista em felicidade no Brasil. O grande elemento que podemos citar, é o grande desafio de trabalhar um tema, que mesmo que não seja desconhecido por causa da vivência de cada um, é desconhecido na sua maneira de ser apresentada.

Nele buscamos não somente realizar uma análise da felicidade em si e em alguns elementos bibliográficos, mas acima de tudo realizar uma análise dos seres humanos, suas vivências e expectativas na busca pela felicidade. Nesta busca são vários os elementos que se correspondem entre si e que podem levar o Homem a ser feliz. Elementos esses que nem sempre são formas esclarecedoras e verdadeiras e que mostram assim uma felicidade aparente e voltada para o consumo. O estudo sobre a felicidade no Brasil fica em aberto, os primeiros passos foram dados. Porém a riqueza do estudo sobre a felicidade no Brasil e em qualquer parte do mundo perpassa primeiramente por uma análise da condição social do ser humano que vive em uma determinada realidade. Não se pode de maneira nenhuma realizar uma análise da felicidade se sua base não estiver intimamente ligada às formas sociais estabelecidas de cada sociedade e no desenvolvimento das relações do Homem consigo mesmo, com os outros e com o planeta. A felicidade não pode ser reduzida uma abstração ou a uma simples reação química do cérebro. Ela também nem sempre deve ser vista como o fim último de cada ação. Isso levaria o ser humano não a uma realização, mas sim a uma escravização. E este é um dos grandes

riscos da sociedade atual.

Sendo a literatura algo amplo e complexo, tal trabalho delimitar-se-á na análise de autores selecionados, e que apresentam em suas obras substanciais elementos para uma interpretação não somente da realidade dos personagens, mas também para uma análise da realidade do Brasil sob o ponto de vista ético moral no contexto da formação de identidade brasileira e sua relação com a busca de cada um pela felicidade. Tal estudo requer uma faceta enorme de correlação entre as mais diversas formas em que elas se apresentam sob o ponto de vista literário.

No Brasil porém existe uma lacuna enorme no que diz respeito a este estudo, e principalmente na sistematização de uma análise dentro do pensar filosófico que venha a levar em consideração a realidade projetada através das linhas escritas dos romancistas e poetas.

A filosofia brasileira por se apresentar dentro de uma visão colonialista, de exegese, de acompanhamento daquilo que vem de fora, principalmente da Europa e dos Estados Unidos tem dificuldades em realizar essa ligação. Se por um lado existe uma busca mínima pelo combate a essa novidade, que vem do centro²⁷⁷, a filosofia brasileira ainda vive num sistema de deslumbramento ao estrangeiro. Deslumbramento esse que se iniciou com os índios, logo após a chegada dos primeiros homens brancos, no então hoje denominado Brasil.

Um destes exemplos são estudantes e professores, denominados filósofos, que inciam a estudar ou se aprofundam em um determinado filósofo, e se esquecem de sua realidade e da realidade em que foi escrita tal filosofia. Dessa forma a realidade, citada por Kant, por exemplo, é também usada para explicar e argumentar uma outra realidade que pode não estar conectada com uma realidade europeia de meados do século XVIII e início do século XIX.

Sob um aspecto geral falar de filosofia do Brasil, é se adentrar em um campo de dúvidas e de posições negativas. Isso faz parte de uma imagem ou melhor uma auto imagem negativa que o brasileiro faz de si mesmo. Produzindo um grau de aceitação individual de si mesmo, no qual o individuo sente-se como sendo inferior aos outros. É onde o ser e o não ser se encontram. Porém o ser está do lado dos europeus e o não ser está ao lado dos indígenas colonizados.

É não ser capaz de se aceitar como protagonista da história, é ainda estar parado e vislumbrado, vendo os primeiros portugueses juntar um monte de pedras e neles ficar a bandeira de Portugal e dizer: Esta terra é da coroa de Portugal! Os índios que nada entendiam o que os portugueses realizavam ficavam estupefatos com tais ações, sem entender no entanto o seu significado.

277 Dussel, Enrique; "Filosofia de la Liberación". Ediciones la Aurora, Buenos Aires-Argentina, 1990.

Neste sentido é necessário buscar um conceito mais amplo de se realizar filosofia. O problema da filosofia atual no Brasil, é que ela quase que totalmente voltada ao academicismo, e na produção de teses acadêmicas. No entanto tal teses acadêmicas, por mais que metodologicamente bem elaboradas e que seguem as regras universitárias, não passam de comentários sobre filósofos e que pouco trazem de novidade, de pensamento próprio. Existe a grande preocupação de estar dentro das normas universitárias, com citações específicas, comentários entre aspas etc. mas esquece-se de que a filosofia não é algo ligado às normas²⁷⁸. Com a descolonização do pensamento, encontrar-se-á um conceito mais amplo e descentralizado de filosofia, percebendo assim uma maneira própria de se fazer Filosofia no Brasil. É na literatura brasileira, por exemplo Machado de Assis, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Mario e Oswald de Andrade que encontra-se tal veio aberto e filosófico, que na verdade quase não é averiguado porque a noção filosófica que existe no Brasil é ainda uma noção de deslumbramento ao estrangeiro.

²⁷⁸Wittgenstein, por exemplo ao escrever seu *Tractatus* no início do século XX, escreve-o sem nenhuma citação, sem nenhuma nota de pé de página, além disso não justifica aquilo que ele mesmo escreve. Na verdade isso não é novidade na história da filosofia mundial. Outro exemplo é sobre o primeiro tratado ontológico da história da filosofia relatado por Parmênides cerca do ano 500 a.C. Ele é realizado sob forma de poesia. Ou Platão, que em suas obras escreveu em forma de diálogos, ou mesmo Sócrates que nada escreveu.

Literatura

- .Abreu, M. P. A Ordem do Progresso: 100 anos de política econômica republicana. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- .Alberini, Coriolano: Die deutsche Philosophie in Argentinien, Berlin 1930.
- .Albuquerque As, Tróccoli BT. Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo.
- .Albuquerque, Leila Marrach Basto de. Estrutura e Dinâmica dos Novos Movimentos Religiosos.
- .Alvárez- Villablanca, Augustin: Carlso Vaz Ferreira, ein Führender Pädagoge Südamerikas, Jena (Diss), 1938.
- .Amaral Leila. Sincretismo em Movimento – O Estilo Nova Era de lidar com o sagrado. In: .Carozzi, María Julia (Org.). A Nova Era no Mercosul. Petrópolis: Vozes, 1999.
- .Amaral, Leila. Carnaval da alma: Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.
- .Anchieta, José: Teatro de Anchieta. Obras Completas 3º Volume. Tradução e introdução de notas do Pe. Armando Cardoso, São Paulo Loyola, 1977.
- .Anderson, Perry. Passagens da Antiguidade ao Feudalismo. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- .Andrade, de Oswald. Pau Brasil. 5ª ed. Campos, de Haroldo. Uma poética da radicalidade. in Andrade, de Oswald. Pau Brasil. Editora Globo, São Paulo 2003. d. São Paulo: Globo, 1991
- .Andrade, de Oswald. Pau-Brasil. 5ª ed. São Paulo: Globo, 1991.
- .Andrade, Oswald. Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias: manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Obras completas, Civilização brasileira, 1972
- .Andrade, Mario de. Macunaíma o herói sem caráter. Edição crítica de Tele Porto Ancora Lopes, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e científicos, 1978.
- .Andrade, Mario. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. 29ª Edição, Villa Rica Editoras Reunidas Limitada, Belo Horizonte 1993. Pag. 29-30.
- .Andrade, Maristela de Oliveira. 500 anos de catolicismos & sincretismos no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002.
- .Andrade, Oswald de. A utopia antropofágica, São Paulo. Globo, 1995.
- .Angeln Emil, Baertschi. Die Philosophie und die Frage nach der Glück- La philosophie et la question du bonheur. - Studia Philosophica, Vol. 56. Bern; Stuttgart, Wien. Haupt 1997.
- .Apel K-O, Böhler D, Rebel K (Hrsg). Funkkolleg Praktische Philosophie/Ethik: Studentexte. Beltz, Weinheim Basel, 1984.

- .Araújo, Regina Célia. Manual do Candidato: Geografia. 2. ed. FUNAG: Brasília, 2000.
- .Arciniegas, German: Kulturgeschichte Lateinamerikas, München, 1966.
- .Arendt, H.. A condição humana. (11a edição). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- .Arendt, Hannah, Entre o Passado e o Futuro, Relógio D'Água, 2006
- .Aristoteles. Die Nikomachische Ethik: Übersetzt und mit einer Einführung und Erläuterungen versehen von Olof Gigon. Deutscher Taschenbuch Verlag, München
- .Aristóteles. Ética a Nicômaco. 2.ed. Editora Universidade de Brasília. 1985.
- .Ballenbaum Alfred: Glücksforschung - eine Bestandsaufnahme. UVK Verlagsgesellschaft
- .Barbosa, Livia. O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual do que os outros. RJ, 2006.
- .Barbosa. L. O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- .Barlach, Lisete. Revista Gestão e Políticas públicas. O jeitinho brasileiro: Traços de uma identidade nacional? São Paulo.
- .Barlach, Lisete. Revista Gestão e Políticas públicas. O jeitinho brasileiro: Traços de uma identidade nacional? São Paulo. 1998.
- .Bastide, Roger. As religiões africanas no Brasil contribuição a uma sociologia de interpretações de civilizações, Livraria pioneira Editora, São Paulo, 1985.
- .Baudrillard, Jean. A Sociedade de Consumo. Lisboa: Edições 70, 1968.
- .Baudrillard, Jean. Simulacro e simulação, Editora relógio d'água, Lisboa, 1991
- .Bauman, Z. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.
- .Bauman, Zygmund: "Modernidade Líquida", Editora Zahar, tradução Plínio Dentzien, São Paulo 2008.
- .Bauman, Zygmund. O mal estar da pós-modernidade, Rio de Janeiro, Zahar, 1998.
- .Becker Bertha & Egler, Claudio. Brasil: Uma Nova Potência Regional na Economia Mundo. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- .Behring, Elaine Rossetti e Manegatt Marildo. Dilemas da humanidade, diálogo entre civilizações, Editora Contraponto, 2008.
- .Benko, George. Economia, Espaço e Globalização. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- .Bentham, Jeremy. Uma introdução aos Princípios da Moral e da Legislação. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1979, pag. 4
- .Bernardi (Bifo), F. A fábrica da infelicidade: trabalho cognitivo e crise da new economy. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- .Betto, Frei. O que é Comunidade Eclesiástica de Base. São Paulo: Brasiliense, 1981.

- .Betto, Frei. Organização Social e Política Brasileira: introdução à política brasileira. 15ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- .Binswanger, L. Três formas da existência malograda - extravagância, excentricidade, amaneiramento. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- .Birnbacher D, Hoerster N (Hrsg)., Texte zur Ethik. Deutscher Taschenbuch Verlag, München , 1997.
- .Bittencourd Filho, José. Matriz Religiosa Brasileira: Religiosidade e Mudança Social. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.
- .Bittencourd Filho, José. O Candomblé da Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- .Boff, Leonardo; Boff, Clodovis. Como Fazer Teologia da Libertação. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- .Boff, Leonardo; Regidor, J.R.; Boff, Clodivis. A Teologia da Libertação: balanço e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1996.
- .Boff, Leonardo. Igreja Carisma e Poder. Petrópolis: Vozes, 1982.
- .Boff, Leonardo. Jesus Cristo Libertador. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- .Boff, Leonardo. Jesus Cristo Libertador. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- .Bonjour, Laurence; Baker, Ann. Filosofia: textos fundamentais comentados. 2.ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- .Bordin Luigi. O Marxismo e a Teologia da Libertação. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.
- .Borges, F. C. O jeito do corpo e o jeitinho brasileiro. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica)–Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- .Borges, Fernanda Carlos. “A improvisação no jeitinho brasileiro”. Trama Interdisciplinar - v. 2 - n. 1, 2011.
- .Bornaesser, Bárbara. O Barroco. Königswinter: Konemann, 2004.
- .Bosi, A., Cultura brasileira: Temas e situações. São Paulo. Ática 1992.
- .Boxer, Charles R. O Império Marítimo Português. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- .Brandão, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. Estud. av., dez. 2004, v. 18, n. 52.
- .Branquinho, João; Murcho, Desidério; Gomes, Nelson Gonçalves (orgs.) Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- .Brueseke, Franz Josef. Risco Social, Risco Ambiental, Risco Individual. In: Ambiente & Sociedade, ano I, nº 1, 1997.
- .Buber, Martin, Ich und Du, Reclam, Stuttgart, 2008.
- .Bunnin, Nicholas; Tsui James, E. P. (Orgs.) Compêndio de Filosofia. 2.ª ed. São Paulo: Loyola,

2007.

.Burt, Edwin. Arthur. - As Bases Metafísicas da Ciência Moderna. Editora Universidade de Brasília. Brasília, 1983,

.Caldart, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola, Petrópolis: Vozes, 2000.

.Camara. Jr., Joaquim Mattoso. Manual de Expressão Oral e Escrita. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

.Campos, Flávio; Dohnikoff, Miriam. Manual do Candidato: História do Brasil. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2001.

.Canclini, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

.Candido, Antônio. A formação da literatura brasileira, 1ºVol, 7º Edição, Editora Itatiaia Limitada, RJ-Belo Horizonte, 1993.

.Carozzi, María Julia. Nova Era: a Autonomia como Religião. In: Carozzi, María Julia (Org.). A Nova Era no Mercosul. Petrópolis: Vozes, 1999.

.Cartas Inéditas, (1560). in://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/161/129

.Carvalho, José Jorge de. O encontro de novas e velhas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade. In: Moreira, Alberto; Zincman, Renée (Orgs.). Misticismo e novas religiões. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

.Carvalho, José Jorge de. Um espaço público encantado. Pluralidade religiosa e modernidade no Brasil. Série Antropológica, Brasília, ano de 1999, n. 249. Disponível em . Acesso em 30 de mar. 2011.

.Castro, Iná Elias de, et alii. Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

.Cavalcante, Carmen Luisa Chaves. Dialogias no Vale do Amanhecer: Os Signos de um Imaginário .

.Cavalcanti Clóvis . Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

.Cervo, Amado e Bueno, Clodoaldo. História da Política Exterior do Brasil. Brasília: editora da UnB, 2002.

.Chagas, C., O Brasil sem retoque. Rio de Janeiro: Record, 2001.

.Chauí, Marilena.Convite à Filosofia. 7. ed. 2. reimp. São Paulo: Ática, 2000.

.Colchete, Eliane e Moraes Junior, Luis Carlos de.A formação da filosofia contemporânea,Rio de Janeiro: Litteris, 2014.

.Costa, Cruz. Contribuição à História das ideias no Brasil. Editora civilização brasileira S.A, Rio de Janeiro, 1967.

- .Costa, J. F. O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo. (4a edição). Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- .Coutinho Afrânio, A literatura no Brasil, era realística era de transição, São Paulo, Global, 1997, vol. 4.
- .Coutinho, Afrânio Editora. A literatura no Brasil. Editora José Olimpo, Rio de Janeiro-Niterói, 1986.
- .Coutinho, Afrânio. do Barroco- ensaios, Editora UFRJ, Edições templo brasileiro, Rio de Janeiro, 1994.
- .Csikszentmihalyi, Mihaly. Flow - Das Geheimnis des Glücks. J.G. Cotta' Buchadlung
- .Da Matta, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.
- .Da Matta, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- .Da Matta, Roberto. Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- .Da Matta, Roberto. O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- .Dalari, D. A..Elementos da Teoria Geral do Estado. São Paulo: Editora Saraiva, 1998.
- .das Dores Campos Machado, Maria. Carismaticos e pentecostais, adesão religiosa na esfera familiar, Editora Ampocs, São Paulo.
- .Debates do NER, Porto Alegre, ano 12, n. 20, jul./dez. 2011.
- .Dela Coleta JA, Dela Coleta MF. Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários. Psicol Estud. 2006.
- .Deleuze, Giles e Guattari, Félix, O que é a Filosofia Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro, 34, 1992.
- .Diógenes Laércio II, Máxima Principal.
- .Diógenes Laércio II, Máxima Principal. VI 10 s. (SSRV A 134).
- .Donat, L. R. "El cristianismo en una obra reciente". Temas medievales, vol.18, Enero/Diciembre, 2010.
- .Duarte, N. (Org.). Crítica ao fetichismo da individualidade. Campinas: Autores Associados, 2004.
- .Durkheim, Emile. As Regras do método sociológico, Editorial Presença, Lisboa, 1989.
- .Durrkeim, Émile. Educação e sociologia. 10ª ed. Trad. de Lourenço Filho. São Paulo, Melhoramentos, 1975.
- .Dussel, Enrique, Filosofia da Libertação, São Paulo, Loyola -UNIMED, 1976.
- . Dussel, Enrique; "Filosofía de la Liberación". Ediciones la Aurora, Buenos Aires-Argentina, 1990.
- .Eliade, Mircea. O Mito do Eterno Retorno. Lisboa: Edições 70, 2000.
- .Elsevier. Barlach, Lisete. "A criatividade humana sob a ótica do empreendedorismo inovador".

Tese de Doutorado. SP: IPUSP, 2009.

.Epicuro. Pensamentos, texto integral . São Paulo: Editona Martin Claret, 2006.

.Epiktet. Stoische Lebenskunst- Sei dir über das Wesen der Dinge im klaren. In Michel Sasha. Glück, ein philosophischer Streifzug. Fischer Taschenbuch, Frankfurt am Main, 2007.

.Escoteguz, Cléa Coitinho. Leitura de Monteiro Lobato. Anais do Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-RS, 2010.

.Fanon, Franz. Peles Negras, Máscaras Brancas. Salvador: Edufba, 2008.

.Fayard, M. J. O que é a felicidade? In A essência da felicidade - a arte de viver. São Paulo: Martin Claret. Coleção Pensamento de Sabedoria, 1996.

.Fayard, M. J. O que é a felicidade? In A essência da felicidade - a arte de viver. São Paulo. .Martin .Claret. Coleção Pensamento de Sabedoria, 1999.

.Featherstone, Mike. Cultura de Consumo e Pós-Modernidade. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

.Febal Berta Lúcia Tagliari; Montyama, Juliane Francischeti Martins. Uma leitura da posição do adulto em Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato, e As aventuras do Avião Vermelho, de .Ferreira, Jorge; Delgado, Lucília de Almeida Neves. O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

.Ferry, L. Famílias, amo vocês: política e vida privada na época da globalização. Rio de Janeiro: Objetiva. DIFEL, 2007.

.Fico, Carlos. Espionagem. Polícia Política, Censura e Propaganda: ops pilares básicos da repressão. In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucília de Almeida Neves. O Brasil Republicano. Volume IV. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

.Filipouk, Ana Maria R.Monteiro Lobato e a literatura brasileira contemporânea. In: Zilberman, Regina (org.). Atualidade de Monteiro Lobato. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

.Flach, Leonardo. O jeitinho brasileiro: analisando suas características e influências nas práticas organizacionais. Revista Gestão e Planejamento, Salvador, v. 12, n. 3, set/dez. 2012.

.Forst R., Ethik und Moral. In: Wingert L, Günther K (Hrsg) Die Öffentlichkeit der Vernunft und die Vernunft der Öffentlichkeit: Festschrift für Jürgen Habermas. Suhrkamp, Frankfurt a. M ,2001.

.Foucault, M. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento . Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (Col. Ditos e escritos II).

.Franco Angeli; 2006. 8. Pereira CAA. Um panorama histórico-conceitual acerca das subdimensões de qualidade de vida e do bem-estar subjetivo. Arq Bras Psicol. 1997.

.Frankena WK.,Analytische Ethik: Eine Einführung. Deutscher Taschenbuch Verlag, München, 1994.

- .Freire, Jurandir. A lei do Gérson: o psicanalista leva o Brasil ao divã e constata que o desamparo político explica a ânsia de querer tirar vantagem em tudo. In: Revista Isto É/Senhor, Rio de Janeiro, Gazeta Mercantil Editora, julho de 1988.
- .Freyre, Gilberto. Casa Grande & Senzala. São Paulo: Global, 2005.
- .Frosch, Friedrich. Die Phantasmen des Policarpo Quaresma: Ödipus in der Ex Kolonie. In: Briesemeister, Dietrich / Schönberger, Axel (Hg.): Vielfalt und Heterogenität: Studien zu den Literaturen Angolas, Brasiliens, Mosambiks und Portugals. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea 2004.
- .Frosch, Friedrich. Os fantasmas de um certo Policarpo Quaresma: Édipo na Ex-colônia. In: Junqueira, Ivan (apres.) 2008: A obra de Lima Barreto. 2º Concurso Internacional de Monografias Ensaio premiados. Brasília: Ministério das Relações Exteriores.
- .Frosch, Friedrich. Tupi or not Tupi. Entwürfe einer kulturellen Identität Brasiliens und ihre Reflexion bei Lima Barreto. In: Berger/Frosch/Vetter 2005.
- .Furlan, V. Educação e catequese no teatro anchietano Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.
- .Gaiarsa .J. A. A estátua e a bailarina. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1988.
- .Galilea, Segundo: Teologia da Libertação, ensaio da síntese segundo Galilea, Tradução do espanhol por Luis Antonio Miranda: São Paulo, 1978.
- .Garcia, Othon M. Comunicação em Prosa Moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 21. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- .Giddens, Anthony. As Consequências da Modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.
- .Gikovate, F. Dá pra ser feliz... Apesar do medo. (4a edição). São Paulo: MG Editores 2007.
- .Goerdeler, Carl D. Kulturschock Brasilien, Reise Know- how Verlag Peter Rump GmbH, Bielefeld, 2012.
- .Goldschmidt *Victor*. Os Diálogos de Platão, Loyola, 2002.
- .Gomes Roberto. Crítica da razão tupiniquin, São Paulo, Editora Cortez, 5º Edição, 1982.
- .Gonçalves, Pe. Dr. Paulo Sérgio Lopes. Epistemologia e Método do Projeto Sistemático da teologia da Libertação. Petrópolis: Vozes, 2000.
- .Gonzaga Sergius: Manual da Literatura brasileira. Editora Mercado Aberto, 14 Edição, Porto Alegre, 1997.
- .Gregor Derek, et alli. Geografia Humana. Sociedade, Espaço e Ciência Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- . Guimarães Rosa, João. Grande sertão: Veredas. 19º Edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001

- .Guerreiro, Silas. Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.
- .Hall, Stuart. A Diáspora. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- .Habert, Nadine. A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira. São Paulo: Ática, 1992.
- .Heidegger, M. Ser e Tempo(parte I). Petrópolis: Vozes, 1995.
- .Hervieu-Léger, Danièle. O Peregrino e o Convertido: a Religião em Movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.
- .Holanda, Livia Neves de. O jeitinho, ou a arte de ser mais igual que os outros. In: Revista Ciência Hoje. Rio de Janeiro, SBPC, vol.7, número 42, maio de 1988.
- .Holanda, Sérgio Buarque de. O Brasil Monárquico: do Império à República. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995. (História Geral da Civilização Brasileira, v. 7).
- .Holanda, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- .Hoornaert, Eduardo. A Igreja no Brasil-Colônia (1550-1800). São Paulo: Brasiliense, 1982.
- .Huxley, Adouls. 'Brav New World' . Tradução Mario Henrique Leiria, São Paulo, Editora Antígona, 2013.
- .Iglesias, Francisco. Trajetória Política do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- .Jayme Paviani. A filosofia do método em Platão, EDIPUCRS , 2001.
- .Jolz, Martine. Introdução à Análise da Imagem. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996
- .Kant I Grundlegung zur Metaphysik der Sitten. In: Kant I. Werke. Akademie Textausgabe. Walter de Gruyter, Berlin, S 385-464, 1968.
- .Karl-Friedrich Wessel: Interdisziplinarität -Herausforderung an die Wissenschaftlerinnen und Wissenschaftler. Kleine Verlag, Bielefeld 1999.
- .Krumpel, Heinz. Philosophie im Lateinamerika - Grundzüge ihrer Entwicklung, Akademie verlag Berlin, 1992.
- .Krumpel. Heinz, Philosophie und Literatur in Lateinamerika - 20. Jahrhundert. Ein Beitrag zu Identität, Vergleich und Wechselwirkung zwischen lateinamerikanischem und europäischem Denken, Peter Lang 2005.
- .Landmann, Michael. Die Homine. Der Mensch im Spiegel seiner Gedanken, 1962.
- .Liessmann, Konrad Paul. Schönheit. Facultas verlag, Wien, 2009.
- .Lins Álvaro. Rio Branco (Barão do Rio Branco): biografia pessoal e história política. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1996.
- .Lipovetsky, G. (2004). Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa. Porto Alegre: Sulina ,2004.
- .Lipovetsky, G. A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo:

Companhia das Letras, 2007.

.Lipovsky, G. A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Barueri: Manole, 2005.

.Lispector, Clarice. " Felicidade clandestina" in Felicidade clandestina, Rio de Janeiro Editora Rocco, 1998.

.Lobato Monteiro. Viagem ao céu. Editora brasiliense, 18ª Edição, São Paulo, 1970.

.Lobato, José Bento Monteiro. Urupês. 16.ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.

.Lobato, Monteiro, Jeca Tatuzinho, Edição especial do Instituto Medicamento Fontoura&Serpe, 1924, São Paulo Brasil.

.Lobato, Monteiro. A todo o transe in " Literatura do Minarete, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1959.

.Lobato, Monteiro. Reinações de Narizinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

. Lobato, Monteiro. Cidades mortas. 23ª edição, Editora Brasiliense, São Paulo, 1982.

.Lopes, Maria Immacolata V. Telenovela Brasileira: uma narrativa sobre a nação. Comunicação & Educação. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n° 26, jan./abr.2003.

.Lyotard, J-F. A Fenomenologia. Lisboa: Edições 70, 1986.

.Magge, Bryan. História da Filosofia. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

.Maggie, Yvonne. O Medo do Feitiço: Relações entre Magia e Poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992

.Magnani, José Guilherme Cantor. Mystica Urbe: um Estudo Antropológico Sobre o Circuito Neo-Esotérico na Metrópole. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

.Magnani, José Guilherme Cantor. O Brasil da Nova Era. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

.Magnani, José Guilherme Cantor. O circuito neo-esotérico. In: Teixeira, Faustino; Menezes, Renata (Orgs.). As Religiões no Brasil: Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

.Magnoli, D. (org). História da Paz. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

.Mangoli Demétrio. Manual de Questões Internacionais Contemporâneas. Brasília: FUNAG, 2000.

.Marcondes, Danilo Textos Básicos de Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

.Maria, Júlia. Um Espírito sem lar: sobre uma dimensão nova era da religiosidade contemporânea.

.Mariotti, Humberto, o complexo de inferioridade do brasileiro, Instituto de Pesquisa BSP.

.Martini, André Roberto. Fronteiras e Nações. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

.Martins, Paulo Henrique. As Terapias Alternativas e a Libertação dos Corpos. In: Maria Julia Carozzi. (Org.). A Nova Era no Mercosul. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

.Martins, Wilson: História da inteligência Brasileira, Vol.V- 1897-1910, Cultrix, São Paulo 1978.

.Martins, Wilson., História da inteligência Brasileira, Vol.IV- 1877-1896, Cultrix, São Paulo 1978.

- .Matos, Gregório de. Crônica do viver baiano seiscentista – obra poética completa (volume 1). Organização: James Amado. 4. ed., Rio de Janeiro: Record, 1999.
- .Matos, Gregório de. Crônica do viver baiano seiscentista – obra poética completa (volume 1). Organização: James Amado. 4. ed., Rio de Janeiro: Record, 1999.
- .Matta, Roberto da. A Casa e a Rua. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
- .Matta, Roberto da. O que faz o Brasil, brasis? Rio de Janeiro: Rocco, 1986
- .Matta, Roberto da. Explorações: ensaios de Sociologia Interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- .Medeiros, Bartolomeu Tito Figueirôa de. Um caso de sincretismo afrocristão-kardecista-umbandista-new age: As casas filiais do Vale do Amanhecer, no Nordeste brasileiro. In: XXI Reunião brasileira de antropologia. Vitória: Reunião brasileira de Antropologia, 1998.
- .Mello, Gláucia Buratto Rodrigues de. Milenarismos Brasileiros: Novas Gnoses, Ecletismo Religioso e uma Nova Era de Espiritualidade Universal. In: Musumeci, Leonarda (Org.). Antes do Fim do Mundo: Milenarismos e Messianismos no Brasil e Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- .Merleau-Ponty, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- .Mill, John Stuart. A liberdade- Utilitarismo. Trad. de Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2000 , Pag 187.
- .Mondin, Battista. Curso de filosofia: os filósofos. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1981.
- .Morin E. Cultura de massas no século XX: espírito do tempo 1: neurose (10a edição). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- .Morin, E. O método 6: ética. (3a edição). Porto Alegre: Sulinas, 2007.
- .Motta, Fernando C. Prestes; Alcapadini, Rafael. Jeitinho brasileiro, controle social e competição. Revista de Administração de Empresa, vol. 39. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- .Neto, João E. A genealogia do malandro. Revista filosofia .ESFI Edições.
- .Nicola, Ubaldo. Antologia Ilustrada de Filosofia: das origens à Idade Moderna. Rio de Janeiro: Globo, 2005.
- .Nietzsche, F. A genealogia da moral. São Paulo: Moraes, 1989.
- .Nietzsche, F. W. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- .Nietzsche, Friedrich Wilhelm . "Vorlesungsaufzeichnungen". Werke: Kritische Gesamtausgabe , 1977.
- .Nunes, A. Seda. Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais, Editorial Presença, Gabinete de Investigações Sociais, Lisboa, 1991.
- .O "U" da felicidade, Pondé, Luis Felipe, Folha de São Paulo, 28.03.2016.

.Oliveira, Amurabi Pereira de. Dinâmicas culturais e relações de reciprocidade no Vale do Amanhecer: um estudo de caso sobre o templo de 94 Amurabi Oliveira Debates do NER, Porto Alegre, ano 12, n. 20 jul./dez. 2011 Campina Grande. Campina Grande. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, 2008.

.Oliveira, Pedro A. Ribeiro de. CEBs O Triunfo do Povo da Periferia. In: Revista História Viva, Edição Especial Temática nº. 2. A Igreja Católica no Brasil: Fé e Transformações. Setembro de 2007

.Oliveira,, Dorotéo Émerson Storck de. As Representações do Sagrado na Construção da Realidade no Vale do Amanhecer. Goiânia. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade de Goiás, 2002.

.Ortiz, Renato. A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

.Ortiz, Renato. Mundialização e Cultura. São Paulo: Brasiliense, 2006.

.Pacheco Dias, Elza. Pica-pau, herói ou vilão? Reprodução social da criança e reprodução da ideologia dominante. São Paulo, Editora Loyola, 1986.

.Paim, Antonio. História das Ideias Filosóficas no Brasil. 2 ed. São Paulo, Edusp/Grijalbo, 1974.

.Papineau, David (Org)Filosofia: grandes pensadores, principais fundamentos e escolas filosóficas. São Paulo: Publifolha, 2009.

.Parthez, Heinrich, Persönliche Interdisziplinarität in der Wissenschaft: Im Walther Umstätter und

.Paz, Octavio., Das Labyrinth der Einsamkeit, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1. Aufl., 1982.

.Penteado, J. R. Whitaker. A Técnica da Comunicação Humana. 8. Ed. São Paulo: Pioneira, 1993.

.Pixley Jorge. A História de Israel a partir dos Pobres. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

.Prado Junior, Caio., Evolução política no Brasil. São Paulo, 1947.

.Prado, Paulo. Retrato do Brasil: Ensaio sobre a tristeza brasileira. Livraria José Olympio: Rio de Janeiro. 1962.

.Prandi, José Reginaldo. Segredos Guardados: Orixás na Alma Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

.Queiroz, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, Identidade Nacional do Brasil. Tempo Social, Revista Sociologia da USP, São Paulo, 1989.

.Rago, Margareth. Do cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

.Reale, Giovanni; Antiseri, Dario. História da Filosofia. São Paulo: Paulus, 1990. 3v.

.Reflexão sobre Marxismo e questão racial. Revista espaço acadêmico, Número 51, Agosto 2005.

.Rega, Lourenço Stelio. Dando um jeito no jeitinho: como ser ético sem deixar de ser brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

- .Reginaldo. Encantaria Brasileira: o Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- .Reis, Marcelo Rodrigues dos. Tia Neiva: a Trajetória de uma Líder Religiosa e sua Obra, O Vale do Amanhecer (1925-2008). Brasília, Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília, 2008.
- .Ribeiro, Darcy. As Américas e a Civilização: Formação histórica e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos. Petrópolis: Vozes, 1983
- .Ribeiro, Wagner Costa. A Ordem Ambiental Internacional. São Paulo: Contexto, 2001.
- .Richard, Pablo, A luta dos deuses. Os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador. Edições Paulinas, 2. ed. São Paulo, 1985,
- .Rodrigues, Nina. Os africanos no Brasil. 6.ed. São Paulo: Ed. Nacional Ed. Universidade de Brasília, 1982.
- .Rodrigues, Raimundo Nina. O Animismo Fetichista dos Negros Baianos. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ, 2006.
- .Rohls J., Geschichte der Ethik. J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen 1990.
- .Romero, Sílvio., A filosofia no Brasil: ensaio crítico. Porto Alegre: Deutsche Zeitung, 1878.
- .Russel, Bertrand, História do Pensamento Ocidental. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- .Russel, Bertrand. Philosophie des Abendlandes, ihr Zusammenhang mit der politischen und der sozialen Entwicklung, Europa Verlag Zürich, 1^o Auflage 2007
- .Said, Edward W., Orientalismo: o Oriente como Invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- .Sanchis, Pierre. Inculturação? Da Cultura à Identidade, Um Itinerário Político no Campo Religioso: o Caso dos Agentes de Pastoral Negros. Rel. Soc., v. 22, n. 2, 1999.
- .Santos, Boaventura Sousa., Um Discurso sobre as Ciências Sociais, Edições Afrontamento, Porto, 1987.
- .Schmid, Mario Furley. Nova história crítica: ensino médio. São Paulo: Nova Geração, 2005.
- .Schmid, Wilhelm., Philosophie der Lebenskunst - eine Grundlegung. Suhrkamp Verlag,
- .Schmidt Joel. Dicionário de Mitologia Grega e Romana. Edições 70 Lisboa, 2002 .
- .Schummer, Joachim, Hrsg., Glück und Ethik. Königshausen und Neumann, Würzburg,
- .Seneca. Fortwährende Heiterkeit. In Michel Sasha. Glück, ein philosophischer Streifzug. Fischer Taschenbuch, Frankfurt am Main, 2007
- .Seneca. Fortwährende Heiterkeit. In Michel Sasha. Glück, ein philosophischer Streifzug. Fischer Taschenbuch, Frankfurt am Main, 2007.
- .Senhoras, E. M. “Múltiplas Camadas das Relações Internacionais entre a Diplomacia e a Paradiplomacia”. Revista Intellector, vol. IX, n. 18, 2013.

- .Serbin, Kenneth. A Voz dos que não tem Voz. In: Revista História Viva, Edição Especial Temática nº. 2. A Igreja Católica no Brasil: Fé e Transformações. Setembro de 2007.
- .Serrano, Clímene Maria Lopes. Educação Ambiental e Consumismo em Unidades de Ensino Fundamental de Viçosa - MG. Viçosa. UFV 2003.
- .Silva JH, Olson J. Promoção da saúde e qualidade de vida entre mães de pré-adolescentes da comunidade de ChuguayanteChile: uma etnografia enfocada. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2005;
- .Silva, Lucas Frazão. Destinação Social da Mercadoria: o conflito sobre o conceito de necessidade. In: Revista Cadernos de Debate - UNICAMP, v. 6, 1998.
- .Silva, Magnólia Gibson Cabral. Esoterismo e movimento esotérico no Brasil. Recife. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal de Pernambuco, 2000.
- .Silva, Vagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. Mana. Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2007.
- .Silveira, Regina Célia P. da. Aspectos da identidade cultural brasileira para uma perspectiva interculturalista no ensino/aprendizagem de português língua estrangeira. In:
- .Silveira, Regina Célia. (Org.). Português língua estrangeira: perspectivas. São Paulo: Cortez, 1998
- .Siqueira, Deis; Lima, Ricardo Barbosa de (Orgs.). Sociologia das Adesões: Novas Religiosidades e a Busca Místico-Esotérica na Capital do Brasil. Rio de Janeiro: Garamond: Vieira, 2003.
- .Sora, Gustavo:A construção sociológica de uma posição regionalista, reflexões sobre a edição e recepção de Casa A grande senzala de Gilberto Freyre.Rev. bras. Ci. Soc.vol. 13n. 36 São Paulo,Febr.1998.
- .Souza de Medeiros Caciane: Imagem e subjetividade, O conceito de felicidade na mídia e a incentivo ao consumo permanente: a felicidade não tem preço. Famecos Pucrs, Porto Alegre, Agosto 2009.
- .Souza, Beatriz Muniz de; Sá Martinho, Luís Mauro (Orgs.). Sociologia da religião e mudança social. São Paulo: Paulus, 2004.
- .Souza, Laura de Mello e. O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- .Tese de João Batista de Carvalho
- .Toledo, Caio Navarro de. 1964: Visões Críticas do Golpe: democracia e reformas no populismo. Campinas: Ed. UNICAMP 1997.
- .Torres, João Camilo de Oliveira. Interpretação da Realidade Brasileira. Rio de Janeiro: Vozes, 1973
- .Wolf, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Presença, 1987.
- .Vanoye, Francis. Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita. Ed. São

Paulo: Martins Fontes, 1993.

.Velho, Gilberto. Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

.Velho, Otávio Guilherme (Org.). Circuitos Infinitos: Comparações e religiões no Brasil, Argentina, Portugal, França e Grã-Bretanha. São Paulo: Attar, 2003.

.Vieira, Antônio Carta a Roque Monteiro Paim, 2 de julho de 1691. In: Hansen, João Adolfo(Org.). Cartas do Brasil (1626-1697). São Paulo: Hedra, 2003b.

.Vieira, Clóvis Abreu., & Costa, Frederico Lustosa da., & Barbosa, Lázaro Oliveira. "O "jeitinho" brasileiro como um recurso de poder". Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, 1982.

.Vieira, Padre Antônio. Sermões. São Paulo: Ed. das Américas, 1958 v.IX. Pag. 269.

.Vita, Luis Washisngton. Panorama da filosofia no Brasil, Editora Globo, Porto Alegre 1969.

.Viva, Edição Especial Temática nº. 2. A Igreja Católica no Brasil: Fé e Transformações. Setembro de 2007.

.Weber, M.A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, Acadêmica, 1997.

.Zawislak, Paulo Antonio. "Gestão da inovação tecnológica e competitividade: industrial: uma proposta para o caso brasileiro". Organizações & Sociedade, 2014.

.Zilberman, Regina; Lajolo, Marisa. Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias. São Paulo: Editora Ática, 2007.

.Zilberman, Regina. Literatura infantil: autoritarismo e emancipação. 3.ed. São Paulo: Ática, 1982. 1998.

Internet

.https://pt.wikipedia.org/wiki/Curral_eleitoral

.www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/opiniaio/46,97,43,74/2017/03/07/interna_opiniaio,164451/o-homem-cordial-e-a-corrupcao.shtml

. CTPS//fabianooliveira.wordpress.com/2005/12/12/sobre-a-expressao-estalo-de-vieira/

. <http://filcarlos.com/o-sentido-da-filosofia-da-libertacao/>

. <https://isoeunaosabia.wordpress.com/2011/11/16/homem-vitruviano/>

. https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_de_Canudos

. <https://www.letras.mus.br/hinos-de-paises/46368/>

. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística in <http://www.ibge.gov.br/home/>

. Shakeaspeare, Willian. The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmark". 1623 ,tradução de Silva Ramos, Percles Eugênio da. Hamlet Editora Abril, 1976. Ato III, Cena I.

. Sheakespeare, William. Romeu e Julieta. Editora Ridendo Castigat Mores. Versão para EBooks EBooksBrasil.com. Julho 2000 in <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/romeuejulieta.pdf>

.Andrade,Oswald de.O manifesto antropófago.In<http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>

.Aufzug, 1. Szene. Übersetzung von Christoph Martin Wieland, in
de.wikipedia.org/wiki/Amor_(Mythologie)

.cardoso/discursos/2o-mandato/2001/84.pdf

.Carta de Pero Vaz de Caminha in http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/carta_caminha.htm

.Cartas Inéditas, (1560). p.6 in:<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/161/129>

.Clovis de Barros Filho in www.youtube.com/watch?v=wAUA9wQZcas

.CTPS//fabianooliveira.wordpress.com/2005/12/12/sobre-a-expressao-estalo-de-vieira/

.Evangelho Mateus 5,1-12 inhttp://www.4c.com.br/cristianismo/jc_bem_avent.htm

.htpt.wikipedia.org/wiki/Frei_Betto

.<http://avaranda.blogspot.co.at/2016/03/o-u-da-felicidade-luiz-felipe-ponde.html>

.<http://each.uspnet.usp.br/rgpp/index.php/rgpp/article/viewFile/109/135wetter>

.http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/carta_caminha.htm

.<http://filcarlos.com/o-sentido-da-filosofia-da-libertacao/>

.<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/09/relatorio-contabiliza-137-assassinatos-de-indios-no-brasil-em-2015>

.<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/09/relatorio-contabiliza-137-assassinatos-de-indios-no-brasil-em-2015>

.<http://meioambiente.culturamix.com/poluicao/a-poluicao-no-brasil-contemporaneo>

.http://pensador.uol.com.br/poesias_de_gregorio_do_matos/

.<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/5908/4275>

.<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-06-29/ibge-com-maior-rendimento-e-instrucao-espiritas-crescem-65-no-pais-em-10-anos.html>

.<http://www.blogpretexto.com.br/10-personagens-marcantes-da-literatura-brasileira/>

.<http://www.brasil.gov.br/>

.http://www.cespe.unb.br/interacao/Poemas_Selecionados_%20Gregorio_de_Matos.pdf

.<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/contratosocial.html>

.http://www.google.at/url?rioMatosGuerra_SELETA

.<http://www.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2015/01/26/noticiasjornalopiniao,3382700/o-problema-dos-conceitos.shtml>

.http://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0313

.<http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>

.<https://eduardocabette.jusbrasil.com.br/artigos/121938034/a-hipocrisia-e-o-estigma-da-lei-de-gerson-archimedes-marques>

.<https://eduardocabette.jusbrasil.com.br/artigos/121938034/a-hipocrisia-e-o-estigma-da-lei-de-gereson-archimedes-marques>

.https://pt.wikipedia.org/wiki/Curral_eleitoral

.https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_de_Canudos

.<https://www.lettras.com/bezerra-da-silva/44559>

.IBGE in <http://www.ibge.gov.br/home/>

.Jurkevics, Vera Irene. Renovação Carismática Católica: Reencantamento do Mundo. Disponível in .Kangussu, Imaculada und Fonseca Jair Tadeu da: Macunaíma, Literatura, cinema e Filosofia. in http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_11/Macunaima.pdf>

.Lobato.Globo. com. [Misc.jeca.asp](http://misc.jeca.asp)

.Minois, G. L'Église et la Science:histoire d'un malentendu. Fayard. Paris, 1990. Pag 291, in <http://dan.unb.br/images/doc/Serie200empdf.pdf>

.pt.wikipedia.org/wiki/Cristianismo_primitivo

.pt.wikipedia.org/wiki/Frei_Betto

.pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro_Lobato

.Vaticano – Estado da Cidade do Vaticano .Website do Vaticano. Disponível em: www.vatican.va, 2013.

.Vieira, de Padre Antônio Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, de Padre Antônio Vieira. in A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>.

.Vieira, Padre Antônio Sermão da Sexagésima. Fonte:Sermões Escolhidos. v.2, São Paulo: Edameris, 1965.Texto proveniente de:A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>

.ww.eurooscar.com/Machado-de-Assis/Machado-de-Assis-12.htm

.www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3 in Genises 3:9

.www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3 in João 1:1-14

.www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/fernando-henrique-.

.www.escoladavila.com.br/blogs/analisesliterarias/?

.www.lettras.mus.br/mercedes-sosa/200727/traducao.html

.www.lettras.mus.br/sitio-do-picapau-amarelo/sitio-do-picapau-amarelo-gilberto-gil/

.www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/161/129

.www.paginadogaicho.com.br/poes/jcv-dp.htm

.www.pliniotomaz.com.br/downloads/zoroastrismo.

.www.youtube.com/watch?v=3rw757U1YjU

[.www.youtube.com/watch?v=wAUA9wQZcas](http://www.youtube.com/watch?v=wAUA9wQZcas)

<http://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/2739/2276>

Abstract

Deutsche Zusammenfassung

zum Glücksbegriff im Brasilien: Eine philosophische Untersuchung der Kategorie des Glücks an Hand ausgewählter brasilianischer Autoren

Meine Arbeit über den Glücksbegriff in Brasilien ist in drei Teile geteilt.

Im ersten Teil wird der Begriff des Glücks aus Sicht der "Welt und ihre Relation analysiert".

Im zweiten Teil präsentiere ich Brasilien mit seiner Geschichte in Relation zu einer Kristallisierung einer brasilianischen Identität.

Im dritten und letzten Teil werden die ersten beiden Teile zusammengefasst. Diese Zusammenfassung filtert die philosophischen Ideen und literarischen Aspekte der brasilianischen Identität aus der Literatur Brasiliens. Neue Elemente sollen so eine Erweiterung des Verständnisses des aktuellen Begriffs des Glücks in Brasilien sichtbar machen.

Teil 1- Die Welt und ihre Relation

Die Kontextualisierung des Glücksbegriffs in unterschiedlichen Gesellschaften und seine mögliche Auswirkung in der Entwicklung der brasilianischen Identität.

Im ersten Kapitel geht es um die Problematisierung des Begriffes Glück in unterschiedlichen Lebensphilosophien. Des Weiteren geht es um den Glücksbegriff in unterschiedlichen Gesellschaften. Die sich daraus ergebende These erklärt verschiedene Aspekte der Handlungsweisen der kollektiven Persönlichkeit der BrasilianerInnen. Die Identität der brasilianischen Bevölkerung setzt sich vorwiegend aus der Identität der IndianerInnen, AfrikanerInnen und EuropäerInnen zusammen. Diese drei Kulturen interagierten und haben schließlich die Identität der BrasilianerInnen betreffend Fremdwahrnehmung und Selbstverständnis konstruiert.

Im ersten Teil meiner Dissertation analysiere ich gegenwärtige gesellschaftliche Trends und wie Glück verkauft wird. Die Konsumgesellschaft verspricht dem Menschen vieles. Werbemotive versprechen die Erfüllung der Sehnsucht nach Glück. Diese Sehnsucht wird scheinbar mit Hilfe bestimmter Produkte dauerhaft gestillt.

Teil 2- Brasilien und seine Relationen

Im zweiten Teil geht es um die brasilianische Geschichte, die Kolonisierung durch Portugal sowie die Interaktion zwischen den indigenen Kulturen und den Portugiesen als BesetzerInnen und deren afrikanischen SklavenInnen, und wie sie das neue Land errichtet haben. Es geht hier einerseits um erste literarische Formen der Informationen über das neue Land, sowie einer philosophischen

Auseinandersetzung mit der Literatur und deren Suche nach einer brasilianischen Identität. Die gesellschaftliche Voraussetzung um Identität respektive Glück erfahren zu können sind Heimat, Gleichwertigkeit und Gleichberechtigung.

Im Folgenden wird die "Brasilianische Kategorie des Glücks" unter zwei Aspekten analysiert:

Erstens in der Literatur von Monteiro Lobato: Sie beschreibt in ihrer Sozialkritik die Personifizierung des Menschens als perspektivlos unglücklich.

Zweitens unter dem Aspekt der brasilianischen Alltagsethik. Die sogenannten „Hochachtung des Jeitinho Brasileiro" - eine gaunerische und rücksichtslose Art des Handelns rein auf Selbstzweck ausgerichtet. Diese Lebensphilosophie wird oft in der brasilianischen Literatur, Kunst und Musik thematisiert. Dieses wichtige Element der brasilianischen Identität ist Teil dieser Arbeit. Spiegelt sich darin doch der geschichtliche wie gegenwärtige Überlebenskampf und die Ohnmacht der armen Masse Brasiliens wider. Dieser "Jeitinho Brasileiro", der vor allem seinen Ausdruck im "Malandro" findet, einer männlichen Figur, die charismatisch und betrügerisch als Gewinner ihr Leben bestreitet. Die doch im Grunde einsam ist, da egoistisch und gefühllos, scheint tief verwurzelt und verknüpft mit der glücklosen Identität der in Armut und ohne Heimat Geborenen. Aus diesem Schicksal ziehen sie ihre Berechtigung zum Egoismus. Dies wiederum spielt den Herrschenden in die Arme, da Solidarität als Grundlage von Glück nicht als Möglichkeit gesehen und verwirklicht werden kann. In diesem Teufelskreis liegt die wahre Tragödie. Siehe Literatur Lobato, unglücklich und perspektivenlos ist der Mensch.

Teil 3- Der Mensch und seine Aktionen

Hier wird der Mensch als Subjekt und seine Relation zur Natur, mit sich selbst, und mit anderen Menschen analysiert. Die Kategorie des Glücks zeigt sich in einer Relation in der die Menschen Protagonisten ihrer eigene Geschichte sein sollten. Ihre eigene Geschichte ist jedoch nicht eine Geschichte des Glücks, sondern die der Suche nach dem Glück als Angebote einer konformistischen Gesellschaft. Seine Interaktion mit der Natur ist auch keine Interaktion der Verantwortung hin zum Glück sondern ist geprägt von Unglück und Zerstörung.

Englisch Zusammenfassung

The concept of happiness in Brazil: a philosophical study of the category of happiness with selected Brazilian literature.

My work on the concept of happiness in Brazil was divided in three parts. In the first part, the concept of happiness is analyzed under the light of the "world and its relation". In the second part I present Brazil with its history in relation to a crystallization of a Brazilian identity. In the third and last part I make a summary of the first two parts. This summary of philosophical ideas and literary aspects of the Brazilian identity filtered out of Brazilian literature will reveal new elements for an extension of the understanding of the current concept of happiness in Brazil.

Part 1- The world and its relation

The contextualisation of the concept of happiness in different societies and its possible impact in the development of the Brazilian identity. This first chapter begins with the problematization of the notion of happiness in different life philosophies and the concept of happiness of different societies. The thesis, which crystallizes here, later becomes an explanation of some aspects of the modes of action and the collective personality of the Brazilians. The Brazilian population and their identity is a mixture of the identity of the Indians, Africans and Europeans. These three cultures have interacted with one another and finally constructed the identity - the foreign perception and self-understanding - of the Brazilians. In the first part of my dissertation, I also analyze current trends in society and the forms in which the apparent happiness is sold. The consumer society promises a lot to the people and one of the biggest temptations and advertising motifs is the longing for happiness and the possibility to permanently breast-feed these with the aid of certain products.

Part 2- Brazil and its relations

The second part explores Brazilian history, the colonization of Portugal, and the interaction of cultures - different indigenous cultures, the locals or "native Brazilians" with Portuguese - "the occupiers" and their African servants, the slaves - in the new country. More than involuntarily erect. It is about the first literary forms of information about the new country, to a philosophical debate with literature and its search for a Brazilian identity - to have a home, to be recognized, equitable and equal are the first social prerequisites to be able to experience happiness.

Here the "Brazilian category of happiness" is analyzed in two aspects. First, in the literature of Monteiro Lobato, their social criticism and the personification of mankind as perperspectively unhappy. Secondly, under the light of the everyday ethics of many Brazilians, the esteem of the "Jeitinho Brasileiro" - a ruthless kind of life, directed to the self-purpose. This philosophy of life is often discussed in Brazilian literature, art and music, and is analyzed in my work as an important element of Brazilian identity, reflecting the struggle for survival and the impotence of the poor masses of Brazil both historically and in the present time. This "Jeitinho Brasileiro", which finds its expression in the "Malandro" especially in culture, a male figure, who charismatically and deceptively contends her life as a winner, and yet at bottom lonely, since selfish and feelingless, seems deeply rooted and linked with the unhappy identity of those born in poverty and without a home, and from this destiny their self-proclaimed right to selfishness arises, and thus sadly turns into the arms of the ruling, by solidarity as the basis of happiness can not be seen and realized not only as a possibility but as a necessity. In this devil circle, the true tragedy lies - see the literature Lobato, unhappy and without perspective is man.

Part 3 - of the people and his actions

Here people are analyzed as a subject and their relation to nature, with themselves and with the other. The category of happiness manifests itself in a relation in which the human protagonist should be his own story. His own history is, however, not a history of happiness, but the search for happiness as offers of a conformist society. His interaction with nature is also not an interaction of the responsible to bring him happiness but of misfortune and destruction.

Curriculum Vitae

Jorge Lissak

16.03.1969 geboren Santo Augusto- Brasilien

Familienstand: Lebensgemeinschaft – Vater 2er Kinder

Wohnhaft: Rudolf Nureyev Promenade 3/9/12 Wien 1220

1989 Matura staatliche Schule Jose Canellas Frederico Westphalen, Brasilien

1992 Abschluß Studium Journalismus, Brasilien

Juni 2005 Abschluß Lehranstalt für heilpädagogische Berufe, Caritas Wien

2008 Abschluß Studium Philosophie, Universität Wien

Seit 2009 Doktorat Philosophie, Universität Wien